



# O Caderno de Saramago

snapshot 20090530

Blog di José Saramago, da <http://caderno.josesaramago.org/>

Traduzioni di Massimo Lafronza, da <http://quadernodisaramago.wordpress.com/>

**Maio 2009:**

## ***Mãos limpas? – Maio 28, 2009***

Baltasar Garzón é uma das pessoas mais influentes que a sociedade espanhola produziu na última metade do século XX. Ao juiz Garzón devemos alguns dos momentos mais luminosamente democráticos que conhecemos: o processamento do general Pinochet e a investigação contra os crimes da guerra e do franquismo. Nesse segundo caso, Garzón considerava que Franco e outros 44 membros dos seus governos e da Falange cometeram “delitos contra Altos Organismos da Nação” e também de “detenção ilegal com desaparecimento de pessoas num âmbito de crimes contra a humanidade”. Pois bem, a investigação contra estes crimes exasperou os franquistas, que ainda os há em Espanha, até ao ponto de processar Garzón, a quem acusam de prevaricar, porque iniciou processos, dizem, sabendo que os responsáveis estavam mortos.

Baltasar Garzón è una delle persone più influenti prodotte dalla società spagnola nell'ultima metà del XX secolo. Al giudice Garzón dobbiamo alcuni tra i momenti più chiaramente democratici che conosciamo: il processo al generale Pinochet e l'indagine contro i crimini di guerra e del franchismo. In questo secondo caso Garzón riteneva che Franco e altri 44 membri del suo governo e della Falange avessero commesso “crimini contro Alti Organismi dello Stato” e anche “detenzione illegale e scomparsa di persone nell'ambito di crimini contro l'umanità”. Bene, l'indagine su questi crimini ha esasperato a tal punto i franchisti, perché in Spagna ce ne sono ancora, da denunciare Garzón, a cui contestano l'abuso d'ufficio, perché ha dato il via a processi, dicono, pur sapendo che i responsabili erano morti.

Assina a queixa um tal Bernard, antigo dirigente da Fuerza Nueva, grupo ultra-direitista muito activo na repressão de antifranquistas, e actual presidente de uma associação sindical que cinicamente diz “defender” o estado de Direito e que copiou o nome de Mãos Limpas da nunca esquecida iniciativa italiana.

Que fez Baltasar Garzón? Fora das associações judiciais, com as suas intrigas e as suas confrontações, fora da fúria, que não é só política, que os franquistas sentem contra as iniciativas que a sociedade adopte para limpar-se da ditadura, o que vemos é uma actuação que introduz o senso comum nos tribunais. Há um juiz corajoso que em vez de enredar-se em leis para justificar silêncios e omissões busca os resquícios que as leis permitem para que às vítimas da guerra e do franquismo se lhes reconheçam direitos e se esclareça a sua memória.

Firma la denuncia un tal Bernard, vecchio dirigente di Forza Nuova, gruppo di ultra-destra molto attivo nella repressione degli antifranchisti, e attuale presidente di un'associazione sindacale che cinicamente proclama di “difendere” lo Stato di Diritto e che ha copiato il nome Mani Pulite dalla indimenticata iniziativa italiana.

Che ha fatto Baltasar Garzón? Al di là delle associazioni di giudici, con i loro intrighi e i loro confronti, al di là della furia, non solo politica, che i franchisti sentono contro le iniziative adottate dalla società per ripulirsi dalla dittatura, quello che vediamo è un procedimento che introduce il senso comune nei tribunali. C'è un giudice coraggioso che invece di barcamenarsi tra le leggi per giustificare silenzi e omissioni cerca cavilli che possano permettere alle vittime della guerra e del franchismo di vedersi riconosciuti i diritti e che facciano luce nella loro memoria.

Garzón entendeu que tinham direito a recuperar os corpos enterrados em fossas comuns, ou a saber onde estão as então crianças que foram separadas com violência das suas famílias, por isso pôs em marcha um processo que logo continuou noutras instâncias, porém, ele foi o precursor e isso não se perdoa. O terrível, o incompreensível, é que os herdeiros do franquismo tenham encontrado eco no Tribunal Supremo de Espanha onde Garzón terá que declarar como imputado pela causa contra o franquismo. Diz o Supremo que “sem valorar nem pré-julgar o sucedido, entende que não se dão as condições para rejeitar a admissão a trâmite desta queixa”, que a hipótese de prevaricação não é nem absurda nem irracional. Isso é o que dizem cinco magistrados, cinco, do Supremo.

Garzón ha capito di aver diritto di riesumare i corpi sepolti in fosse comuni, o di sapere dove sono gli allora bambini separati con violenza dalle loro famiglie, per questo ha messo in moto un processo che subito poi è continuato con altre istanze, però lui è stato precursore e questo non si perdona. La cosa terribile, incomprendibile, è che gli eredi del franchismo abbiano trovata eco presso il Tribunale Supremo di Spagna davanti a cui Garzón dovrà testimoniare come imputato contro il franchismo. Dice la Corte che “senza avvalorare né pre-giudicare l'accaduto, ritiene che non ci siano le condizioni per respingere il procedimento richiesto in questa denuncia”, che l'ipotesi di abuso d'ufficio non è né assurda né irrazionale. Questo è quello che dicono cinque magistrati, cinque, della Corte Suprema.

A ver agora o que diz a sociedade espanhola, sempre tão apaixonada quando se trata de defender causas justas. Deixará, sem fazer ouvir a sua voz, que a Fuerza Nueva, perdão, Mãos Limpas, use e abuse do Direito? Permitirá, sem protesto, que conceitos como Estado de Direito, pelo qual tanto lutaram os antifranquistas, sejam utilizados contra as vítimas, para que uma vez mais caiam no esquecimento? Já não se trata de Garzón, de cuja amizade me honro, mas sim de que não se divirtam à nossa custa. Prevaricar não é actuar para ampliar o Direito, prevaricar é não ter actuado antes. E trocar da justiça é aceitar como normal que os franquistas venham dar lições de escrupulo democrático.

Vedremo adesso cosa dirà la società spagnola, sempre così appassionata quando si tratta di difendere cause giuste. Lascerà, senza far sentire la sua voce, che Forza Nuova, scusate, Mani Pulite, usi e abusi del Diritto? Permetterà, senza protestare, che concetti come Stato di Diritto, per i quali hanno tanto lottato gli antifranchisti, siano utilizzati contro le vittime affinché ancora una volta cada tutto nell'oblio? Non stiamo più parlando di Garzón, della cui amicizia sono onorato, ma del fatto che almeno non si divertano alle nostre spalle. Abusare non significa agire per estendere il Diritto, abusare significa non aver agito prima. E ridicolizzare la giustizia è accettare come normale che i franchisti ci vengano a dare lezioni di scrupolo democratico.

## ***Música – Maio 27, 2009***

Ontem foram armas, hoje são notas de música. Vamos avançando, portanto. A ideia, segundo julgo haver entendido, foi da Fundação Calouste Gulbenkian e a ela se juntaram a Câmara Municipal da Amadora e o Conservatório Nacional. Tratava-se de reunir crianças residentes em bairros degradados e ensinar-lhes música e a tocar um instrumento. O propósito não era original, basta lembrar a recente revelação da orquestra juvenil de Venezuela, agora conhecida em todo o mundo, mas o erro de partida teria sido seguir ou imitar uma ideia má, nociva, de alguma maneira prejudicial, e esta valeria o seu peso em ouro se uma ideia tão rica de conteúdo pudesse ser pesada.

Ieri erano armi, oggi sono note musicali. Stiamo facendo progressi, quindi. L'idea, se ho capito bene, è stata della Fondazione Calouste Gulbenkian a cui si sono aggiunti poi il Comune di Amadora e il Conservatorio Nazionale. Si tratta di riunire bambini residenti in quartieri degradati per insegnar loro la musica e a suonare uno strumento. Il proposito non è originale, basta ricordare la recente rivelazione rappresentata dall'orchestra giovanile del Venezuela, ora conosciuta in tutto il mondo, ma sarebbe stato un errore se si fosse seguita una cattiva idea, nociva, in qualche modo pregiudiziale, invece questa varrebbe il suo peso in oro se un'idea così ricca di contenuto potesse essere pesata.

Acabo de assistir à passagem de um vídeo em que se me apresentaram umas quantas crianças, de cor na sua maior parte, às voltas com instrumentos em que nem em sonho haviam posto alguma vez as mãos, manejando arcos e pistões com uma facilidade para mim assombrosa, pois foi inevitável recordar o tempo, não muito, em que frequentei a Academia de Amadores de Música, onde não fiz mais que balbuciar uns vagos solfejos e tropeçar com os dedos no teclado de um piano. (O meu futuro não estava ali.) E mesmo que o futuro de todas aquelas crianças não venha a ser a música, tenho a certeza de que nunca irão esquecer as horas passadas na sala de ensaios e menos ainda, creio, os caminhos para chegar lá, carregando elas próprias as caixas dos seus instrumentos, pequenas como para uma flauta, manejáveis se continham um violino, menos cómodas se de um violoncelo se tratava.

Ho appena visto un video in cui ci sono alcuni bambini, la maggior parte di colore, circondati da strumenti su cui neanche in sogno avevano messo mano, maneggiando archi e pistoni con una facilità impressionante, è stato quindi inevitabile ricordare il tempo, non molto, in cui frequentai l'Accademia degli Amanti della Musica, dove non sono andato oltre il balbuziare dei vaghi solfeggi e inciampare con le dita sulla tastiera di un piano. (Il mio futuro non era quello.) E anche se il futuro di tutti quei bambini non sarà la musica, sono certo che non dimenticheranno mai le ore passate in sala prove e ancor meno, credo, le passeggiate per arrivarci, portando loro stessi le casse degli strumenti, piccole se si trattava di un flauto, maneggevoli per un violino, meno comode se capitava un violoncello.



A gravidade daqueles rostos, mesmo quando a boca se lhes descerrou em sorrisos, a luz daqueles olhares, a ponderação com que respondiam às perguntas, confirmaram uma velha ideia minha, a de que a felicidade é uma coisa muito séria. Compenetrados, atentíssimos, ensaiavam uns quantos compassos da Nona de Beethoven. Creio que os que lêem estas páginas estarão de acordo comigo se eu disser que é um bom princípio de vida.

La gravità di quei visi, anche quando la bocca si è schiusa per un sorriso, la luce di quegli'occhi, la ponderazione con cui rispondevano alle domande, davano conferma a una mia vecchia idea, quella secondo cui la felicità è una cosa molto seria. Concentrati, attentissimi, si esercitavano su alcuni andamenti della Nona di Beethoven. Credo che quelli che leggono queste pagine saranno d'accordo con me se io dicessi che è un buon principio di vita.

## **Armas – Maio 26, 2009**

O negócio das armas, sujeito à legalidade mais ou menos flexível de cada país ou de simples e descarado contrabando, não está em crise. Quer dizer, a tão falada e sofrida crise que vem destroçando física e moralmente a população do planeta não toca a todos. Por toda a parte, aqui, além, os sem trabalho contam-se por milhões, todos os dias milhares de empresas declaram-se em falência e fecham as portas, mas não consta que um único operário de uma fábrica de armamento tenha sido despedido. Trabalhar numa fábrica de armas é um seguro de vida. Já sabemos que os exércitos precisam de armar-se, substituir por armas novas e mais mortíferas (disso se trata) os antigos arsenais que fizeram a sua época mas já não satisfazem as necessidades da vida moderna.

Il mercato delle armi, soggetto alla legalità più o meno flessibile di ogni paese o al semplice e sfacciato contrabbando, non è in crisi. Mi spiego, la tanto sofferta e chiacchierata crisi che sta rovinando fisicamente e moralmente la popolazione mondiale non tocca tutti. Ovunque, in ogni dove, i disoccupati si contano a milioni, ogni giorno migliaia di aziende dichiarano il fallimento e chiudono i battenti, ma non c'è notizia di un unico operaio di una fabbrica di armi che sia stato licenziato. Lavorare in una fabbrica di armi è un'assicurazione sulla vita. Sappiamo già che gli eserciti hanno bisogno di armarsi, sostituire con armi nuove e più mortali (si tratta di questo) gli antichi arsenali che hanno fatto il loro tempo e che non soddisfano più le necessità della vita moderna.

Parece portanto evidente que os governos dos países exportadores deveriam controlar severamente a produção e a comercialização das armas que fabricam. Simplesmente, uns não o fazem e outros olham para o lado. Falo de governos porque é difícil crer que, a exemplo das instalações industriais mais ou menos ocultas que abastecem o narcotráfico, existam no mundo fábricas clandestinas de armamento. Logo, não há uma pistola que, por assim dizer, não vá tacitamente certificada pelo respectivo, ainda que invisível, selo oficial. Quando num continente como o sul-americano, por exemplo, se calcula que há mais de 80 milhões de armas, é impossível não pensar na cumplicidade mal disfarçada dos governos, tanto dos exportadores como dos importadores.

Risulta quindi evidente che i governi dei paesi esportatori dovrebbero controllare con severità la produzione e la commercializzazione delle armi che fabbricano. Semplicemente, alcuni non lo fanno e altri guardano dall'altra parte. Parlo dei governi perché è difficile credere che esistano al mondo fabbriche clandestine di armi, per esempio le installazioni industriali più o meno occulte che riforniscono i narcotrafficienti. Quindi, non esiste pistola che non sia, per così dire, tacitamente certificata dal rispettivo, anche se invisibile, timbro ufficiale. Quando in un continente come quello sudamericano, per esempio, si calcolano esserci più di 80 milioni di armi, è impossibile non pensare alla complicità mascherata male dei governi, sia degli esportatori che importatori.

Que a culpa, pelo menos em parte, é do contrabando em grande escala, diz-se, esquecendo que para fazer contrabando de algo é condição sine qua non que esse algo exista. O nada não é contrabandeável.

Toda a vida tenho estado à espera de ver uma greve de braços caídos numa fábrica de armamento, inutilmente esperei, porque tal prodígio nunca aconteceu nem acontecerá. E era essa a minha pobre e única esperança de que a humanidade ainda fosse capaz de mudar de caminho, de rumo, de destino.

Si dice che la colpa, almeno in parte, sia del contrabbando in larga scala, dimenticando che per creare contrabbando di qualcosa la condizione sine qua non è che questo qualcosa esista. Il niente non è contrabbandabile.

Per tutta la vita ho aspettato di vedere uno sciopero generale in una fabbrica di armi, ho aspettato inutilmente, perchè un tale prodigio non è accaduto né mai accadrà. E questa era la mia povera e unica speranza sulla possibilità che l'umanità fosse ancora capace di cambiare strada, direzione, destino.

## ***História de uma flor – Maio 25, 2009***

Aí pelos começos dos anos 70, quando eu ainda não passava de um escritor principiante, um editor de Lisboa teve a insólita ideia de me pedir que escrevesse um conto para crianças. Não estava eu nada certo de poder desobrigar-me dignamente da encomenda, por isso, além da história de uma flor que estava a morrer à míngua de uma gota de água, fui-me curando em saúde pondo o narrador a desculpar-se por não saber escrever histórias para a gente miúda, a quem, por outro lado, diplomaticamente, convidava a reescrever com as suas próprias palavras a história que eu lhes contava. O filho pequeno de uma amiga minha, a quem tive o desprate de oferecer o livrinho, confirmou sem piedade a minha suspeita: “Realmente”, disse à mãe, “ele não sabe escrever histórias para crianças”.

Intorno agli inizi degli anni '70, quando ancora non ero altro che uno scrittore principiante, un editore di Lisbona ebbe l'insolita idea di chiedermi di scrivere un racconto per bambini. Non ero per niente sicuro di poter adempiere degnamente alla richiesta, per questo, oltre alla storia di un fiore che stava morendo per mancanza di una goccia d'acqua, mi tutelai inserendo un narratore che si scusava di non saper scrivere storie per bambini, a cui, dall'altra parte, diplomaticamente, chiedeva di riscrivere con parole proprie la storia che gli raccontava. Il piccolo figlio di una mia amica, a cui ebbi l'audacia di regalare il libricino, confermò senza pietà il mio sospetto: “Veramente”, disse alla madre, “lui non sa scrivere storie per bambini”.

Aguentei o golpe e tentei não pensar mais naquela frustrada tentativa de vir a reunir-me com os irmãos Grimm no paraíso dos contos infantis. Passou o tempo, escrevi outros livros que tiveram melhor sorte, e um dia recebo uma chamada telefónica do meu editor Zeferino Coelho a comunicar-me que estava a pensar em reeditar o meu conto para crianças. Disse-lhe que devia haver um engano, porque eu nunca tinha escrito nada para crianças. Quer dizer, havia esquecido totalmente o infausto acontecimento. Mas, há que dizê-lo, foi assim que começou a segunda vida de “A maior flor do mundo”, agora com a bênção das extraordinárias colagens que João Caetano fez para a nova edição e que contribuíram de maneira definitiva para o seu êxito.

Accusai il colpo e tentai di non pensare più a quel tentativo frustrato di congiungimento con i fratelli Grimm nel paradiso dei racconti infantili. Di tempo ne è passato, ho scritto altri libri che hanno avuto una maggiore fortuna, e un giorno ricevo una telefonata dal mio editore Zeferino Coelho che mi comunica di stare pensando di ristampare il mio racconto per bambini. Gli dico che si tratta di un errore, perché io non ho mai scritto niente per i bambini. Voglio dire, avevo totalmente rimosso l’infausto episodio. Ma, bisogna ammetterlo, è così che è cominciata la seconda vita de “Il più grande fiore del mondo”, adesso con la benedizione di straordinari collage fatti da João Caetano per la nuova edizione che hanno contribuito in maniera definitiva al suo successo.

Milhares de novas histórias (milhares, sim, não exagero) foram escritas nas escolas primárias de Portugal, Espanha e meio mundo, milhares de versões em que milhares de crianças demonstraram a sua capacidade criadora, não só como pequenos narradores, também como incipientes ilustradores. Afinal, o filho da minha amiga não tivera razão, o conto, de transparente simplicidade, havia encontrado os seus leitores. Mas as coisas não ficaram por aqui. Há alguns anos, Juan Pablo Etcheverry e Chelo Loureiro, que vivem na Galiza e trabalham em cinema, procuraram-me com o objectivo de fazer da “Flor” uma animação em plasticina, para a qual Emilio Aragón já tinha composto uma bela música. Pareceu-me interessante a ideia, dei-lhes a autorização que pediam e, passado o tempo necessário, inútil dizer que depois de muitos sacrifícios e dificuldades, o filme foi estreado.

Migliaia di nuove storie (migliaia, sì, non esagero) sono state scritte nelle scuole elementari portoghesi, spagnole e di mezzo mondo, migliaia di versioni in cui migliaia di bambini hanno dimostrato la loro capacità creativa, non solo come piccoli narratori, ma anche come illustratori in erba. Alla fine, il figlio della mia amica non aveva ragione, il racconto, fatto di trasparente semplicità, aveva trovato i suoi lettori. Ma le cose non finiscono qui. Alcuni anni fa, Juan Pablo Etcheverry e Chelo Loureiro, che vivono in Galizia e lavorano nel cinema mi contattarono con l'obiettivo di fare del “Fiore” un'animazione in plastilina, per la quale Emilio Aragón aveva già composto una bella musica. L'idea mi sembrò interessante, gli diedi l'autorizzazione che mi chiedevano e, passato il tempo necessario, inutile specificare tra mille sacrifici e difficoltà, il film è stato lanciato.

Eu próprio apareço nele, de chapéu e bastante favorecido na idade. São quinze minutos da melhor animação, que o público tem aplaudido em salas e festivais de cinema, como foram, no passado recente, os casos de Japão e Alasca. Como foi igualmente o prémio que acaba de lhe ser atribuído no Festival de Cinema Ecológico de Tenerife, felizmente ressurgido de uma paragem forçada de alguns anos. Chelo veio a nossa casa, trouxe-nos o prémio, uma escultura representando uma planta que parece querer ascender até ao sol e que, muito provavelmente, irá continuar a sua existência na Casa dos Bicos, em Lisboa, para mostrar como neste mundo tudo está ligado a tudo, sonho, criação, obra. É o que nos vale, o trabalho.

Nel film ci sono anch'io, con il cappello e abbastanza ringiovanito nell'età. Sono quindici minuti della migliore animazione, che il pubblico ha applaudito nelle sale e nei festival di cinema, come è successo, nel passato recente, in Giappone e Alaska. Come è stato per il premio che gli è appena stato attribuito al Festival del Cinema Ecologico di Tenerife, felicemente risorto dopo alcuni anni di pausa forzata. Chelo è venuto a casa nostra, ci ha portato il premio, una scultura che rappresenta una pianta che sembra voglia salire fino al sole e che, molto probabilmente, continuerà la sua vita nella Casa dos Bicos, a Lisbona, per dimostrare come in questo mondo tutto è legato a tutto, sogno, creazione, opera. É ciò che ci rende degni, il lavoro.



## **Mayores – Maio 22, 2009<sup>1</sup>**

Em português diríamos pessoas de idade. Num caso e no outro trata-se de eufemismos para fugir à aborrecida palavra “velhos”, que podendo e devendo ser tomada como uma afirmação vital (“Vivi e estou vivo”), é, com demasiada frequência, lançada à cara do idoso como uma espécie de desqualificação moral. E, contudo, pelo menos no meu país, usava-se (usa-se ainda?) uma resposta definitiva, fulminante, dessas que tapam a boca ao interlocutor: “Velhos são os trapos”, respondiam os velhos do meu tempo a quem se atrevesse a chamar-lhes velhos. E continuavam com o seu trabalho, sem dar mais atenção às vozes do mundo. Velhos seriam, claro, mas não inúteis, não incapazes de meter a soveia no lugar certo do sapato ou de guiar a relha do arado

In portoghese diremmo persone di una certa età. Sia in un caso che nell'altro si tratta di eufemismi per evitare la fastidiosa parola “vecchi”, che potendo e dovendo essere presa come un'affermazione vitale (“Ho vissuto e sono vivo”), è, troppo spesso, buttata in faccia all'anziano come se fosse una specie di degradazione morale. E, tuttavia, almeno nel mio paese, si usava (si userà ancora?) una risposta definitiva, fulminante, di quelle che tappano la bocca all'interlocutore: “Vecchi sono gli stracci”, rispondevano i vecchi dei miei tempi a chi si azzardava a chiamarli vecchi. E continuavano con il loro lavoro, senza prestare più attenzione alle voci del mondo. Vecchi lo erano, chiaro, ma non inutili, non incapaci di infilare la lesina nel punto preciso della scarpa o di guidare il vomere dell'aratro con cui

---

1 \*Mayores = Anziani (In spagnolo nel testo originale)

com que andasse lavrando. A vida tinha uma coisa má: era dura. E tinha uma coisa boa: era simples.

Hoje continua a ser dura, mas perdeu a simplicidade. Talvez tenha sido esta percepção, formulada assim ou doutra maneira, que fez nascer a ideia de criar uma universidade para pessoas de idade em Castilla-La Mancha, essa que precisamente se chama Universidad para Mayores e de que tenho a honra de ser patrono. Pessoas a quem a idade obrigou a deixar o seu trabalho, que fazer com elas? Outras em quem a idade fez nascer curiosidades que até então não se haviam experimentado, que fazer com elas? A resposta não tardou: criar uma universidade para as gerações de cabelos brancos e rugas na cara., um lugar onde pudessem estudar e descobrir mundos do conhecimento ocultos ou mal sabidos.

si stava lavorando. La vita aveva una sola cosa di male: era dura. E una buona: era semplice.

Oggi continua a essere dura, ma ha perso la semplicità. Forse è stata questa percezione, formulata in questa o in un'altra maniera, che ha fatto in modo che nascesse l'idea dell'università per anziani a Castilla-La Mancha, che si chiama precisamente Universidad para Mayores e di cui ho l'onore di essere padrino. Persone obbligate dall'età a lasciare il loro lavoro, cosa fare con loro? altre in cui l'età ha stimolato delle curiosità che fino ad allora non avevano provato, cosa fare con loro? la risposta non ha tardato: creare una università per le generazioni con i capelli bianchi e le rughe sul viso, un luogo in cui si possa studiare o scoprire mondi fino ad allora occulti o conosciuti male.

Cada uma dessas pessoas, cada uma dessas mulheres, cada um desses homens, pode dizer quando abre um livro ou escreve a resposta a um questionário: “Não me rendi”. Nesse momento uma aura de juventude rediviva perpassa-lhes no rosto, em espírito é como se estivessem sentados ao lado dos netos, ou foram eles que se vieram sentar ao lado dos seus maiores. O conhecimento une cada um consigo mesmo e todos com todos.

Qualquer idade é boa para aprender. Muito do que sei aprendi-o já na idade madura e hoje, com 86 anos, continuo a aprender com o mesmo apetite. Não frequento a Universidade para Mayores Castilla-La Mancha (lá irei um dia), mas partilho a alegria (diria mesmo a felicidade) dos que lá estudam, esses a quem me dirijo com estas palavras simples: Queridos Colegas.

Ognuna di queste persone, ognuna di queste donne, ognuno di questi uomini, può dire mentre apre un libro o scrive la risposta a un questionario: “Non mi sono arreso”. In questo istante una rediviva aura di giovinezza gli attraversa il viso, con lo spirito è come se fossero seduti accanto ai loro nipoti, o sono loro che sono venuti a sedersi accanto ai nonni. La conoscenza riconcilia ognuno con se stesso e tutti con tutti.

Qualsiasi età è buona per imparare. Molto di quello che so l'ho imparato in età adulta e oggi, a 86 anni, continuo a imparare con lo stesso appetito. Non frequento l'università per gli anziani Castilla-La Mancha (lo farò un giorno), ma condivido l'allegria (direi proprio la felicità) di quelli che studiano lì, coloro a cui mi rivolgo con queste semplici parole: Cari Colleghi.

## ***Suborno – Maio 21, 2009***

Tinha jurado a mim mesmo não voltar a escrever sobre este figurão nos tempos mais próximos, mas, uma vez mais, a força dos factos pôde mais que a minha vontade. Neste caso não se trata de misses, modelos e bailarinas escolhidas a dedo (ou por dedos) para o Parlamento Europeu nem de jóias como presente de aniversário a jovens “ragazze” pouco mais que adolescentes que tratam o primeiro-ministro italiano por “papi”, termo que não sei exactamente o que quererá dizer (o meu forte não é italiano falado pelas lolitas de lá), mas que prometeria muito até ao menos atento dos exames. Também não se trata do badalado divórcio do qual, pessoalmente, duvido muito que se venha a consumir porque os interesses materiais mútuos pesam e o risco é grande de que a comédia (se o é) acabe em reconciliação e muitas horas

Avevo giurato a me stesso di non tornare a scrivere di questo personaggio in tempi stretti, ma, ancora una volta, la forza dei fatti può più della mia volontà. In questo caso non si tratta di miss, modelle e ballerine scelte con il dito (o con le dita) per il Parlamento Europeo né di gioielli regalati per il compleanno di giovani “ragazze” poco più che adolescenti che chiamano il presidente del consiglio italiano “papi”, termine di cui non conosco esattamente il significato (l’italiano parlato dalle lolite non è il mio forte), ma molto promettente anche al meno attento degli esami. Non si tratta neanche del pubblicizzato divorzio sulla cui realizzazione, personalmente, ho grossi dubbi visto il peso degli interessi materiali reciproci e il rischio è alto che la commedia (se lo è) finisca con una riconciliazione e molte ore

de transmissão televisiva. O que me tirou do meu relativo sossego em relação ao “padrone” Berlusconi foi uma sentença do Tribunal de Milão que condena o advogado britânico David Mills a quatro anos e meio de prisão por corrupção em acto judicial. Afirma-se na sentença que Berlusc (saiu assim, assim o deixo ficar) subornou em 1997, nada menos que com 600 mil dólares, o dito advogado e que este incorreu em “falso testemunho” com o objectivo de “proporcionar impunidade a Berlusconi e ao grupo Fininvest”. A reacção de Berlusc foi típica: “É uma sentença absolutamente escandalosa, contrária à realidade”. E mais: “Haverá recurso, haverá outro juiz, e eu estou tranquilo”. O leitor notará aquela referência a “outro juiz” que, pelo menos assim o leio eu, não passa de um acto falhado que me permitirei interpretar desta maneira: “Haverá outro juiz, que eu tratarei de subornar”.

di trasmissione televisiva. Quello che mi ha destato dalla mia relativa quiete in relazione al “padrone” Berlusconi è stata una sentenza del Tribunale di Milano che condanna l’avvocato inglese David Mills a quattro anni e mezzo di reclusione per corruzione in atti giudiziari. Nella sentenza si afferma che Berlusc (mi è venuto fuori così, e lo lascio così) ha corrotto nel 1997, niente meno che con 600 mila dollari, l’avvocato in questione e che questo è incorso in “falsa testimonianza” con l’obiettivo di “garantire impunità a Berlusconi e al gruppo Fininvest”. La reazione di Berlusc è stata la solita: “È una sentenza assolutamente scandalosa, contraria alla realtà”. E ancora: “Ci sarà ricorso, ci sarà un altro giudice, e io sono tranquillo”. Il lettore noterà il riferimento all’“altro giudice” che, almeno io lo leggo così, altro non è che un gesto che mi permetterei di interpretare in questa maniera: “Ci sarà un altro giudice, che io mi occuperò di corrompere”.

Como subornou outros antes, acrescento.

Gostaria de pensar que o fim de Berlusca se aproxima. Mas para isso será necessário que o eleitorado italiano saia da sua apatia, seja ela involuntária ou cúmplice, e retome a frase de Cícero que há dias recordei. Que uma vez digam e que se ouça em todo o mundo: “Demasiado abusaste de nós, Berlusca, a porta está ali, desaparece”. E se essa porta for a da prisão, então poderemos dizer que justiça terá sido feita. Finalmente.

Come ha corrotto altri prima, aggiungo.

Mi piacerebbe pensare che la fine di Berlusca è vicina. Ma per questo sarà necessario che l'elettorato italiano esca dalla sua apatia, involontaria o complice, e che riprenda la frase di Cicerone ricordata qualche giorno fa. Che dica una volta per tutte e che si senta in tutto il mondo: “Troppo a lungo hai abusato di noi, Berlusca, la porta è quella, sparisci”. E se quella porta sarà quella del carcere, allora si potrà dire che giustizia sarà stata fatta. Finalmente.

## ***Um sonho – Maio 20, 2009***

Nunca vi a pessoa em questão, nunca lhe falei, não tem nem teve jamais lugar no círculo dos meus interesses, quer imediatos quer distantes, e para que tudo fique dito em meia dúzia de palavras, considerando os anos que no passado levei ouvindo ou lendo este nome, nem sequer sei se está vivo. Refiro-me a um editor português, Domingos Barreira, que na noite passada veio visitar-me no meu sono. Aliás, não cheguei a vê-lo e, se o visse, não saberia que cara lhe haveria de pôr. O que ele fez foi enviar-me uma secretária com o recado de que gostaria de encontrar-se comigo para conversarmos sobre coisas passadas. Que coisas passadas fossem elas, ainda estou para sabê-lo, porque, apesar do encontro ter ficado apazado para o próximo fim-de-semana, não se falou de local.

Non ho mai visto la persona in questione, non gli ho mai parlato, non ha né ha mai avuto un posto nel circolo dei miei interessi, sia recenti, sia lontani, e affinché tutto sia detto in una mezza dozzina di parole, considerando la quantità di anni durante i quali ho sentito e ho letto questo nome, non so neanche se è vivo. Mi riferisco a un editore portoghese, Domingos Barreira, il quale, la notte scorsa è venuto a trovarmi in sogno. In realtà, non sono arrivato a vederlo e, se lo avessi visto, non avrei saputo dire che faccia potesse aver avuto. Quello che ha fatto è stato mandarmi una segretaria con il messaggio che gli sarebbe piaciuto incontrarmi per parlare di cose del passato. Quali cose del passato fossero non lo so ancora, perché, nonostante l'incontro sia stato fissato per il prossimo fine settimana, non si è parlato del luogo.

E, como se isso fosse pouco, acordei, e, quando acordei, a secretária não estava ali.

Agora, que venham os doutores da academia explicar-me este sonho sem causa aparente nem motivo que se perceba. Salvo se se quiser aceitar uma ideia minha, antes lhe chamaria convicção, a de que a doença que há um ano e tal esteve a ponto de levar-me de uma volta à minha cabeça, desarrumando as memórias e voltando a arrumá-las por outra ordem e poderá ter sido, também ela, a responsável por este insólito sonho. Infelizmente, ficará sem resposta a pergunta: “Porquê?” Paciência, não se pode ter tudo e os doutores da academia têm com certeza mais que fazer que ler esta página.

E, come se non bastasse, mi sono svegliato, e al mio risveglio la segretaria non c'era.

Adesso, vengano i dottori dell'accademia a spiegarmi questo sogno che non ha nessuna causa apparente o un motivo che si possa capire. A meno che non si voglia accettare la mia idea, prima l'avrei chiamata convinzione, che la malattia che circa un anno fa mi stava portando via mi ha messo a soquadro la testa, scombinando i ricordi e ricombinandoli in un altro ordine, potrebbe essere stata anche lei, la responsabile di questo insolito sogno. Purtroppo resterà senza risposta la domanda: “Perché?” Pazienza, non si può avere tutto e i dottori dell'accademia hanno di sicuro altro a cui pensare piuttosto che leggere questa pagina.



## ***Poetas e poesia – Maio 19, 2009***

Não será com todos nem será sempre, mas às vezes acontece o que estamos vendo nestes dias: que, por ter morrido um poeta aparecem, em todo o mundo, leitores de poesia que se declaram devotos de Mario Benedetti e que precisam de um poema que expresse o seu desconsolo e talvez também para recordar um passado em que a poesia teve lugar permanente, quando hoje é a economia que nos impede de dormir. Assim, vemos que de repente se estabelece um tráfico de poesia que deve ter deixado perplexos os medidores oficiais, porque de um continente a outro saltam mensagens estranhas, de factura original, linha curtas que parecem dizer mais do que à primeira vista se crê. Os decifradores de códigos não têm mãos a medir, há demasiados enigmas para decifrar, demasiados abraços e demasiada música acompanhando sentimentos

Non sarà con tutti né sarà sempre, ma alle volte succede quello che stiamo vedendo in questi giorni: che, per la morte di un poeta compaiono, in tutto il mondo, lettori di poesia che si dichiarano devoti di Mario Benedetti e che hanno bisogno di una poesia che esprima il loro sconforto e forse anche per ricordare un passato in cui la poesia aveva un posto d'onore permanente, mentre oggi è l'economia che non ci lascia chiudere occhio. Così quindi, all'improvviso si è stabilito un traffico di poesia che deve aver lasciato perplessi gli analisti ufficiali, perché da un continente all'altro volano strani messaggi, di originale fattura, corte righe che sembrano dire più di quello che si creda a prima vista. I decifratori di codici non riescono a interpretare, ci sono troppi enigmi da decifrare, troppi abbracci e troppa musica che accompagnano sentimenti,

que são demasiados: o mundo não poderia suportar muitos dias desta intensidade emocional, mas tão-pouco, sem a poesia que hoje se expressa, seríamos inteiramente humanos. E isto, em poucas linhas, é o que está sucedendo: morreu Mario Benedetti em Montevideo e o planeta tornou-se pequeno para albergar a emoção das pessoas. De súbito os livros abriram-se e começaram a expandir-se em versos, versos de despedida, versos de militância, versos de amor, as constantes da vida de Benedetti, junto à sua pátria, aos seus amigos, ao futebol e alguns boliches de trago largo e noites mais largas ainda.

Morreu Benedetti, esse poeta que soube fazer-nos viver os nossos momentos mais íntimos e as nossas raivas menos ocultas. Se com os seus poemas saímos à rua – lado a lado somos muito mais que dois –, se lendo “Geografias”, por exemplo,

anche loro troppi: il mondo non potrà sopportare a lungo questa intensità di emozioni, ma allo stesso tempo, senza la poesia che oggi si esprime, non saremmo noi interamente umani. E questo, in poche righe, è quello che sta succedendo: è morto Mario Benedetti a Montevideo e il pianeta è diventato troppo piccolo per contenere la commozione delle persone. Subito i libri si sono aperti e hanno cominciato a spandere versi, versi d’addio, versi di militanza, versi d’amore, le costanti della vita di Benedetti, insieme alla sua patria, ai suoi amici, al calcio e ad alcune botteghe con lunghe bevute e notti ancora più lunghe.

È morto Benedetti, questo poeta che è riuscito a farci vivere i nostri momenti più intimi e le nostre rabbie meno nascoste. Se con le sue poesie uscissimo per strada – fianco a fianco saremmo molto più che due –, se leggendo “Geografie”, per esempio,

aprendemos a amar um país pequeno e um continente grande, agora, segundo as cartas que chegam à Fundação, recuperaram-se momentos de amor que deram sentido a tempos passados, e quem sabe se presentes. Isso também o devemos a Benedetti, ao poeta que ao morrer fez de nós herdeiros da bagagem de uma vida fora do comum.

Tania y Mario: la libertad\*

No es verdad que el mundo está todo descubierto. El mundo no es sólo la geografía con sus valles y montañas, sus ríos y sus lagos, sus planicies, los grandes mares, las ciudades y las calles, los desiertos que ven pasar el tiempo, el tiempo que nos ve pasar a todos. El mundo es también las voces humanas, ese milagro de la palabra que se repite todos los días, como un corona de sonidos viajando en el espacio.

imparassimo ad amare un piccolo paese e un continente grande, adesso, viste le lettere che arrivano alla Fondazione, si recupererebbero momenti di amore che hanno dato senso a tempi lontani, e chissà se presenti. Dobbiamo a Bendetti anche questo, al poeta che morendo ci ha fatti eredi del bagaglio di una vita fuori dal comune.

Tania e Mario: la libertà\*

Non è vero che il mondo è stato tutto scoperto. Il mondo non è solo la geografia con le sue valli e montagne, i suoi fiumi e i suoi laghi, sue pianure, i grandi mari, le città e le strade, i deserti che vedono passare il tempo, il tempo che ci vede passare tutti. Il mondo è anche le voci umane, questo miracolo della parola che si ripete tutti i giorni, come una corona di suoni che viaggia nello spazio.

Muchas de esas voces cantan, algunas cantan verdaderamente. La primera vez que oí cantar a Tania Libertad tuve la revelación de las alturas de la emoción a que puede llevarnos una voz desnuda, sola delante del mundo, sin ningún instrumento que la acompañara. Tania cantaba a capella “La paloma” de Rafael Alberti, y cada nota acariciaba una cuerda de mi sensibilidad hasta el deslumbramiento.

Ahora Tania Libertad canta a Mario Benedetti, ese gran poeta a quien tan bien le sentaría el nombre de Mario Libertad...

Son dos voces humanas, profundamente humanas, que la música de la poesía y la poesía de la música han reunido. De él la palabras, de ella la voz.

Oyéndolas estamos más cerca del mundo, más cerca de la libertad, más cerca de nosotros mismos.

Molte di queste voci cantano, alcune cantano veramente. La prima volta che ho sentito cantare Tania Libertad ho avuto la rivelazione sui picchi di emozione che può raggiungere una voce nuda, sola di fronte al mondo, senza nessuno strumento ad accompagnarla. Tania cantava a capella “La paloma” di Rafael Alberti, e ogni nota accarezzava una corda della mia sensibilità fino alla vertigine.

Adesso Tania Libertad canta Mario Bendetti, questo grande poeta a cui starebbe stato tanto bene il nome di Mario Libertà...

Sono due voci umane, profondamente umane, che la musica della poesia e la poesia della musica ha riunito. Le parole di lui, la voce di lei.

Ascoltandolo siamo più vicini al mondo, più vicini alla libertà, più vicini a noi stessi.



La vida ese paréntesis - Tania Libertad interpreta poemas de Mario Benedetti - Música de Víctor Merino - Alfaguara

## **Charlot – Maio 18, 2009**

Numa destas últimas noites vi na televisão alguns filmes antigos de Chaplin, a saber, dois ou três episódios nas trincheiras da primeira guerra mundial e um filme mais extenso, “The Pilgrim”, que, retoma, com menos felicidade que noutros casos, o tema recorrente de um Chaplin sem culpas procurado pela polícia. Não sorri nem uma única vez. Surpreendido comigo mesmo, como se tivesse faltado a uma jura solene, dei-me ao trabalho de tentar recordar, tanto quanto me seria possível oitenta anos depois, que risos, que gargalhadas me terá feito soltar Charlot nos dois cinemas populares de Lisboa que frequentava quando tinha seis ou sete anos. Não recordei grande coisa. Os meus ídolos nessa época eram dois cómicos suecos, Pat e Patachon, que esses, sim, eram, para mim, autênticos campeões da gargalhada.

Qualche sera fa ho visto in televisione alcuni vecchi film di Chaplin, per la precisione due o tre episodi delle trincee della prima guerra mondiale e un film più lungo, Il Pellegrino, che riprende in modo meno felice che in altri casi, il tema recorrente di un Chaplin senza colpe perseguitato dalla polizia. Non ho sorriso neanche una volta. Sorpreso di me stesso, come se stessi tradendo un giuramento solenne, ho cominciato a tornare indietro con la memoria, per quanto sia possibile dopo ottant'anni, cercando di ricordare le risate a crepelle che Chaplin aveva provocato in me nei due cinema popolari di Lisbona che frequentavo quando avevo sei o sette anni. Non ho ricordato granché. All'epoca i miei idoli erano due comici svedesi, Pat e Patachon, e loro sì, erano per me due autentici campioni della risata.

Continuando a reflectir com os meus botões, sempre bons conselheiros porque em princípio não mudam de casa nem de opinião, cheguei à inesperada conclusão de que Chaplin, afinal, não é um cómico, mas um trágico. Repare-se como tudo é triste, como tudo é melancólico nos seus filmes. A própria máscara chaplinesca, toda ela em branco e negro, pele de gesso, sobancelhas, bigode, olhos como pingos de alcatrão, é uma máscara que em nada destoaria ao lado das representações plásticas clássicas do actor trágico. E há mais. O sorriso de Chaplin não é um sorriso feliz, pelo contrário, aventuro-me a dizer, sabendo ao que me arrisco, que é tão inquietante que ficaria bem na boca de qualquer drácula. Se eu fosse mulher, fugiria de um homem que me sorrisse assim. Aqueles incisivos, demasiado grandes, demasiado regulares, demasiado brancos, assustam. São um esgar no enquadramento rígido dos lábios.

Continuando a riflettere “con i miei bottoni”, sempre buoni consiglieri perché per principio non cambiano mai casa né opinione, sono arrivato inaspettatamente alla conclusione che Chaplin, in fondo, non è comico ma tragico. Si osservi come tutto sia triste, come, nei suoi film, tutto sia malinconico. La stessa maschera di Chaplin, tutta bianca e nera, pelle di gesso, sopracciglia, baffi, occhi come gocce di catrame, è una maschera che non stonerebbe affatto accanto alle classiche rappresentazioni plastiche dell'attore tragico. E c'è di più. Il sorriso di Chaplin non è un sorriso felice, al contrario, mi spingo a dire, sapendo quel che rischio, che è così inquietante che starebbe bene sulla faccia di un qualsiasi dracula. Se fossi donna, fuggirei di fronte a uomo che mi sorrisse a quel modo. Quegli incisivi, troppo grandi, troppo regolari, troppo bianchi, spaventano. Sono smorfie nel rigido inquadramento delle labbra.

Sei de antemão que pouquíssimos vão estar de acordo comigo. O caso é que, uma vez que foi decidido que Chaplin é um actor cómico, ninguém lhe olha para a cara. Creiam no que lhes digo. Olhem-no de frente sem ideias feitas, observem aquelas feições uma por uma, esqueçam por um momento a dança dos pezinhos, e digam-me depois o que viram. Chaplin levaria todos os seus filmes a chorar se pudesse.

So già che pochissimi saranno d'accordo con me. Il fatto è che una volta che si è deciso che Chaplin è un attore comico nessuno gli guarda più il viso. Credetemi. Guardatelo in faccia senza preconcetti, osservate quei particolari uno per uno, dimenticate per un momento la danza dei passettini, e dopo ditemi cosa vedete. Chaplin avrebbe passato tutti i suoi film a piangere se avesse potuto.



## ***Até quando? – Maio 15, 2009***

Há uns dois mil e cinquenta anos, mais dia menos dia, a esta hora ou outra, estava o bom Cícero clamando a sua indignação no senado romano ou no foro: “Até quando, ó Catilina, abusarás da nossa paciência?”, perguntou ele uma vez e muitas ao velhaco conspirador que o quis matar e fazer-se com um poder a que não tinha qualquer direito. A História é tão pródiga, tão generosa, que não só nos dá excelentes lições sobre a actualidade de certos acontecidos outrora como também nos lega, para governo nosso, umas quantas palavras, umas quantas frases que, por esta ou aquela razão, viriam a ganhar raízes na memória dos povos. A frase que deixei acima, fresca, vibrante, como se tivesse acabado de ser pronunciada neste instante, é sem dúvida uma delas.

Duemila e cinquanta anni fa, giorno più giorno meno, a quest’ora o a un’altra, il buon Cicerone declamava la sua indignazione nel senato romano o nel foro: “Fino a quando, Catilina, abuserai della nostra pazienza?”, chiese una volta e molte altre ancora al perfido cospiratore che voleva assassinarlo e acquisire un potere a cui non aveva diritto. La Storia è così prodiga, così generosa, che non solo ci dà eccellenti lezioni sull’attualità di certi avvenimenti passati ma ci lascia anche, a nostro uso, una serie di parole, alcune frasi che, per questo o quell’altro motivo, finiscono per radicarsi nella memoria dei popoli. La frase sopradetta, fresca, vibrante, come se fosse stata appena pronunciata, è senza dubbio una di quelle.

Cícero foi um grande orador, um tribuno de enormes recursos, mas é interessante observar como, neste caso, preferiu utilizar termos dos mais comuns, que poderiam mesmo ter saído da boca de uma mãe que repreendesse o filho irrequieto. Com a enorme diferença de que aquele filho de Roma, o tal Catilina, era um traste da pior espécie, quer como homem, quer como político.

A História de Itália surpreende qualquer um. É um extensíssimo rosário de génios, sejam eles pintores, escultores ou arquitectos, músicos ou filósofos, escritores ou poetas, iluminadores ou artífices, um não acabar de gente sublime que representa o melhor que a humanidade tem pensado, imaginado, feito. Nunca lhe faltaram catilinas de maior ou menor envergadura, mas disso nenhum país está isento, é lepra que a todos toca.

Cicerone è stato un grande oratore, un tribuno con grandi mezzi, ma è interessante osservare come, in questo caso, preferì utilizzare termini più comuni, che sarebbero potuti venir fuori anche dalla bocca di una madre che chiamava il figlio irrequieto. Con l'enorme differenza che quel figlio di Roma, Catilina, era una carogna della peggior specie, sia come uomo sia come politico.

La Storia d'Italia sorprende chiunque. È un lunghissimo rosario di geni, siano essi pittori, scultori o architetti, musicisti o filosofi, scrittori o poeti, scopritori o inventori, una infinità di persone sublimi che rappresenta il meglio che l'umanità abbia pensato, immaginato, fatto. Non le mancarono mai catiline più o meno della stessa pasta, ma da questo nessun paese è esente, è la lebbra che tocca a tutti.

O Catilina de hoje, em Itália, chama-se Berlusconi. Não necessita assaltar o poder porque já é seu, tem dinheiro bastante para comprar todos os cúmplices que sejam necessários, incluindo juízes, deputados e senadores. Conseguiu a proeza de dividir a população de Itália em duas partes: os que gostariam de ser como ele e os que já o são. Agora promoveu a aprovação de leis absolutamente discricionárias contra a emigração ilegal, põe patrulhas de cidadãos a colaborar com a polícia na repressão física dos emigrantes sem papéis e, cúmulo dos cúmulo, proíbe que as crianças de pais emigrantes sejam inscritas no registo civil. Catilina, o Catilina histórico, não faria melhor.

Il Catalina odierno, in Italia, si chiama Berlusconi. Non ha bisogno di congiurare per il potere perché è già suo, ha abbastanza denaro per comprare tutti i complici necessari, inclusi giudici, deputati e senatori. È riuscito nell'impresa di dividere il popolo d'Italia in due parti: quelli che vorrebbero essere come lui e quelli che lo sono già. Adesso ha appena promosso l'approvazione di leggi assolutamente discriminanti contro l'immigrazione clandestina, mette pattuglie di cittadini a collaborare con la polizia nella repressione fisica degli immigrati senza documenti e, il peggio del peggio, proibisce che i figli degli immigrati siano iscritti all'anagrafe. Catilina, il Catilina storico, non avrebbe fatto di meglio.

Disse acima que a História de Itália surpreende qualquer um. Surpreende, por exemplo, que nenhuma voz italiana (ao menos que haja chegado ao meu conhecimento) tenha retomado, com uma ligeira adaptação, as palavras de Cícero: “Até quando, ó Berlusconi, abusarás da nossa paciência?” Experimente-se, pode ser que dê resultado e que, por esta outra razão, a Itália volte a surpreender-nos.

Ho detto prima che la Storia d'Italia sorprende chiunque. Sorprende, per esempio, che nessuna voce italiana (almeno tra quelle arrivate al mio orecchio) abbia citato, con una leggera variazione, le parole di Cicerone: “Fino a quando, Berlusconi, abuserai della nostra pazienza?” Sarebbe da sperimentare, chissà che non dia risultati e che, per questa ulteriore ragione, l'Italia non torni a sorprenderci.

## ***Sofía Gandarias – Maio 14, 2009***

À pergunta angustiada, ainda que carregada de uma retórica fácil, que o papa lançou em Auschwitz para surpresa e escândalo do mundo crente: “Onde estava Deus?”, vem esta grande exposição de Sofía Gandarias responder com simplicidade: “Deus não está aqui”. É evidente que Deus não leu Kafka e, pelos vistos, Ratzinger também não. Não leram nem sequer Primo Levi, que está mais perto do nosso tempo e nunca se serviu de alegorias para descrever o horror. Se se me permite a ousadia, eu aconselharia ao papa que visitasse, com tempo e olhos de ver, esta exposição de Sofía, que escutasse com atenção as explicações que lhe fossem dadas por uma pintora que, sabendo muito da arte que cultiva, muito sabe também do mundo e da vida que nele temos feito, os que crêem e os que não crêem,

Alla domanda angosciata, oltre che carica di una facile retorica, che il papa ha lanciato ad Auschwitz suscitando sorpresa e scandalo nel mondo dei credenti: “Dov’era Dio?”, risponde con semplicità questa grande mostra di Sofía Gandarias: “Dio non è qui”. É chiaro che Dio non abbia letto Kafka e, a quanto pare, neanche Ratzinger l’ha fatto. Non hanno letto neanche Primo Levi, più contemporaneo e che non si è mai servito di allegorie per descrivere l’orrore. Mi si conceda l’audacia, io consiglierei al papa di visitare, con tempo e occhi per guardare, questa mostra di Sofía, di ascoltare con attenzione le spiegazioni che gli verrebbero date da una pittrice che, sapendone tanto dell’arte che coltiva, ne sa anche tanto del mondo e della vita che su di esso abbiamo vissuto, quelli che credono e quelli che non credono,

os que esperam e os que desesperam, e os outros, os que fizeram Auschwitz e os que perguntam onde estava Deus. Melhor seria que nos perguntássemos onde estamos nós, que doença incurável é esta que não nos deixa inventar uma vida diferente, com deuses, se quiserem, mas sem nenhuma obrigação de crer neles. A única e autêntica liberdade do ser humano é a do espírito, de um espírito não contaminado por crenças irracionais e por superstições talvez poéticas em algum caso, mas que deformam a percepção da realidade e deveriam ofender a razão mais elementar.

Acompanho o trabalho de Sofia Gandarias desde há anos. Assombra-me a sua capacidade de trabalho, a força da sua vocação, a mestria com que transfere para a tela as visões do seu mundo interior, a relação quase orgânica que mantém com a cor e o desenho.

quelli che sperano e quelli che disperano, e gli altri, quelli che hanno costruito Auschwitz e quelli che si chiedono dove fosse Dio. Sarebbe meglio chiedersi dove siamo noi, quale incurabile malattia è questa che non riesce a farci inventare una vita diversa, anche con dei, se si vuole, ma senza nessun obbligo di credere in loro. L'unica e autentica libertà dell'essere umano è quella dello spirito, di uno spirito non contaminato da credenze irrazionali e da superstizioni, in alcuni casi forse anche poetiche, ma che deformano la percezione della realtà e dovrebbero offendere la ragione più elementare.

Seguo il lavoro di Sofia Gandarias da parecchi anni. Mi meraviglia la sua capacità produttiva, la forza della sua vocazione, la maestria con cui riversa su tela le visioni del suo mondo interiore, la relazione quasi organica che mantiene tra il colore e il disegno.

Sofía Gandarias é, toda ela, memória. Memória de si mesma, como qualquer, em primeiro lugar, mas também memória do que viveu e do que aprendeu, memória de tudo o que interiorizou como algo próprio, memória de Kafka, de Primo Levi, de Roa Bastos, de Borges, de Rilke, de Brecht, de Hanna Arendt, de quantos, para tudo dizer numa palavra, se debruçaram do poço da alma humana e sentiram a vertigem.

Nota: Texto para a exposição “Kafka, o visionário”, de Sofía Gandarias, que poderá visitar-se na Haus am Kleistpark de Berlim a partir do dia 28 deste mês.

cuadro-blog-peque

Sofía Gandarias è, lei tutta, memoria. Memoria di se stessa, come chiunque, in primo luogo, ma anche memoria di quello che ha vissuto e di quello che ha imparato, memoria di tutto quello che ha interiorizzato come se fosse proprio, memoria di Kafka, di Primo Levi, de Roa Bastos, di Borges, di Rilke, di Brecht, di Hanna Arendt, di quanti, per dirlo con una parola, si sono affacciati sul pozzo dell’anima e hanno sentito la vertigine.

Nota: testo scritto per la mostra “Kafka, il visionario”, di Sofía Gandarias, che potrà essere visitata alla Haus am Kleistpark di Berlino dal 28 di maggio





## ***Corrupção à inglesa – Maio 13, 2009***

Lê-se e não se acredita. Dá vontade de promover urgentemente uma subscrição pública capaz de reunir uns quantos trocos para ajudar os deputados ingleses, tanto trabalhistas como conservadores, a chegarem ao fim do mês ainda com algumas libras no bolso. Apetece perguntar: “Império britânico, quem te viu e quem te vê?” Donos de metade do mundo num passado não tão distante, agora pouco lhes falta para descer à rua e estender a mão à caridade dos eleitores. Não é que não tenham o suficiente para comer. Pelo menos que se saiba, não há notícia de que algum deputado ou deputada tenham desmaiado de fome durante um discurso. A coisa ainda não chegou aí. Mas que podemos dizer da deputada Cheryl Gillan que passou à conta do Estado a importância de 87 centésimos de euro pela compra

Lo si legge e non ci si crede. Viene voglia di promuovere con urgenza una sottoscrizione pubblica finalizzata alla raccolta di spiccioli per aiutare i deputati inglesi, tanto i laburisti quanto i conservatori, ad arrivare alla fine del mese con qualche moneta in tasca. Verrebbe da chiedere: “Impero britannico, che fine hai fatto?” Padroni di mezzo mondo in un passato non troppo distante, adesso manca poco perché scendano per strada con la mano protesa in cerca della carità degli elettori. Non è che non abbiano da mangiare. Per quello che sappiamo, non ci sono notizie di deputati o deputate svenuti per la fame durante un discorso. Non siamo ancora arrivati a quel punto. Ma che dire della deputata Cheryl Gillan che ha usato le casse dello stato per l'importante cifra di 87 centesimi di euro per l'acquisto

de duas latas de comida para cães?

Ou do deputado David Willetts, que chamou um operário para que lhe mudasse 25 lâmpadas em sua casa, pagando o Estado o trabalho? Ou Alan Duncan, que reformou o jardim à custa do contribuinte? A lista de casos é extensíssima.

O escândalo na Grã-Bretanha está a atingir tais proporções que o primeiro-ministro Gordon Brown se viu obrigado a pedir desculpa em nome da classe política do país, incluindo os partidos, todos eles, perante o gravíssimo descrédito que está a sofrer a reputação dos políticos que abusam do dinheiro público para cobrir as suas despesas como deputados. Realmente há que fazer algo para pôr cobro a esta vergonha, onde não é difícil encontrar sinais de farsa. Eu, por mim, tenho uma ideia: contratar um novo Robin Hood, um que ponha a saque os pobres para que não falte dinheiro aos representantes da nação para as suas despesas miúdas,

di due barattoli di cibo per cani! o del deputato David Willetts, il quale ha chiamato un operaio che gli cambiasse 25 lampade a casa sua, con i soldi dello Stato? o Alan Duncan, che si è rifatto il giardino sulle spalle del contribuente? la lista dei casi è molto estesa.

Lo scandalo in Gran Bretagna sta raggiungendo proporzioni tali da costringere il primo ministro Gordon Brown a chiedere scusa a nome della classe politica del paese, inclusi tutti i partiti, rispetto al grande discredito che sta soffrendo la reputazione dei politici che abusano del denaro pubblico per coprire le proprie spese da deputati. In realtà bisognerebbe fare qualcosa per porre rimedio a questa vergogna, in cui non è difficile intravedere la farsa. Io, da parte mia, ho un'idea: assumere un nuovo Robin Hood, uno che saccheggi i poveri affinché non manchi denaro ai rappresentanti della nazione per le loro piccole spese,

que em muito casos de miúdas não têm nada, como foi o caso de David Cameron, “leader” dos conservadores, que levou à conta do Estado 92 mil euros gastos na sua segunda residência. Creiam-me, a solução está à vista. A Robin Hood não lhe falta experiência e por enquanto ainda tem boa reputação.

che molto spesso di piccolo non hanno proprio niente, come nel caso di David Cameron, “leader” dei conservatori, che ha messo sul conto dello Stato 92mila euro spesi per la sua seconda casa. Credetemi, la soluzione è a un palmo di naso. A Robin Hood non manca l’esperienza e per il momento gode ancora di buona reputazione.

## ***A coragem – Maio 12, 2009***

Patricia Kolesnicov é jornalista e argentina, mais jornalista que argentina em minha opinião, mas isto é só uma pequena ideia de literato, colocar a profissão antes da nacionalidade como se estivesse a substituir um mundo por outro. Há anos apareceu-lhe um cancro da mama que enfrentou com a coragem de que só uma mulher é capaz. Não o digo para parecer bem, para ganhar indulgências entre a outra metade da humanidade. Se o digo é simplesmente porque o penso: perante a dor, perante o sofrimento, elas são muito mais valentes que nós. A criança que chora e se lastima por ter esfolado um joelho continua a existir no homem mesmo que passem muitos anos, e quantos mais passem, mais essa presença se notará, a mulher meteu-lhe uma decidida chupeta na boca e, se a não conseguiu calar de todo,

Patricia Kolesnicov è giornalista e argentina, più giornalista che argentina secondo me, ma queste sono piccole idee da letterato, mettere la professione prima della nazionalità come se si sostituisse un mondo con un altro. Qualche anno fa le è comparso un cancro al seno che ha affrontato con il coraggio di cui solo una donna è capace. Non lo dico per fare bella figura, per guadagnare indulgenze presso l'altra metà dell'umanità. Se lo dico è semplicemente perché lo penso: davanti al dolore, davanti alla sofferenza, loro sono molto più valenti di noi. Il bambino che piange e si lamenta per essersi sbucciato un ginocchio continua a esistere tra gli uomini e più passano gli anni, e tanti ne passeranno, e sempre più si noterà questa presenza, la donna gli ha messo un ciuccio in bocca e, se non è riuscita a zittirlo totalmente,

ao menos aplicou uma surdina aos seus queixumes, que os tornará relativamente suportáveis a ouvidos e sensibilidades alheias. O homem exhibe, a mulher não quer que se note.

Quando o cancro foi vencido, Patricia escreveu um livro a que pôs o título de “Biografia do meu cancro”. Não gostei e disse-lho, mas ela não me fez caso. O livro (publicado também em Portugal, na Caminho) traça sem complacências um percurso duríssimo e, talvez para honrar a palavra daqueles que afirmam existir um humor judeu particular (Patrícia é judia), o relato, que noutras mãos seria grave, inquietante, inclusive assustador, desperta frequentemente em nós um sorriso cúmplice, uma súbita risada, uma irreprimível gargalhada. Com um pouco mais Patricia Kolesnicov tornar-se-ia mestra do paradoxo e do mais negro dos humores.

quantomeno ha applicato una sordina ai suoi lamenti, che li renderà relativamente sopportabili alle orecchie e sensibilità altrui. L'uomo esibisce, la donna non vuole che si noti.

Quando ha sconfitto il cancro, Patrícia ha scritto un libro cui ha messo il titolo “Biografia del mio cancro”. Non mi è piaciuto e gliel’ho detto, ma lei non mi ha dato retta. Il libro (pubblicato anche in Portogallo, per la Caminho) traccia senza compiacenze un percorso durissimo e, forse anche per onorare quelli che affermano esserci un particolare senso dell’umorismo ebraico (Patrícia è ebrea), il racconto, che in mani altrui sarebbe stato pesante, inquietante, anche spaventoso, molto spesso risveglia in noi un sorriso complice, una risata improvvisa, una irreprimibile gargagliata. Ancora un po’ e Patrícia Kolesnicov diventerà maestra del paradosso e del più nero degli umorismi.

Patricia acaba de recuperar os direitos sobre a sua obra e não lhe ocorreu melhor ideia que pô-la na internet para uso, disfrute e lição de toda a gente. Leiam-na e agradeçam-lhe. E, já agora, agradeçam-me também a mim que sou seu amigo e escrevi estas palavras justas, mínimas para o que ela mereceria, mas que outros (os seus leitores) farão crescer pela via do respeito e da admiração. Pela coragem.

Patricia ha appena finito di recuperare i diritti sulla sua opera e non poteva avere idea migliore che metterla su internet con accesso libero, diletto e lezione per tutti. Leggetelo e ringraziatela. E, già che ci siamo, ringraziate anche me che sono suo amico e ho scritto queste giuste parole, il minimo rispetto a quello che lei meriterebbe, e che gli altri (i lettori) faranno crescere attraverso il rispetto e l'ammirazione. Per il coraggio.

## ***Torturas – Maio 11, 2009***

Que eu saiba (mas eu sei muito pouco) nenhum animal tortura outro animal e menos ainda um semelhante seu. É certo que se diz que o gato sente prazer e se diverte à grande, a atormentar o rato que acabou de lhe cair nas unhas e que só virá a devorar depois de lhe haver moído bem as carnes numa forma particular de maceração, mas os entendidos nestas matérias (não sei se os entendidos em gatos ou em ratos) afirmam que o felino, como um requintado “gourmet” sempre à procura das cinco estrelas cinco, está simplesmente a melhorar o sabor do manjar por via de um inevitável rompimento da vesícula biliar do roedor. Sendo a natureza tão vária e diversa, tudo é possível. Menos diversa e vária, ao contrário do que geralmente se crê, é a natureza humana.

Che io sappia (ma io so molto poco) nessun animale tortura un altro animale tantomeno se suo simile. É vero quel che si dice sul gatto che sente piacere e si diverte alla grande a tormentare il topo che è finito tra le sue grinfie e che divorerà soltanto dopo avergli schiacciato bene le carni utilizzando un particolare metodo per la macerazione, ma gli esperti nel settore (non so se gli esperti di gatti o di topi) affermano che il felino come un raffinato “gourmet” è sempre alla ricerca delle cinque stelle, sta, quindi, soltanto migliorando il sapore del cibo tramite una inevitabile rottura della sacca biliare del roditore. Essendo la natura così varia e diversa, tutto è possibile. Meno diversa e varia, al contrario di quello che generalmente si crede, è la natura umana.

Torturou no passado, tortura hoje e, não tenhamos dúvidas, continuará a torturar por todos os tempos futuros, começando pelos animais, todos eles, estejam domesticados ou não, e terminando na sua própria espécie, com cujas agonias especialmente se deleita.

Para aqueles que teimam na existência de algo a que, com os olhos em alvo, se atrevem a chamar bondade humana, a lição é dura e muito capaz de lhes fazer perder algumas das suas queridas ilusões. Acaba de ser trazido ao conhecimento da opinião pública um dos mais demenciais casos de tortura que poderíamos imaginar. O torturador é um irmão do emir de Abu Dhabi e presidente dos Emiratos Árabes Unidos, um dos países mais ricos do mundo, grande exportador de petróleo.

Ha torturato in passato, tortura oggi e, senza dubbio alcuno, continuerà a torturare per tutti i tempi che verranno, a cominciare dagli animali, tutti, addomesticati e non, per finire con la sua stessa specie, con le cui agonie si diletta particolarmente.

Per quelli che si ostinano a credere nell'esistenza di qualcosa che, con occhi puri, arrivano a chiamare bontà umana, la lezione è dura e capace di distruggere alcune delle loro care illusioni. È stato appena divulgato presso l'opinione pubblica uno dei più demenziali casi di tortura che si possano immaginare. Il torturatore è un fratello dell'emiro di Abu Dhabi e presidente degli Emirati Arabi Uniti, uno dei paesi più ricchi del mondo, grande esportatore di petrolio.



O infeliz torturado foi um comerciante afegão acusado de ter perdido um carregamento de cereais no valor de 4000 euros que o xeque Al Nayan (este é o nome da besta) havia adquirido.

O que se passou conta-se em poucas palavras, já que um relato completo exigiria um livro de muitas páginas. A gravação do vídeo, de 45 minutos, mostra um homem de chilaba branca golpeando os testículos da vítima com uma agulhada eléctrica, dessas que se usam para tocar o gado, que depois lhe introduz no ânus. A seguir verte-lhe sobre os testículos o conteúdo de um isqueiro e pega-lhes fogo, lançando depois sal sobre a carne queimada. Para rematar, atropela várias vezes o desgraçado com um carro todo-o-terreno. No vídeo pode ouvir-se os ossos a partirem-se. Como se vê, um simples capítulo mais da ilimitada crueldade humana.

L'infelice torturato era un commerciante afgano accusato di aver perso un carico di cereali per un valore di 4000 euro che lo sceicco Al Nayan (è questo il nome della bestia) aveva richiesto.

Quello che è successo si racconta in poche parole, giacchè una cronaca completa richiederebbe un libro di molte pagine. La registrazione video, di 45 minuti, mostra un uomo in tunica bianca mentre colpisce i testicoli della vittima con una frusta sfollagente elettrica, di quelle che si usano per smuovere la mandria, che in seguito gli introduce nell'ano. In seguito versa sui testicoli il contenuto di una accendino e gli dà fuoco, lanciando poi del sale sulla carne bruciata. Per concludere, investe varie volte il disgraziato con una jeep. Nel video si possono sentire le ossa rompersi. Come vedete, ancora un capitolo dell'illimitata crudeltà umana.

Se Alá não toma conta da sua gente, isto vai acabar mal. Já tínhamos a Bíblia como manual do perfeito criminoso, agora é a vez do Corão, que o xeque Al Nayan reza todos os dias.

Se Allah non si occupa della sua gente, finirà male. Già abbiamo avuto la Bibbia come manuale del perfetto criminale, adesso è il turno del Corano, su cui lo sceicco Al Nayan prega ogni giorno.

## ***A feira – Maio 8, 2009***

Este ano não irei à Feira do Livro de Lisboa. Que não é como a de Frankfurt, ou a de Guadalajara, no México, nem sequer como a de Madrid, mas que é a nossa e está num lugar bonito, onde antes havia uma colina e agora menos, porque a fúria urbanística reduziu encostas, mas ainda assim vê-se o rio ao fundo, e há uma bela imagem da cidade pombalina, a que ia ser moderna e racional e o foi, basta passear por ela para ver que a razão esteve presente quando se desenhou, embora logo tivessem vindo outros que preferiram o obscurantismo às luzes e quase deram cabo dela.

Dizem-me que faz bom tempo e que a Feira este ano está mais animada, como se por esse mundo fora não lavrassem coisas terríveis, crise, pobreza, depressão.

Quest'anno non andrò alla Fiera del Libro di Lisbona. Che non è come quella di Francoforte, o di Gualajara, in Messico, né tantomeno come quella di Madrid, è la nostra e si trova in un bel posto, dove prima c'era una collina e adesso ce n'è un po' meno, perché la furia urbanistica ha ridotto i declivi, ma anche così si vede il fiume in lontananza, è c'è un bel panorama sulla città pombalina, quella che doveva essere moderna e razionale e lo è stata, basta passeggiarci dentro per capire che quando è stata disegnata la ragione era presente, nonostante in seguito sono venuti altri che preferivano l'oscurantismo alle luci e che l'hanno quasi distrutta.

Mi dicono che c'è bel tempo e che la Fiera quest'anno è più viva, come se il mondo non la circondasse di cose terribili, crisi, povertà, depressione.

Diz-se que em épocas de crise se lê mais, e parece que os contabilistas comprovam esta afirmação. A mim agrada-me pensar que em épocas de crise as pessoas querem saber por que chegámos a isto e acercam-se aos livros como se estes fossem fontes de água fresca e os leitores gente sedenta.

Gosto da Feira do Livro. Gosto de estar horas sentado assinando exemplares de pessoas que chegam com um recado, em geral discreto. Gosto de levantar os olhos e ver as pessoas circulando entre os pavilhões, talvez procurando o ser humano que os livros levam dentro. Gosto do calor da primeira parte da tarde e da frescura que virá depois, sinto que certo lirismo me percorre o corpo, em mim que não sou lírico, mas sentimental.

Si dice che in periodo di crisi si legge si più, e sembra che i contabili abbiano verificato questa affermazione. A me piace pensare che in periodo di crisi la gente vuole sapere perché ci si sia arrivati e si avvicinano ai libri come se questi fossero sorgenti di acqua fresca e i lettori gente assetata.

Mi piace la Fiera del Libro. Mi piace stare seduto per ore firmando copie di persone che arrivano con un messaggio, generalmente discreto. Mi piace alzare gli occhi e vedere le persone che camminano tra i padiglioni, forse cercando l'essere umano che i libri li porta dentro. Mi piace il calore del primo pomeriggio e la freschezza che arriverà dopo, sento che un certo lirismo mi attraversa il corpo, a me che non sono lirico, ma sentimentale.

E penso que os livros são bons para a saúde, e também para o espírito, e que nos levam a ser poetas ou a ser cientistas, a entender de estrelas ou encontrá-las no interior da vontade de certas personagens, essas que às vezes, algumas tardes, se escapam das páginas e vão passear entre os humanos, talvez mais humanas elas.

Sinto muito não poder estar este ano em Lisboa, na Feira do Livro.

E penso che i libri facciano bene alla salute, e anche allo spirito, e che ti portano a essere poeti o scienziati, a capirne di stelle o a trovarle nella volontà interiore di certi personaggi, questi che, alla volte, alcuni pomeriggi, fuggono dalle pagine e passeggiano tra gli umani, forse più umani di loro stessi.

Mi dispiace molto di non poter essere quest'anno a Lisbona, per la Fiera del Libro.

## ***Homem novo – Maio 7, 2009***

Culturalmente, é mais fácil mobilizar os homens para a guerra que para a paz. Ao longo da história, a Humanidade sempre foi levada a considerar a guerra como o meio mais eficaz de resolução de conflitos, e sempre os que governaram se serviram dos breves intervalos de paz para a preparação das guerras futuras. Mas foi sempre em nome da paz que todas as guerras foram declaradas. É sempre para que amanhã vivam pacificamente os filhos que hoje são sacrificados os pais...

Isto se diz, isto se escreve, isto se faz acreditar, por saber-se que o homem, ainda que historicamente educado para a guerra, transporta no seu espírito um permanente anseio de paz. Daí que ela seja usada muitas vezes como meio de chantagem moral por aqueles que querem a guerra:

Culturalmente, è più facile spingere gli uomini alla guerra che alla pace. Nel corso della storia, l'Umanità è sempre stata portata a considerare la guerra come il mezzo più efficace per la risoluzione dei conflitti, e da sempre coloro che governano hanno utilizzato i brevi intervalli di pace per preparare le guerre future. Ma è sempre stato in nome della pace che sono state dichiarate tutte le guerre. É sempre per garantire un domani di pace ai figli che oggi vengono sacrificati i genitori...

Questo si dice, questo si scrive, questo si fa credere, affinché si sappia che l'uomo, nonostante sia storicamente educato alla guerra, porta nel suo spirito un costante bisogno di pace. Per questo la si usa molte volte come mezzo di ricatto morale verso quelli che vogliono la guerra:

ninguém ousaria confessar que faz a guerra pela guerra, jura-se, sim, que se faz a guerra pela paz. Por isso todos os dias e em todas as partes do mundo continua a ser possível partirem homens para a guerra, continua a ser possível ir ela destruí-los nas suas próprias casas.

Falei de cultura. Porventura serei mais claro se falar de revolução cultural, embora saibamos que se trata de uma expressão desgastada, muitas vezes perdida em projectos que a desnaturaram, consumida em contradições, extraviada em aventuras que acabaram por servir interesses que lhe eram radicalmente contrários. No entanto, essas agitações nem sempre foram vãs. Abriram-se espaços, alargaram-se horizontes, ainda que me pareça que já é mais do que tempo de compreender e proclamar que a única revolução realmente digna de tal nome seria a revolução da paz,

nessuno oserebbe mai confessare che fa la guerra per la guerra, giurano, invece, di fare la guerra per la pace. Per questo tutti i giorni e in tutte le parti del mondo è ancora possibile che uomini partano per la guerra, continua a essere possibile che lei vada a distruggerli nelle loro case.

Ho parlato di cultura. Forse sarei più chiaro se parlassi di rivoluzione culturale, anche se sappiamo trattarsi di una espressione logora, molte volte persa in progetti che l'hanno snaturata, consumata in contraddizioni, sviata per intraprendere avventure che hanno finito per servire gli interessi radicalmente opposti a lei. Nel frattempo, queste agitazioni non sempre sono state vane. Si sono aperti spazi, allargati gli orizzonti, nonostante mi sembri che oramai è più che tempo per comprendere e proclamare che l'unica rivoluzione veramente degna di questo nome sarebbe la rivoluzione della pace,

aquela que transformaria o homem treinado para a guerra em homem educado para a paz porque pela paz haveria sido educado. Essa, sim, seria a grande revolução mental, e portanto cultural, da Humanidade. Esse seria, finalmente, o tão falado homem novo.

quella che trasformerebbe l'uomo portato in guerra in uomo educato alla pace perchè per la pace sarebbe educato. Questa, sì, sarebbe la grande rivoluzione mentale, e quindi culturale, dell'Umanità. Questo sarebbe, infine, il tanto annunciato uomo nuovo.



## ***Santo da casa – Maio 5, 2009***

O refrão diz que santos da casa não fazem milagres, salvo que a igreja venha um dia afirmar o contrário, que sim senhor os fazem, a dificuldade só está em documentá-los, em reunir testemunhos bastantes e crer na fiabilidade deles. Ao que parece, Nuno Álvares Pereira, até há pouco tempo Beato de Santa Maria para a igreja católica, fez um milagre na vida, um único, mas mais do que suficiente para o elevar à suprema dignidade dos altares, como o acaba agora mesmo de decidir o papa Ratzinger, para quem, pela amostra, qualquer milagre serve. A uma mulher que estava fritando peixe (seria peixe?) saltou-lhe uma gotícula de azeite fervente para um olho, causando-lhe uma chaga, uma úlcera ou algo deste jaez, com sofrimento e risco de perder a visão do dito olho. A mulher invocou o auxílio do Beato de Santa Maria

Dice il proverbio che tutti i santi non fanno miracoli, a meno che la chiesa non venga un giorno a dirci il contrario, che sì, li fanno, la difficoltà sta solo nel documentarli, nel riunire abbastanza testimoni e credere nella loro attendibilità. A quanto pare, Nuno Álvares Pereira, fino a poco tempo fa Beato di Santa Maria per la chiesa cattolica, in vita sua fece un miracolo, uno solo, ma più che sufficiente per elevarlo alla suprema dignità degli altari, come ha appena deciso papa Ratzinger, secondo cui, come vetrina, qualsiasi miracolo è utile. A una donna che stava friggendo pesce (era pesce?) gli schizzò una gocciolina di olio bollente in un occhio, causandole una lesione, un'ulcera o qualcosa di questo tipo, con grande sofferenza e rischiando di perdere la vista dell'occhio in questione. La donna invocò l'aiuto del Beato di Santa Maria

e a ferida não tardou a fechar. Isto é o que pôde ser deduzido das informações coligidas pela comissão vaticanal encarregada de averiguar a limpeza das candidaturas. Resultado, temos mais um santo português na estatística do céu.

Nuno Álvares Pereira, o Condestável, foi sempre uma pedra básica na educação dos portugueses, mormente nas classes primárias da escola, em que se forjavam o espírito cívico e o sentimento patriótico dos futuros cidadãos. Bons tempos aqueles. Guerreiro invencível (recordemos Atoleiros e Aljubarrota), espelho de virtudes, exemplo sublime de dedicação à pátria e de fidelidade absoluta ao seu rei, um Portugal todo feito de Nunos Álvares seria o assombro do universo, não teríamos que esperar o Quinto Império anunciado pelo Padre António Vieira nem o cumprimento das profecias do sapateiro Bandarra.

e la ferita si rimarginò in poco tempo. Questo è quello che si può dedurre dalle informazioni raccolte dalla commissione vaticana incaricata di verificare l'attendibilità delle candidature. Risultato, abbiamo un altro santo portoghese nelle statistiche del cielo.

Nuno Álvares Pereira, il Connestabile, è sempre stato una pietra miliare dell'educazione dei portoghesi, soprattutto alle scuole elementari, in cui si forgiava il senso civico e il sentimento patriottico dei futuri cittadini. Bei tempi quelli. Guerriero invincibile (ricordiamo Atoleiros e Aljubarrota), modello di virtù, esempio sublime di dedizione alla patria e di totale fedeltà al suo re, un Portogallo fatto solo di Nunos Álvares sarebbe la meraviglia dell'universo, non dovremmo aspettare il Quinto Impero annunciato da Padre António Vieira né tanto meno che si compiano le profezie del calzolaio Bandarra.

Há porém na vida deste varão impoluto uma nódoa inapagável sobre a qual piedosamente costumamos passar os olhos quando não simplesmente os desviamos. Nuno Álvares Pereira era um homem rico, riquíssimo. Graças à liberalidade e à gratidão de D. João I pelos serviços por ele prestados, foi acumulando bens e domínios ao longo da vida, ao ponto de possuir mais terras que qualquer outro fidalgo do tempo, incluindo, por extraordinário que pareça, a própria casa real. Durou isto até ao dia em que D. João I compreendeu que por aquele andar iria ficar sem país. Se fosse hoje, haveria expropriado, mas não encontrou melhor solução que comprar o que havia dado, a Nuno Álvares Pereira, sim, mas também, a Martim Vasques da Cunha, João Fernandes Pacheco, ao irmão deste, Lobo Fernandes, Egas Coelho, João Gomes da Silva e outros. Foi notória a contrariedade do Condestável.

C'è pero nella vita di quest'uomo immacolato una macchia indelebile sulla quale pietosamente di solito non posiamo lo sguardo o semplicemente lo distogliamo. Nuno Álvares Pereira era un uomo ricco, ricchissimo. Grazie alla liberalità e alla gratitudine di D. João I per i servigi prestati, accumulò beni e domini nel corso della vita, al punto di possedere più terre di qualsiasi altro fidalgo di quel tempo, compreso, per quanto straordinario possa apparire, la casa reale stessa. Tutto questo durò fino a quanto un giorno D. João I capì se continuava così sarebbe rimasto senza paese. Se fosse successo ai nostri tempi, avrebbe espropriato, ma non trovò soluzione migliore di comprare quello che aveva dato, da Nuno Álvares Pereira, sì, ma anche da Martim Vasques da Cunha, João Fernandes Pacheco, a suo fratello, Lobo Fernandes, Egas Coelho, João Gomes da Silva e altri. Fu memorabile la contrarietà del Connestabile.

Tendo ido a Estremoz mandou chamar, como conta Fernão Lopes, “algumas gentes, assim aqueles que o na guerra serviam como de outros criados e amigos, e foram hi juntos soma deles, com os quais o Conde falou, dizendo como el-Rei havia por seu serviço de lhe tirar parte das terras que lhe dado tinha, por a qual razão se ele não podia suportar como a sua honra pertencia com as que lhe de ficar houvessem: e que por isso se queria ir fora do reino a buscar sua vida, guardando sempre o serviço de el-Rei...” A ideia não foi por diante, o sangue não chegou ao rio, Nuno Álvares Pereira não saiu de Portugal, mas para a História ficou um mistério: em que estava a pensar o Condestável quando disse que, mesmo na “emigração” (onde? para quê? com quem?), guardaria sempre o serviço de el-Rei?

Essendo andato a Estremoz mandò a chiamare, come ci racconta Fernão Lopes, “alcune persone, sia quelli che lo servivano in guerra sia altri servi e amici, andarono lì insieme, con loro il Conte parlò, raccontando di come el-Rei come ringraziamento per il suo servizio gli toglieva parte delle terre che gli aveva donato, per questo motivo il suo onore non poteva sopportare di valere le terre che gli fossero rimaste: e che per questo sarebbe andato via dal regno alla ricerca della sua vita, restando sempre al servizio de el-Rei...” L’idea non ebbe seguito, il sangue non arrivò al fiume, Nuno Álvares Pereira non uscì dal Portogallo, ma per la Storia rimase un mistero: a cosa pensava il Condestabile quando disse che, anche nell’emigrazione” (dove? per cosa? con chi?), sarebbe sempre rimasto al servizio de el-Rei?

Fernão Lopes nada mais diz e a nós, apesar de tudo, repugna-nos a ideia de que Nun'Álvares fosse oferecer os seus préstimos aos castelhanos... Ainda assim, há algo de suspeito no facto de o papa, ao anunciar a canonização, ter dito Nuno Álvarez...

Fernão Lopes non dice nulla di più e a noi, nonostante tutto, l'idea che Nun'Álvares andasse a presatre i suoi servigi ai castigliani ci ripugna... Anche così però, c'è qualcosa di sospetto nel fatto che il papa, annunciando la canonizzazione, abbia detto Nuno Álvarez...

## ***Benedetti – Maio 4, 2009***

O susto foi grande, Mario Benedetti estava no hospital e o seu estado era considerado grave. Ángel González foi-se-nos quase sem aviso, numa fria madrugada de Janeiro. Que agora fosse a vida de Benedetti a estar em perigo lá no seu distante Montevideu era algo que a preocupação aqui despertada não se resignava a aceitar. E, contudo, nada podíamos fazer. Enviar telegramas, à antiga usança? Mandar recados por algum amigo? Rezar uma oração pelo seu pronto restabelecimento, se com isso não fôssemos provocar a ira laica de Mario? Pilar encontrou a solução. Que era em verdade Mario Benedetti, que havia sido ele em toda a sua vida, muito mais que as múltiplas profissões exercidas? Poeta.

Lo spavento è stato grande, Mario Benedetti era in ospedale e le sue condizioni erano considerate gravi. Ángel González se ne è andato quasi senza avvisare, in una fredda alba di Gennaio. Il fatto che adesso fosse in pericolo la vita di Benedetti là nella sua lontana Montevideo era qualcosa che la preoccupazione qui suscitata non si rassegnava ad accettare. Nonostante ciò, non potevamo fare niente. Inviare un telegramma, come si usava una volta? Mandare un regalo tramite qualche amico? Recitare una preghiera perchè si riprenda subito, se questo non provocasse l'ira laica di Mario? Pilar ha trovato una soluzione. Cosa era Mario Benedetti in realtà, cosa era stato per tutta la sua vita, molto più che tutte le professioni esercitate? Poeta.

Então arranquemos os seus poemas à imobilidade da página e façamos com eles uma nuvem de palavras, de sons, de música, que atravesse o mar atlântico (as palavras, os sons, a música de Benedetti) e se detenha, como uma orquestra protectora, diante da janela que está proibido abrir, embalando-lhe o sono e fazendo-o sorrir ao despertar. Aos médicos alguma coisa se ficou a dever, reconhecamo-lo, mas nós, todos os que ao redor do mundo demos a nossa contribuição pessoal, juntando poemas de Benedetti aos poemas de Benedetti, tivemos também a nossa parte no trabalho. Mario Benedetti está melhor. Leiamos então um poema dele.

Allora strappiamo le sue poesie all'immobilità della pagina e facciamone una nuvola di parole, di suoni, di musica, che attraversi l'oceano atlantico (le parole, i suoni, la musica di Benedetti) e si fermi, come un'orchestra protettrice, davanti alla finestra che è proibito aprire, avvolgendogli il sonno e facendolo sorridere al suo risveglio. Ai medici bisogna riconoscere qualcosa, ammettiamolo, ma anche noi, tutti quelli che da ogni parte del mondo hanno dato il proprio contributo personale, unendo poesie di Benedetti con poesie di Benedetti, abbiamo fatto la nostra parte. Mario Benedetti sta meglio. Leggiamoci quindi una sua poesia.



Um exemplo desta música. Vem de Argentina.

Cadena de poesía por Benedetti

La idea salió de la cabeza primero, de la máquina de Pilar del Río (la mujer de Saramago) después.

Poesía por la salud de Mario Benedetti, que está internado, pasando un momento muy muy difícil.

Es una especie de cadena de oración laica, aunque Benedetti, invoca a Dios en el poema que se envía.



"Vamos a rodear a Benedetti", dice Pilar en privado.

El mail que circula dice sencillamente:

Mario Benedetti está pasando horas malas. Hemos pensado que podíamos ponernos a leer sus poemas por todo el mundo y así ayudarlo en este momento. Un poema, por si no tenéis algún libro suyo a mano. Y por si queréis pasarlo a otros amigos.

Y adjunta:

HASTA MAÑANA

Voy a cerrar los ojos en voz baja voy a meterme a tuestas en el sueño.

En este instante el odio no trabaja

para la muerte, que es su pobre dueño la voluntad suspende su

latido y yo me siento lejos, tan pequeño que a Dios invoco, pero no le pido nada, con tal de

compartir apenas este universo que hemos conseguido por las malas y a veces por las buenas.

¿Por qué el mundo soñado no es el mismo que este mundo de muerte  
a manos llenas?

Mi pesadilla es siempre el optimismo:

me duermo débil, sueño que soy fuerte, pero el futuro aguarda. Es  
un abismo.

No me lo digan cuando me despierte.

DOMINGO 17, TRAS EL ANUNCIO DE LA MUERTE DE MARIO BENEDETTI, INVITAMOS A DEJAR  
SUS MENSAJES AQUI. GRACIAS

## ***Expulsão – Maio 2, 2009***

Espero que a estas horas os agressores de Vital Moreira já tenham sido identificados. Quem são eles, afinal? Que foi que os levou a um procedimento em todos os aspectos repulsivo? Que ligações partidárias são as suas? Sem dúvida a resposta mais elucidativa será a que vier a ser dada à última pergunta. A Vital Moreira chamaram-lhe “traidor”, e isto, queira-se ou não se queira, é bastante claro para que o tomemos como o cordão umbilical que liga o desprezível episódio do desfile do 1º de Maio à saída de Vital Moreira do Partido Comunista há vinte anos. Neste momento estamos assistir a algo já conhecido, toda a gente, com a mais clara falta de sinceridade, a pedir desculpa a toda a gente ou a exigir, como vestais ofendidas, que outros se desculpem.

Spero che a quest'ora gli aggressori di Vital Moreira siano già stati identificati. Chi sono loro, alla fine? Cosa li ha portati a un gesto sotto tutti i punti di vista rivoltante? Quali legami partitari hanno? Senza dubbio la risposta più esplicativa sarà quella data all'ultima domanda. Vital Moreira è stato chiamato “traditore”, e questo, si voglia o no, è abbastanza perché si riconosca in esso il cordone ombelicale che lega lo spregevole episodio al corteo del 1º Maggio all'uscita, vent'anni fa, di Vital Moreira dal Partito Comunista. In questo momento stiamo assistendo a un qualcosa di già visto, tutti, con la più evidente mancanza di sincerità, a chiedere scusa a tutti o a pretendere, come vestali offese, che altri si scusino.

De repente, ninguém parece interessado em saber quem foram os agressores, dignos continuadores daqueles célebres caceteiros que exerceram uma importante actividade política pela via da cachaporra em épocas passadas. Não tanto por contrariar, mas por uma questão de higiene mental, gostaria eu de saber que relação orgânica existe (se existe) entre os agressores e o partido de que sou militante há quarenta anos. São militantes também eles? São meros simpatizantes? Se são apenas simpatizantes, o partido nada poderá contra eles, mas, se são militantes, sim, poderá. Por exemplo, expulsá-los. Que diz a esta ideia o secretário-geral? Serão provocadores alheios à política, desesperados por sofrerem esta crise e que pensam que o inimigo é o PS e o candidato independente às eleições europeias?... Não se pode simplificar tanto, nem na rua nem nos gabinetes.

All'improvviso nessuno sembra essere interessato a sapere chi fossero gli aggressori, degni successori di quei celebri briganti che esercitavano un'importante attività politica col metodo del manganello in epoche passate. Non tanto per opporsi, ma per una questione di igiene mentale, mi piacerebbe sapere quale relazione organica esiste (se esiste) tra gli aggressori e il partito in cui milito da quarant'anni. Sono militanti anche loro? sono meri simpatizzanti? se sono solo simpatizzanti, il partito non potrà nulla contro di loro, ma, se sono militanti, sì, potrà. Un esempio, espellerli. Che ne dice di quest'idea il segretario generale? saranno provocatori esterni alla politica, esasperati da questa crisi e che pensano che il nemico sia il PS e il candidato indipendente alle elezioni europee?... non si può semplificare così tanto, né per la strada né negli uffici.

Embora o tenham incluído na lista dos candidatos, o Prémio Nobel de Literatura nunca se encontrará com o seu amigo Vital Moreira no Parlamento Europeu. Dir-se-á que a culpa é sua, pois sempre quis ir em lugar não elegível, mas também se deverá dizer que sobre ele em nenhum momento se exerceu a mínima pressão para que não fosse assim. Nem sequer a Assembleia da República pôde conhecer os meus brilhantes dotes oratórios... Não me queixo, mais tempo tive para os meus livros, mas o que é, é, e alguma explicação terá. Que espero que não seja por me considerarem a mim também traidor, pois embora militante disciplinado, nem sempre estive de acordo com decisões políticas do meu partido. Como, por exemplo, apresentar listas separadas para a Câmara de Lisboa, que, pelos vistos, vamos entregar a Santana Lopes,

Nonostante sia stato incluso nella lista dei candidati, il Premio Nobel per la Letteratura non incontrerà mai il suo amico Vital Moreira nel Parlamento Europeo. Si dirà che è colpa sua, perché ha voluto sempre andare in posti non eleggibili, ma si dovrebbe anche dire che mai su di lui è stata esercitata nessuna pressione affinché non fosse così. Nemmeno l'Assemblea della Repubblica ha potuto riconoscere le mie brillanti doti oratorie... Non mi lamento, ho avuto più tempo per i miei libri, ma quello che è, è, e qualche motivo ci sarà. Che spero non sia quella di considerare anche me un traditore, visto che nonostante sia stato un militante disciplinato, non sempre sono stato d'accordo con le decisioni politiche del mio partito. Come, per esempio, presentare liste separate per il Comune di Lisbona, che, a quanto pare, consegneremo a Santana Lopes,

isso sim, sem que ninguém tenha perdido a virgindade do pacto municipal. Apetece dizer “Deus nos valha”, porque nós parecemos incapazes.

questo sì, senza che nessuno abbia perso la verginità del patto municipale. Viene voglia di dire “ci giudichi Dio”, perché noi sembriamo non esserne capaci.

## ***Javier Ortiz – Maio 1, 2009***

Mais um que se foi. Quando as circunstâncias me trouxeram a esta ilha africana para nela viver em alternância com largas temporadas em Lisboa, não demorei muito a conhecer, por intermédio de Pilar, alguns jornalistas que me impressionaram por o serem de um modo bastante diferente daquele ou daqueles a que me havia habituado no meu país. Foram eles Manuel Vincent, Raul del Pozo, Juan José Millás e Javier Ortiz. Alta qualidade literária, rara argúcia de espírito, sentido de humor em altíssimo grau, eis o que os caracterizava e ainda caracteriza a todos, excepto Javier Ortiz, que acaba de morrer. Dos quatro, Javier sempre foi o mais politicamente activo. Homem de esquerda que nunca ocultou ou suavizou as suas ideias, cometeu o prodígio de manter a mais firme das posturas ideológicas quando, sendo ainda jornalista de El Mundo,

Un altro se ne è andato. Quando le circostanze mi portarono in quest'isola africana per viverci alternando lunghi soggiorni a Lisbona, non ci misi tanto tempo a conoscere, grazie a Pilar, alcuni giornalisti che mi avevano impressionato per il loro modo di esserlo in maniera abbastanza diversa rispetto a quello o quelli a cui ero abituato nel mio paese. Erano Manuel Vincent, Raul del Pozo, Juan José Millás e Javier Ortiz. Alta qualità letteraria, rara arguzia di spirito, altissimo livello di senso dell'umorismo, ecco ciò che li caratterizzava e che ancora li caratterizza, eccetto Javier Ortiz, che è appena morto. Dei quattro, Javier è sempre stato quello più attivo politicamente. Uomo di sinistra che non ha mai nascosto o mitigato le sue idee, è riuscito nel prodigio di mantenere la più ferma postura ideologica quando, ancora giornalista de El Mundo,

foi o único a contrariar, sem qualquer concessão oportunista, a deriva direitista de um jornal que o seu director, Pedro J. Ramírez, havia feito cair nos amorosos braços de José Maria Aznar. Agora morreu, não terá mais resposta a pergunta que regularmente fazíamos: “Que terá dito Javier Ortiz?”.

As nossas relações tiveram um momento particular afortunado quando lhe dei uma entrevista que viria a ser publicada, também com textos de Noam Chomsky, James Petras, Edward W. Said, Alberto Piris e Antoni Segura, num livro por ele editado, Palestina existe! (Editorial Foca) Recém-chegado eu de Israel, onde havia deixado um rasto de escândalo político e tendo de partir para os Estados Unidos, onde iria apresentar um livro e dar algumas conferências, a nossa entrevista foi, toda ela, feita por e-mail, sobrevoando o Atlântico e o continente norte-americano,

fu l'unico a opporsi, senza nessuna concessione oportunista, alla deriva a destra di un giornale che il suo direttore, Pedro J. Ramirez, aveva fatto cadere tra le braccia di José Maria Aznar. Adesso è morto, non ci sarà più risposta alla domanda che regolarmente ci ponevamo: “Cosa avrà detto Javier Ortiz?”

Le nostre relazioni hanno vissuto un momento particolarmente fortunato quando gli rilasciai un'intervista che sarebbe stata pubblicata, anche con testi di Noam Chomsky, James Petras, Edward W. Said, Alberto Piris e Antoni Segura, in un libro di cui lui era anche editore, Palestina esiste! (Editorial Foca). Io ero appena tornato da Israele, dove avevo lasciato una scia di scandalo politico e stavo per partire per gli Stati Uniti, dove avrei dovuto presentare un libro e dare alcune conferenze, la nostra intervista è stata fatta tutta via e-mail, sorvolando l'Atlantico e il continente nord-americano,

de costa a costa. Conheci então melhor Javier Ortiz, a sua inteligência, o brilho da sua dialéctica, e, o melhor de tudo, a sua qualidade humana. Muitos não sabem que Javier escreveu o seu obituário, um texto supremamente irónico e desmitificador, digno de ser publicado em todos os jornais. É pena que não se faça. Seria o momento de lhe dedicarmos um último sorriso, este que tenho na cara e que, de alguma maneira, está negando a sua morte.

## OBITUARIO

Javier Ortiz, columnista

Falleció ayer de parada cardio-respiratoria el escritor y periodista Javier Ortiz. Es algo que él mismo, autor de estas líneas, sabía muy bien que sucedería, y que por eso pudo pronosticar,

da costa a costa. In quell'occasione ho conosciuto meglio Javier Ortiz, la sua intelligenza, la brillantezza della sua dialettica, e, la cosa migliore, la sua qualità umana. Molti non sanno che Javier ha scritto il suo necrologio, un testo estremamente ironico e demistificatore, degno di essere pubblicato su tutti i giornali. É triste che non lo si faccia. sarebbe il momento di dedicargli un ultimo sorriso, questo che ho adesso sul viso e che, in qualche modo, sta negando la sua morte.

## NECROLOGIO Javier Ortiz, giornalista

(testo tradotto dallo spagnolo per questo blog da Roberto Locafaro)

Ieri è venuto a mancare per arresto cardio-respiratorio lo scrittore e giornalista Javier Ortiz. È qualcosa che egli stesso, autore di queste righe, sapeva molto bene che sarebbe successo, e che per questo lo ha potuto pronosticare,



porque no hay nada más inevitable que morir de parada cardio-respiratoria.

Si sigues respirando y el corazón te late, no te dan por muerto.

Así que en éstas estamos (bueno, él ya no). Javier Ortiz fue el sexto hijo de una maestra de Irún, María Estévez Sáez, y de un gestor administrativo madrileño, José María Ortiz Crouselles. Sus abuelos fueron, respectivamente, un señor de Granada con aspecto de policía -lo que tal vez se justifique considerando el hecho de que era policía-, una señora muy agradable y culta con allure y apellido del Rosellón, un honrado y discreto carabinero orensano con habilidades de pendolista y una viuda de Haro casada en segundas nupcias con el recién mencionado, Javier Estévez Cartelle, del que se derivó el nombre de pila de nuestro recién difunto.

perché non c'è niente di più inevitabile che morire di arresto cardio-respiratorio. Se continui a respirare e il cuore ti batte, non ti danno per morto.

In ogni modo siamo qui, (lui non più). Javier Ortiz fu il sesto figlio di una maestra di Irún, María Estévez Sáez, e di un dirigente amministrativo di Madrid, José María Ortiz Crouselles. I suoi nonni furono, rispettivamente, un signore di Granada con un aspetto da poliziotto – ciò che forse si giustifica considerando il fatto che era un poliziotto –, una signora molto piacevole e colta con allure e cognome del Rosellón, un onorato e discreto carabiniere di Ourense con abilità di calligrafo e una vedova di Haro sposata in seconde nozze con l'appena citato, Javier Estévez Cartelle, dal quale è derivato il nome di battesimo del nostro recente defunto.

Si algún interés tienen todos estos antecedentes, cosa que dista de estar clara, es el de demostrar que, en contra de lo que suele pretenderse, el cruce de razas no mejora el producto. (Obsérvese qué gran variedad de procedencias se puso en juego para acabar fabricando a un vasco calvo y bajito.)

La infancia de Javier Ortiz transcurrió en San Sebastián, ciudad que le venía muy a mano, porque nació allí. Se dedicó básicamente a mirar lo que había por sus cercanías, en particular el pecho de las señoras -ahora que ya está muerto podemos descubrir ese inocente secreto suyo-, y a estudiar cosas tan peregrinas como las ciudades costeras del Perú, de las que no logró olvidarse hasta su postrer respiro. Los jesuitas trataron de encauzarlo por el buen camino, pero él descubrió muy pronto que era comunista.

Se qualche interesse hanno tutti questi antecedenti, cosa che è lontana dalla chiarezza, è quello di dimostrare che, al contrario di ciò che si è soliti pretendere, l'incrocio delle razze non migliora la specie. (si osservi che una gran varietà di provenienze si è messa in gioco per finire per costruire un basco e calvo e bassino.)

Javier Ortiz trascorse l'infanzia a San Sebastián, città a portata di mano, perché nacque lì. Si dedicò fondamentalmente a guardare ciò che stava nelle sue vicinanze, in particolare il petto delle signore – adesso che è già morto possiamo svelare questo suo innocente segreto –, e a studiare cose tanto pellegrine come le città costiere del Perù, di quelle che non riuscì a dimenticare fino all'ultimo respiro. I gesuiti cercarono di indirizzarlo per il buon cammino, però lui scoprì molto presto di essere comunista.

Eso malogró del todo su carrera religiosa, ya de por sí poco promettedora, sobre todo desde que notó con desagrado el interés que algunos sacerdotes ponían en sus partes pudendas.

Su primer trabajo como escritor, aparecido en una página del periódico del colegio, fue, curiosamente, una necrológica, con lo que cabría decir que su carrera como periodista ha resultado capicúa, singular circunstancia de la que muy pocos podrían presumir, aún en el improbable caso de que lo pretendieran.

A los 15 años, hastiado de las injusticias humanas -algunas de las cuales seguían teniendo como referencia obsesiva los pechos femeninos-, decidió hacerse marxista-leninista. Los años siguientes tuvo que emplearlos en averiguar qué era eso que acababa de hacerse, a lo que contribuyeron decisivamente algunos esforzados miembros de la Policía política franquista.

Questo rovinò del tutto la sua carriera religiosa, già di per sé poco promettente, soprattutto dal momento che notò con disgusto l'interesse che alcuni sacerdoti ponevano nelle parti pudende.

Il suo primo lavoro da scrittore, apparso in una pagina del periodico della scuola, fu, curiosamente, un necrologio, con cui si potrebbe dire che la sua carriera da giornalista è risultata palindroma, singolare circostanza della quale pochissimi potrebbero vantarsi, anche nell'improbabile caso che lo aspirassero.

A 15 anni, disgustato dalle ingiustizie umane – alcune delle quali continuavano ad avere come riferimento ossessivo i seni femminili – decise di diventare marxista-leninista. Gli anni successivi dovette impiegargli per verificare cosa era quello stava per diventare, a cui contribuirono in maniera decisiva alcuni intrepidi membri della Polizia politica franchista.

A partir de lo cual, se dedicó con gran entusiasmo a cultivar el noble género del panfleto. Sin parar. A diario. Año tras año. Fue cambiando de punto de residencia, no siempre por voluntad propia -ahí merecen especial mención sus estancias carcelarias y su exilio, primero en Burdeos, luego en París-, pero jamás varió su inquebrantable afán de agitador político, que él pretendía haber adquirido, por absurdo que parezca -y sea, de hecho-, en la lectura de Los documentos póstumos del Club Pickwick, de don Carlos Dickens, y de las Aventuras, inventos y mixtificaciones de Silvestre Padarox, de don Pío Baroja.

Burdeos, París, Barcelona, Madrid, Bilbao, Aigües, Santander... Recorrió incontables sitios y holló inúmeros parajes sin parar de escribir, erre que erre. Zutik!, Servir al Pueblo, Saida, Liberación -y Mar, y Mediterranean Magazine- y El Mundo,

A partire del quale, si dedicò con gran entusiasmo a coltivare il nobile genere del libello. Senza sosta. Giornalmente. Anno dopo anno. Andò cambiando di residenza, non sempre per volontà propria – qui meritano speciale citazione permanenze carcerarie e il suo esilio, prima a Burdeos, dopo a Parigi –, però non cambiò mai il suo incrollabile impegno di agitatore politico, che lui desiderava aver acquisito, per quanto assurdo sembri – e sia, di fatto –, nella lettura de I documenti postumi del Club Pickwick, di Don Carlo Dickens, e delle Avventure, invenzioni e mistificazioni di Silvestre Padarox, di don Pío Baroja.

Burdeos, Parigi, Barcellona, Madrid, Bilbao, Aigües, Santander... Passò in tantissimi posti e lasciò le sue tracce in innumerevoli luoghi senza smettere di scrivere, dàì e dàì, Zutik! Servir al Pueblo, Liberación e Mar, e Mediterranean Magazine – e El Mundo,

y una docena de libros, y varias radios, y algunas televisiones... Por escribir, incluso escribió para otros y otras, ejerciendo de negro en momentos de particular penuria. También lo hizo a veces por amistad.

Movido por la lectura del Selecciones de Reader's Digest y otras publicaciones estadounidenses tan aficionadas a ese género de operaciones, un día decidió calcular cuántos kilómetros cubrirían sus escritos, en el caso de colocarlos todos en una sola larguísima línea de cuerpo 12. El resultado de la estimación fue concluyente: ocuparían la tira.

En materia de amores (de la que sería injusto decir que careciera de alguna experiencia), también fue capicúa. Decía que las mejores mujeres, las más cariñosas y las más nobles con las que compartió sus días

e una dozzina di libri, varie radio, ed alcune televisioni... Per scrivere, scrisse anche per altri ed altre, ha esercitato a nome di altri che poi si sarebbero presi i meriti in momenti di particolare penuria... A volte lo ha fatto anche per amicizia.

Spinto dalla lettura del Selezione di Reader's Digest e altre pubblicazioni statunitensi tanto amanti di questo genere di operazioni, un giorno decise di calcolare quanti chilometri coprirebbero i suoi scritti, nel caso che si mettessero tutti in una sola lunghissima riga di dimensione 12. Il risultato della stima è stato indiscutibile: occuperebbero moltissimo spazio.

Anche in materia di amore (di cui sarebbe ingiusto dire che mancasse di qualche esperienza), è stato palindromo. Diceva che le migliori donne, le più affettuose e le più nobili con cui ha condiviso i suoi giorni

(sin desdeñar dogmáticamente a ninguna otra), le resultaron la primera y la última. Aunque la favorita le apareciera por medio: su hija Ane.

Y todo para acabar con algo tan vulgar como la muerte. Por parada cardio-respiratoria, como queda dicho. En fin, otro puesto de trabajo disponible. Algo es algo.

---

Javier Ortiz, escritor y columnista, nació en Donostia-San Sebastián el 24 de enero de 1948 y murió ayer en Aigües (Alicante), tras dejar escrito el presente obituario.

(senza disdegnare dogmaticamente nessun'altra), erano la prima e l'ultima. Sebbene la favorita gli appariva nel mezzo: sua figlia Ane.

E tutto per finire con qualcosa così volgare come la morte. Per arresto cardio-circolatorio, come già detto. In fine, un altro posto di lavoro disponibile. Qualcosa è qualcosa.

---

Javeir Ortiz, scrittore e giornalista, è nato a Donostia-San Sebastián il 24 gennaio del 1948 ed è morto ieri a Aigues (Alicante), dopo aver lasciato scritto questo necrologio.

**Abril 2009:**

## ***Gripe suína (2) – Abril 30, 2009***

Continuemos. No ano passado, uma comissão convocada pelo Pew Research Center publicou um relatório sobre a “produção animal em granjas industriais, onde se chamava a atenção para o grave perigo de que a contínua circulação de vírus, característica das enormes varas ou rebanhos, aumentasse as possibilidades de aparecimento de novos vírus por processos de mutação ou de recombinação que poderiam gerar vírus mais eficientes na transmissão entre humanos”. A comissão alertou também para o facto de que o uso promíscuo de antibióticos nas fábricas porcinas – mais barato que em ambientes humanos – estava proporcionando o auge de infecções estafilocócicas resistentes, ao mesmo tempo que as descargas residuais geravam manifestações de escherichia coli e de pfiesteria

Continuiamo. L’anno scorso, una commissione convocata dal Pew Research Center ha pubblicato una informativa sulla “produzione animale in allevamenti industriali, in cui si poneva in risalto il grave pericolo che il circolare continuo di virus, caratteristico delle greggi o mandrie enormi, aumentasse la possibilità di apparizione di nuovi virus in seguito a processi di mutazione o di ricombinazione che avrebbero potuto generare virus più efficaci nella trasmissione tra umani”. La commissione metteva anche in guardia sull’uso indiscriminato di antibiotici negli allevamenti suini – più economico che in ambienti umani – che stava favorendo l’aumento di infezioni da stafilococco, allo stesso tempo in cui gli scarichi liquidi residuali generavano episodi di escherichia coli e di pfiesteria



(o protozoário que matou milhares de peixes nos estuários da Carolina do Norte e contagiou dezenas de pescadores).

Qualquer melhoria na ecologia deste novo agente patogénico teria que enfrentar-se ao monstruoso poder dos grandes conglomerados empresariais avícolas e ganadeiros, como Smithfield Farms (suíno e vacum) e Tyson (frangos). A comissão falou de uma obstrução sistemática das suas investigações por parte das grandes empresas, incluídas umas nada recatadas ameaças de suprimir o financiamento dos investigadores que cooperaram com a comissão. Trata-se de uma indústria muito globalizada e com influências políticas. Assim como o gigante avícola Charoen Pokphand, radicado em Bangkok, foi capaz de desbaratar as investigações sobre o seu papel na propagação da gripe aviária no Sudeste asiático,

(il protozoo che ha ucciso migliaia di pesci negli estuari della Carolina del Nord e che ha contagiato decine di pescatori).

Qualsiasi miglìoria nell'ecologia di questo nuovo agente patogeno dovrebbe far fronte al mostruoso potere delle grandi corporazioni aviarie e d'allevamento, come Smithfield Farms (suino e manzo) e Tyson (pollame). La commissione ha riferito di un ostruzionismo sistematico messo in atto dalle grandi imprese, comprensivo di aperte minacce di bloccare i finanziamenti ai ricercatori che collaborassero con la commissione. Si tratta di un'industria molto globalizzata e con influenze politiche. Così come il colosso della carne di pollo di Bangkok, Charoen Pokphand, fu capace di mettere a tacere le indagini sul suo ruolo nella diffusione dell'influenza aviaria nel sudest asiatico,

o mais provável é que a epidemiologia forense do surto da gripe suína esbarre contra a pétrea muralha da indústria do porco. Isso não quer dizer que não venha a encontrar-se nunca um dedo acusador: já corre na imprensa mexicana o rumor de um epicentro da gripe situado numa gigantesca filial de Smithfield no estado de Veracruz. Mas o mais importante é o bosque, não as árvores: a fracassada estratégia antipandémica da Organização Mundial de Saúde, o progressivo deterioramento da saúde pública mundial, a mordação aplicada pelas grandes transnacionais farmacêuticas a medicamentos vitais e a catástrofe planetária que é uma produção pecuária industrializada e ecologicamente sem discernimento.

Como se observa, os contágios são muito mais complicados que entrar um vírus presumivelmente mortal

è probabile che l'epidemiologia forense del focolaio di influenza suina sbatta la testa contro il muro di gomma dell'industria della carne di maiale. Questo non significa che non si riuscirà mai a puntare il dito contro qualcuno: sulla stampa messicana si mormora già di un epicentro nei pressi di un'enorme filiale della Smithfield nello stato di Veracruz. Ma ciò che conta è il bosco, non i singoli alberi: il fallimento della strategia pandemica dell'Organizzazione Mondiale della Sanità (OMS), l'ulteriore declino della sanità pubblica mondiale, la morsa applicata dalle grandi multinazionali farmaceutiche sui medicinali salvavita e la catastrofe planetaria rappresentata dalla produzione di allevamenti industriali ecologicamente irresponsabili.

Ne risulta che i contagi sono molto più complicati rispetto all'entrata di un virus presumibilmente mortale

nos pulmões de um cidadão apanhado na teia dos interesses materiais e da falta de escrúpulos das grandes empresas.

Tudo está contagiando tudo. A primeira morte, há longo tempo, foi a da honradez. Mas poderá, realmente, pedir-se honradez a uma transnacional? Quem nos acode?

nei polmoni di un cittadino incastrato nella tela degli interessi materiali e della mancanza di scrupoli delle grandi imprese. Tutto contagia tutto. La prima morte, tanto tempo fa, è stata quella dell'onestà. Ma si potrà mai chiedere, veramente, onestà a una multinazionale? Chi ci cura?



Uma praça no México

07/05/09-Nota: La settimana scorsa José Saramago ha scritto sull'influenza, allora chiamata suina. Il suo testo, basato su "alcune provvidenziali letture", come si dice all'inizio, avrebbe dovuto contenere nelle trascrizioni fatte delle virgolette e la citazione concreta della fonte da cui erano

state prese. Allo stesso tempo, la fotografia che accompagnava il testo avrebbe dovuto avere una didascalia che allo stesso modo non è apparsa.

Queste mancanze, dovute a un problema di conversione, in nessuna maniera attribuibile a José Saramago, sono occorse durante il processo di divisione e re-invio del testo. Sia chiaro adesso che Saramago citava un articolo di Mike Davis (il di cui link sarebbe dovuto apparire), pubblicato nella rivista digitale “Sin Permiso” e intitolato “La gripe porcina y el monstruoso poder de la gran industria pecuaria” nel quale viene spiegato che l’industrializzazione dell’allevamento poteva essere alla base di possibili pandemie. Mike Davis è autore del libro “El monstruo llama a nuestra puerta” pubblicato in Spagna da Ediciones El Viejo Topo e tradotto in portoghese da María Julia Bertomeu, in cui si allarmava per l’influenza aviaria.

Per quanto riguarda la fotografia delle sculture con la mascherina sulla bocca, e pubblicata dal portale Yahoo Messico, si notava che ricorda una scena di “Cecità” quando la moglie del medico entra in una chiesa e vede che le immagini hanno tutti gli occhi bendati. Fernando Meirelles, nel suo film, ripropone questa immagine.

Ci dispiace che questo problema tecnico abbia dato luogo a fraintendimenti e, soprattutto, che non sia stato riconosciuto come meritava il lavoro di Mike Davis. Sia quel che sia, José Saramago è cosciente che deve delle scuse a Mike Davis. Spera che queste vengano accettate.

## ***Gripe suína (1) – Abril 29, 2009***

Não sei nada do assunto e a experiência directa de haver convivido com porcos na infância e na adolescência não me serve de nada. Aquilo era mais uma família híbrida de humanos e animais que outra coisa. Mas leio com atenção os jornais, ouço e vejo as reportagens da rádio e da televisão, e, graças a alguma leitura providencial que me tem ajudado a compreender melhor os bastidores das causas primeiras da anunciada pandemia, talvez possa trazer aqui algum dado que esclareça por sua vez o leitor. Há muito tempo que os especialistas em virologia estão convencidos de que o sistema de agricultura intensiva da China meridional foi o principal vector da mutação gripal: tanto da “deriva” estacional como do episódico “intercâmbio” genómico.

Non conosco niente sull'argomento e l'esperienza diretta di aver convissuto durante l'infanzia con i maiali non mi serve a niente. Quella era più che altro una famiglia ibrida di umani e animali. Ma leggo con attenzione i giornali, ascolto e vedo i reportage della radio e della televisione, e alcune providenziali letture mi hanno aiutato a capire meglio i particolari delle cause all'origine dell'annunciata pandemia, forse potrei trascrivere qui alcuni dati che aiutino a loro volta il lettore. Già da parecchio tempo gli specialisti in virologia sono convinti che il sistema di agricoltura intensiva della Cina meridionale sia stato il principale vettore della mutazione influenzale: sia della sua “deriva” stagionale sia dell'episodica “trasformazione” del genoma virale.

Há já seis anos que a revista Science publicava um artigo importante em que mostrava que, depois de anos de estabilidade, o vírus da gripe suína da América do Norte havia dado um salto evolutivo vertiginoso. A industrialização, por grandes empresas, da produção pecuária rompeu o que até então tinha sido o monopólio natural da China na evolução da gripe. Nas últimas décadas, o sector pecuário transformou-se em algo que se parece mais à indústria petroquímica que à bucólica quinta familiar que os livros de texto na escola se comprazem em descrever...

Em 1966, por exemplo, havia nos Estados Unidos 53 milhões de suínos distribuídos por um milhão de granjas. Actualmente, 65 milhões de porcos concentram-se em 65.000 instalações. Isso significou passar das antigas pocilgas aos ciclópicos infernos fecais de hoje,

Ormai già sei anni fa, la rivista Science ha pubblicato un importante articolo in cui mostrava che, dopo anni di stabilità, il virus della febbre suina dell'America del Nord aveva intrapreso un salto evolutivo vertiginoso. L'industrializzazione degli allevamenti, da parte di grandi imprese, ha rotto quello che fino ad allora era stato il monopolio naturale della Cina sull'evoluzione dell'influenza. Negli ultimi decenni, il settore degli allevamenti si è trasformato in qualcosa che assomiglia più a quello petrolchimico che all'idea bucolica della fattoria a conduzione familiare che nei libri di scuola descrivono con compiacenza...

Nel 1966, per esempio, negli Stati Uniti c'erano 53 milioni di suini distribuiti in un milione di fattorie. Attualmente, 65 milioni di maiali sono concentrati in 65.000 strutture. Questo significa passare dagli antichi porcili ai ciclopici inferni fecali di oggi,

nos quais, entre o esterco e sob um calor sufocante, prontos para intercambiar agente patogénicos à velocidade do raio, se amontoam dezenas de milhões de animais com mais do que debilitados sistemas imunitários.

Não será, certamente, a única causa, mas não poderá ser ignorada. Voltarei ao assunto.

nei quali, tra lo sterco e sotto un calore soffocante, pronti a scambiarsi agenti patogeni alla velocità della luce, si ammassano decine di milioni di animali con sistemi immunitari molto più che deboli.

Sicuramente non sarà l'unica causa ma non potrà essere ignorata. Tornerò sull'argomento.

## ***Recordações – Abril 28, 2009***

Somos a memória que temos, sem memória não saberíamos quem somos. Esta frase, brotada da minha cabeça há muitos anos, no fervor de uma das múltiplas conferências e entrevistas a que o meu trabalho de escritor me obrigou, além de me parecer, imediatamente, uma verdade primeira, daquelas que não admitem discussão, reveste-se de um equilíbrio formal, de uma harmonia entre os seus elementos que, pensava eu, contribuiria em muito para uma fácil memorização por parte de ouvintes e leitores. Até onde o meu orgulho vai, e apraz-me declarar que não chega muito longe, envaidecia-me ser o autor da frase, embora, por outro lado, a modéstia, que também não me falta de todo, me sussurrasse de vez em quando ao ouvido que tão certa era ela como afirmar com toda a seriedade que o sol nasce a oriente. Isto é, uma obviedade.

Siamo la memoria che abbiamo, senza memoria non sapremmo chi siamo. Questa frase, prodotta dalla mia testa molti anni fa, nel fervore di una delle tante conferenze e interviste a cui il mio lavoro di scrittore mi costringe, oltre a sembrarmi, immediatamente, un verità primaria, di quelle che non ammettono discussioni, si riveste di un equilibrio formale, di un'armonia tra i suoi elementi che, credevo io, avrebbe contribuito a una facile memorizzazione da parte degli ascoltatori e dei lettori. Nei limiti del mio orgoglio, e mi piace pensare che non siano molto estesi, mi autocompiacevo di essere l'autore della frase, nonostante, dall'altra parte, la modestia, di cui comunque non sono del tutto privo, mi sussurrasse ogni tanto che la frase era vera così come affermare che il sole nasce a oriente. Insomma, una ovvietà.



Ora, até as coisas aparentemente mais óbvias, como parecia ser esta, podem ser questionadas em qualquer momento. É esse o caso da nossa memória, que, a julgar por informações recentíssimas, está pura e simplesmente em risco de desaparecer, integrando-se, por assim dizer, no grupo das espécies em vias de extinção. Segundo essas informações, publicadas em revistas científicas tão respeitáveis como a Nature e a Learn Mem, foi descoberta uma molécula, denominada ZIP (pelo nome não perca), capaz de apagar todas as memórias, boas ou más, felizes ou nefastas, deixando o cérebro livre da carga recordatória que vai acumulando ao longo da vida. A criança que acaba de nascer não tem memória e assim iríamos ficar nós também. Como dizia o outro, a ciência avança que é uma barbaridade, mas eu, a esta ciência não a quero. Habituei-me a ser o que a memória fez de mim

Ora, anche le cose apparentemente più ovvie, come sembrava essere questa, possono essere messe in discussione in qualsiasi momento. É questo riguarda anche la nostra memoria, che, a giudicare da informazioni recentissime, corre chiaramente il rischio di scomparire, aggiungendosi, per così dire, al gruppo delle specie in via d'estinzione. Secondo queste informazioni, pubblicate su riviste scientifiche autorevoli come Nature e Learn Mem, è stata scoperta una molecola, chiamata ZIP (non si giudichi dal nome), capace di eliminare tutti i ricordi, buoni o cattivi, felici o nefasti, lasciando il cervello libero dalla carica mnemonica accumulata nel corso della vita. Il bimbo appena nato non ha memoria e così finiremmo anche noi. Come diceva il tizio, la scienza avanza in modo barbaro, ma io, questa scienza, non la voglio. Mi sono abituato a essere quello che la memoria ha fatto di me,

e não estou de todo descontente com o resultado, ainda que os meus actos nem sempre tenham sido os mais merecedores.

Sou um bicho da terra como qualquer ser humano, com qualidades e defeitos, com erros e acertos, deixem-me ficar assim. Com a minha memória, essa que eu sou. Não quero esquecer nada.

e non sono del tutto scontento del risultato, nonostante i miei gesti non siano sempre stati i più meritavoli.

Sono un animale terrestre come qualsiasi essere umano, con qualità e difetti, con errori e risultati ottenuti, lasciatemi rimanere così. Con la mia memoria, ciò che io sono. Non voglio dimenticare niente.

## ***Os meninos vestidos de preto – Abril 27, 2009***

Contou-me uma amiga querida – a pintora Soffía Gandarias – que, há alguns anos, estando de visita de trabalho no Sri Lanka, antigo Ceilão, se surpreendeu ao encontrar nas ruas grupos de rapazes vestidos com túnicas pretas. Não lhe pareceu que se tratasse de um sinal distintivo de alguma casta ou etnia particular, tanto mais que nenhum adulto trajava daquela maneira. De pergunta em pergunta, de indagação em indagação, acabou por chegar à explicação das insólitas vestimentas. As famílias desses rapazes haviam sido convencidas a entregar os filhos a militantes do islamismo na sua versão violenta, a jihad, para virem a converter-se em mártires da revolução islamista, ou, por outras palavras, a envergar um dia um colete carregado de explosivos e ir fazer-se explodir num mercado,

Una cara amica – la pittrice Soffía Gandarias – mi ha raccontato che, alcuni anni fa, mentre era in visita di lavoro in Sri Lanka, l'antica Ceylon, restò molto sorpresa incontrando per le strade dei ragazzi vestiti con tuniche nere. Non le sembrò che si trattasse di un segno distintivo di una casta o etnia particolare, tanto più che nessun adulto era vestito in quel modo. Di domanda in domanda, indagando, riuscì a ottenere la spiegazione di quell'insolito modo di vestirsi. Le famiglie di questi ragazzi erano state convinte a consegnare i loro figli ai militanti dell'islamismo nella sua versione violenta, la jihad, affinché si trasformassero in martiri della rivoluzione islamista, o, in altri termini, per indossare un giorno un gilet carico di esplosivi e farsi esplodere in un mercato,

numa discoteca, numa estação de autocarros, em qualquer sítio onde mais mortes pudessem causar. Ignoro se a esses pais e a essas mães foram pagas compensações materiais ou se tudo ficou pela promessa fácil de uma entrada imediata no paraíso de Alá. Não sei. Não sei se aqueles rapazes de túnica preta ainda estão à espera de que chegue a sua hora ou se já não pertencem a este mundo. Não sei nada. E vou ficar por aqui. Não é que me faltem as palavras, é que me repugnam.

in una discoteca, in una stazione di autobus, in qualsiasi luogo dove si possano causare più morti. Ignoro se questi padri e queste madri abbiano ricevuto dei compensi materiali o se si è limitato tutto alla facile promessa di un immediato ingresso nel paradiso di Allah. Non so. Non so se quei ragazzi con la tunica nera sono ancora in attesa che arrivi la loro ora o se già non appartengono più a questo mondo. Non so niente. E mi fermo qui. Non che mi manchino le parole, è che mi ripugnano.

## ***Eduardo Galeano – Abril 24, 2009***

Grande alvoroço nas redacções dos jornais, rádios e televisões de todo o mundo. Chávez aproxima-se de Obama com um livro na mão, é evidente que qualquer pessoa de bom senso achará que a ocasião para pedir um autógrafo ao presidente dos Estados Unidos é muito mal escolhida, ali, em plena reunião da cimeira, mas, afinal, não, trata-se antes de uma delicada oferta de chefe de Estado a chefe de Estado, nada menos que *As veias abertas da América Latina* de Eduardo Galeano. Claro que o gesto leva água no bico. Chávez terá pensado: “Este Obama não sabe nada de nós, quase que ainda não tinha nascido, Galeano lhe ensinará”. Esperemos que assim seja. O mais interessante, porém, além de se terem esgotado *As veias* na Amazon, as quais passaram num instante de um modestíssimo lugar na tabela de vendas

Grande agitazione nelle redazioni di giornali, radio e televisioni di tutto il mondo. Chávez si avvicina a Obama con un libro in mano, è evidente che una qualsiasi persona di buon senso troverà che non è esattamente il momento appropriato per chiedere un autografo al presidente degli Stati Uniti, lì, in pieno vertice, ma, in realtà, si tratta di un delicato presente da capo di Stato a capo di Stato, né più né meno che *Le vene aperte dell'America Latina* di Eduardo Galeano. Chiaramente il gesto porta acqua al suo mulino. Chávez avrà pensato: “Questo Obama non sa niente di noi, come se non fosse ancora nato, Galeano lo instruirà”. Speriamo che sia così. La cosa più interessante, però, oltre all'esaurimento de *Le vene* su Amazon, il quale è passato a occupare da un modestissimo posto nelle classifiche di vendita

à glória comercial do “best-seller”, de cinquenta e tal mil a segundo na classificação, foi o rápido e parecia que concertado aparecimento de comentários negativos, sobretudo na imprensa, tratando de desqualificar, embora num caso ou noutro com certos matizes benevolentes, o livro de Eduardo Galeano, insistindo em que a obra, além de se exceder em análises mal fundamentadas e em marcados preconceitos ideológicos, estava desatualizada em relação à realidade presente. Ora, As veias abertas da América Latina foi publicada em 1971, há quase quarenta anos, portanto, a não ser que o seu autor fosse uma espécie de Nostradamus, só com um hercúleo esforço imaginativo seria capaz de adiantar a realidade de 2009, tão diferente já dos anos imediatamente anteriores. A denúncia dos apressados comentadores, além de mal intencionada, é bastante ridícula,

alla gloria del “best-seller”, dalla cinquantesima e qualcosa al secondo posto nella classifica, è stata la rapida, e sembrava organizzata, apparizione di commenti negativi, soprattutto sui giornali, cercando di screditare, per quanto talvolta utilizzando delle sfumature benevole, il libro di Eduardo Galeano, puntando sul fatto che l'opera, oltre che eccedere con analisi senza fondamento e con marcati preconcetti ideologici, non è più attuale rispetto alla momento corrente. Ora, Le vene aperte dell'America Latina è stato pubblicato nel 1971, quasi quarant'anni fa, quindi, e a meno che il suo autore non fosse una specie di Nostradamus, solo con un erculeo sforzo dell'immaginazione avrebbe potuto anticipare la realtà del 2009, così diversa anche dagli anni immediatamente precedenti. La condanna dei commentatori affrettati, oltre che in cattiva fede, è abbastanza ridicola,

tanto como o seria a acusação de que a História verdadeira da conquista da Nova Espanha, por exemplo, escrita no século XVII por Bernal Díaz del Castillo, abunda, também ela, em análises mal fundamentadas e em marcadíssimos preconceitos ideológicos. A verdade é que quem pretender ser informado sobre o que se passou na América, naquela América, desde o século XV, só ganhará em ler o livro de Eduardo Galeano. O mal daqueles e outros comentadores que enxameiam por aí é saberem pouco de História. Agora só nos falta ver como aproveitará Barack Obama da leitura de As veias abertas. Bom aluno parece ser.

così come lo sarebbe accusare la Vera storia della conquista della Nuova Spagna, per esempio, scritta nel secolo XVII da Bernal Díaz del Castillo, di abbondare, anche lei, di analisi senza fondamento con marcatissimi preconcetti ideologici. La verità è che chiunque voglia essere informato su quello che è successo in America, in quell'America, fin dal XV secolo, non avrà che da guadagnarne leggendo il libro di Eduardo Galeano. La cosa peggiore di quelli e di altri commentatori che brulicano in giro è che conoscono poco la Storia. Ora ci manca solo sapere in che modo Barack Obama sfrutterà la lettura de Le vene aperte. Sembra essere un buon alunno.

## ***Da impossibilidade deste retrato (2) -Abril 23, 2009***

Entretanto, o pintor vai pintando o retrato de Fernando Pessoa. Está no princípio, não se sabe ainda que rosto escolheu, o que se pode ver é uma levíssima pincelada de verde, se calhar vai sair daqui um cão dessa cor para pôr em conjugação com um jockey amarelo e um cavalo azul, salvo se o verde for apenas o resultado físico e químico de estar o jockey em cima do cavalo, como é sua profissão e gosto. Mas a grande dúvida do pintor não tem que ver com as cores que há-de empregar, essa dificuldade resolveram-na os impressionistas de uma vez para sempre, só os homens antigos, os de antes, não sabiam que em cada cor as cores estão todas: a grande dúvida do pintor é se há-de ter uma atitude reverente ou irreverente, se pintará esta virgem como S. Lucas pintou a outra, de joelhos,

Nel frattempo il pittore sta dipingendo il ritratto di Fernando Pessoa. È all'inizio, ancora non si sa che volto ha scelto, tutto quello che si vede è una lievissima pennellata verde, forse ne verrà fuori un cane di questo colore per mettere in contatto un jockey giallo e un cavallo azzurro, a meno che il verde non sia soltanto il risultato fisico e chimico del jockey sul cavallo, come ci si aspetta dalla sua professione e piacere. Ma il grande dubbio del pittore non è sui colori da usare, questa difficoltà l'hanno già risolta una volta per tutte gli impressionisti, solo gli antichi, quelli di prima, non sapevano che in ogni colore ci sono tutti i colori: il grande dubbio del pittore è se adottare uno stile riverente o irriverente, se dipingerà questa vergine come S. Luca dipinse la sua, in ginocchio,



ou se tratará este homem como um triste coitado que realmente foi ridículo a todas as criadas de hotel e escreveu cartas de amor ridículas, e se, assim autorizado pelo próprio, poderá rir-se dele pintando-o. A pincelada verde, por enquanto, é somente a perna do jockey amarelo posta do lado de cá do cavalo azul. Enquanto o maestro não sacudir a batuta, a música não romperá lânguida e triste, nem o homem da loja começará a sorrir entre as memórias da infância do pintor. Há uma espécie de ambiguidade inocente nesta perna verde, capaz de se transformar em verde cão. O pintor deixa-se conduzir pela associação de ideias, para ele, perna e cão tornaram-se em meros heterónimos de verde: coisas bem mais inacreditáveis do que esta têm sido possíveis, não há que admirar. Ninguém sabe o que se passa na cabeça do pintor enquanto pinta. O retrato está feito, vai juntar-se às dez mil representações que o precederam.

o se tratterà quest'uomo come un triste poveretto veramente ridicolo agli occhi di tutte le cameriere d'hotel e che ha scritto lettere d'amore ridicole, o se, autorizzato da lui stesso, potrà ridere di lui mentre lo dipinge. La pennellata verde, in realtà, è soltanto la gamba del jockey giallo messa sul fianco del cavallo azzurro. Fino a quando il maestro non darà l'attacco, la musica non potrà rompere languida e triste, né l'uomo del negozio potrà cominciare a sorridere immerso nelle memorie dell'infanzia del pittore. C'è una sorta di ambiguità innocente in questa gamba verde, capace di trasformarsi in verde cane. Il pittore si lascia condurre dalle associazioni di idee, per lui, gamba e cane sono divenuti semplici eteronimi del verde: cose ben più incredibili di questa sono state possibili, non c'è da meravigliarsi. Nessuno sa cosa succede nella testa del pittore mentre dipinge. Il ritratto è finito, si aggiungerà alle diecimila rappresentazioni che l'hanno preceduto.

É uma genuflexão devota, é uma risada de troça, tanto faz, cada uma destas cores, cada um destes traços, sobrepondo-se uns aos outros, aproximam o momento da invisibilidade, aquele negro absoluto que não reflectirá nenhuma luz, sequer a luz fulgurante do sol, que faria então à breve cintilação de um olhar, em frente a apagar-se tão cedo. Entre a reverência e a irreverência, num ponto indeterminável, estará, talvez, o homem que Fernando Pessoa foi. Talvez, porque também isso não é certo. Albert Camus não pensou duas vezes quando escreveu: “Se alguém quiser que o reconheçam, basta que diga quem é”. No geral dos casos, o mais longe a que chega quem a tal aventura ouse propor-se é dizer que nome lhe puseram no registo civil.

É una devota genuflessione, è una risata di scherno, fa lo stesso, ognuno di questi colori, ognuno di questi tratti, sovrapponendosi, rendono più vicino il momento dell'invisibilità, quel nero assoluto che non rifletterà nessuna luce, se non la luce folgorante del sole, che sarebbe quindi il breve luccichio di uno sguardo, rispetto a un così repentino spegnimento. Tra la riverenza e l'irriverenza, in un indeterminabile punto, si troverà, forse, l'uomo che Fernando Pessoa è stato. Forse, perché anche questo non è certo. Albert Camus non ci pensò due volte quando scrisse: “Se qualcuno vuole essere riconosciuto, basta che dica chi è”. Nella maggior parte dei casi, il punto più lontano a cui arriva chi osa proporsi per un'avventura del genere è quello di dire il nome che gli hanno messo all'anagrafe.

Fernando Pessoa, provavelmente, nem tanto. Já não lhe bastava ser ao mesmo tempo Caeiro e Reis, cumulativamente Campos e Soares. Agora que já não é poeta, mas pintor, e vai fazer o seu auto-retrato, que rosto pintará, com que nome assinará o quadro, no canto esquerdo dele, ou direito, porque toda a pintura é espelho, de quê, de quem, para quê? O braço levanta-se, enfim, a mão segura uma pequena haste de madeira, de longe diríamos que é um pincel, mas há motivos para suspeitar: nele não se transporta uma cor verde, ou azul, ou amarela, nenhuma cor se vê, nenhuma tinta. Este é o negro absoluto com que Fernando Pessoa, por suas próprias mãos, se tornará invisível.

Mas os pintores vão continuar pintando.

Fernando Pessoa, probabilmente, neanche a tanto. Già non gli bastava essere allo stesso tempo Caeiro e Reis, cumulativamente Campos e Soares. Adesso che non è poeta, ma pittore, e che farà il suo autoritratto, che viso dipingerà, con che nome firmerà il quadro, sull'angolo sinistro o destro, perchè tutta la pittura è specchio, di cosa, di chi, per cosa? Il braccio si leva, infine, la mano prende un'asticciuola di legno, da lontano si direbbe un pennello, ma abbiamo ragioni per dubitare: non porta su di se un colore verde, o azzurro, o giallo, non si vede nessun colore, nessuna tinta. Questo è il nero assoluto con cui Fernando Pessoa, con le sue stesse mani, si renderà invisibile.

Ma i pittori continueranno a dipingere.

## ***Da impossibilidade deste retrato (1) – Abril 22, 2009***

Este texto foi prólogo do catálogo de uma exposição de retratos de Fernando Pessoa na Fundação Calouste Gulbenkian no princípio dos anos 80, creio que em 85. Por me parecer que não viria fazer má figura neste blogue, aqui o trago.

Que retrato de si mesmo pintaria Fernando Pessoa se, em vez de poeta, tivesse sido pintor, e de retratos? Colocado de frente para o espelho, ou de meio perfil, obliquando o olhar a três quartos, como quem, de si mesmo escondido, se espreita, que rosto escolheria e por quanto tempo? O seu, diferente segundo as idades, assemelhando a cada uma das fotografias que dele conhecemos, ou também o das imagens não fixadas, sucessivas entre o nascimento e a morte, todas as tardes, noites e manhãs,

Questo testo è stato la prefazione del catalogo per una mostra di ritratti di Fernando Pessoa alla Fondazione Calouste Goulbenkian all'inizione degli anni 80, credo nell'85. Per evitare di fare una brutta figura in questo blog, lo ripropongo qui.

Che ritratto di se stesso avrebbe dipinto Fernando Pessoa se, invece di poeta, fosse stato pittore, e di ritratti? Messo di fronte allo specchio, o di profilo, inclinando lo sguardo a tre quarti, come chi, nascondendosi da se stesso, si spia, che viso sceglierebbe e per quanto tempo? Il suo, diverso a seconda dell'età, somigliante a ognuna delle sue foto che conosciamo, o ancora quello delle immagini non fisse, in sequenza tra la nascita e la morte, tutti i pomeriggi, notti e mattine,

começando no Largo de S. Carlos e acabando no Hospital de S. Luís? O de um Álvaro de Campos, engenheiro naval formado em Glasgow? O de Alberto Caeiro, sem profissão nem educação, morto de tuberculose na flor da idade? O de Ricardo Reis, médico expatriado de quem se perdeu o rasto, apesar de algumas notícias recentes obviamente apócrifas? O de Bernardo Soares, ajudante de guarda-livros na baixa lisboeta? Ou um outro qualquer, o Guedes, o Mora, aqueles tantas vezes invocados, inúmeros, certos, prováveis e possíveis? Representar-se-ia de chapéu na cabeça? De perna traçada? De cigarro apertado entre os dedos? De óculos? De gabardina vestida ou sobre os ombros? Usaria um disfarce, por exemplo, apagando o bigode e descobrindo a pele subjacente, de súbito nua, de súbito fria? Cercar-se-ia de símbolos, de cifras da cabala, de signos horoscópicos, de gaiotas no Tejo, de cais de pedra,

iniziando in Largo de S. Carlos per finire all'Ospedale di S. Luís? Quello di un Álvaro de Campos, ingegnere navale formatosi a Glasgow? Quello di Alberto Caeiro, senza lavoro né educazione, morto di tubercolosi nel fiore della sua giovinezza? Quello di Ricarco Reis, medico emigrato di cui si sono perse le tracce, nonostante alcune recenti notizie ovviamente apocrife? Quello di Bernardo Soares, impiegato contabile nella baixa lisboeta? O uno qualsiasi, Guedes, Mora, quelli tante volte invocati, innumerevoli, sicuri, probabili e possibili? Si rappresenterebbe con il cappello sulla testa? Userebbe un trucco, per esempio, tagliandosi i baffi e scoprendo la pelle sottostante, all'improvviso nuda, all'improvviso fredda? Si circonderebbe di simboli, di numeri della cabala, di segni dell'oroscopo, di gabbiani del Tago, di moli di pietra,

de corvos traduzidos do inglês, de cavalos azuis e jockeys amarelos, de premonitórios túmulos? Ou, ao contrário destas eloquências, ficaria sentado diante do cavalete, da tela branca, incapaz de levantar um braço para atacá-la ou dela se defender, à espera de um outro pintor que ali fosse tentar o impossível retrato? De quem? De qual?

De uma pessoa que se chamou Fernando Pessoa começa a ter justificação o que de Camões já se sabe. Dez mil figurações, desenhadas, pintadas, modeladas, esculpidas, acabaram por tornar invisível Luís Vaz, o que dele ainda permanece é o que sobra: uma pálpebra caída, uma barba, uma coroa de louros. É fácil de ver que Fernando Pessoa também vai a caminho da invisibilidade, e, tendo em conta a ocorrente multiplicação das suas imagens, provocada por apetites sobreexcitados de representação

di corvi tradotti in inglese, di cavalli azzurri e jockeys gialli, di tumuli premonitori? O, al contrario di tutto questo, resterebbe seduto davanti al cavalletto, con la tela bianca, incapace di muovere un dito per attaccarla o per difendersi da essa, in attesa di un altro pittore che arrivasse per provare il ritratto impossibile? Di chi? Di Quale?

Per una persona che si è chiamata Fernando Pessoa comincia ad aver una giustificazione quello che di Camões si sa già. Diecimila rappresentazioni, disegname, dipinte, modellate, scolpite, hanno finito per rendere invisibile Luís Vaz (n.d.t. Camões), quello che ancora permane di lui è quello che basta: una palpebra chiusa, una barba, una corona di alloro. É facile intuire che anche Fernando Pessoa è sulla strada dell'invisibilità, e, tenendo in conto la presente moltiplicazione delle sue immagini, provocata da sovraeccitati appetiti di rappresentazione

e facilitadas por um domínio generalizado das técnicas, o homem dos heterónimos, já voluntariamente confundido nas criaturas que produziu, entrará no negro absoluto em muito menos tempo que o outro de uma cara só, mas de vozes também não poucas. Acaso será esse, quem sabe, o perfeito destino dos poetas, perderem a substância de um contorno, de um olhar gasto, de um vinco na pele, e dissolverem-se no espaço, no tempo, sumidos entre as linhas do que conseguiram escrever, se do rosto sem feições nem limites ainda alguma coisa vem intrometer-se, está garantido o dia em que mesmo esse pouco será definitivamente lançado fora. O poeta não será mais que memória fundida nas memórias, para que um adolescente possa dizer-nos que tem em si todos os sonhos do mundo, como se ter sonhos e declará-lo fosse primeira invenção sua. Há razões para pensar que a língua é, toda ela, obra de poesia.

e facilitata da un più generale dominio delle tecniche, l'uomo degli eteronimi, già per sua volontà confuso nelle creature che lui stesso ha creato, entrerà nel buio più fitto in molto meno tempo dell'altro con un solo viso, ma con non poche voci anche lui. Probabile che sia questo, chi lo sa, il destino perfetto dei poeti, hanno perso la sostanza di un contorno, di uno sguardo consumato, di un solco sulla pelle, e sono dissolti nello spazio, nel tempo, affondati nei versi che sono riusciti a scrivere, se del viso senza forma né limiti si intromette ancora qualcosa, è certo che arriverà il giorno in cui anche quel poco verrà cancellato. Il poeta non sarà altro che memoria confusa nelle memorie, che porterà un adolescente a dirci che ha in sé tutti i sogni del mondo, come se avere sogni e dichiararlo fosse la sua prima invenzione. Ci sono motivi per pensare che la lingua sia, totalmente, opera di poesia.

## ***Camisola – Abril 21, 2009***

Quando hoje saí do hospital, fresco como uma rosa, trazia comigo duas satisfações. Uma, a de me ter visto livre, finalmente, de uma impertinente bronquite que há meses, com altos e baixos, parecia não querer largar-me, mas que desta vez teve de resignar-se a ir à procura doutro hospedeiro. Oxalá não o encontre. A segunda satisfação era de diferente natureza. Sucede que neste pequeno hospital de Lanzarote, certamente com surpresa de quem me leia, trabalham nada mais, nada menos que 17 ou 18 enfermeiros vindos de Portugal, da província do Minho na sua maior parte. Sucede também que, antes de sair, tive de fazer uma radiografia ao tórax para que ficasse devidamente documentado que o paciente, como costuma dizer-se, está bem e recomenda-se. Eu levava posto o que hoje chamamos um “jersey”, portanto foi um “jersey” que despi e deixei em cima de uma cadeira.

Quando oggi sono uscito dall'ospedale, fresco come una rosa, portavo con me due soddisfazioni. La prima, quella di vedermi libero, finalmente, da una impertinente brochite che da mesi, con alti e bassi, sembrava non volesse lasciarmi, ma che questa volta si è dovuta rassegnare e andare alla ricerca di un altro ospite. Speriamo non lo trovi. La seconda soddisfazione era di tutt'altra natura. Succede che in questo piccolo ospedale di Lanzarote, certamente con sorpresa di chi legge, lavorano né più né meno che 17 o 18 infermieri arrivati dal Portogallo, in maggioranza dalla regione del Minho. Succede anche che, prima di uscire, ho dovuto fare una radiografia al torace affinché fosse dovutamente documentato che il paziente, come si dice di solito, sta bene e si deve riguardare. Io indossavo quello che oggi chiamiamo “jersey”, è stato un “jersey”, quindi, che mi sono sfilato e ho poggiato su una sedia.



O enfermeiro, português de Felgueiras, devia verificar se as chapas haviam resultado tecnicamente satisfatórias e, para isso, teve de passar para um compartimento ao lado. Disse: “São só dois minutos, depois dou-lhe a camisola”. Creio que estremei. Não tornara a ouvir a palavra desde há uns trinta anos, talvez mais, e aqui, em Lanzarote, a dois mil quilómetros da pátria, um jovem enfermeiro de Felgueiras, sem o imaginar, dizia-me que a língua portuguesa ainda existia. Abençoada bronquite.

L'infermiere, portoghese di Felgueiras, doveva verificare che le lastre fossero venute bene e, per farlo, è dovuto passare attraverso una stanza laterale. Ha detto: “Solo due minuti e le restituisco la camiciola”. Credo di aver tremato. Non sentivo quella parola da almeno trent'anni, forse più, e qui, a Lanzarote, a duemila chilometri dalla patria, un giovane infermiere di Felgueiras, senza immaginarlo, mi stava dicendo che la lingua portoghese esisteva ancora. Benedetta bronchite.

## ***Exibicionismos – Abril 20, 2009***

Palavras como discrição, reserva, recato, pudor ou modéstia ainda se encontram em qualquer dicionário. Temo, porém, que algumas delas venham a ter, mais cedo ou mais tarde, o triste destino da palavra esgártulo, por exemplo, varrida, como outras, do dicionário da Academia por uma manifesta e pertinaz falta de uso que havia feito dela um peso morto nas eruditas colunas. Eu próprio não me lembro de a ter dito alguma vez e muito menos tê-la escrito. Já a palavra reserva, embora vá a caminho de perder a acepção que me levou a incluí-la na lista acima, tem garantida uma vida longa por aquilo da reserva de bilhete ou de lugar sem os quais serviços fundamentais como os transportes aéreos simplesmente não funcionariam. E isto sem esquecer outra reserva, a mental, inventada pelos jesuítas

Parole come discrezione, riservato, riguardo, pudore o modestia si trovano ancora in qualsiasi dizionario. Temo, però, che alcune di loro riceveranno, presto o tardi, lo stesso destino della parola esgartulo, per esempio, eliminata, così come altre, dal dizionario dell'Accademia per manifesto e continuato disuso che l'aveva resa un peso morto all'interno delle erudite colonne. Io stesso non ricordo di averla mai pronunciata e ancor meno di averla scritta. Alla parola riservato invece, nonostante stia per per perdere l'accezione che mi ha spinto a includerla nella lista in alto, è garantita lunga vita per quanto riguarda il posto riservato dei biglietti o il posto a sedere senza cui alcuni servizi fondamentali come i trasporti aerei non funzionerebbero. E questo senza dimenticare un'altro modo di essere riservato, quello mentale, inventato dai gesuiti

como explicação última de terem dito primeiro uma coisa e feito depois a contrária, operação, aliás, que vingou e prosperou ao ponto de acabar por se difundir na sociedade humana como condição mesma de sobrevivência.

Não é minha intenção moralizar, além de que se o fizesse perderia o meu tempo e suspeito que alguns leitores. Bem sabemos que a carne é fraca e que ainda o é mais o espírito por muito que se costume gabar das suas supostas fortalezas, que o ser humano é o território por excelência de todas as tentações amáveis possíveis, tanto as naturais como as que veio inventando em séculos e milénios de práticas reiteradas. Bom proveito lhe faça. Que atire a primeira pedra quem nunca se deixou tentar. A coisa começou por desapertar-se a roupa, por usá-la mais leve e reduzida, também mais transparente, pondo à mostra um número cada vez maior

come ultima giustificazione per aver detto prima una cosa e aver fatto dopo l'esatto contrario, metodo, in realtà, che ha prosperato e attecchito a tal punto che ha finito per diffondersi nella società umana come condizione stessa della sopravvivenza.

Non è nelle mie intenzioni moralizzare, oltre che se solo provassi a farlo perderei il mio tempo e, immagino, anche alcuni lettori. Sappiamo già che la carne è debole e lo spirito lo è molto di più per quanto si parli di solito della sua ipotetica forza, che l'essere umano è il territorio per antonomasia di tutte le tentazioni amatorie possibili, sia quelle naturali che quelle che nei secoli e millenni di uso continuato sono state inventate. Buon per lui. Scagli la prima pietra chi non si è mai lasciato tentare. Il tutto è iniziato sbottonandosi i vestiti, per poi utilizzarli più leggeri e ridotti, anche più trasparenti, mettendo in mostra un numero sempre più alto

de centímetros quadrados de pele até se chegar ao nudismo integral cultivado com franqueza absoluta em certas assinaladas praias. Nada de grave, porém. No fundo, há em tudo isto, como já escrevi noutro contexto, uma certa inocência. Adão e Eva também andavam nus e, contra o que a Bíblia diz, sabiam-no perfeitamente.

Ao pôr em funcionamento o vigente espectáculo universal que concentra e ao mesmo tempo dispersa as atenções do mundo, não parece que hájamos previsto que iríamos dar nascimento a uma sociedade de exibicionistas. A divisão entre actores e espectadores acabou, o espectador vai para ver e ouvir, mas também para ser visto e ouvido. O poder da televisão, por exemplo, alimenta-se em grande parte desta simbiose malsã, mormente nos chamados reality shows, onde o convidado,

di centimetri quadrati di pelle fino al nudismo totale praticato in assoluta tranquillità in alcune spiagge segnalate. Niente di grave quindi. In fondo, c'è, in tutto questo, come ho già scritto in un altro contesto, una certa innocenza. Anche Adamo ed Eva erano nudi e, per quanto ne possa dire la Bibbia, lo sapevano perfettamente.

Nel mettere in atto l'attuale spettacolo universale che concentra e allo stesso tempo disperde le attenzioni del mondo, sembra che nessuno abbia previsto che avremmo dato i natali a una società di esibizionisti. La divisione tra attori e spettatori è finita, lo spettatore va per vedere e ascoltare, ma anche per essere visto e ascoltato. Il potere della televisione, per esempio, si alimenta in gran parte da questa malsana simbiosi, principalmente nei così detti reality shows, dove l'invitato,

para isso pago e às vezes regiamente, vai pôr a descoberto as misérias da sua vida, as traições e as vilezas, as canalhices próprias e alheias, e, se necessário fôr ao espectáculo, as da família e dos seus próximos. Sem discrição nem reserva, sem recato nem pudor, sem modéstia. Não faltará quem diga que ainda bem que é assim, que devemos abandonar aquele ferro-velho vocabular, portas abertas ainda que a casa cheire mal, alguns, não duvidemos, irão mesmo ao extremo de afirmar que se trata de um benéfica efeito da democracia. Dizer tudo, com a condição de que o essencial fique escondido. Sem vergonha.

pagato per questo e alla volte profumatamente, mette allo scoperto le miserie della sua vita, i tradimenti e le viltà, le cattiverie proprie e altrui, e, se fosse necessario per lo spettacolo, quelle della famiglia e dei suoi prossimi. Senza discrezione né riservatezza, senza riguardo né pudore, senza modestia. Non mancherà qualcuno che dica che è meglio così, che dovremmo abbandonare quel ferro vecchio di vocabolario, porte aperte anche se la casa puzza, alcuni altri, non ne dubitiamo, arriveranno addirittura ad affermare che si tratti di un effetto benefico della democrazia. Dire tutto, a patto che l'essenziale sia nascosto. Senza vergogna.

## ***Com Dario Fo – Abril 17, 2009***

Com Dario Fo e quantos se reuniram no auditório da Caja Granada para assistir à cerimónia da entrega do prémio à Cooperação Internacional que a mesma Caixa vem atribuindo, salvo erro, desde há dez anos, e que este ano nos coube a Fo e a mim, deveria ter eu estado para, como disse numa declaração gravada, partilhar as alegrias e os abraços próprios do momento. Infelizmente, não pude fazer a viagem, mas as actuais tecnologias de comunicação quase me fizeram viver em tempo real o desenrolar do acto em que, por solicitação minha, logo amavelmente satisfeita, fui representado pelo Reitor da Universidade de Granada. De certo modo, Dario Fo e eu representávamos ali o Festival Sete Sóis-Sete Luas de que nos honramos ser presidentes honorários.

Con Dario Fo e quanti si erano riuniti nell'auditorium della Caja Granada per assistere alla cerimonia di consegna del premio per la Cooperazione Internazionale che la stessa Cassa attribuisce, se non sbaglio, da dieci anni, e che quest'anno è capitato a Fo e a me, sarei dovuto essere lì, come ho detto in un comunicato registrato, per condividere le allegrie e gli abbracci di quel momento. Purtroppo, non ho potuto affrontare il viaggio, ma le attuali tecnologie di comunicazione mi hanno permesso di vivere quasi in tempo reale lo svolgersi dell'atto in cui, per mia sollecitazione, subito amabilmente soddisfatta, sono stato rappresentato dal Rettore dell'Università di Granada. In qualche modo, Dario Fo e io rappresentavamo il Festival Sete Sóis-Sete Luas del quale siamo presidenti onorari.

Como é tradição na história deste prémio, o valor dele, a que o premiado renuncia, irá beneficiar uma instituição cultural ou de actividades sociais, neste caso, o próprio Festival, que o aplicará na construção de um centro cultural na Ribeira Grande, em Cabo Verde, esse país enfeitador, como eu disse na minha declaração gravada. Depois de tudo isto, creio poder dizer que da entrega do prémio Caja Granada à Cooperação Internacional saímos todos, incluindo este ausente, mais ou menos enfeitados.

Come da tradizione nella storia di questo premio, il suo valore, a cui il premiato rinuncia, sarà devoluto a un'istituzione culturale, in questo caso lo stesso Festival, che lo utilizzerà per la costruzione di un centro culturale a Ribeira Grande, a Capo Verde, questo paese incantatore, come ho detto nel mio comunicato registrato. Dopo tutto questo, credo di poter dire che dalla consegna del premio Caja Granada per la Cooperazione Internazionale siamo usciti tutti, incluso l'assente, più o meno incantati.

## ***Mania das grandezas – Abril 16, 2009***

A coisa é séria, demasiado séria. Soube há poucos dias que Portugal tem auto-estradas em excesso, nada menos que nove, num total de quase setecentos quilómetros. Se pensarmos em quanto custa a construção de um só quilómetro dessas sumptuosas vias de comunicação rodoviária em que o utente goza praticamente de todas as comodidades da vida doméstica, é inevitável concluir que alguém se enganou nas contas ou com elas nos enganou. Segundo a lei, ou o que para o caso lhe faz as vezes, a abertura de uma auto-estrada requer uma certa previsibilidade de tráfego para não cairmos na velha piada do “lá vem um”, como sucede, por exemplo, à que leva (não a piada, mas a estrada) de Lisboa a Elvas, saudosa dos tempos em que, com um modesto estatuto de nacional, transportava multidões

Il fatto è serio, troppo serio. Ho saputo da pochi giorni che in Portogallo ci sono autostrade in eccesso, non meno di nove, per un totale di quasi settecento chilometri. Se pensiamo a quanto costa la costruzione di un solo chilometro di queste sontuose vie di comunicazione stradale in cui l'utente gode praticamente di tutte le comodità della vita domestica, diventa inevitabile concludere che qualcuno si è confuso con i conti o grazie a loro ci ha confusi. Per la legge, o quello che a seconda dei casi le fa comodo, l'apertura di un'autostrada richiede una certa previsione di traffico affinché non si cada nella vecchia burla del “sta arrivando, sta arrivando!”, come succede, per esempio, in quella che porta (non la burla, ma la strada) da Lisbona a Elvas, nostalgica dei tempi in cui, col modesto statuto di nazionale, era attraversata da multitudini



à Pousada para comerem o bacalhau à Brás. Mutatis mutandis, com bacalhau ou sem ele, esta é a situação nas oito auto-estradas restantes.

A tineta vem de longe. Quando informaram o rei D. João V do preço do carrilhão que iria ser instalado em Mafra, ele não se conteve e, com a sua ridícula prosápia de nouveau-riche, disse: “Acho barato. Compre dois”. E, não há muitos anos, quando Portugal foi encarregado de organizar o campeonato europeu de futebol, que logo desgraçadamente não ganhou, alguém terá dito que precisaríamos de construir uns quantos estádios porque estávamos muito em baixo de instalações desportivas. Imagino o diálogo: “Quantos?”, perguntou o manda-chuva da modalidade, “Aí uns três ou quatro devem bastar”, respondeu o técnico, “Quais três? Quais quatro?” indignou-se o figurão,

dirette alla Pousada per mangiare il baccalà alla Brás. Mutatis mutandis, con o senza il baccalà, questa è la situazione nelle otto restanti autostrade.

La propensione viene da lontano. Quando informarono il re D. João V sul prezzo dell'organo che sarebbe stato installato a Mafra, lui non si seppe contenere e, con la sua ridicola prosapia di nouveau-riche, disse: “Mi sembra economico. Prendiamone due”. E, non molti anni fa, quando il Portogallo è stato incaricato di organizzare il campionato europeo di calcio, che disgraziatamente non ha vinto, ci sarà stato qualcuno che ha detto che era necessario qualche nuovo stadio perché c'erano troppe poche strutture sportive. Immagino il dialogo: “Quanti?” chiede il personaggio politico del momento, “Mah, tre o quattro dovrebbero bastare”, risponde il tecnico, “Macché tre? quali quattro?” s'indigna l'uomo importante,

“Dez, doze é que hão-de ser, seríamos uns bons idiotas se não aproveitássemos os fundos europeus até lhe vermos o fundo ao saco”. Também neste caso alguém se enganou nas contas ou com elas nos enganou.

Onde as contas parece que batem certo é no número de pobres em Portugal. São dois milhões, segundo as últimas informações. Quer dizer, uma expressão mais da nossa histórica mania das grandezas...

“Dovrebbero essere dieci, dodici, saremmo dei veri idioti se non approfittassimo dei fondi europei fino a grattarne il fondo”. Anche in questo caso qualcuno si è confuso con i conti o grazie a loro ci ha confusi.

Dove i conti sembra non sbagliano è sul numero di poveri in Portogallo. Sono due milioni, secondo gli ultimi dati. Voglio dire, ancora una conferma della nostra storica mania di grandezza...

## ***Colômbia em Lanzarote – Abril 15, 2009***

Veio na pessoa de um dos seus mais dignos representantes: o cidadão e ex-deputado Sigifredo López Tobón, libertado há dois meses de um cativo que durou quase sete anos, nas duríssimas condições da selva colombiana e do desumano tratamento imposto pelas FARC aos sequestrados. Sigifredo López fazia parte de um grupo de doze deputados capturados pela guerrilha colombiana, dos quais onze vieram a ser assassinados recentemente. Sigifredo escapou por casualidade, tinha sido apartado por um acto de indisciplina. Este homem tem todas as razões para odiar o mundo e os seus verdugos, e, contudo, não levanta a voz para narrar os seus sofrimentos pessoais (para ele o que menos importância tem), mas não pode dominar-lhe a tremura

É arrivata nella persona di uno dei suoi più degni rappresentanti: il cittadino ed ex-deputato Sigifredo López Tobón, libero da due mesi dopo una prigionia durata quasi sette anni, nelle durissime condizioni della foresta colombiana e col disumano trattamento riservato dalle FARC ai sequestrati. Sigifredo López faceva parte di un gruppo di dodici deputati catturati dalla guerriglia colombiana, di questi, undici sono stati assassinati di recente. Sigifredo è fuggito per caso, era stato isolato per un gesto di indisciplina. Quest'uomo ha tutte le ragioni per odiare il mondo e i suoi aguzzini, e, ciò nonostante, non alza la voce per raccontare le sue sofferenze personali (quelle che hanno meno importanza per lui), ma non riesce a trattenere un tremolio

quando descreve as horrendas acções das FARC, os assassinatos, as torturas, como a daqueles vinte e dois militares que há doze anos se encontram acorrentados a árvores...

A sala da Fundação César Manrique não tinha um lugar vago, havia pessoas de pé. Durante quase duas horas vivemos numa contínua emoção, intraduzível em palavras. Houve quem chorasse, pelo choque insuportável das revelações monstruosas que nos estavam a ser feitas, mas também (pelo menos foi o meu caso) pela tristeza infinita de que somos assim e de que não há remédio nem salvação para nós. Alguém seria capaz de imaginar que os paramilitares matavam, ou continuam a matar pessoas pelo processo de cortar-lhes os membros com uma moto-serra?

quando descrive le orribili azioni delle FARC, gli ammazzati, le torture, come quelle dei ventidue militari che da dodici anni sono incatenati ad alberi...

La sala della fondazione César Manrique non aveva un posto vuoto, c'era gente in piedi. Abbiamo vissuto un'emozione continua durata quasi due ore, intraducibile a parole. C'è stato chi ha pianto, per l'insopportabile shock delle mostruose rivelazioni che ci venivano fatte, ma anche (almeno nel caso mio) per l'infinita tristezza dovuta al fatto che siamo così e che per noi non c'è rimedio né salvezza. Avrebbe mai potuto immaginare, qualcuno, che i paramilitari uccidevano, o continuano a uccidere persone attraverso mutilazioni con una motosega?

**Bo – Abril 14, 2009**

Congratulemo-nos, o nosso cão de água já está na Casa Branca. Não sei como irão lá pronunciar o nome que lhe deram, mas espero que o façam à francesa, como se tivesse um acento circunflexo na letra o, com o que significaria belo, nem mais nem menos. A esta hora o seu retrato já deu a volta ao mundo, os grand danois e os galgos da Pomerânia mordem-se de inveja, enquanto a rafeirada portuguesa celebra o sucesso com expressões de justificado orgulho patriótico. Em todo o caso, permito-me dizer que tenho uma séria reserva a manifestar: é não conhecer de todo um cão de água ter-lhe posto ao pescoço, para a fotografia, um colar de flores, como se ele fosse uma dançarina hawaiana. Com apenas seis meses de idade, Bo ainda não tem perfeita consciência do respeito que deve ao ramo canino em que teve a sorte de nascer.

Felicitazioni, il nostro cane d'acqua è già nella Casa Bianca. Non so come pronunceranno là il nome che gli hanno dato, ma spero che lo facciano alla francese, come se ci fosse un accento cironflesso sulla lettera o, di modo che significhi bello, né più né meno. A quest'ora la sua immagine ha già fatto il giro del mondo, gli alani e i levrieri di Pomerania muoiono d'invidia, mentre la discendenza portoghese celebra il successo con espressioni di giustificato orgoglio patriottico. Tuttavia, mi permetto di dire che sono costretto a manifestare una seria riserva: significa non conoscere il cane d'acqua l'avergli meso al collo, per la fotografia, una collana di fiori, come se fosse una ballerina hawaiana. Ad appena sei mesi d'età, Bo non ha ancora coscienza del rispetto che deve al ramo canino in cui ha avuto la fortuna di nascere.

Querendo a Casa Branca, podemos emprestar por algum tempo (não muito porque nos faz falta) o nosso Camões para servir de preceptor ao cachorro presidencial e ensinar-lhe as maneiras por que deverá pautar-se, em todas as circunstâncias, um digno cão de água de ascendência portuguesa. Portugal oblige.

Con il consenso della Casa Bianca, potremmo prestargli per un qualche tempo (non troppo perché poi ci mancherebbe) il nostro Camões che servirebbe da precettore al cagnolino presidenziale e gli insegnerebbe le maniere con cui dovrà comportarsi, in tutte le circostanze, un degno cane d'acqua di ascendenza portoghese. Portugal oblige.

## ***L'Aquila – Abril 13, 2009***

Leio numa reportagem sobre o terramoto nos Abruzzos que os sobreviventes, desesperados, impotentes, se perguntam por que foi que o destino os escolheu a eles e à sua terra para campo da tremenda catástrofe. É uma pergunta que nunca terá resposta, mas que invariavelmente fazemos quando a infelicidade nos veio bater à porta, como se em qualquer parte do universo existisse um responsável a quem pedir contas pelos males que nos sucedam. Muitas vezes não há tempo para mais que ver a morte diante, ou nem sequer para isso, quando uma bomba rebenta a dez passos ou o caiuco se desfaz em pedaços com a costa ali mesmo, ao alcance, quando a inundação arrasta casas e pontes como se de obstáculos insignificantes se tratasse, quando o alude ou o deslizamento de terras sepultam povoações inteiras.

Leggo in un reportage sul terremoto in Abruzzo che i sopravvissuti, disperati, impotenti, si chiedono perché il destino abbia scelto loro e la loro terra come luogo per la tremenda catastrofe. É una domanda che non avrà mai risposta, ma che inevitabilmente ci poniamo quando l'infelicità viene a bussare alle nostre porte, come se da qualche parte nell'universo esistesse un responsabile a cui chiedere conto dei mali che ci accadono. Molto spesso abbiamo solo il tempo di vederci la morte davanti, o forse neanche questo, quando una bomba esplode a dieci passi o l'imbarcazione si riduce in pezzi vicino alla costa, raggiungibile, quando l'inondazione si porta via case e ponti come se si trattasse di ostacoli insignificanti, quando la valanga o lo slittamento di terre seppellisce intere popolazioni.

Perguntamos porquê a nós, porquê a mim, e não há resposta. Jacques Brel também tinha perguntado: “Pourquoi moi? Pourquoi maintenant?” – e morreu. É o destino, dizemos, e nele não está escrita a palavra ressurreição. É bom sabê-lo porque, em verdade, o mundo não está para ressurreições. Já basta o que basta.

Ci chiediamo perché a noi, perché a me, e non c'è risposta. Anche Jacques Brel si era chiesto: “Pourquoi moi? Pourquoi maintenant?” – ed è morto. É il destino, diciamo, e dentro di esso non c'è scritta la parola resurrezione. É bene saperlo perché, in realtà, il mondo non esiste perché ci siano resurrezioni. Già basta quel che c'è.



## **Ler – Abril 8, 2009**

Isto a que chamam o meu estilo assenta na grande admiração e respeito que tenho pela língua que foi falada em Portugal nos séculos XVI e XVII. Abrimos os Sermões do Padre António Vieira e verificamos que há em tudo o que escreveu uma língua cheia de sabor e de ritmo, como se isso não fosse exterior à língua, mas lhe fosse intrínseco.

Nós não sabemos ao certo como se falava na época, mas sabemos como se escrevia. A língua então era um fluxo ininterrupto. Admitindo que possamos compará-la a um rio, sentimos que é como uma grande massa de água que desliza com peso, com brilho, com ritmo, mesmo que, por vezes, o seu curso seja interrompido por cataratas.

Quello che chiamano il mio stile si basa sulla grande ammirazione e rispetto che riservo per la lingua parlata in Portogallo nel XVI e nel XVII secolo. Apriamo i Sermoni di Padre António Vieira e ci rendiamo conto che in tutto quello che ha scritto c'è una lingua piena di sapore e di ritmo, come se questo non fosse esterno alla lingua, ma intrinseco ad essa.

Non sappiamo con certezza come si parlava all'epoca, ma sappiamo come si scriveva. La lingua, allora, era un flusso ininterrotto. Ammesso che la si possa paragonare a un fiume, ci si rende conto che è come una grande massa d'acqua che scivola con peso, con brillantezza, con ritmo, nonostante il suo corso sia, alle volte, interrotto da cascate.

Chegam dias de férias, uma boa ocasião para entrar nesta água, nesta língua escrita pelo Padre Vieira. Não aconselho nada a ninguém, mas digo que vou mergulhar na melhor prosa e vou desaparecer estes dias. Alguém quer acompanhar-me?

Arrivano giorni di vacanza, una buona occasione per bagnarsi in quest'acqua, in questa lingua scritta da Padre Vieira. Non consiglio niente a nessuno, ma annuncio che in questi giorni m'immergerò nella miglior prosa e scomparirò. Qualcuno vuole accompagnarmi?

## ***Outra leitura para a crise – Abril 7, 2009***

A mentalidade antiga formou-se numa grande superfície que se chamava catedral; agora forma-se noutra grande superfície que se chama centro comercial. O centro comercial não é apenas a nova igreja, a nova catedral, é também a nova universidade. O centro comercial ocupa um espaço importante na formação da mentalidade humana. Acabou-se a praça, o jardim ou a rua como espaço público e de intercâmbio. O centro comercial é o único espaço seguro e o que cria a nova mentalidade. Uma nova mentalidade temerosa de ser excluída, temerosa da expulsão do paraíso do consumo e por extensão da catedral das compras.

E agora, que temos? A crise.

Será que vamos voltar à praça ou à universidade? À filosofia?

La vecchia mentalità si è formata in una grande superficie che si chiamava cattedrale; adesso si forma in un'altra grande superficie che si chiama centro commerciale. Il centro commerciale non è soltanto la nuova chiesa, la nuova cattedrale, è anche la nuova università. Il centro commerciale occupa uno spazio importante nella formazione della mentalità umana. La piazza, il giardino o la strada come spazio pubblico e di interscambio sono finiti. Il centro commerciale è l'unico spazio sicuro e quello che crea la nuova mentalità. Una nuova mentalità che teme di essere esclusa, che teme di essere espulsa dal paradiso del consumo e, per estensione, dalla cattedrale degli acquisti.

E adesso cosa abbiamo? La crisi.

Sarà che si torni in piazza o all'univeristà? Alla filosofia?

## ***O relógio – Abril 6, 2009***

Um dos meus amigos mais recentes acaba de me oferecer um relógio. Não uma máquina qualquer, mas um Omega. Tinha-me prometido que revolveria céu e terra para o conseguir, e cumpriu a sua palavra. Dir-se-á que a concretização da promessa não depararia com dificuldades de tomo, bastaria entrar numa relojoaria e escolher entre os diversos modelos, que certamente os haveria para todos os gostos clássicos e modernos, incluindo algum que o comprador não imaginava ter. A coisa parece fácil, mas tente o leitor encontrar numa dessas relojoarias um Omega fabricado em 1922, ano do meu nascimento, e diga-me depois o que sucedeu. “Provavelmente”, pensaria o empregado, “este senhor tem a roda de balanço partida”.

Uno dei miei più recenti amici mi ha appena regalato un orologio. Non uno qualsiasi, ma un Omega. Mi aveva promesso che avrebbe smosso cielo e terra per trovarlo, e ha mantenuto la parola. Si dirà che la concretizzazione della promessa non dovrebbe aver comportato difficoltà rilevanti, sarebbe bastato entrare da un’orologiaio e scegliere tra i diversi modelli, ce ne sarebbero stati per tutti i gusti, classici e moderni, compreso alcuni che il cliente neanche immaginava potessero esistere. La cosa sembra facile, ma il lettore provi a cercare in uno di questi orologiai un Omega costruito nel 1922, mio anno di nascita, e poi mi dica cosa succede. “Probabilmente”, penserebbe il commesso, “questo signore ha qualche rotella fuori posto”.

O meu relógio é dos de corda, necessita que diariamente lhe renovem o depósito de energia. Tem um aspecto sério que lhe vem, creio, do material de que está feita a caixa: prata. O mostrador é um exemplo de claridade que consola o coração contemplar. E o mecanismo está protegido por duas tampas, uma delas hermética e onde nem a mais ínfima partícula de pó conseguirá penetrar. O pior é que o relógio começou a causar-me problemas de consciência desde o primeiro dia. A primeira pergunta que me fiz foi esta: “Onde o ponho?” Condeno-o à escuridão de uma gaveta?” Nunca, não tenho o coração assim tão duro. “Então uso-o?” Já tenho relógio, de pulso, claro está, e seria ridículo andar com ambos, sem esquecer que o lugar ideal para um relógio de bolso é o colete, que agora já se não usa. Decidi, portanto, tratá-lo como se fosse um animalzinho doméstico.

Il mio orologio è uno di quelli a corda, necessita che lo si ricarichi ogni giorno. Ha un aspetto serio che, credo, gli venga dal materiale di cui è fatta la cassa: argento. Il quadrante è un esempio di chiarezza la cui vista è una consolazione per il cuore. E il meccanismo è protetto da due lamine, una delle quali ermetica, attraverso cui neanche la più piccola particella di polvere riuscirebbe a entrare. Il problema è che l'orologio ha cominciato a causarmi, dal primo giorno, problemi di coscienza. La prima domanda che mi sono fatto è stata questa: “Dove lo metto?” “Lo condanno all'oscurità di un cassetto?” Mai, non ho il cuore così tanto duro. “Allora lo uso?” Ho già un orologio da polso, ovvio, e sarebbe ridicolo portarne due, senza dimenticare che il luogo ideale per un orologio da tasca è il panciotto, ma adesso non si usa più. Ho deciso, quindi, di trattarlo come se fosse un animaletto domestico.

Passa os seus dias deitado sobre uma pequena mesa ao lado de onde trabalho e creio que é um relógio feliz. E, para consolidar a nossa relação, decidi levá-lo nas minhas viagens. Ele merece-o. Tem tendência para adiantar-se um pouco, mas esse é o único defeito que lhe encontro. Melhor isso que atrasar-se.

O amigo que me deu de presente chama-se José Miguel Correia Noras e vive em Santarém.

Passa i suoi giorni adagiato su un piccolo tavolo accanto a dove lavoro e mi sembra sia un orologio felice. E, per consolidare la nostra relazione, ho deciso di portarlo nei miei viaggi. Se lo merita. Tende un po' ad andare avanti, ma questo è l'unico difetto che riscontro. Meglio questo che se restasse indietro.

L'amico che me lo ha regalato si chiama José Miguel Correia Noras e vive a Santarém.

## ***Santa Maria de Iquique – Abril 3, 2009***

Santa Maria é o nome da escola, por isso supõe-se que a santa propriamente dita, a do céu, não interveio no assunto como, em princípio, a estaria obrigando a sua potestade. O nome do lugar é Iquique, um porto de mar então importante no norte do Chile, numa região rica em salitre, essa mistura de nitrato de sódio e nitrato de potássio directamente criada no inferno, como de certeza pensariam os milhares de homens, tanto do Chile como dos países limítrofes, que na sua extracção trabalhavam. Estamos em 1907. Inevitável como o destino porque essa é a lógica soberana do capital, a impiedosa sobre-exploração da força de trabalho dessa pobre gente acabou por atingir extremos insuportáveis. A greve foi a resposta natural.

Santa Maria è il nome della scuola, per questo si suppone che la santa propriamente detta, quella del cielo, non intervenne nella questione come, invece, il suo potere l'avrebbe dovuta obbligare a fare. Il posto si chiama Iquique, un posto di mare, all'epoca importante in Cile, in una regione ricca di salnitro, questo miscuglio di nitrato di sodio e nitrato di potassio creato direttamente nell'inferno, come certamente pensavano le migliaia di persone, sia cilene che dei paesi limitrofi, che lavoravano alla sua estrazione. Siamo nel 1907. Inevitabile come il destino, perché è questa la logica assoluta del capitale, l'impietosa sovra-esposizione della forza lavoro di questa povera gente finì per raggiungere estremi insopportabili. Lo sciopero fu la risposta naturale.

Dos povoados mineiros nas montanhas começaram a descer, primeiro centenas, logo milhares de trabalhadores que se concentraram na escola Santa Maria, em Iquique. Depois de vários dias em que os grevistas tentaram, sem resultado, negociar, as autoridades governamentais, pressionadas pelos capitalistas estrangeiros, decidiram pôr fim de qualquer maneira ao conflito. No dia 21 de Dezembro, mais de 3000 pessoas, não só mineiros, mas também velhos, mulheres e crianças, foram criminosamente chacinadas pelas forças militares convocadas para a repressão. Ao Chile não têm faltado páginas negras. Esta foi uma das mais trágicas, e das mais absurdas também.

Décadas mais tarde, o compositor chileno Luis Advis, um músico autodidacta de enorme talento, compõe e escreve a Cantata de Santa Maria de Iquique para o grupo Quilapayun.

Dai villaggi di minatori tra le montagne cominciarono a scendere, prima centinaia, poi migliaia di lavoratori che si concentrarono nella scuola Santa Maria, a Iquique. Dopo alcuni giorni durante i quali gli scioperanti tentarono, senza risultato alcuno, di negoziare, le autorità governative, pressate dai capitalisti stranieri, decisero di porre fine in qualsiasi modo alla ribellione. Il 21 dicembre, più di 3000 persone, non solo minatori, ma anche vecchi, donne e bambini, furono in modo criminale massacrati dai militari chiamati a reprimere. Nella storia del Cile non sono mancate pagine nere. Questa è stata una delle più tragiche, e anche delle più assurde.

Passate alcune decadi, il compositore cileno Luis Advis, musicista autodidatta di enorme talento, compone e scrive la Cantata di Santa Maria di Iquique per il gruppo dei Quilapayun.



Apresentada ao público nos primeiros anos de 70, a Cantata de Santa Maria é, ainda hoje, um dos mais altos expoentes da Nova Canção Chilena e de grande parte da América do Sul. Tenho-a aqui em DVD, noventa minutos guiados por esse mágico instrumento que é a flauta andina e pelas magníficas vozes dos componentes do grupo. Também lá apareço. Poucos dias antes da minha entrada no hospital, em Novembro de 2007, vieram aqui para que eu gravasse uma declaração. Aviso já que não sou o José Saramago, mas o seu fantasma. Não há outras imagens tão chocantes de mim nesse período. Quase me apetece pedir que as eliminem, mas o vivido, vivido está e não se deve negar. De todo o modo, ao lado daqueles 3000 mortos, a modéstia aconselha a moderar as expansões de uma pena pessoal. Fiquemos por aqui.

Presentata al pubblico all'inizio degli anni '70, la Cantata di Santa Maria è, ancora oggi, uno dei più grandi esempi della Nuova Canzone Cilena e di gran parte del Sudamerica. Ho qui un DVD, novanta minuti guidati da questo magico strumento che è il flauto andino e dalle magnifiche voci dei componenti del gruppo. Sono presente anche lì. Pochi giorni prima del mio ricovero in ospedale, nel novembre del 2007, vennero qui perché io registrassi una dichiarazione. Vi avviso subito che non troverete José Saramago, ma il suo fantasma. Non esistono altre immagini di me tanto scioccanti di quel periodo. Mi verrebbe quasi voglia di chiedere di eliminarle, ma il vissuto è vissuto e non si deve negare. In tutti i casi, di fronte a quei 3000 morti, la modestia consiglia di moderare le espansioni rispetto a una pena personale. Smettiamo qui.

P.S. Não é fácil encontrar no mercado a Cantata de Santa Maria de Iquique. Se a alguém tiver interessado o que acabei de escrever, ao ponto de querer partilhar estes sentimentos, dirija-se ao produtor executivo Carlos Belmonte, cuja direcção electrónica é [c.belmonte@accionvisual.com](mailto:c.belmonte@accionvisual.com). Espero que mo agradeçam.

P.S. Non è facile trovare sul mercato la Cantata di Santa Caterina di Iquique. Se qualcuno è interessato a quello che ho appena scritto, a tal punto da volerne condividere i sentimenti, si rivolga al produttore esecutivo Carlos Belmonte, il cui indirizzo elettronico è [c.belmonte@accionvisual.com](mailto:c.belmonte@accionvisual.com). Spero che lo ringraziate per me.

## ***G20 – Abril 2, 2009***

Perante a cimeira do G20 de hoje, só três perguntas:

Quê?

Para quê?

Para quem?

Di fronte al vertice del G20 di oggi, solo tre domande:

Cosa?

Per cosa?

Per chi?

## ***Mahmud Darwish – Abril 1, 2009***

No próximo dia 9 de Agosto cumprir-se-á um ano sobre a morte de Mahmud Darwish, o grande poeta palestino. Fosse o nosso mundo um pouco mais sensível e inteligente, mais atento à grandeza quase sublime de algumas das vidas que nele se geram, e o seu nome seria hoje tão conhecido e admirado como o foi, em vida, por exemplo, o de Pablo Neruda. Enraizados na vida, nos sofrimentos e nas imortais esperanças do povo palestino, os poemas de Darwish, de uma beleza formal que frequentemente roça a transcendência do inefável numa simples palavra, são como um diário onde vieram sendo registados, passo a passo, lágrima a lágrima, os desastres, mas também as escassas, ainda que sempre profundas alegrias, de um povo cujo martírio, decorridos sessenta anos, ainda não parece disposto a anunciar o seu fim.

Il prossimo 9 Agosto sarà passato un anno dalla morte di Mahmud Darwish, il grande poeta palestinese. Se il nostro mondo fosse un po' più sensibile e intelligente, più attento alla grandezza quasi sublime di alcune delle vite che lo attraversano, il suo nome sarebbe oggi conosciuto e ammirato come, per esempio, lo fu in vita quello di Pablo Neruda. Radicate nella vita, nelle sofferenze e nelle immortali speranze del popolo palestinese, le poesie di Darwish, di una bellezza formale che molto spesso sfiora la trascendenza dell'ineffabile con una semplice parola, sono come un diario in cui sono stati registrati, passo per passo, lacrima per lacrima, i disastri, ma anche le privazioni, oltre che le profonde allegrie, di un popolo il cui martirio, passati sessant'anni, non sembra disposto ad annunciare la sua fine.

Ler Mahmud Darwish, além de uma experiência estética impossível de esquecer, é fazer uma dolorosa caminhada pelas rotas da injustiça e da ignomínia de que a terra palestina tem sido vítima às mãos de Israel, esse verdugo de quem o escritor israelita David Grossmann, em hora de sinceridade, disse não conhecer a compaixão.

Hoje, na biblioteca, li poemas de Mahmud Darwish para um documentário que será apresentado em Ramala no aniversário da sua morte. Estou convidado a lá ir, veremos se me será possível fazer essa viagem, que certamente não seria grata à polícia israelita. Recordaria então, no próprio local, o abraço fraterno que nos demos há sete anos, as palavras que trocámos e que nunca mais pudemos renovar.

Leggere Mahmud Darwish, oltre che un'esperienza estetica impossibile da dimenticare, significa compiere una dolorosa passeggiata sulla scia dell'ingiustizia e dell'ignominia di cui la terra paletinese è stata vittima per mano di Israele, questo boia di cui lo scrittore israeliano David Grossman, in un momento di sincerità, ha detto non conoscere la compassione. Oggi, in biblioteca, ho letto poesie di Mahmud Darwish per un documentario che verrà presentato a Ramallah in occasione dell'anniversario della sua morte. Mi hanno invitato ad andare là, vedremo se mi sarà possibile intraprendere questo viaggio, che certamente non sarebbe gradito dalla polizia israeliana. Mi piacerebbe ricordare, proprio lì, l'abbraccio fraterno che ci scambiammo sette anni fa, le parole che ci siamo rivolti e che mai più potremo tornare a fare.

Às vezes, a vida tira como uma mão aquilo que tinha dado com a outra. Assim me aconteceu com Mahmud Darwish.

A volte, la vita ti toglie con una mano quello che ti aveva dato con l'altra. Così è successo a me con Mahmud Darwish.

**Março 2009:**

## ***Geometria fractal – Março 31, 2009***

Tal como o sr. Jourdain de Molière fazia prosa sem o saber, houve um momento na minha vida em que, sem me ter apercebido do fenómeno, me encontrei metido em algo tão misterioso como a geometria fractal, da qual, escusado seria dizê-lo, ignorava tudo. Foi isso pelo ano de 99, quando um geómetra espanhol, Juan Manuel Garcia-Ruiz, me escreveu a pedir a minha atenção para um exemplo de geometria fractal presente no meu livro *Todos os Nomes*. Indicava-me a passagem em questão, a qual reza assim: “Observado desde o ar... parece uma árvore tombada, com um tronco curto e grosso, constituído pelo núcleo central de sepulturas, de donde arrancam quatro poderosas ramas, contíguas no seu nascimento, mas que depois, em bifurcações sucessivas, se estendem até perder-se de vista, formando...”

Così come il signor Jourdain de Molière faceva prosa senza saperlo, c'è stato un momento della mia vita in cui, senza rendermene conto, mi trovai ad avere a che fare con qualcosa di tanto misterioso come la geometria frattale, di cui, mi sento giustificato nel dirlo, ignoravo tutto. È successo nel 1999, quando lo studioso di geometria spagnolo, Juan Manuel Garcia-Ruiz, mi scrisse per farmi notare un esempio di geometria frattale nel mio libro *Tutti i nomi*. Mi indicava il passaggio in questione, che recita così: “Osservando dall’alto... sembra un albero caduto, con un tronco corto e spesso, costituito da un nucleo centrale di sepolture, da cui si trascinano quattro poderosi rami, contigui all’origine, che poi, con successive biforcazioni, si estendono a perdita d’occhio, formando...”



uma frondosa copa em que a vida e a morte se confundem”. Não pensei em mudar de ofício, mas todos os meus amigos notaram que havia uma convicção nova no meu espírito, uma espécie de encontro na estrada de Damasco.

Durante aqueles dias ombreei com os melhores géometras do mundo, nada mais, nada menos. Aquilo a que eles haviam chegado à custa de muito estudo, alcançara-o eu graças a um golpe de intuição científica, do qual, falando fracamente, apesar do tempo que passou, ainda não me recompus. Dez anos depois, acabo de sentir a mesma emoção na figura de um livro intitulado *Armonía Fractal – De Doñana a las marismas* de que Juan Manuel é autor, juntamente com o seu colega Héctor Garrido. As ilustrações são, em muitos casos extraordinárias, os textos de uma precisão científica nada incompatível com a beleza das formas e dos conceitos.

una folta coppa in cui la vita e la morte si confondono”. Non ho pensato di cambiare lavoro, ma tutti i miei amici notarono che c’era qualcosa di nuovo nel mio spirito, una specie di folgorazione sulla via di Damasco.

In quei giorni ero al passo con i migliori studiosi di geometria del mondo, né più, né meno. Quello a cui loro erano arrivati grazie a molto studio, io l’avevo raggiunto grazie a un colpo d’intuizione scientifica, di cui, a dirla tutta, nonostante il tempo che è passato, ancora non mi capacito. Dieci anni dopo, provo la stessa emozione nel finire un libro intitolato *Armonía Fractal – De Doñana a las marismas* di cui Juan Manuel è autore insieme al suo collega Héctor Garrido. Le illustrazioni sono molto spesso straordinarie, i testi di una precisione scientifica per niente incompatibile con la bellezza delle forme e dei concetti.

Comprem-no e regalem-se. É uma autoridade  
quem o recomenda...

Compratelo e regalatevelo. Ve lo consiglia  
un'autorità...

## ***Raposa do Sol – Março 30, 2009***

Lá de longe em longe o dia amanhece diferente. Que o digam os índios da reserva indígena da Raposa do Sol no Estado de Roraima, ao norte do Brasil, a quem o Supremo Tribunal Federal acaba de reconhecer e confirmar definitivamente o seu direito à plena posse e ao uso pleno dos mil quilómetros quadrados de superfície da reserva. A sentença não deixa qualquer margem a dúvidas: os não índios devem sair imediatamente da Raposa do Sol, assim como as empresas arroseiras que durante anos invadiram o território e nele se instalaram abusivamente. Já em 2005 o presidente Lula havia decidido a entrega da reserva aos indígenas e a saída das empresas arroseiras, mas as autoridades do Estado de Roraima, favoráveis aos arroseiros, recorreram ao Supremo Tribunal por considerarem inconstitucional o decreto presidencial.

Da quelle parti di tanto in tanto il sole sorge in maniera differente. Non ditelo agli indios della riserva indigena di Raposa do Sol nello Stato di Roraima, a nord del Brasile, a cui il Supremo Tribunale Federale ha appena riconosciuto e confermato definitivamente il diritto al pieno possesso e utilizzo dei mille chilometri quadrati di cui è composta la riserva. La sentenza non lascia margini a dubbi: i non-indios devono uscire immediatamente da Raposa do Sol, così come le imprese del riso che per anni hanno invaso il territorio occupandolo abusivamente. Già nel 2005 il presidente Lula aveva deciso la restituzione della riserva agli indigeni e l'espulsione delle imprese del riso, ma le autorità dello Stato di Roraima, a favore dei risai, fecero ricorso al Tribunale Supremo ritenendo incostituzionale il decreto presidenziale.

Quatro anos depois o Supremo decide a questão e põe uma definitiva pedra sobre o assunto. Nem tudo, porém, são rosas neste idílico quadro. Afinal, a luta de classes, tão discutida em épocas relativamente recentes e que parecia haver sido condenada ao caixote do lixo da História, existe mesmo. Com esta visão unilateral que temos, nós, os europeus, dos problemas sociais da América Latina, tendemos a ver unanimidades onde elas não existem nem existiram nunca. Na Raposa do Sol, os índios endinheirados, que também lá os há, fizeram causa comum com os não índios e com as empresas arroseiras. A festa foi dos outros, dos pobres.

Cá para baixo, na Cidade Maravilhosa, a do samba e do carnaval, a situação não está melhor. A ideia, agora, é rodear as favelas com um muro de cimento armado de três metros de altura.

Quattro anni dopo il Giudice Supremo si esprime sull'argomento mettendoci una pietra sopra in modo definitivo. Però in questo idilliaco quadretto non sono tutte rose e fiori. Alla fine, la lotta di classe, tanto discussa in tempi relativamente recenti e che sembrava esser stata condannata alla spazzatura dalla Storia, esiste ancora. Con la visione unilaterale che noi, gli europei, abbiamo dei problemi sociali dell'America Latina, tendiamo a vedere unanimità laddove non esistono e mai sono esistite. A Raposa do Sol, gli indios arricchiti, che ce ne sono anche là, avevano sposato la causa dei non-indios e delle imprese del riso. La festa è stata degli altri, dei poveri.

Qui giù, nella Città Meravigliosa, quella del samba e del carnevale, la situazione non è migliore. L'idea, adesso, è di cingere le favelas con un muro di cemento armato alto tre metri.

Tivemos o muro de Berlim, temos os muros da Palestina, agora os do Rio. Entretanto, o crime organizado campeia por toda a parte, as cumplicidades verticais e horizontais penetram nos aparelhos de Estado e na sociedade em geral. A corrupção parece imbatível. Que fazer?

Abbiamo avuto il muro di Berlino, abbiamo le mura della Palestina, adesso quelle di Rio. Intanto il crimine organizzato campeggia ovunque, le complicità verticali e orizzontali penetrano nei meccanismi dello Stato e, in generale, nella società. La corruzione sembra imbattibile.

Che fare?

## ***Saco de gatos – Março 27, 2009***

Os avisos não faltaram: cuidado, a União Europeia arrisca-se a ser um saco de gatos com tanto de perigoso como de ridículo. Era impossível que os velhos egoísmos nacionais, a sempiterna ambição pessoal dos políticos, a corrupção mental (pelo menos essa) que desde a primeira hora contagia qualquer intento de organização colectiva que não se reja por princípios claros de honestidade intelectual e de respeito mútuo, era impossível, repito, que este conjunto de negatividades extremas não acabasse por confrontar a União Europeia com a sua mais grotesca caricatura. Sucedeu agora com a intervenção do checo Mirek Topolánek, presidente de turno da União e, desconcertante paradoxo, demissionário do cargo de primeiro-ministro do seu país, que não só investiu contra o presidente dos Estados Unidos nos termos mais duros,

I segnali non sono mancati: attenzione, l'Unione Europa rischia di diventare un nido di vespe pericoloso quanto ridicolo. Era impossibile che i vecchi egoismi nazionali, la sempiterna ambizione personale dei politici, la corruzione mentale (perlomeno questa) che da sempre infetta qualsiasi tentativo di organizzazione collettiva che non si regga su chiari principi di onestà intellettuale e di rispetto reciproco, era impossibile, ripeto, che questo insieme di elementi estremamente negativi non finisse per rendere l'Unione Europea la più grande caricatura di se stessa. E' successo da poco con l'intervento del ceco Mirek Topolánek, presidente di turno dell'Unione e, sconcertante paradosso, primo ministro dimissionario nel suo paese, che non solo ha inveito contro il presidente degli Stati Uniti nei termini più duri,

acusando-o de, com o seu plano, levar a economia pelo “caminho do inferno”, ou, em versão atenuada, “do desastre”, como deixou claro por onde vão os seus sonhos e simpatias: liberalismo radical da velha escola e rejeição de qualquer medida que possa ser assimilável, ainda que superficialmente, a um intervencionismo social-democrata. O sr. Topolanek é, como se vê, uma firme esperança da humanidade.

Por coincidência, o presidente do governo de Espanha, Rodríguez Zapatero, encontrou-se ainda há dois dias sob fogo cerrado de todo o arco da oposição parlamentar por causa, não da próxima retirada das tropas espanholas, que essa já estava decidida há mais de um ano, mas por ter faltado às normas mais elementares, não informando previamente a NATO nem a administração norte-americana.

accusandolo, per il suo piano, di portare l'economica sulla “strada per l'inferno”, o, versione attenuata, “del disastro”, ma ha anche chiaramente espresso l'orientamento dei suoi sogni e simpatie: liberalismo radicale di vecchia scuola e rigetto di qualsiasi misura che possa essere assimilabile, per quanto in maniera superficiale, a un interventismo social-democratico. Il signor Topolanek è, evidentemente, una forte speranza per l'umanità.

Per pura coincidenza, il presidente del governo spagnolo, Rodríguez Zapatero, solo due giorni fa si è ritrovato sotto il fuoco incrociato di tutto l'arco dell'opposizione a causa, non del prossimo ritiro di militari, perchè questo era stato deciso già da un anno, ma per aver mancato alle norme più elementari, non avvisando in modo preventivo la NATO e l'amministrazione nord-americana.

Em minha opinião, efectivamente, o governo errou. Mas a questão que se me apresenta é esta: que pensa o Parlamento Europeu fazer para deixar claro ao sr. Topolanek que ele, além de reaccionário, é grosseiro e mal-educado?

Secondo me, in effetti, il governo ha sbagliato. Ma la domanda che mi si presenta è questa: cosa pensa di fare l'Unione Europea per far capire al signor Topolanek che lui, oltre che reazionario, è rozzo e maleducato?



## **Questão de cor – Março 26, 2009**

Diálogo num anúncio de automóveis na televisão. Ao lado do pai, que conduz, a filha, de uns seis ou sete anos, pergunta: “Papá, sabias que a Irene, a minha colega da escola, é negra?” Responde o pai: “Sim, claro...” E a filha: “Pois eu não...” Se estas três palavras não são precisamente um soco na boca do estômago, uma outra coisa serão com certeza: um safanão na mente. Dir-se-á que o breve diálogo não é mais que o fruto do talento criador de um publicitário de génio, mas, mesmo aqui ao lado, a minha sobrinha Júlia, que não tem mais que cinco anos, perguntada sobre se em Tías, localidade onde vivemos, havia negras, respondeu que não sabia. E Júlia é chinesa...

Dialogo in una televendita di automobili. Al lato del padre, che conduce, la figlia, di sei o sette anni, domanda: “Papà. Sapevi che Irene, la mia compagna di scuola, è nera?” Il padre risponde: “Sì, certo...” E la figlia: “Beh io no...” Se queste tre parole non sono esattamente un pugno alla bocca dello stomaco, sono senz’altro un’altra cosa: uno schiaffo per la mente. Direte che il breve dialogo non è altro che il frutto del talento creativo di un pubblicitario geniale, ma, anche qui accanto a me, mia nipote Julia, che non ha ancora cinque anni, alla domanda se a Tías, luogo in cui viviamo, ci fossero dei neri, ha risposto che non sapeva. E Julia è cinese...

Diz-se que a verdade sai espontaneamente da boca das crianças, porém, vistos os exemplos dados, não parece ser esse o caso, uma vez que Irene é realmente negra e negras não faltam também em Tías. A questão é que, ao contrário do que geralmente se crê, por muito que se tente convencer-nos do contrário, as verdades únicas não existem: as verdades são múltiplas, só a mentira é global. As duas crianças não viam negras, viam pessoas, pessoas como elas próprias se vêem a si mesmas, logo, a verdade que lhes saiu da boca foi simplesmente outra.

Já o sr. Sarkozy não pensa assim. Agora teve a ideia de mandar proceder a um censo étnico destinado a “radiografar” (a expressão é sua) a sociedade francesa, isto é, saber quem são e onde estão os imigrantes, supostamente para os retirar da invisibilidade e comprovar se as políticas contra a discriminação são eficazes.

Si dice che la verità sgorga spontanea dalla bocca dei bambini, però, visti gli esempi in questione, non sembra essere questo il caso, se Irene è veramente nera e anche a Tías le nere non mancano. La questione è che, al contrario di quello che si crede, nonostante tentino di convincerci del contrario, le verità uniche non esistono: le verità sono multiple, solo la menzogna è globale. Le due bambine non vedevano neri vedevano persone, persone esattamente come loro vedono se stesse, quindi, la verità scaturita è semplicemente altra.

Il signor Sarkozy, per esempio, non la pensa così. Adesso ha avuto l'idea di procedere con un censimento etnico che permetta di “radiografare” (sua espressione) la società francese, per sapere, quindi, chi sono e dove sono gli immigrati, in modo da poterli sottrarre all'invisibilità e verificare se le politiche contro le discriminazioni siano efficaci.

Segundo uma opinião muito difundida, o caminho para o inferno está calcetado de boas intenções. Por aí creio que irá a França se a iniciativa prospera. Não é nada difícil imaginar (os exemplos do passado abundam) que o censo possa vir a converter-se num instrumento perverso, origem de novas e mais requintadas discriminações. Estou a pensar seriamente em pedir aos pais de Júlia que a levem a Paris para aconselhar o sr. Sarkozy...

Secondo un'opinione molto diffusa, la strada per l'inferno è lastricata di buone intenzioni. Sarà quella la direzione che percorrerà la Francia se questa iniziativa dovesse avere buon fine. Non è difficile immaginare (in passato gli esempi abbondano) che il censimento possa trasformarsi in uno strumento perverso, origine di nuove e più sottili discriminazioni. Sto seriamente pensando di chiedere ai genitori di Julia di portarla a Parigi a dare un consiglio al signor Sarkozy...

## ***O amanhã e o milénio – Março 25, 2009***

Há dias li um artigo de Nicolas Ridoux, autor de *Menos é mais*. Introdução à filosofia do decrescimento, e recordei que já há uns bons anos, nas vésperas da entrada do milénio em que já estamos instalados, participei num encontro em Oviedo onde a alguns escritores se solicitava que traçássemos objectivos para o milénio. A mim pareceu-me que falar do milénio era demasiado ambicioso, por isso propus-me falar apenas do dia seguinte. Recordo que fiz propostas concretas e que uma delas era a agora enunciada por Ridoux no seu *Menos é mais*. Procurei no disco duro de computador e decidi-me a recuperar parte do que escrevi então e que hoje me parece ter ainda mais actualidade que nessa altura.

Qualche giorno fa ho letto un articolo di Nicolas Ridoux, autore di *Meno è più*. Introduzione per una filosofia della decrescita, e ho ricordato che alcuni anni prima, all'alba del millennio in cui siamo, avevo partecipato a un incontro a Oviedo in cui si sollecitavano degli scrittori a tracciare obiettivi per il millennio. A me sembrò che parlare del millennio fosse un po' troppo ambizioso, per questo mi ripromisi di parlare soltanto del giorno seguente. Ricordo che portai proposte concrete e una di quelle è la stessa adesso spiegata da Ridoux nel suo *Meno è più*. Ho cercato sul disco rigido del computer, deciso a recuperare parte di ciò che avevo scritto allora e che oggi mi sembra ancora più attuale.

Quanto às visões do futuro, creio que seria preferível que começássemos por preocupar-nos com o dia de amanhã, quando se supõe que ainda estaremos quase todos vivos. Na verdade, se no remoto ano de 999, em qualquer parte da Europa, os poucos sábios e os muitos teólogos que então existiam se tivessem deitado a adivinhar sobre como seria o mundo daí a mil anos, estou que errariam em tudo. Contudo, algo penso eu em que mais ou menos acertariam: que não haveria qualquer diferença fundamental entre o confuso ser humano de hoje, que não sabe e não quer perguntar aonde o levam, e a amedrontada gente que, naqueles dias, acreditava estar próximo o fim do mundo. Em comparação, já será de prever um número muito maior de diferenças de todo o tipo entre as pessoas que hoje somos e aquelas que nos sucederão, não daqui a mil anos, mas a cem.

Per quanto riguarda le visioni del futuro, credo sia meglio che ci si cominci a preoccupare del giorno di domani, quando, si suppone, saremo ancora quasi tutti vivi. In realtà, se nel lontano anno 999, da qualche parte in Europa, i pochi saggi e i molti teologi che c'erano allora avessero provato a prevedere come sarebbe stato il mondo da lì a mille anni, credo che avrebbero sbagliato su tutto. Nonostante ciò, credo che una cosa l'avrebbero più o meno indovinata: che non c'era nessuna differenza fondamentale tra il confuso essere umano di oggi, che non sa e non vuol chiedere dove lo portano, e la terrorizzata gente che, in quei giorni, temeva di essere vicina alla fine del mondo. In confronto, ci sarà un numero maggiore di differenze di tutti i tipi tra le persone che siamo oggi e quelle che ci succederanno, non tra mille, ma cento anni.

Por outras palabras: talvez nós tenhamos ainda muito que ver com os que viveram há um milénio, mais do que com esses outros que daqui a um século habitarão o planeta... É agora que o mundo se acaba, está no ocaso o que há mil anos apenas alvorecia.

Ora, enquanto se acaba e não se acaba o mundo, enquanto se põe e não se põe o sol, por que não nos dedicaremos a pensar um pouco no dia de amanhã, esse tal em que quase todos nós ainda estaremos felizmente vivos? Em vez de umas quantas propostas arrojadamente gratuitas sobre e para uso do terceiro milénio, que logo ele, mais do que provavelmente, se encarregará de reduzir a cisco, por que não nos decidimos a pôr de pé umas quantas ideias simples e uns quantos projectos ao alcance de qualquer compreensão?

In altre parole: è probabile che noi abbiamo, oggi, molto più in comune con quelli che hanno vissuto un millennio fa rispetto a quello che avremo con quelli che da qui a un secolo vivranno il pianeta... Il mondo sta finendo adesso, siamo al tramonto di ciò che mille anni fa stava appena sorgendo.

Adesso, mentre finisce o non finisce il mondo, mentre cala o non cala il sole, perché non dedichiamo il nostro tempo a pensare un po' al giorno di domani, in cui quasi tutti noi saremo ancora felicemente vivi? Invece di queste proposte forzate e gratuite sul e per l'uso del terzo millennio, che, da subito, lui stesso si occuperà di trasformare in nulla, perché non decidiamo di proporre alcune idee semplici e qualche progetto alla portata di qualsiasi comprensione?

Estes, por exemplo, no caso de não se arranjar coisa melhor: a) Desenvolver desde a retaguarda, isto é, fazer aproximar das primeiras linhas de bem-estar as crescentes massas de população deixadas atrás pelos modelos de desenvolvimento em uso; b) Suscitar um sentido novo dos deveres humanos, tornando-o correlativo do exercício pleno dos seus direitos; c) Viver como sobreviventes, porque os bens, as riquezas e os produtos do planeta não são inesgotáveis; d) Resolver a contradição entre a afirmação de que estamos cada vez mais perto uns dos outros e a evidência de que nos encontramos cada vez mais isolados; e) Reduzir a diferença, que aumenta em cada dia, entre os que sabem muito e os que sabem pouco.

venga in mente niente di meglio: a) Avanzare dalla retroguardia, ossia, avvicinare alle prime linee del benessere le crescenti masse di gente lasciate indietro dai modelli di sviluppo in uso; b) Creare un nuovo senso dei doveri umani, rendendolo correlato al pieno esercizio dei proprio diritti; c) Vivere come sopravvissuti, perché i beni, le ricchezze e i prodotti del pianeta non sono inesauribili; d) Risolvere la contraddizione tra l'affermazione che siamo sempre più vicini gli uni agli altri e l'evidenza che ci troviamo sempre più isolati; e) Ridurre la differenza, che aumenta ogni giorno, tra quelli che sanno molto e quelli che sanno poco.

Queste, per esempio, nel caso in cui non ci

Creio que é das respostas que dermos a questões como estas que dependerá o nosso amanhã e o nosso depois de amanhã. Que dependerá o próximo século. E o milénio todo. A propósito, regressemos à Filosofia.

Credo sia dalle risposte che daremo a questioni come queste che dipenderà il nostro domani e il nostro dopodomani. Che dipenderà il prossimo secolo. E il millennio intero. A questo proposito, si torni alla Filosofia.



## ***Lá vem lobo! – Março 24, 2009***

A história, em geral contada pelo avô da família, era infalível nos serões da província, não como simples divertimento dos inocentes infantes, mas como peça fundamental de um bom sistema educativo, precursora, de alguma forma, do juramento com que as testemunhas se comprometem, ou comprometiam, a dizer a verdade, toda a verdade e só a verdade. A dúvida que aí deixo resulta apenas do facto de não ser frequentador de tribunais, a minha curiosidade sobre as diversas manifestações da natureza humana não me incitou nunca a meter o nariz na vida alheia, mesmo tratando-se do maior criminoso do século. Feitios. Ora, o que na história do avô se contava era que um pequeno pastor de ovelhas, talvez para entreter as suas solitárias horas no monte, decidiu um dia gritar que vinha o lobo, que vinha o lobo,

La storia, di solito raccontata dal nonno di famiglia, era infallibile durante le serate di provincia, non come semplice divertimento dei piccoli innocenti, ma come opera fondamentale di un buon sistema educativo, precursore, in qualche modo, del giuramento con cui i testimoni si rivelano, o rivelano, per essere sinceri, tutta la verità e nient'altro che la verità. Il dubbio che mi resta è dovuto soltanto al fatto che io non sono un frequentatore di tribunali, la mia curiosità sulle diverse manifestazioni della natura umana non mi ha mai portato a ficcare il naso nella vita altrui, fosse anche il più grande criminale del secolo. Carattere. Ora, la storia del nonno raccontava di un giovane pastore di pecore che, forse per far passare le sue solitarie ore sul monte, decise un giorno di gridare "al lupo, al lupo",

em modo tal que a gente da aldeia, armada de chuços, cachaporras e algum bacamarte da penúltima guerra, saiu em tromba para defender as ovelhas e, de caminho, o zagal que as guardava. Afinal, não havia lobo, tinha fugido com os gritos, disse o moço. Não era verdade, mas, como mentira, parecia bastante convincente. Satisfeito com o resultado da mistificação, o nosso pastor resolveu repetir a graça e, uma vez mais, a aldeia acudiu em peso. Nada, de lobo nem cheiro. À terceira vez, porém, ninguém moveu um pé da sua casa, estava visto que o zagal mentia com quantos dentes tinha na boca, que grite, já se cansará. O lobo levou as ovelhas que quis, enquanto o moço, empoleirado numa árvore, assistia impotente ao desastre. Embora o tema de hoje não seja esse, vem a pêlo recordar as vezes que muitos de nós também gritámos que vinha o lobo.

di modo che la gente della campagna, armata di bastoni, spranghe e qualche carabina della penultima guerra, uscisse di corsa per difendere le pecore e, sulla strada, il pastore che le sorvegliava. Alla fine il lupo non c'era, era scappato per le grida, disse il ragazzo. Non era vero, come menzogna, però, era abbastanza convincente. Soddisfatto dal risultato della sua mistificazione, il nostro pastore decise allora di ripetere lo scherzo e, ancora una volta, i contadini risposero in massa. Ma niente, del lupo neanche l'ombra. La terza volta, però, nessuno mosse un piede fuori casa, si era capito che il pastore mentiva con tutti i denti che aveva nella bocca, gridi pure, si stancherà. Il lupo prese le pecore che voleva, mentre il ragazzo, abbarbicato su un albero, assisteva impotente al disastro. Nonostante il tema di oggi non sia questo, colgo l'occasione per ricordare le volte in cui molti di noi gridano "al lupo, al lupo!".

Foram muitos mais os que negavam que o lobo viesse, mas afinal veio e trazia uma palavra na coleira: crise.

Vamos a ver o que se passará depois da recente notícia de que são muitos, muitíssimos, os portugueses que decidiram aprender espanhol e tomam muito a sério a decisão. Temo, porém, que os patrioteiros do costume comecem a gritar por aí que vem o lobo. De acordo que alguma coisa vem, e essa é a necessidade de aproximação dos povos da península, este de cá e os outros de lá. A História, quando quer, empurra muito.

Erano molti di più quelli che negavano l'arrivo del lupo, ma alla fine è venuto e portava una parola sul collare: crisi.

Vedremo cosa succederà dopo la recente notizia che sono in molti, moltissimi, i portoghesi che hanno deciso di imparare lo spagnolo e prendono molto sul serio questa decisione. Temo, però, che i patrioti delle abitudini cominceranno a gridare che arriva il lupo. D'accordo, qualcosa arriva, ed è la necessità di avvicinamento dei popoli della penisola, questi di qui e quelli di là. La Storia, quando vuole, accelera molto.

## ***Funes & Funes – Março 23, 2009***

Há anos, bastantes já, numa viagem que do Canadá nos levaria a Cuba, fizemos paragem em Costa Rica e El Salvador. Desta última visita quero falar hoje. Como sempre sucede quando ando viajando por aí, dei algumas entrevistas, a mais importante das quais a Mauricio Funes, agora presidente eleito de El Salvador. Não o conhecia de antes. Tive a grata surpresa de encontrar, não um jornalista mais ou menos funcional encarregado de convencer o recém-chegado escritor das virtudes de um regime baseado na mais feroz repressão, responsável directo, desde o governo às forças militares, pelos abusos, arbitrariedades e crimes cometidos pelo Estado e pelas poderosas famílias de terra-tenentes, senhores absolutos da economia do país, mas um interlocutor culto e informado de tudo quanto respeitava,

Alcuni anni fa, parecchi ormai, durante un viaggio che dal Canada ci avrebbe portato a Cuba, facemmo una sosta in Costa Rica e El Salvador. Di quell'ultima visita, oggi, voglio parlare. Come sempre accade quando viaggio in quelle zone, rilasciai alcune interviste, di queste la più importante fu quella con Mauricio Funes, adesso presidente eletto di El Salvador. Non lo conoscevo prima. Ebbi la felice sorpresa di incontrare, non un giornalista più o meno funzionario incaricato di convincere lo scrittore appena arrivato delle virtù di un regime basato sulla più feroce repressione, responsabile diretto, dal governo agli organi militari, degli abusi, arbitarietà e crimini commessi dallo Stato e dalle potenti famiglie di latifondisti, signori assoluti dell'economia del paese, ma un interlocutore colto e informato su tutto quanto riguardasse,

não só ao longo martírio sofrido pela população, mas também sobre a problemática possibilidade de uma mudança que ainda não parecia vislumbrar-se no horizonte social e político da sociedade salvadorenha. Não voltámos a ver-nos, mas Pilar tem mantido, desde então, e em momentos pessoais e políticos muito duros para eles, uma correspondência assídua com Vanda Pignato, a esposa de Mauricio, que, a partir de agora irá certamente intensificar-se.

O outro Funes que aparece no título é o de Borges, aquele homem dotado de uma memória que tudo absorvia, tudo registava, factos, imagens, leituras, sensações, a luz de um amanhecer, uma prega de água na superfície de um lago. Não peço tanto ao presidente eleito de El Salvador, apenas que não esqueça nenhuma das palavras que pronunciou na noite do seu triunfo

non solo il lungo martirio sofferto dalla popolazione, ma anche la problematica possibilità di un cambiamento che ancora non sembrava profilarsi nell'orizzonte sociale e politico nella società salvadoregna. Non ci siamo più visti, ma Pilar ha mantenuto, da allora, e in momenti personali e politici molto duri per loro, una corrispondenza frequente con Vanda Pignato, moglie di Mauricio, che da oggi si intensificherà certamente.

L'altro Funes che compare nel titolo è quello di Borges, quell'uomo dotato di una memoria che assorbiva tutto, registrava tutto, fatti, immagini, letture, sensazioni, la luce di un'alba, una piega dell'acqua sulla superficie di un lago. Non chiedo tanto al presidente eletto di El Salvador, soltanto che non dimentichi nessuna delle parole che ha pronunciato la sera del suo trionfo

perante milhares de homens e mulheres que tinham visto nascer finalmente a esperança. Não os desiluda, senhor presidente, a história política da América do Sul transborda de decepções e frustrações, de povos inteiros cansados de mentiras e enganar, é tempo, é urgente mudar tudo isto. Para Daniel Ortega, já temos um.

davanti a migliaia di uomini e donne che, finalmente, avevano visto nascere la speranza. Non li disilluda, signor presidente, la storia politica del Sud America straborda di defezioni e frustrazioni, di interi popoli stanchi di menzogne e inganni, è tempo, è urgente che tutto questo cambi. Per Daniel Ortega, uno ne abbiamo già.

## ***Presidenta – Março 16, 2009***

Este texto cerra meio ano de trabalho. Outros trabalhos e anos sucederão a estes se os fados assim quiserem. Hoje, por coincidência dia do seu aniversário, o meu tema é Pilar. Nada de surpreendente para quem quiser recordar o que sobre ela tenho dito e escrito em já quase um quarto de século que levamos juntos. Desta vez, porém, quero deixar constância, e supremamente o quero, do que ela significa para mim, não tanto por ser a mulher a quem amo (porque isso são contas do nosso rosário privado), mas porque graças à sua inteligência, à sua capacidade criativa, à sua sensibilidade, e também à sua tenacidade, a vida deste escritor pôde ter sido, mais do que a de um autor de razoável êxito, a de uma contínua ascensão humana.

Questo testo chiude mezzo anno di lavoro. Altri lavori e anni succederanno a questi se il fato così vorrà. Oggi, casualmente giorno del suo compleanno, il mio tema è Pilar. Niente di sorprendete per chi voglia ricordare quello che su di lei ho detto e scritto durante quasi un quarto di secolo che abbiamo passato insieme. Questa volta, però, voglio lasciare memoria, e lo voglio fermamente, di quello che lei significa per me, non tanto perché si tratti della donna che amo (che queste sono questioni del nostro rosario privato), ma perché grazie alla sua intelligenza, alla sua capacità creativa, alla sua sensibilità, e anche alla sua tenacia, la vita di questo scrittore può esser stata, più che quella di un autore con un ragionevole successo, quella di una continua ascensione umana.

Faltava, mas isso não podia imaginá-lo eu, a idealização e a concretização de algo que ultrapassasse a esfera da actividade profissional ou que dela pudesse apresentar-se como seu prolongamento natural. Foi assim que nasceu a Fundação, obra em tudo e por tudo obra de Pilar e cujo futuro não é concebível, aos meus olhos, sem a sua presença, sem a sua acção, sem o seu génio particular. Deixo nas suas mãos o destino da obra que criou, o seu progresso, o seu desenvolvimento. Ninguém o mereceria mais, nem sequer de longe. A Fundação é um espelho em que nos contemplamos os dois, mas a mão que o sustém, a mão firme que o sustém, é a de Pilar. A ela me confio como a qualquer outra pessoa não seria capaz. Quase me apetece dizer: este é o meu testamento. Não nos assustemos, porém, não vou morrer, a Presidenta não mo permitiria.

Mancava, ma questo io non potevo immaginarlo, l'idealizzazione e la concretizzazione di qualcosa che andasse oltre la sfera dell'attività professionale o che di questa potesse presentarsi come naturale prolungamento. Così è nata la Fondazione, in tutto e per tutto opera di Pilar e il cui è futuro non è concepibile, ai miei occhi, senza la sua presenza, senza il suo intervento, senza il suo particolare genio. Lascio nelle sue mani il destino dell'opera che ha creato, il suo progresso, il suo sviluppo. Nussuno lo meriterebbe di più, neanche lontanamente. La Fondazione è lo specchio in cui noi ci contempliamo, ma la mano che lo regge, la mano ferma che regge, è quella di Pilar. Con lei mi confido come non sarei capace di fare con nessun'altra persona. Mi viene voglia quasi di dire: questo è il mio testamento. Non ci rattristiamo però, non morirò, la Presidentessa non lo permetterebbe.



Já lhe devi a vida uma vez, agora é a vida da Fundação que ela deverá proteger e defender. Contra tudo e contra todos. Sem piedade, se necessário for.

Già le devo la vita una volta, ora è la vita della Fondazione che lei dovrà proteggere e difendere. Contro tutto e contro tutti. Senza pietà, se fosse necessario.

## ***A democracia num táxi – Março 13, 2009***

O eminente estadista italiano que dá pelo nome de Silvio Berlusconi, também conhecido pelo apodo de il Cavaliere, acaba de gerar no seu privilegiado cérebro uma ideia que o coloca definitivamente à cabeça do pelotão dos grande pensadores políticos. Quer ele que, para obviar os longos, monótonos e demorados debates e agilizar os trâmites nas câmaras, senado e parlamento, sejam os chefes parlamentares a exercer o poder de representação, acabando-se ao mesmo tempo com o peso morto de umas quantas centenas de deputados e senadores que, na maior parte dos casos, não abrem a boca em toda a legislatura, a não ser para bocejar. A mim, devo reconhecê-lo, parece-me bem.

Os representantes dos maiores partidos, três ou quatro, digamos,

L'eminente statista italiano di nome Silvio Berlusconi, conosciuto anche come 'il Cavaliere', ha appena partorito nel suo cervello privilegiato un'idea che lo colloca in maniera definitiva in testa al plotone dei grandi pensatori politici. Per evitare i lunghi, monotoni e lenti dibattiti e per snellire le procedure, alla camera e al senato, il Cavaliere vuole che siano i capigruppo parlamentari a esercitare il potere di rappresentanza, facendola finita allo stesso tempo col peso morto di alcune centinaia di deputati e senatori che, nella maggior parte dei casi, non aprono bocca durante tutta la legislatura, se non per sbadigliare. A me, devo ammetterlo, sembra un'ottima idea.

I rappresentanti dei maggiori partiti, diciamo tre o quattro,

reunir-se-iam num táxi a caminho de um restaurante onde, ao redor de uma boa refeição, tomariam as decisões pertinentes. Atrás de si teriam levado, mas deslocando-se em bicicleta, os representantes dos partidos menores, que comeriam ao balcão, no caso de o haver, ou numa cafetaria das imediações. Nada mais democrático. De caminho poderia mesmo começar a pensar-se em liquidar esses imponentes, arrogantes e pretensiosos edifícios denominados parlamentos e senados, fontes de contínuas discussões e de elevadas despesas que não aproveitam ao povo. De redução em redução confio que chegaríamos ao ágora dos gregos. Claro, com ágora, mas sem gregos. Dir-me-ão que a este Cavaliere não há que tomá-lo a sério. Sim, mas o perigo é que acabemos por não tomar a sério aqueles que o elegem.

si riunirebbero in un taxi diretto a un ristorante dove, davanti a un lauto pasto, prenderebbero le decisioni del caso. Dietro si porterebbero, ma in sella a una bicicletta, i rappresentanti dei partiti minori, che mangerebbero al bancone, nel caso in cui ci sia, o in un bar nelle vicinanze. Niente di più democratico. Sulla strada si potrebbe anche cominciare a pensare a come liquidare questi imponenti, arroganti e pretenziosi edifici chiamati parlamento e senato, fonti di continue discussioni e onerose spese che non aiutano il popolo. Di riduzione in riduzione scommetto che arriveremmo all'agorà dei greci. Ovviamente con l'agorà, ma senza greci. Mi diranno che non bisogna prendere sul serio questo Cavaliere.

D'accordo, ma il pericolo è che si finisca per non prendere sul serio quelli che lo votano.

## ***Beijar os nomes – Março 12, 2009***

Quando na Argentina se inaugurou o memorial às vítimas da ditadura, as mães que eram nossas guias, mostravam-nos, poderia dizer-se que com o orgulho com que as mães costumam falar dos seus filhos: “Olha, este é o meu filho, ali está o de Juan Gelman, este é um sobrinho...” Eram simplesmente nomes gravados na pedra, nomes beijados mil vezes, eu próprio os beijei, como se beijavam em Madrid os nomes das vítimas do pior atentado ocorrido na Europa hoje, 11 de Março, cinco anos depois de um dia que dificilmente poderemos esquecer porque o terror cavou bem fundo, até ao coração da sociedade espanhola. Para conseguir, seguramente, que desprezásemos mais as suas causas e, de uma vez para sempre, o método que empregam, o terror como único argumento, malditos sejam.

Quando in Argentina fu inaugurato il memoriale alle vittime della dittatura, le madri, che erano le nostre guide, ci mostravano, si potrebbe dire con l'orgoglio con cui le mamme sono solite parlare dei figli: “Guarda, questo è mio figlio, lì c'è Juan Gelman, lui è un nipote...” Erano semplicemente nomi incisi nella pietra, nomi baciati mille volte, io stesso li ho baciati, come a Madrid si baciavano i nomi delle vittime del peggiore attentato capitato in Europa, oggi 11 Marzo, cinque anni dopo quel giorno che difficilmente riusciremo a dimenticare perché il terrore ha scavato a fondo, fino al cuore della società spagnola. Per ottenere, sicuramente, che disprezzassimo ancora di più le sue cause e, una volta per sempre, il metodo che utilizzano, il terrore come unica argomentazione, che siano maledetti.

Hoje via as mães abraçadas, as vítimas contemplando-se, querendo, talvez, ver no olhar dos outros o olhar dos seus desaparecidos. Recordei que há tempos tinha dito que essa imagem era lacerantemente bela. Pilar pede que a recupere. Com o meu abraço às vítimas e o meu beijo aos nomes escritos na nossa memória.

Em Espanha, solidarizar-se é um verbo que todos os dias se conjuga simultaneamente nos seus três tempos: presente, passado e futuro. A lembrança da solidariedade passada reforça a solidariedade de que o presente necessita, e ambas, juntas, preparam o caminho para que a solidariedade, no futuro, volte a manifestar-se em toda a sua grandeza. O 11 de Março não foi só um dia de dor e de lágrimas, foi também o dia em que o espírito solidário do povo espanhol ascendeu ao sublime

Oggi ho visto le madri abbracciate, le vittime osservarsi, cercando, forse, di vedere nello sguardo degli altri lo sguardo dei loro cari scomparsi. Ricordo che qualche tempo fa avevo detto che questa immagine era straziantemente bella. Pilar mi chiede di recuperarla. Insieme al mio abbraccio per le vittime e al mio bacio ai nomi scritti nella nostra memoria.

In Spagna, solidarizzare è un verbo che ogni giorno viene coniugato nei suoi tre tempi: presente, passato e futuro. Il ricordo della solidarietà passata rinforza la solidarietà di cui il presente ha bisogno, e le due, insieme, preparano il cammino affinché la solidarietà, in futuro, torni a manifestarsi con tutta la sua grandezza. L'11 Marzo non è stato solo un giorno di dolore e di lacrime, è stato anche il giorno in cui lo spirito di solidarietà del popolo spagnolo è asceso verso il sublime

com uma dignidade que profundamente me tocou e que ainda hoje me emociona quando o recordo. O belo não é apenas uma categoria do estético, podemos encontrá-lo também na acção moral. Por isso direi que poucas vezes, em qualquer lugar do mundo, o rosto de um povo ferido pela tragédia terá tido tanta beleza.

con una dignità che mi ha profondamente toccato e che ancora oggi al solo ricordo mi emoziona. Il bello non è soltanto una categoria dell'estetico, lo si può trovare anche nell'agire morale. Per questo dirò che poche volte, in qualsiasi parte del mondo, il viso di un popolo ferito dalla tragedia ha mai posseduto tanta bellezza.

## ***Sentido comum – Março 11, 2009***

Os meios de comunicação de todo o mundo publicaram a notícia: Obama proclama o fim das barreiras ideológicas para avançar na investigação de doenças que são autênticos martírios para seres humanos. Uns destacam a decisão do Presidente Obama de basear as decisões científicas na ciência, em relatórios de cientistas com credenciais e experiência, e não pela sua filiação política ou ideologia. Palavra mais ou palavra menos, Obama considera que suprimir ou alterar descobertas ou conclusões científicas ou tecnológicas baseando-se em ideias ou crenças é pecar contra a honestidade. Para outros, no entanto, o pecado é investigar com células-mãe, por isso o diário do vaticano, *L'Osservatore Romano*, recordava logo a seguir que o reconhecimento da dignidade pessoal

I mezzi di comunicazione di tutto il mondo hanno pubblicato la notizia: Obama proclama la fine delle barriere ideologiche per progredire nella ricerca su malattie che rappresentano autentici martiri per gli esseri umani. Alcuni mettono in evidenza la scelta del Presidente Obama di basare le decisioni scientifiche sulla scienza, con relazioni di scienziati insigni e d'esperienza, non già basate sull'orientamento politico o ideologico. Parola più o parola meno, Obama crede che sopprimere o alterare scoperte o conclusioni scientifiche basandosi su ideali o credenze significati peccare contro l'onestà. Per altri, allo stesso tempo, il peccato è la ricerca sulle cellule madri, per questo il quotidiano del vaticano, *L'Osservatore Romano*, ha sottolineato immediatamente che il riconoscimento della dignità personale

deve ser estendido a todas as fases da existência do ser humano, signifique isso o que signifique, enquanto os bispos dos Estados Unidos diziam que era uma triste vitória da política sobre a ciência e a ética, e isto, definitivamente, já não sabemos o que significa, porque haveria que jogar com variáveis como dogmas, fé, mistérios, muito para esta hora.

Mas, já que estamos em ambiente religioso, tenho de confessar que o que havia de ter gostado de ler hoje seriam as manifestações de alegria da legião de pessoas afectadas por doenças como a alzheimer, a parkinson ou a diabetes. Que grande dia para eles, que grande dia para o sentido comum.

deve essere esteso a tutte le fasi dell'esistenza dell'essere umano, significhi quel che significhi, mentre i vescovi degli Stati Uniti dicevano che si trattava di una triste vittoria della politica sulla scienza e l'etica, e questo, infine, non sappiamo neanche cosa significhi, perché si sarebbe dovuto giocare con variabili quali dogmi, fede, misteri, troppo per questi tempi. Ma, visto che siamo in ambiente religioso, devo confessare che mi sarebbe piaciuto leggere oggi le manifestazioni di allegria della legione di persone affette da malattie come il parkinson o il diabete. Che grande giorno per loro, che grande giorno per il senso comune.



## ***Douro-Duero – Março 9, 2009***

Há trinta anos, quando ainda era um jovem e porventura esperançoso escritor já à beira de converter-se em sexagenário, andava eu por terras de Miranda do Douro onde dava começo à inesquecível aventura que viria a ser a preparação e a elaboração do livro Viagem a Portugal. Não era casual este título. Com ele pretendia que o leitor, logo na primeira página, compreendesse que disso se tratava, de uma viagem a alguma parte, precisamente Portugal. Para reforçar no meu próprio espírito essa ideia saí do país por Monção e, durante uma semana, andei por Galiza e León até que, já com olhos limpos das imagens costumadas, avancei à descoberta da terra onde nascera. Lembro-me de ter parado no meio da ponte que une as duas margens do rio, de um lado,

Trent'anni fa, quando ancora ero un giovane e per fortuna speranzoso scrittore già quasi sessantenne, andavo per le terre di Miranda do Douro dove stava per iniziare l'indimenticabile avventura che sarebbe poi stata la preparazione e l'elaborazione del libro Viaggio in Portogallo. Questo titolo non era casuale. Pretendevo che il lettore, leggendolo subito in prima pagina, capisse che si trattava di questo, di un viaggio da qualche parte, precisamente in Portogallo. Per rinforzare quest'idea nel mio stesso spirito, uscii dal paese attraverso Monção e, per una settimana, ho viaggiato per Galizia e León fino a quando, con gli occhi puliti dalle immagini conosciute, sono partito alla scoperta della terra dove ero nato. Ricordo di essermi fermato al centro del ponte che unisce i due margini del fiume, da un lato,

Douro, do outro, Duero, e ter procurado em vão, ou fingido procurar, a linha de fronteira que, parecendo separar, une afinal os dois países. Pensei então que uma boa maneira de começar o livro seria glosar o famoso Sermão de Santo António aos Peixes do Padre António Vieira, dirigindo-me aos peixes que nadam nas águas do Douro e perguntando-lhes de que lado se sentiam eles, expressão talvez demasiado óbvia de um ingénuo sonho de amizade, de companheirismo, de mútua colaboração entre Portugal e Espanha. Não caiu em saco roto a utópica proposta. Naquele mesmo lugar do rio, rodeados pela água comum, acabam de reunir-se os representantes de 175 municípios ribeirinhos de um lado e do outro para debaterem sobre a criação de uma agrupação capaz de coordenar acções de desenvolvimento e definir planos viáveis de futuro.

Douro, dall'altro, Duero, e di aver cercato invano, o di aver finto di cercare, la linea di frontiera che sembra separi ma in fondo unisce i due paesi. Pensai allora che una buona maniera di iniziare il libro sarebbe potuta essere commentare il famoso Sermone di Sant'Antonio ai Pesci di Padre António Vieira, rivolgendomi ai pesci che nuotano nelle acque del Douro e domandandogli di quale lato si sentissero, espressione forse troppo ovvia di un sogno di amicizia, solidarietà, mutua collaborazione tra Portogallo e Spagna. L'utopica proposta non è caduta nel dimenticatoio. In quello stesso punto del fiume, circondati dalle acque comuni, si stanno riunendo i rappresentanti di 175 comuni fluviali dell'uno e dell'altro margine per discutere la creazione di un gruppo che possa coordinare azioni di sviluppo e definire piani d'azione per il futuro.

Talvez nenhum dos presentes tenha lido a minha versão do sermão do Padre António Vieira, mas o espírito do lugar andava a chamá-los há trinta anos, e eles foram. Bem-vindos todos.

É probabile che nessuno dei presenti abbia letto la mia versione del sermone di Padre António Vieira, ma lo spirito di quel luogo li stava chiamando da trent'anni, e loro ci sono andati. Tutti benvenuti.

## **8 de Março – Março 8, 2009**

Acabo de ver nos noticiários da televisão manifestações de mulheres em todo o mundo e pergunto-me uma vez mais que desgraçado mundo é este em que ainda metade da população tem que sair à rua para reivindicar o que para todos já deveria ser óbvio...

Chegam-me informações oficiais de solenes instituições que dizem que pelo mesmo trabalho a mulher cobra 16 por cento menos, e seguramente esta cifra está falseada para evitar a vergonha de uma diferença ainda maior. Dizem que os conselhos de administração funcionam melhor quando são compostos por mulheres, mas os governos não se atrevem a recomendar que quarenta por cento, já não digamos cinquenta, sejam compostos por mulheres, ainda que, quando chega o colapso, como na Islândia,

Ho appena finito di guardare in televisione manifestazioni di donne in tutto il mondo e nuovamente mi chiedo che mondo sventurato è questo in cui metà della popolazione deve ancora scendere in strada per rivendicare quello che dovrebbe già essere ovvio per tutti...

Mi arrivano notizie ufficiali da solenni istituzioni che dicono che a parità di lavoro la donna guadagna il 16 per cento in meno, e certamente questa cifra è alterata per evitare la vergogna di una differenza maggiore. Dicono che i consigli di amministrazione funzionano meglio se composti da donne, ma i governi non si azzardano a confermare che il quaranta per cento, per non dire il cinquanta, sia composto da donne, anche se, quando arriva il crollo, come in Islanda,

chamem mulheres para dirigir a vida pública e a banca. Dizem que para evitar a corrupção na organização do trânsito em Lima vão colocar guardas mulheres, porque se comprovou que nem se deixam subornar nem pedem coimas. Sabemos que a sociedade não funcionaria sem o trabalho das mulheres, e que sem a conversação das mulheres, como escrevi há algum tempo, o planeta sairia da sua órbita, nem a casa nem quem nelas habitam teriam a qualidade humana que as mulheres colocam, enquanto os homens passam sem ver, ou, vendo, não se dão conta de que isto é coisa de dois e que o modelo masculino já não serve. Continuo vendo manifestações de mulheres na rua. Elas sabem o que querem, isto é, não ser humilhadas, coisificadas, desprezadas, assassinadas. Querem ser avaliadas pelo seu trabalho e não pelo accidental de cada dia.

le chiamano a dirigere la cosa pubblica e la banca. Dicono che per evitare la corruzione nell'organizzazione del traffico a Lima assumeranno vigili donne, perché è stato dimostrato che né si lasciano intimidire né chiedono bustarelle. Sappiamo che la società non funzionerebbe senza il lavoro delle donne, e che senza le conversazioni delle donne, come ho già scritto tempo addietro, il pianeta uscirebbe dalla sua orbita, né la casa né chi la abita avrebbero la qualità umana che le donne portano, mentre gli uomini passano senza guardare, o, guardando, non si rendono conto che si tratta di un affare per due e che il modello maschile non serve ormai più.

Continuo a guardare manifestazioni di donne per strada. Loro sanno quello che vogliono, questo, non essere umiliate, trattate come oggetti, disprezzate, assassinate. Vogliono essere apprezzate per il loro lavoro e non per le contingenze di ogni giorno.

Dizem que as minhas melhores personagens são mulheres e creio que têm razão. Às vezes penso que as mulheres que descrevi são propostas que eu mesmo quereria seguir. Talvez sejam só exemplos, talvez não existam, mas de uma coisa estou seguro: com elas o caos não se teria instalado neste mundo porque sempre conheceram a dimensão do humano.

Dicono che i miei personaggi migliori sono donne e credo abbiano ragione. A volte penso che le donne che ho descritto siano modelli che io stesso avrei voluto seguire. Forse sono solo esempi, forse non esistono, ma di una cosa sono certo: con loro il caos non si sarebbe insediato in questo mondo perché da sempre conoscono la dimensione dell'umano.

## ***Reparar outra vez – Março 6, 2009***

Numa conversa, ontem, com Luis Vázquez, amigo dos mais chegados e curador dos meus achaques, falámos do filme de Fernando Meirelles, agora estreado em Madrid, mas a que não pudemos assistir, Pilar e eu, como tencionávamos, porque um súbito resfriamento me obrigou a recolher à cama, ou a guardar o leito, como elegantemente se dizia em tempos não muito distantes. A conversa tinha começado por girar à volta das reacções do público durante a exibição e no final dela, altamente positivas segundo Luis e outras testemunhas fidedignas e merecedoras de todo o crédito que nos fizeram chegar as suas impressões. Passámos depois, naturalmente, a falar do livro e Luis pediu-me que examinássemos a epígrafe que o abre (“Se podes olhar, vê, se podes ver, repara”) porque, em sua opinião,

Durante una conversazione, ieri, con Luis Vázquez, amico tra i più stretti e guaritore dei miei acciacchi, parlavamo del film di Fernando Meirelles, appena uscito a Madrid, alla cui prima però non siamo potuti andare, Pilar e io, come avevamo intenzione di fare, perchè un improvviso raffreddore mi ha costretto a letto, o allettato, come si diceva elegantemente in tempi non troppo lontani. La conversazione girava attorno alle reazioni del pubblico durante e dopo la proiezione, altamente positive secondo Luis e altri testimoni degni di fede e di tutto il credito, che ci hanno comunicato le loro impressioni. Siamo passati poi, ovviamente, a parlare del libro e Luis mi ha chiesto di analizzare l'epigrafe che lo apre (“Se puoi vedere, guarda, se puoi guardare, osserva”) perchè, secondo lui,

a acção de ver é prevalecente em relação à acção de olhar e, portanto, a referência a esta poderia ser omitida sem prejuízo do sentido da frase. Não pude deixar de lhe dar razão, mas entendi que deveria haver outras razões a considerar, por exemplo, o facto de o processo da visão passar por três tempos, consequentes mas de alguma maneira autónomos, que se podem traduzir assim: pode-se olhar e não ver, pode-se ver e não reparar, consoante o grau de atenção que pusermos em cada uma destas acções. É conhecida a reacção da pessoa que, tendo consultado o seu relógio de pulso, torna a consultá-lo se, nesse mesmo momento, alguém lhe perguntar as horas. Foi então que se fez luz na minha cabeça sobre a origem primeira da famosa epígrafe. Quando eu era pequeno, a palavra reparar, supondo que já a conhecesse, não seria para mim um objecto de primeira necessidade

l'azione di guardare è prevalente rispetto all'azione di vedere e, quindi, il riferimento a questa poteva essere omissivo senza pregiudicare il significato della frase. Non ho potuto evitare di dargli ragione, ma mi sono reso conto che c'erano altre ragioni da considerare, per esempio il fatto che il processo della visione è composto da tre tempi, conseguenti ma in qualche modo autonomi, che si possono tradurre così: si può vedere e non guardare, si può guardare e non osservare, a seconda del grado d'attenzione che mettiamo in ognuna di queste azioni. È nota la reazione delle persone che, avendo appena consultato l'orologio da polso, torna a farlo immediatamente se qualcuno gli chiede l'orario. È stato in quel momento che si è fatta luce nella mia testa l'origine della famosa epigrafe. Quando ero piccolo, la parola osservare, ammesso che già la conoscessi, non era per me oggetto d'uso di prima necessità



até que um dia um tio meu (creio ter sido aquele Francisco Dinis de quem falei em As pequenas memórias) me chamou a atenção para uma certa maneira de olhar dos touros que quase sempre, comprovei-o depois, é acompanhada por uma certa maneira de erguer a cabeça. Meu tio dizia: “Ele olhou para ti, quando olhou para ti, viu-te, e agora é diferente, é outra coisa, está a reparar”. Foi isto o que contei ao Luis, que imediatamente me deu razão, não tanto, suponho, porque eu o tivesse convencido, mas porque a memória o fez recordar uma situação semelhante. Também um touro que o fitava, também aquele jeito de cabeça, também aquele olhar que não era simplesmente ver, mas reparar. Estávamos finalmente de acordo.

fino a quando un mio zio (credo sia stato quel

Francisco Dinis chi cui ho parlato in Le piccole memorie) mi fece notare un certa maniera di vedere dei tori che quasi sempre, l'ho verificato in seguito, è accompagnata da una certa maniera di alzare la testa. Mio zio diceva: “lui ti ha visto, dopo averti visto, ti ha guardato, e adesso è diverso, è un'altra cosa, ti sta osservando”. É stato questo che ho raccontato a Luis, che mi ha dato subito ragione, non tanto, suppongo, perchè io l'avessi convinto, ma perchè gli era tornata alla memoria una situazione simile. Forse anche un toro che lo fissava, o quel movimento della testa, o quel vedere che non era semplicemente guardare, ma osservare. Eravamo, alla fine, d'accordo.

## **Reparar – Março 4, 2009**

Se podes olhar, vê.

Se podes ver, repara.

Escrevi-o para Ensaio Sobre a Cegueira há já uns bons anos. Hoje, quando se estreia em Espanha o filme baseado nesse romance, encontrei-me com a frase nos sacos da livraria Ocho y medio e na contracapa do livro de Fernando Meirelles “Diario de Rodaje” que a mesma livraria-editora publicou com primor. Às vezes digo que com a leitura das epígrafes dos meus romances já se sabe tudo. Hoje, não sei porquê, vendo esta, eu mesmo tive uma súbita percepção, a da urgência de reparar, de combater a cegueira. Será por tê-lo visto escrito num livro distinto daquele a que corresponde? Ou será porque este nosso mundo necessita de combater as sombras? Não sei. Mas se podes ver, repara.

Se puoi vedere, guarda.

Se puoi guardare, osserva.

L’ho scritto per Cecità ormai un bel po’ di anni fa. Oggi, data in cui esce in Spagna il film basato su questo romanzo, mi sono imbattuto nella frase nei meandri della libreria Ocho y medio e nella quarta di copertina del libro di Fernando Meirelles “Diario de Rodaje” che la stessa libreria/casa editrice ha pubblicato con maestria. Alle volte dico che dalla lettura delle epigrafi dei miei romanzi si sa già tutto. Oggi, non so perché, vedendola, io stesso ho avuto un’immediata percezione, quella dell’urgenza di osservare, di combattere la cecità. Sarà perchè l’ho vista scritta su un libro diverso da quello a cui corrisponde? O sarà perchè questo nostro mondo ha bisogno che si combattano le ombre? Non so. Ma se puoi guardare, osserva.

## ***Eleições – Março 2, 2009***

Como sempre, uns ganharam, outros perderam. Estas campanhas eleitorais são monótonas, repetitivas e, talvez o seu pecado maior, previsíveis. São-no aqui e em toda a parte. Contados os votos, uns riem, outros choram. Os triunfadores são generosos, agradecem a toda a gente, os derrotados também, embora a dor lhes trave a efusão retórica. Não agradecem a Deus porque deixou de usar-se, mas beijarão a mão ao bispo na primeira ocasião. Quanto aos eleitores, esses já vão ligando pouco às promessas. Fica tudo para a campanha seguinte, quando se arrega novamente a bandeira e, cada vez com menos ânimo, se tenta renovar a esperança. Assim vamos andando e, a partir de agora, à espera do seu Godot, isto é, de Obama. Vamos a ver quanto tempo durará a garrafa de oxigénio.

Come sempre, alcuni hanno vinto, altri hanno perso. Queste campagne elettorali sono monotone, ripetitive e, forse il loro maggior peccato, prevedibili. Lo sono qui e ovunque. Contati i voti, alcuni ridono, altri piangono. I trionfatori sono generosi, ringraziano tutti, anche gli sconfitti, nonostante il dolore impedisca loro effusioni retoriche. Non ringraziano Dio perché non si usa più, ma baceranno la mano del vescovo alla prima occasione. Quanto agli elettori, oramai si affezionano poco alle promesse. Tutto fermo fino alla campagna seguente, quando s'innalza di nuovo la bandiera e, sempre con meno animo, si prova a rinnovare la speranza. Così andiamo avanti, a partire da adesso, in attesa del loro Godot, precisamente, di Obama. Vedremo quanto durerà la bombola d'ossigeno.

## **Gonçalo M. Tavares – Março 1, 2009**

A nova geração de romancistas portugueses, refiro-me aos que estão agora entre os 30 e os 40 anos de idade, tem em Gonçalo M. Tavares um dos seus expoentes mais qualificados e originais. Autor de uma obra surpreendentemente extensa, fruto, em grande parte, de um longo e minucioso trabalho fora das vistas do mundo, o autor de *O Sr. Valéry*, um pequeno livro que esteve durante muitos meses na minha mesa de cabeceira, irrompeu na cena literária portuguesa armado de uma imaginação totalmente incomum e rompendo todos os laços com os dados do imaginário corrente, além de ser dono de uma linguagem muito própria, em que a ousadia vai de braço dado com a vernaculidade, de tal maneira que não será exagero dizer, sem qualquer desprimor para os excelentes romancistas jovens de cujo talento desfrutamos actualmente,

La nuova generazione di romanzieri portoghesi, mi riferisco a quelli che hanno adesso dai 30 ai 40 anni, trova in Gonçalo M. Tavares uno degli esponenti più qualificati e originali. Autore di un'opera sorprendentemente estesa, frutto, per la maggior parte, di un lungo e certosino lavoro lontano dai riflettori, l'autore de *Il Signor Valéry*, un piccolo libro che per molti mesi ho tenuto sul mio comodino, ha fatto irruzione nella scena letteraria portoghese armato di una immaginazione totalmente fuori dal comune e rompendo tutti i legami con i dati dell'immaginario corrente, oltre alla molto adeguata padronanza della lingua, nella quale l'audacia va a braccetto con il vernacolo, a tal punto che non credo di esagerare dicendo, senza mancare di cortesia verso gli eccellenti giovani romanzieri del cui talento beneficiamo oggi,

que na produção novelesca nacional há um antes e um depois de Gonçalo M. Tavares. Creio que é o melhor elogio que posso fazer-lhe. Vaticinei-lhe o prémio Nobel para daqui a trinta anos, ou mesmo antes, e penso que vou acertar. Só lamento não poder dar-lhe um abraço de felicitações quando isso suceder.

che nella produzione novellistica nazionale c'è un prima e un dopo Gonçalo M. Tavares. Credo sia il miglior elogio che io possa fargli. Ho predetto il Nobel per lui da qui a trent'anni, o anche prima, e credo di azzeccarci. Mi dispiace solo che quando questo accadrà non potrò dargli un abbraccio di congratulazioni.

**Fevereiro 2009:**

## ***Cão de água – Fevereiro 26, 2009***

Quando Camões apareceu por aqui, vai fazer catorze anos, com a sua pelagem negra e a exclusiva gravata branca que o tem distinguido de qualquer outro exemplar da espécie canina, todos os humanos da casa se pronunciaram sobre a suposta raça do recém-chegado: um caniche. Fui o único a dizer que caniche não seria, mas cão de água português. Não sendo eu especialmente entendido em cães, não seria nada surpreendente que estivesse equivocado, mas enquanto os demais teimavam em declará-lo caniche, eu mantinha-me firme na minha convicção. Com a passagem do tempo, a questão perdeu interesse: caniche ou cão de água, o companheiro de Pepe e Greta (que já se foram ao paraíso dos cães) era simplesmente o Camões.

Quando Camões arrivò qui, ora ha quasi quattordici anni, con il suo pelo scuro e l'esclusiva cravatta bianca che l'ha distinto da qualsiasi altro esemplare della specie canina, tutti gli umani della casa si pronunciarono sulla possibile razza del nuovo arrivato: un barboncino. Fui l'unico a dire che non si trattava di un barboncino, ma di un cane d'acqua portoghese. Non essendo io un grande intenditore di cani, non sarebbe stato per niente sorprendente che io mi stessi sbagliando, ma mentre la maggior parte insisteva nel definirlo barboncino, io restavo fermo nella mia convinzione. Col passare del tempo, la questione perse interesse: barboncino o cane d'acqua, il compagno di Pepe e Greta (già nel paradiso dei cani) era semplicemente Camões.

Os cães vivem pouco para o amor que lhes ganhamos e Camões, final depositário do amor que dedicávamos aos três, já leva catorze anos vividos, como ficou dito acima, e os achaques próprios da idade começam a ameaçá-lo. Nada de grave por enquanto, mas ontem apanhámos um susto: Camões tinha febre, estava murcho, metia-se pelos cantos, de vez em quando soltava um ganido agudo e, coisa estranha, ele, que tão falto de forças parecia, desceu ao jardim e pôs-se a escavar a terra, fazendo uma cova que a imaginação de Pilar logo percebeu como a mais funesta das previsões. Felizmente, o mau tempo passou, pelo menos por agora. A veterinária não lhe encontrou nada de sério, e Camões, como para nos tranquilizar, recuperou a agilidade, o apetite e a tranquilidade de humor que o caracteriza, e anda por aí feito uma flor com a sua amiga Boli, que passa uns tempos em casa.

I cani vivono troppo poco rispetto all'amore con cui li ripaghiamo e Camões, ultimo depositario dell'amore che dedicavamo ai tre, porta su di se già quattordici anni, come detto sopra, e gli acciacchi dell'età cominciano a minacciarlo. Niente di grave per il momento, ma ieri ci siamo spaventati: Camões aveva la febbre, era abbattuto, si metteva negli angoli, ogni tanto emetteva un guaito acuto e, cosa strana, lui, che sembrava così debole, è sceso in giardino e ha cominciato a scavare la terra, creando una buca che l'immaginazione di Pilar ha subito percepito come la più funesta delle previsioni. Felicemente, il cattivo tempo è passato, almeno per il momento. La veterinaria non ha trovato nulla di serio, e Camões, quasi come per tranquillizzarci, ha recuperato l'agilità, l'appetito e l'umore tranquillo che lo caratterizza, e gironzola fresco come un fiore con la sua amica Boli, che passa un po' di tempo a casa.



Por coincidência, foi hoje notícia que o cão prometido por Obama às filhas será precisamente um cão de água português. Trata-se, sem dúvida, de um importante trunfo diplomático de que Portugal deverá tirar o máximo partido para bem das relações bilaterais com os Estados Unidos, subitamente facilitadas graças à presença de um nosso representante directo, diria mesmo um embaixador, na Casa Branca. Novos tempos se avizinham. Tenho a certeza de que se Pilar e eu formos aos Estados Unidos, a polícia das fronteiras já não sequestrará os nossos computadores para lhes copiar os discos duros.

Per puro caso, è di oggi la notizia che il cane promesso da Obama alle figlie sarà precisamente un cane d'acqua portoghese. Si tratta, senza dubbio, di una importante carta diplomatica da cui il Portogallo dovrà trarre il massimo beneficio nelle relazioni bilaterali con gli Stati Uniti, immediatamente facilitate grazie alla presenza di un nostro diretto rappresentante, direi proprio un ambasciatore, nella Casa Bianca. Si avvicinano tempi nuovi. Ho la certezza che se Pilar e io dovessimo andare negli Stati Uniti, la polizia di frontiera non sequestrerà più i nostri computer per copiarne i dischi rigidi.



Camões e Pepe olham-se - Camões e Pepe si guardano

## ***Justiças – Fevereiro 25, 2009***

No dia de 22 de Julho de 2005, um cidadão brasileiro, Jean Charles de Menezes, de profissão electricista, foi assassinado em Londres, numa estação de metro, por agentes da polícia metropolitana que o confundiram, diz-se, com um terrorista. Entrou numa carruagem, sentou-se tranquilamente, parece que chegou mesmo a abrir o jornal gratuito que havia recolhido na estação, quando os polícias irromperam e o arrastaram para o cais. Não o detiveram, não o prenderam, derrubaram-no violentamente e dispararam-lhe dez balas, sete das quais na cabeça. Desde o primeiro dia, a Scotland Yard não fez outra coisa que criar obstáculos à investigação. Não houve julgamento.

Il giorno 22 di Luglio del 2005, un cittadino brasiliano, Jean Charles de Menezes, professione elettricista, fu assassinato a Londra, in una stazione della metro, da agenti della polizia metropolitana che, si dice, lo confusero con un terrorista. Entrò in un vagone, si sedette tranquillamente, sembra che arrivò anche ad aprire il giornale gratuito che aveva preso in stazione, quando i poliziotti irrupero e lo trascinarono sulla banchina. Non lo incarcerarono, non lo arrestarono, lo atterrarono con violenza e gli spararono dieci proiettili, sette dei quali nella testa. Dal primo giorno, Scotland Yard non fece altro che creare ostacoli alle indagini. Non ci fu giudizio.

A procuradoria impediu que os polícias fossem incriminados e o juiz proibiu o jurado de pronunciar uma sentença condenatória. Já sabem, se algum dia lhes aparecer por aí uma peruca branca, dessas que aparecem nos filmes, digam ao portador o que as pessoas honestas pensam destas justiças.

La procura impedì che i poliziotti fossero incriminati e il giudice proibì al giurato di pronunciare una sentenza di condanna. Ora sapete, se un giorno vi doveste imbattere in una parrucca bianca, di quelle che si vedono nei film, dite a chi la porta quello che le persone oneste pensano di queste giustizie.

## ***Esquerda – Fevereiro 24, 2009***

Temos razão, a razão que assiste a quem propõe que se construa um mundo melhor antes que seja demasiado tarde, porém, ou não sabemos transmitir às pessoas o que é substantivo nas nossas ideias, ou chocamos com um muro de desconfianças, de preconceitos ideológicos ou de classe que, se não conseguem paralisar-nos completamente, acabam, no pior dos casos, por suscitar em muitos de nós dúvidas, perplexidades, essas sim paralisadoras. Se o mundo alguma vez conseguir ser melhor, só o terá sido por nós e conosco. Sejam mais conscientes e orgulhem-nos do nosso papel na História. Há casos em que a humildade não é boa conselheira. Que se pronuncie bem alto a palavra Esquerda. Para que se ouça e para que conste.

Abbiamo ragione, la ragione che assiste chi propone che si costruisca un mondo migliore prima che sia troppo tardi, tuttavia, o non riusciamo a trasmettere alle persone ciò che di sostanziale c'è nelle nostre idee, o ci scontriamo contro un muro di diffidenza, preconcetti ideologici o di classe che, se non riescono a paralizzarci completamente, finiscono, nel peggiore dei casi, col suscitare in molti di noi dubbi, perplessità, queste, sì, paralizzanti. Se il mondo, un giorno, riuscirà a essere migliore, lo sarà solo grazie a noi e con noi. Che si sia più coscienti e orgogliosi del nostro ruolo nella Storia. Ci sono casi in cui l'umiltà non è buona consigliera. Che si pronuncii a voce alta la parola Sinistra. Affinché si senta e si sappia.

Escrevi estas reflexões para um folheto eleitoral de Esquerda Unida de Euzkadi, mas escrevi-as pensando também na esquerda do meu país, na esquerda em geral. Que, apesar do que está passando no mundo, continua sem levantar a cabeça. Como se não tivesse razão.

Ho scritto queste riflessioni per un volantino elettorale della Sinistra Unita di Euzkadi, ma le ho scritte anche pensando alla sinistra del mio paese, alla sinistra in generale. Che, nonostante quello che sta succedendo nel mondo, continua a non alzare la testa. Come se non avesse ragione.

## ***Carta a António Machado – Fevereiro 22, 2009***

António Machado morreu hoje há setenta anos. No cemitério de Collioure, onde os seus restos repousam, um marco de correio recebe todos os dias cartas que lhe são escritas por pessoas dotadas de um infatigável amor que se negam a aceitar que o poeta de “Campos de Castilla” esteja morto. Têm razão, poucos estão tão vivos. Com o texto que se segue, escrito por ocasião do 50º aniversário da morte de Machado, e para o Congresso Internacional que teve lugar em Turim, organizado por Pablo Luis Ávila e Giancarlo Depretis, tomo o meu modesto lugar na fila. Uma carta mais para Antonio Machado.

Lembro-me, tão nitidamente como se fosse hoje, de um homem que se chamou António Machado.

Oggi sono settant'anni che António Machado è morto. Al cimitero di Collioure, dove riposano i suoi resti, tutti i giorni una cassetta postale ospita lettere scritte da persone dotate di un instancabile amore che non permette loro di accettare che il poeta di “Campi di Castiglia” sia morto. Hanno ragione, pochi sono così vivi. Con il testo che segue, scritto in occasione del 50º anniversario della morte di Machado, e del Congresso Internazionale che ebbe luogo a Torino, organizzato da Pablo Luis Ávila e Giancarlo Depretis, occupo il mio modesto posto nella fila. Ancora una lettera ad António Machado.

Ricordo, tanto chiaramente come se fosse oggi, di un uomo che si è chiamato António Machado.

Nesse tempo eu tinha catorze anos e ia à escola para aprender um ofício que de pouco me viria a servir. Havia guerra em Espanha. Aos combatentes de um lado deram-lhes o nome de vermelhos, ao passo que os do outro lado, pelas bondades que deles ouvia contar, deviam ter uma cor assim como do céu quando faz bom tempo. O ditador do meu país gostava tanto desse exército azul que deu ordem aos jornais para publicarem as notícias de modo que fizessem crer aos ingénuos que os combates sempre terminavam com vitórias dos seus amigos. Eu tinha um mapa onde espetava bandeirinhas feitas com alfinetes e papel de seda. Era a linha da frente. Este facto prova que conhecia mesmo António Machado, embora sem o ter lido, o que é desculpável se levarmos em conta a minha pouca idade.

All'epoca avevo quattordici anni e andavo a scuola per imparare un mestiere che mi sarebbe servito ben poco. C'era la guerra in Spagna. Ai combattenti di una fazione diedero il nome di rossi, mentre quelli dall'altra parte, a giudicare dalle cose buone che su di loro sentivo raccontare, dovevano avere un colore come quello del cielo quando c'è bel tempo. Al dittatore del mio paese piaceva così tanto questo esercito azzurro che diede ordine ai giornali di pubblicare le notizie in modo da far credere agli ingenui che i combattimenti terminavano sempre con la vittoria dei suoi amici. Io avevo una mappa su cui conficcavo delle bandierine fatte con spilli e carta di seta. Era la linea del fronte. Questo prova che io conoscevo António Machado, nonostante non l'avessi letto, il ché è giustificabile se tieniamo in considerazione la mia giovane età.



Um dia, ao perceber que andava a ser ludibriado pelos oficiais do exército português que tinham a seu cargo a censura à imprensa, atirei fora o mapa e as bandeiras. Deixei-me levar por uma atitude irreflectida, de impaciência juvenil, que António Machado não merecia e de que hoje me arrependo. Os anos foram passando. Em certa altura, não me lembro quando nem como, descobri que o tal homem era poeta, e tão feliz me senti que, sem nenhuns propósitos de vanglória futura, me pus a ler tudo quanto escreveu. Por essa mesma ocasião, soube que já tinha morrido, e, naturalmente, fui colocar uma bandeira em Collioure. É tempo, se não me engano, de espetar essa bandeira no coração de Espanha. Os ossos podem ficar onde estão.

Un giorno, rendendomi conto che ero stato gabbato dagli ufficiali dell'esercito portoghese addetti alla censura dei giornali, buttai via la mappa e le bandiere. Mi lasciai trasportare da un irresponsabile istinto, di impazienza giovanile, che António Machado non meritava e di cui oggi mi pento. Gli anni passarono. A un certo punto, non ricordo né come né quando, scopri che il tal uomo era poeta, e mi sentì tanto felice che, senza nessun proposito di futura vanagloria, mi misi a leggere tutto quello che aveva scritto. Nella stessa occasione, seppi che era già morto, e, ovviamente, collocai una bandiera su Collioure. É ora, se non mi sbaglio, di appuntare questa bandiera nel cuore della Spagna. Le ossa possono rimanere dove sono.

## ***Paco – Fevereiro 20, 2009***

Ibañez, claro. A esta voz reconhecê-la-ia em qualquer circunstância e em qualquer lugar onde me afagasse os ouvidos. A esta voz conheço-a desde que, no princípio dos anos 70, um amigo me enviou de Paris um disco seu, um vinilo que o tempo e o progresso tecnológico puseram materialmente fora de moda, mas que guardo como um tesouro sem preço. Não exagero, para mim, naqueles anos ainda de opressão em Portugal, esse disco que me pareceu mágico, quase transcendente, trouxe-me o resplendor sonoro da melhor poesia espanhola e a voz (essa inconfundível voz de Paco) o veículo perfeito, o veículo por excelência da mais profunda fraternidade humana. Hoje, quando trabalhava na biblioteca, Pilar pôs-nos a ouvir a última gravação dos poetas andaluzes.

Ibañez, chiaro. Questa voce la riconoscerei in qualsiasi circostanza e in qualsiasi luogo in cui mi accarezzasse l'udito. Questa voce la conosco da quando, all'inizio degli anni '70, un amico mi inviò da Parigi un suo disco, un vinile che il tempo e il progresso tecnologico hanno collocato materialmente fuori moda, ma che conservo come un tesoro senza prezzo. Non esagero, a me, in quegli anni ancora di oppressione in Portogallo, questo disco che mi sembrò magico, quasi transcendente, portò lo sfavillio sonoro della migliore poesia spagnola e la voce (l'inconfondibile voce di Paco) il veicolo perfetto, il veicolo per eccellenza della più profonda fratellanza. Oggi, mentre lavorava in biblioteca, Pilar ci ha fatto ascoltare l'ultima registrazione dei poeti andalusi.

Interrompi o que estava a escrever e entreguei-me ao prazer do momento e à recordação daquele inesquecível descobrimento. Com a idade (que alguma coisa há-de ter, e tem, de bom) a voz de Paco tem vindo a ganhar um aveludado particular, capacidades expressivas novas e uma calidez que chega ao coração. Amanhã, sábado, Paco Ibañez cantará em Argelès-sur-mer, na costa da Provença, em homenagem à memória dos republicanos espanhóis, entre eles seu pai, que ali sofreram tormentos, humilhações, maus tratos de todo o tipo, no campo de concentração montado pelas autoridades francesas. A douce France foi para eles tão amarga quanto o seria o pior dos inimigos.

Ho interrotto quello che stavo scrivendo e mi sono abbandonato al piacere del momento e al ricordo di quell'indimenticabile scoperta. Con l'età (che dovrà pure avere, e ha, qualcosa di buono) la voce di Paco ha progressivamente guadagnato una particolare vellutata morbidezza, nuove capacità espressive e un calore che arriva al cuore. Domani, sabato, Paco Ibañez canterà a Argelès-sur-mer, sulla costa della Provenza, rendendo omaggio alla memoria dei repubblicani spagnoli, tra cui suo padre, che li hanno sofferto patimenti, umiliazioni, maltrattamenti di tutti i tipi, nel campo di concentramento installato dalle autorità francesi. La douce France per loro così amara quanto lo potrebbe essere il peggior dei nemici.

Che la voce di Paco possa pacificare l'eco di quelle sofferenze, che sia capace di aprire percorsi di fratellanza autentica nello spirito di coloro che lo ascoltano. Ne abbiamo molto bisogno tutti.

Que a voz de Paco possa pacificar o eco daqueles sofrimentos, que seja capaz de abrir caminhos de fraternidade autêntica no espírito daqueles que o escutem. Bem o necessitamos todos.

## ***Susi – Fevereiro 19, 2009***

Pudesse eu, e fecharia todos os zoológicos do mundo. Pudesse eu, e proibiria a utilização de animais nos espectáculos de circo. Não devo ser o único a pensar assim, mas arrisco o protesto, a indignação, a ira da maioria a quem encanta ver animais atrás de grades ou em espaços onde mal podem mover-se como lhes pede a sua natureza. Isto no que toca aos zoológicos. Mais deprimentes do que esses parques, só os espectáculos de circo que conseguem a proeza de tornar ridículos os patéticos cães vestidos de saias, as focas a bater palmas com as barbatanas, os cavalos empenachados, os macacos de bicicleta, os leões saltando arcos, as mulas treinadas para perseguir figurantes vestidos de preto, os elefantes mal equilibrados em esferas de metal móveis.

Se solo potessi, chiuderei tutti gli zoo. Se solo potessi, proibirei l'utilizzo di animali negli spettacoli del circo. Non credo di essere l'unico a pensarla così, ma rischio le proteste, l'indignazione, l'ira della maggioranza a cui piace vedere animali dietro le sbarre o in spazi in cui non possono muoversi come la loro stessa natura reclama. Questo per quanto riguarda gli zoo. Più deprimenti di questi giardini, solo gli spettacoli del circo che riescono nell'impresa di rendere ridicoli, patetici cani vestiti con calze, foche a battere le mani con le pinne, cavalli impennacchiati, macachi in bicicletta, leoni che attraversano archi, mule addestrate a rincorrere figuranti vestiti di nero, elefanti in cattivo equilibrio su sfere mobili di metallo.

Que é divertido, as crianças adoram, dizem os pais, os quais, para completa educação dos seus rebentos, deveriam levá-los também às sessões de treino (ou de tortura?) suportadas até à agonia pelos pobres animais, vítimas inermes da crueldade humana. Os pais também dizem que as visitas ao zoológico são altamente instrutivas. Talvez o tivessem sido no passado, e ainda assim duvido, mas hoje, graças aos inúmeros documentários sobre a vida animal que as televisões passam a toda a hora, se é educação que se pretende, ela aí está à espera.

Ed è divertente, i bimbi lo adorano, dicono i genitori, i quali, affinché l'educazione dei loro rampolli sia completa, dovrebbero portarli anche alle sessioni d'addestramento (o di tortura?) sopportate fino all'agonia dai poveri animali, vittime inermi della crudeltà umana. I genitori dicono anche che le visite allo zoo sono altamente istruttive. Forse lo erano in passato, e dubito anche di questo, ma oggi, grazie agli innumerevoli documentari sulla vita animale che le televisioni trasmettono a tutte le ore, se è l'educazione ciò che si pretende, lei è lì in attesa.



Perguntar-se-á a que propósito vem isto, e eu respondo já. No zoológico de Barcelona há uma elefanta solitária que está morrendo de pena e das enfermidades, principalmente infecções intestinais, que mais cedo ou mais tarde atacam os animais privados de liberdade. A pena que sofre, não é difícil imaginar, é consequência da recente morte de uma outra elefanta que com a Susi (este é o nome que puseram à triste abandonada) partilhava num mais do que reduzido espaço. O chão que ela pisa é de cimento, o pior para as sensíveis patas deste animais que talvez ainda tenham na memória a macieza do solo das savanas africanas. Eu sei que o mundo tem problemas mais graves que estar agora a preocupar-se com o bem-estar de uma elefanta, mas a boa reputação de que goza Barcelona comporta obrigações, e esta, ainda que possa parecer um exagero meu, é uma delas.

Ci si domanderà a che proposito si parli di questo, respondo subito. Nello zoo di Barcellona c'è un'elefantessa solitaria che sta morendo di pene e infermità, principalmente infezioni intestinali, che prima o poi attaccano gli animali privati della libertà. La pena che soffre, non è difficile da immaginare, è conseguenza della recente morte di un'altra elefantessa che condivideva con Susi (questo il nome che hanno dato alla triste abbandonata) uno spazio più che ridotto. Il pavimento che calpesta è di cemento, niente di peggio per le sensibili zampe di questi animali che, forse, conservano ancora nella memoria il soffice suolo delle savane africane. Io so che il mondo ha problemi più gravi di cui preoccuparsi rispetto alla buona salute di una elefantessa, ma la buona reputazione di cui gode Barcellona comporta degli obblighi, e questo, per quanto possa apparire come una mia esagerazione, ne rappresenta uno.

Cuidar de Susi, dar-lhe um fim de vida mais digno que ver-se acantonada num espaço reduzidíssimo e ter de pisar esse chão do inferno que para ela é o cimento. A quem devo apelar? À direcção do zoológico? À Câmara? À Generalitat?

P. S.: Deixo aqui uma fotografia. Tal como em Barcelona há grupos – obrigado – que têm pena de Susi, na Austrália também um ser humano se compadeceu de um marsupial vitimado pelos últimos incêndios. A fotografia não pode ser mais emocionante.

Prendersi cura di Susi, darle una dipartita più degna dell'essere accantonata in uno spazio ridottissimo obbligata a solcare questo pavimento dell'inferno che deve essere per lei il cemento. A chi devo fare appello? Alla direzione dello zoo? Al comune? alla Generalitat?

P.S. Lascio qui una fotografia. Così come a Barcellona ci sono gruppi – grazie – che provano pena per Susi, anche in Australia un essere umano ha avuto compassione per un marsupiale. La fotografia non può essere più emozionante.





## ***Que fazer com os italianos? – Fevereiro 17, 2009***

Reconheço que a pergunta poderá soar de maneira algo ofensiva a um ouvido delicado. Que é isto? Um simples particular a interpelar um povo inteiro, a pedir-lhe contas pelo uso de um voto que, para gáudio de uma maioria de direita cada vez mais insolente, acabou por fazer de Berlusconi amo e senhor absoluto de Itália e da consciência de milhões de italianos? Ainda que, em verdade, quero dizê-lo já, o mais ofendido seja eu. Sim, precisamente eu. Ofendido no meu amor por Itália, pela cultura italiana, pela história italiana, ofendido, inclusive, na minha pertinaz esperança de que o pesadelo venha a ter um fim e de que a Itália possa retomar o exaltador espírito verdiano que foi, durante um tempo, a sua melhor definição.

Mi rendo conto che la domanda potrebbe suonare in qualche modo offensiva a un orecchio delicato. Di cosa si tratta? Un semplice particolare per chiamare in causa un intero popolo, per chiedergli conto dell'uso di un voto che, per la gioia di una maggioranza di destra sempre più insolente, ha finito per fare di Berlusconi padrone e signore assoluto dell'Italia e della coscienza di milioni di italiani? Anche se, in realtà, voglio dirlo subito, il più offeso sono io. Sì, esattamente io. Offeso nel mio amore per l'Italia, per la cultura italiana, per la storia italiana, offeso, ancora, nella mia ostinata speranza che l'incubo possa aver fine e che l'Italia possa riappropriarsi dell'esaltante spirito verdiano che, per un periodo, ha rappresentato la sua migliore definizione.

E que não me acusem de estar a misturar gratuitamente música e política, qualquer italiano culto e honrado sabe que tenho razão e porquê.

Acaba de chegar aqui a notícia da demissão de Walter Veltroni. Bem-vinda seja, o seu Partido Democrático começou como uma caricatura de partido e acabou, sem palavra nem projecto, como um convidado de pedra na cena política. As esperanças que nele depositámos foram defraudadas pela sua indefinição ideológica e pela fragilidade do seu carácter pessoal. Veltroni é responsável, certamente não o único, mas na conjuntura actual, o maior, pelo debilitamento de uma esquerda de que chegou a apresentar-se como salvador. Paz à sua alma.

E non mi si accusi di stare gratuitamente mischiando musica e politica, qualsiasi italiano colto e onesto sa che ho ragione e il perché.

É appena arrivata la notizia delle dimissioni di Walter Veltroni. Benvenuto, il suo Partito Democratico è nato come la caricatura di un partito ed è finito, senza una parola né un progetto, come un invitato di pietra nella scena politica. Le speranze che in lui avevamo deposto sono state defraudate dalla sua inconsistenza ideologica e dalla sua fragilità caratteriale. Veltroni è il responsabile, certamente non unico, ma nella congiuntura attuale, maggiore, dell'indebolimento di una sinistra di cui si era presentato come salvatore. Pace all'anima sua.

Nem tudo foi perdido, porém. É o que nos vêm dizer o escritor Andrea Camilleri e o filósofo Paolo Flores d'Arcais num artigo publicado recentemente em "El País". Há um trabalho a fazer conjuntamente com os milhões de italianos que já perderam a paciência vendo o seu país a ser arrastado em cada dia que passa à irrisão pública. O pequeno partido de Antonio di Pietro, o ex-magistrado de Mãos Limpas, pode tornar-se no revulsivo de que a Itália necessita para chegar a uma catarse colectiva que desperte para a acção cívica o melhor da sociedade italiana. É a hora. Esperemos que o seja.

Non tutto è perduto, però. É quello che ci dicono lo scrittore Andrea Camilleri e il filosofo Paolo Flores d'Arcais in un articolo recentemente pubblicato su "El País". C'è da fare un lavoro insieme ai milioni di italiani che hanno già perso la pazienza vedendo il loro paese trascinato ogni giorno verso la pubblica derisione. Il piccolo partito di Antonio Di Pietro, l'ex-magistrato di Mani Pulite, può diventare il revulsivo di cui l'Italia ha bisogno per giungere a una catarsi collettiva che risvegli il civico agire nella parte migliore della società italiana. E' l'ora. Speriamo che lo sia.

## ***A morte à porta de casa – Fevereiro 16, 2009***

À porta de Lanzarote, à porta da casa que, se a sorte ajudasse, talvez pudesse vir a ser a sua nova casa. A vinte metros da costa, em Costa Teguisse, quando certamente já trocavam uns com os outros risos e palavras de alegria por terem conseguido chegar a bom porto, a rebentação fez virar o caíúco. Haviam atravessado os cem quilómetros que separam a ilha da costa africana e vieram morrer a vinte metros da salvação. Dos mais de trinta imigrantes a quem a necessidade extrema tinha obrigado a enfrentar os perigos do mar, em sua maioria jovens e adolescentes, vinte e quatro morreram afogados, entre eles uma mulher grávida e algumas crianças de poucos anos. Seis salvaram-se graças à coragem e à abnegação de dois surfistas que se lançaram à água e os livraram de uma morte que sem a sua intervenção teria sido inevitável.

Este é, nas palavras mais simples e directas que pude encontrar, o quadro do que aconteceu aqui. Não sei que mais poderia dizer. Hoje faltam-me as palavras e sobram as emoções. Até quando?

Fica aqui uma recomendação: vejam o vídeo de que deixo a respectiva ligação. Trata-se de uma parte, que alguém colocou no You Tube, de um magnífico programa que sobre o drama da emigração realizou Marisa Márquez para a Televisão Espanhola. O fragmento que circula pela rede corresponde à intervenção de Pilar, que se compadece das vítimas e interpela os responsáveis.

## ***Maus tratos – Fevereiro 16, 2009***

Sou em geral conhecido como pessimista. Ao contrário do que alguma vez possa ter parecido, dada a insistência com que afirmo o meu radical cepticismo sobre a possibilidade de qualquer melhoria efectiva e substancial da espécie dentro do que em tempos não muito distantes se chamou progresso moral, preferiria ser optimista, mesmo que fosse apenas por ainda conservar a esperança de que o sol, por ter nascido todos os dias até hoje, nasça também amanhã. Nascerá, mas lá chegará também o dia em que ele se acabe. O motivo destas reflexões de abertura é o mau trato conjugal ou paraconjugal, a insana perseguição da mulher pelo homem, seja ele marido, noivo ou amante. A mulher, historicamente submetida ao poder masculino, foi reduzida a algo sem mais préstimo que o de ser criada do homem e simples restauradora da sua força de trabalho, e, mesmo agora, quando a vemos por toda a parte, liberta de algumas ataduras, exercer actividades que a vaidade masculina presumia de exclusivas do varão, parece que não queremos dar-nos conta de que a esmagadora maioria das mulheres continua a viver num sistema de relações pouco menos que medievais. São espancadas, brutalizadas sexualmente, escravizadas por tradições, costumes e obrigações que elas não escolheram e que continuam a mantê-las submetidas à tirania masculina. E, quando chega a hora, matam-nas.

A escola finge ignorar esta realidade, o que não pode surpreender se pensarmos que a capacidade formativa do ensino se encontra reduzida ao zero absoluto. A família, lugar por excelência de todas as contradições, ninho perfeito de egoísmos, empresa em falência

permanente, está a viver a mais grave crise de toda a sua história. Os Estados partem do exacto princípio de que todos teremos de morrer e de que as mulheres não poderiam ser excepção. Para algumas imaginações delirantes, morrer às mãos do esposo, do noivo ou do amante, a tiro ou à facada, talvez seja mesmo a maior prova de amor mútuo, ele matando, ela morrendo. Às negruras da mente humana tudo é possível.

Que fazer? Outros o saberão embora não o tenham dito. Uma vez que a delicada sociedade em que vivemos se escandalizaria com medidas de exclusão social permanente para este tipo de crimes, ao menos que se agravem até ao máximo as penas de prisão, excluindo decisivamente as reduções de pena por bom comportamento. Por bom comportamento, por favor, não me façam rir.

## ***Penas chinesas – Fevereiro 12, 2009***

Meter uma lagosta viva em água a ferver e cozinhá-la ali é uma velha prática culinária no mundo ocidental. Parece que se a lagosta já for morta para o banho, o sabor final será diferente, para pior. Há também quem diga que a rubicunda cor vermelha com que o crustáceo sai da panela se deve justamente à altíssima temperatura da água. Não sei, falo por ouvir dizer, sou incapaz de estrelar convenientemente um ovo. Um dia vi num documentário como alimentam os frangos, como os matam e destroçam, e pouco me faltou para vomitar. E outro dia, que não se me apagou da memória, li numa revista um artigo sobre a utilidade dos coelhos nas fábricas de cosméticos, ficando a saber que as provas sobre qualquer possível irritação causada pelos ingredientes dos champús se fazem por aplicação directa nos olhos desses animais, segundo o estilo do negregado Dr. Morte, que injectava petróleo no coração das suas vítimas. Agora, uma curta notícia aparecida nos jornais informa-me de que, na China, as penas de aves destinadas a recheio de almofadas de dormir são arrancadas assim mesmo, ao vivo, depois limpas, desinfectadas e exportadas para delícia das sociedades civilizadas que sabem o que é bom e está na moda. Não comento, não vale a pena, estas penas bastam.



## ***Dizemos – Fevereiro 11, 2009***

Dizemos aos confusos, Conhece-te a ti mesmo, como se conhecer-se a si mesmo não fosse a quinta e mais difícil operação das aritméticas humanas, dizemos aos abúlicos, Querer é poder, como se as realidades bestiais do mundo não se divertissem a inverter todos os dias a posição relativa dos verbos, dizemos aos indecisos, Começar pelo princípio, como se esse princípio fosse a ponta sempre visível de um fio mal enrolado que bastasse puxar e ir puxando até chegarmos à outra ponta, a do fim, e como se, entre a primeira e a segunda, tivéssemos tido nas mãos uma linha lisa e contínua em que não havia sido preciso desfazer nós nem desenredar emaranhados, coisa impossível de acontecer na vida dos romances, e, se uma outra frase de efeito é permitida, nos romances da vida.

## ***Ateus – Fevereiro 10, 2009***

Enfrentemos os factos. Há anos (muitos já), o famoso teólogo suíço Hans Küng escreveu esta verdade: “As religiões nunca serviram para aproximar os seres humanos uns dos outros”. Jamais se disse nada tão verdadeiro. Aqui não se nega (seria absurdo pensá-lo) o direito a adoptar cada um a religião que mais lhe apeteça, desde as mais conhecidas às menos frequentadas, a seguir os seus preceitos ou dogmas (quando os haja), nem sequer se questiona o recurso à fé enquanto justificação suprema e, por definição (como por demais sabemos), cerrada ao raciocínio mais elementar. É mesmo possível que a fé remova montanhas, não há informação de que tal tenha acontecido alguma vez, mas isso nada prova, dado que Deus nunca se dispôs a experimentar os seus poderes nesse tipo de operação geológica. O que, sim, sabemos é que as religiões, não só não aproximam os seres humanos, como vivem, elas, em estado de permanente inimizade mútua, apesar de todas as arengas pseudo-ecuménicas que as conveniências de uns e outros considerem proveitosas por ocasionais e passageiras razões de ordem táctica. As coisas são assim desde que o mundo é mundo e não se vê nenhum caminho por onde possam vir a mudar. Salvo a óbvia ideia de que o planeta seria muito mais pacífico se todos fôssemos ateus. Claro que, sendo a natureza humana isto que é, não nos faltariam outros motivos para todos os desacordos possíveis e imagináveis, mas ficaríamos livres dessa ideia infantil e ridícula de crer que o nosso deus é o melhor de quantos deuses andam por aí e de que o paraíso que nos espera é um hotel de cinco estrelas. E mais, creio que reinventaríamos a filosofia.

## ***Sigifredo – Fevereiro 9, 2009***

Sigifredo López é o nome de um deputado colombiano sequestrado durante sete anos pelas FARC e que acaba de recuperar a liberdade graças à coragem e à persistência, entre outros, da senadora Piedad Córdoba, principal dirigente do movimento social e humanitário “Colombianos pela paz”. Graças a uma circunstância que parecia impossível dar-se, Sigifredo López, que fazia parte de um grupo de onze deputados sequestrados, dez dos quais foram, não há muito tempo, assassinados pela organização terrorista, pôde escapar ao massacre. Agora está livre. Na conferência de imprensa logo realizada em Cali, entendeu manifestar a sua gratidão a Piedad Córdoba em termos que comoveram o mundo. Aqui nos chegaram essas palavras e essas imagens estremecedoras. Nunca pude alardear de firmeza emocional. Choro com facilidade, e não por causa da idade. Mas desta vez fui obrigado a romper em soluços quando Sigifredo, para expressar a sua infinita gratidão a Piedad Córdoba, a comparou à mulher do médico do Ensaio sobre a cegueira. Ponham-se no meu lugar, milhares de quilômetros me separavam daquelas imagens e daquelas palavras e o pobre de mim, desfeito em lágrimas, não teve outro remédio que refugiar-se no ombro de Pilar e deixá-las correr. Toda a minha existência de homem e de escritor ficou justificada por aquele momento. Obrigado, Sigifredo.

## ***Vaticanadas – Fevereiro 8, 2009***

Ou vaticanices. Não suporto ver os senhores cardeais e os senhores bispos trajados com um luxo que escandalizaria o pobre Jesus de Nazaré, mal tapado com a sua túnica de péssimo pano, por muito inconsútil que tivesse sido e certamente não era, sem recordar o delirante desfile de moda eclesiástica que Fellini, genialmente, meteu em Oito e Meio para seu e nosso gozo. Estes senhores supõem-se investidos de um poder que só a nossa paciência tem feito durar. Dizem-se representantes de Deus na terra (nunca o viram e não têm a menor prova da sua existência) e passeiam-se pelo mundo suando hipocrisia por todos os poros. Talvez não mintam sempre, mas cada palavra que dizem ou escrevem tem por trás outra palavra que a nega ou limita, que a disfarça ou perverte. A tudo isto muitos de nós nos havíamos mais ou menos habituado antes de passarmos à indiferença, quando não ao desprezo. Diz-se que a assistência aos actos religiosos vem diminuindo rapidamente, mas eu permito-me sugerir que também serão em menor número até aquelas pessoas que, embora não sendo crentes, entravam numa igreja para disfrutar da beleza arquitectónica, das pinturas e esculturas, enfim de um cenário que a falsidade da doutrina que o sustenta afinal não merece.

Os senhores cardeais e os senhores bispos, incluindo obviamente o papa que os governa, não andam nada tranquilos. Apesar de viverem como parasitas da sociedade civil, as contas não lhes saem. Perante o lento mas implacável afundamento desse Titanic que foi a igreja católica, o papa e os seus acólitos, saudosos do tempo em que imperavam, em criminosa cumplicidade, o trono e

o altar, recorrem agora a todos os meios, incluindo o da chantagem moral, para imiscuir-se na governação dos países, em particular aqueles que, por razões históricas e sociais ainda não ousaram cortar as sujeições que persistem em atá-los à instituição vaticana. Entristece-me esse temor (religioso?) que parece paralisar o governo espanhol sempre que tem de enfrentar-se não só a enviados papais, mas também aos seus “papas” domésticos. E digo ainda mais: como pessoa, como intelectual, como cidadão, ofende-me a displicência com que o papa e a sua gente tratam o governo de Rodriguez Zapatero, esse que o povo espanhol elegeu com inteira consciência. Pelos vistos, parece que alguém terá de atirar um sapato a um desses cardeais.

## ***Sampaio – Fevereiro 5, 2009***

Gostei de o ver. É o mesmo homem, sóbrio, inteligente, sensível. Há vinte anos estivemos juntos na campanha para as eleições autárquicas que então se iam celebrar e que ganhámos, ele para o exercício inovador e competente da sua função de presidente da Câmara Municipal de Lisboa, eu para o desempenho pouco afortunado do cargo de presidente de uma Assembleia Municipal de má memória. Calcorreámos corajosamente ruas, praças e mercados de Lisboa pedindo votos, mesmo quando, creio que por pudor, não o fazíamos explicitamente. Como já ficou dito, ganhámos, mas quem ganhou realmente foi a cidade de Lisboa que pôde rever-se com orgulho no seu máximo representante na Câmara. Tivemo-lo depois como presidente da República durante dois mandatos em que deixou a marca de uma personalidade nascida para o diálogo civilizado, para a procura livre de consensos, sem nunca esquecer que a política, ou é serviço da comunidade, serviço leal e coerente, ou acaba por tornar-se em mero instrumento de interesses pessoais e partidários nem sempre limpos. Ficámos de ver-nos com tempo e vagar, promessa mútua que espero ver cabalmente cumprida no futuro, apesar da intensa actividade no projecto da Aliança de Civilizações, de que é Alto Representante. Com Jorge Sampaio não há palavras falsas, podemos fiar-nos no que diz porque é o retrato do que pensa.



José Saramago e Jorge Sampaio num acto da campanha de 1989

## ***Adolf Heichmann – Fevereiro 5, 2009***

No princípio da década de 60, quando trabalhava numa editorial de Lisboa, publiquei um livro com o título de Seis milhões de mortos em que era relatada a acção de Adolf Eichmann como principal executor da operação de extermínio de judeus (seis milhões foram) levada a cabo de modo sistemático, quase científico, nos campos de concentração nazis. Crítico como tenho sido sempre dos abusos e repressões exercidos por Israel sobre o povo palestino, o meu principal argumento dessa condenação foi e continua a ser de ordem moral: os inenarráveis sofrimentos infligidos aos judeus ao longo da História e, em particular, no quadro da chamada “solução final”, deveriam ser para os israelitas de hoje (dos últimos sessenta anos para maior exactidão) a melhor das razões para não imitarem na terra palestina os seus carrascos. Do que Israel necessita realmente é de uma revolução moral. Firme nesta convicção nunca neguei o Holocausto, somente me permiti estender essa noção aos vexames, às humilhações, às violências de todo o tipo a que o povo palestino tem estado submetido. É o meu direito e os factos se têm encarregado de me dar razão.

Sou um escritor livre que se exprime tão livremente quanto a organização do mundo que temos lho permite. Não disponho de tanta informação sobre este assunto como aquela que está ao alcance do papa e da Igreja Católica em geral, o que conheço destas matérias desde o princípio dos anos 60 me basta. Parece-me portanto altamente reprovável o comportamento ambíguo do Vaticano em toda esta questão dos bispos de obediência Lefebvre, primeiro excomungados e agora limpos de pecado por decisão papal. Ratzinger nunca foi pessoa das minhas simpatias



intelectuais. Vejo-o como alguém que se esforça por disfarçar e ocultar o que efectivamente pensa. Em membros da Igreja não é procedimento raro, mas a um papa até um ateu como eu tem o direito de exigir frontalidade, coerência e consciência crítica. E auto-crítica.

## ***Banqueiros – Fevereiro 4, 2009***

Que fazer com estes banqueiros? Conta-se que nos primórdios da banca, aí pelos séculos XVI e XVII, os banqueiros, pelo menos na Europa central, eram no geral calvinistas, gente com um código moral exigente que, durante um tempo, teve o louvável escrúpulo de aplicar à sua profissão. Tempo que terá sido breve, haja vista o infinito poder corruptor do dinheiro. Enfim, a banca mudou muito e sempre para pior. Agora, em plena crise económica e do sistema financeiro mundial, começamos a ter a incómoda sensação de que quem se irá safar melhor da tormenta serão precisamente os senhores banqueiros. Em toda a parte, os governos, seguindo a lógica do absurdo, correram a salvar a banca de apertos de que ela tinha sido, em grande parte, responsável. Milhões de milhões têm saído dos cofres dos Estados (ou do bolso dos contribuintes) para pôr a flutuar centenas de grandes bancos, de modo a retomarem uma das suas principais funções, a creditícia. Parece que há sinais graves de que os banqueiros acenaram com as orelhas, considerando abusivamente que aquele dinheiro, por estar na sua posse, lhes pertence, e, como se isto não fosse já bastante, reagem com frieza à pressão dos governos para que ele seja posto rapidamente em circulação, única maneira de salvar da falência milhares de empresas e do desemprego milhões de trabalhadores. Está claro que os banqueiros não são gente de confiança, a prova é a facilidade com que mordem a mão de quem lhes dá de comer.

## ***Davos – Fevereiro 3, 2009***

Tenho lido que a reunião de Davos este ano não foi precisamente um êxito. Faltou muita gente, a sombra da crise gelou sem piedade os sorrisos, os debates foram faltos de real interesse, talvez porque ninguém soubesse bem o que dizer, temendo que os factos concretos do dia seguinte viessem a pôr em ridículo as análises e as propostas com muito esforço engendradas para corresponderem, nem que fosse por uma mera casualidade, às mais que modestas expectativas criadas. Sobretudo fala-se muito de uma inquietante falta de ideias, indo até ao ponto de admitir-se que o “espírito de Davos” tenha morrido. Pessoalmente nunca me apercebi de que pairasse por ali um “espírito”, ou algo mais ou menos merecedor dessa designação. Quanto à alegada falta de ideias, surpreende-me que só agora se lhe tenha feito referência, uma vez que ideias, o que, com todo o respeito, chamamos ideias, nunca dali saiu uma só para amostra. Davos foi durante trinta anos a academia neo-con por excelência e, tanto quanto posso recordar, nem uma só voz se ouviu no paradisíaco hotel suíço para apontar os caminhos perigosos que o sistema financeiro e a economia haviam tomado. Quando já se estavam semeando ventos ninguém quis ver que vinham aí as tempestades. E agora dizem-nos que não há ideias. Vamos ver se elas surgem, agora que o pensamento único não tem mais mentiras para oferecer-nos.

## ***Pão – Fevereiro 1, 2009***

Terá o digníssimo fiscal de Badalona lido Os Miseráveis de Victor Hugo, ou pertence àquela parte da humanidade que crê que a vida se aprende nos códigos? A pergunta é obviamente retórica e, se a faço, é só para facilitar-me a entrada na matéria. Assim, o leitor ilustrado já ficou a saber que o dito fiscal poderia ser, com inteira justiça, uma das figuras que Victor Hugo plantou no seu livro, a de acusador público. O protagonista da história, Jean Valjean (soa-lhe este nome, senhor fiscal?), foi acusado de ter roubado (e roubou mesmo) um pão, crime que lhe custou quase uma vida de reclusão por via de sucessivas condenações motivadas por repetidas tentativas de fuga, mais logradas umas que outras. Jean Valjean sofria de uma enfermidade que ataca muito a população dos cárceres, a ânsia de liberdade. O livro é enorme, daqueles de que hoje se diz terem páginas a mais, e certamente não interessará ao senhor fiscal que provavelmente já não está em idade de o ler: Os Miseráveis são para ler na juventude, depois disso vem o cinismo e já são poucos os adultos que tenham paciência para interessar-se pela miséria e pelas desventuras de Jean Valjean. Com tudo isto, também pode suceder que eu esteja equivocado: talvez o senhor fiscal tenha lido mesmo Os Miseráveis... Se assim é, permita-me uma pergunta: como foi que ousou (se o verbo lhe parecer demasiado forte use qualquer dos equivalentes) pedir um ano e meio de prisão para o mendigo que em Badalona tentou roubar uma “baguette”, e digo tentou porque só conseguiu levar metade? Como foi? Será porque, em vez de um cérebro, tem no seu crânio, como único mobiliário, um código? Aclare-me, por favor, para que eu comece já a preparar a minha defesa se alguma vez vier a ter pela frente um exemplar da sua espécie.

**Janeiro 2009:**

## ***Testemunho – Janeiro 29, 2009***

Parece que a coisa vai bem encaminhada. O presidente dos Estados Unidos, que não se chama Messias, mas Barack Obama, assinou ontem uma lei denominada de Equidade ou Igualdade Social. A “responsável” directa deste documento foi uma mulher, uma trabalhadora que, tendo descoberto que havia levado toda a vida a ganhar menos exactamente por ser mulher, apresentou queixa contra a empresa e ganhou o pleito. Como numa prova desportiva de estafetas, esta mulher branca, chamada Lilly Ledbetter, passou o testemunho ao corredor seguinte, um negro com nome muçulmano, 44º. presidente da nação norte-americana. De repente, o mundo parece-me mais limpo, mais prometedor. Por favor, não me roubem esta esperança.



REUTERS - 30-01-2009 - Publicada en El País

## ***Gervasio Sánchez – Janeiro 28, 2009***

Os olhos que tenho não me têm servido de muito. Vejo as letras que vou lançando, uma após outra, à página branca do computador, formo palavras que, melhor ou pior, vão expressando a quem me lê certas opiniões, certas ideias a que chamo minhas, visões do mundo lhes chamaria retoricamente se o mundo se deixasse conhecer por tão pouco. Muito do que vejo, só o vejo porque outros o viram antes. Dói-me até ao remorso ter sido tão poucas vezes na minha vida aquele que viu. Em rigor, não vivo numa bolha protectora, mas dou-me conta de que estou rodeado de pessoas apostadas em poupar-me a choques que, dizem, e talvez alguma razão tenham, poderiam afectar negativamente o meu trabalho. Não sei. O que sei, sim, é que ao muro de que me sinto às vezes rodeado, afinal bem mais frágil do que parecia, o acometem frequentemente, com particular violência, as investidas brutais da realidade. O livro recente a que o fotógrafo Gervasio Sánchez deu o título de Sarajevo é um desses casos. Aqui lhe manifesto a minha profunda gratidão por me ter permitido ver com os seus olhos, já que os meus para tão pouco me têm servido. E agradeço-lhe também a lealdade pessoal e profissional que o levou a escrever que “a guerra não se pode contar”. Para que não tenhamos ilusões, nós os que escrevemos.

– //–

Discurso pronunciado por Gervasio Sánchez (jornalista e fotógrafo) durante a entrega dos



## premios Ortega y Gasset

Estimados miembros del jurado, señoras y señores:

Es para mí un gran honor recibir el Premio Ortega y Gasset de Fotografía convocado por El País, diario donde publiqué mis fotos iniciáticas de América Latina en la década de los ochenta y mis mejores trabajos realizados en diferentes conflictos del mundo durante la década de los noventa, muy especialmente las fotografías que tomé durante el cerco de Sarajevo. ....

Quiero dar las gracias a los responsables de Heraldo de Aragón, del Magazine de La Vanguardia y la Cadena Ser por respetar siempre mi trabajo como periodista y permitir que los protagonistas de mis historias, tantas veces seres humanos extraviados en los desaguaderos de la historia, tengan un espacio donde llorar y gritar.

No quiero olvidar a las organizaciones humanitarias Intermon Oxfam, Manos Unidas y Médicos Sin Fronteras, la compañía DKV SEGUROS y a mi editor Leopoldo Blume por apoyarme sin fisuras en los últimos doce años y permitir que el proyecto Vidas Minadas al que pertenece la fotografía premiada tenga vida propia y un largo recorrido que puede durar décadas.

Señoras y señores, aunque sólo tengo un hijo natural, Diego Sánchez, puedo decir que como Martín Luther King, el gran soñador afroamericano asesinado hace 40 años, también tengo otros cuatro hijos víctimas de las minas antipersonas: la mozambiqueña Sofia Elface Fumo, a la que ustedes han conocido junto a su hija Alia en la imagen premiada, que concentra todo el dolor de las víctimas, pero también la belleza de la vida y, sobre todo, la incansable lucha por la supervivencia y la dignidad de las víctimas, el camboyano Sokheurm Man, el bosnio Adis Smajic y

la pequeña colombiana Mónica Paola Ojeda, que se quedó ciega tras ser víctima de una explosión a los ocho años.

Sí, son mis cuatro hijos adoptivos a los que he visto al borde de la muerte, he visto llorar, gritar de dolor, crecer, enamorarse, tener hijos, llegar a la universidad. Les aseguro que no hay nada más bello en el mundo que ver a una víctima de la guerra perseguir la felicidad.

Es verdad que la guerra funde nuestras mentes y nos roba los sueños, como se dice en la película Cuentos de la luna pálida de Kenji Mizoguchi.

Es verdad que las armas que circulan por los campos de batalla suelen fabricarse en países desarrollados como el nuestro, que fue un gran exportador de minas en el pasado y que hoy dedica muy poco esfuerzo a la ayuda a las víctimas de la minas y al desminado.

Es verdad que todos los gobiernos españoles desde el inicio de la transición encabezados por los presidentes Adolfo Suárez, Leopoldo Calvo Sotelo, Felipe González, José María Aznar y José Luis Rodríguez Zapatero permitieron y permiten las ventas de armas españolas a países con conflictos internos o guerras abiertas.

Es verdad que en la anterior legislatura se ha duplicado la venta de armas españolas al mismo tiempo que el presidente incidía en su mensaje contra la guerra y que hoy fabriquemos cuatro tipos distintos de bombas de racimo cuyo comportamiento en el terreno es similar al de las minas antipersonas.

Es verdad que me siento escandalizado cada vez que me topo con armas españolas en los olvidados campos de batalla del tercer mundo y que me avergüenzo de mis representantes políticos.

Pero como Martin Luther King me quiero negar a creer que el banco de la justicia está en quiebra, y como él, yo también tengo un sueño: que, por fin, un presidente de un gobierno español tenga las agallas suficientes para poner fin al silencioso mercadeo de armas que convierte a nuestro país, nos guste o no, en un exportador de la muerte.

Muchas gracias.



Prémio Ortega y Gasset de fotografia

## ***Rodham – Janeiro 27, 2009***

O atrevimento não teve outras consequências que o (in)esperado interesse que despertou o blog de ontem sobre Hillary Clinton e a sugestão de que recupere o seu autêntico apelido, Rodham. Não houve protestos diplomáticos, a Secretaria de Estado não emitiu um comunicado nem consta que no *The New York Times* se tenha feito eco do meu escrito. Amanhã mudarei de assunto. Entretanto, descanso e contemplo.

### **Clinton?**

Que Clinton? O marido, que já passou à história? Ou a mulher, cuja história, em minha opinião, só agora vai começar, por muito senadora que tenha sido? Fiquemos-nos com a mulher. Convidada por Barack Obama para secretária de Estado, terá, pela primeira vez, a sua grande oportunidade de mostrar ao mundo e a si mesma o que realmente vale. Obviamente também a teria, e por maioria de razões, se tivesse ganho a eleição para a presidência dos Estados Unidos. Não ganhou. Em todo o caso, como se diz na minha terra, quem não tem cão, caça com gato, e creio que todos estaremos de acordo em que a secretaria de Estado norte-americana, gato não é, mas tigre, felinos um e outro. Apesar da pessoa nunca me ter sido especialmente simpática, desejo a Hillary Diane Rodham os maiores triunfos, o primeiro dos quais será manter-se sempre à altura das suas responsabilidades e da dignidade que a função, por princípio, exige.

O que aí fica não é mais que uma introdução ao tema que decidi tratar hoje. O leitor atento terá reparado que escrevi o nome completo da nova secretária de Estado, isto é, Hillary Diane

Rodham. Não foi por acaso. Fi-lo para deixar claro que o apelido Clinton não lhe foi dado no nascimento, para mostrar que o seu apelido não é Clinton e que havê-lo tomado, fosse por convenção social, fosse por conveniência política, em nada alterou a verdade das coisas: chama-se Hillary Diane Rodham ou, no caso de preferir abreviar, Hillary Rodham, muito mais atractivo que o gasto e cansado Clinton. Nem um nem outro me conhecem, nunca leram uma linha minha, mas permito-me deixar aqui um conselho, não ao ex-presidente, que nunca aos conselhos deu grande atenção, sobretudo se eram bons. Falo directamente à secretária de Estado. Deixe o apelido Clinton, que já se parece muito a um casaco coçado e com os cotovelos rotos, recupere o seu apelido, Rodham, que suponho ser de seu pai. Se ele ainda é vivo, já pensou no orgulho que sentiria? Seja uma boa filha, dê essa alegria à família. E, de caminho, a todas as mulheres que consideram que a obrigação de levar o apelido do marido foi e continua a ser uma forma mais, e não a menos importante, de diminuição de identidade pessoal e de acentuar a submissão que sempre se esperou da mulher.

## ***Clinton? – Janeiro 26, 2009***

Que Clinton? O marido, que já passou à história? Ou a mulher, cuja história, em minha opinião, só agora vai começar, por muito senadora que tenha sido? Fiquemos-nos com a mulher. Convidada por Barack Obama para secretária de Estado, terá, pela primeira vez, a sua grande oportunidade de mostrar ao mundo e a si mesma o que realmente vale. Obviamente também a teria, e por maioria de razões, se tivesse ganho a eleição para a presidência dos Estados Unidos. Não ganhou. Em todo o caso, como se diz na minha terra, quem não tem cão, caça com gato, e creio que todos estaremos de acordo em que a secretaria de Estado norte-americana, gato não é, mas tigre, felinos um e outro. Apesar da pessoa nunca me ter sido especialmente simpática, desejo a Hillary Diane Rodham os maiores triunfos, o primeiro dos quais será manter-se sempre à altura das suas responsabilidades e da dignidade que a função, por princípio, exige.

O que aí fica não é mais que uma introdução ao tema que decidi tratar hoje. O leitor atento terá reparado que escrevi o nome completo da nova secretária de Estado, isto é, Hillary Diane Rodham. Não foi por acaso. Fi-lo para deixar claro que o apelido Clinton não lhe foi dado no nascimento, para mostrar que o seu apelido não é Clinton e que havê-lo tomado, fosse por convenção social, fosse por conveniência política, em nada alterou a verdade das coisas: chama-se Hillary Diane Rodham ou, no caso de preferir abreviar, Hillary Rodham, muito mais atractivo que o gasto e cansado Clinton. Nem um nem outro me conhecem, nunca leram uma linha minha, mas permito-me deixar aqui um conselho, não ao ex-presidente, que nunca aos conselhos deu grande atenção, sobretudo se eram bons. Falo directamente à secretária de Estado. Deixe o

apelido Clinton, que já se parece muito a um casaco coçado e com os cotovelos rotos, recupere o seu apelido, Rodham, que suponho ser de seu pai. Se ele ainda é vivo, já pensou no orgulho que sentiria? Seja uma boa filha, dê essa alegria à família. E, de caminho, a todas as mulheres que consideram que a obrigação de levar o apelido do marido foi e continua a ser uma forma mais, e não a menos importante, de diminuição de identidade pessoal e de acentuar a submissão que sempre se esperou da mulher.



## ***Quê? – Janeiro 26, 2009***

As perguntas: “Quem és?” ou “Quem sou?” têm respostas fáceis: a pessoa conta a sua vida e assim se apresenta aos outros. A pergunta que não tem resposta formula-se de outra maneira: “Que sou eu?” Não “quem” mas “quê”. Aquele que fizer essa pergunta enfrenta-se com uma página em branco e o pior é que não será capaz de escrever uma palavra que seja.

## ***Israel e os seus derivados – Janeiro 22, 2009***

O processo de extorsão violenta dos direitos básicos do povo palestino e do seu território por parte de Israel tem prosseguido imparável perante a cumplicidade ou a indiferença da mal chamada comunidade internacional. O escritor israelita David Grossmann, cujas críticas, em todo o caso sempre cautelosas, ao governo do seu país têm vindo a subir de tom, escreveu num artigo publicado há algum tempo que Israel não conhece a compaixão. Já o sabíamos. Com a Tora como pano de fundo, ganha pleno significado aquela terrível e inesquecível imagem de um militar judeu partindo à martelada os ossos da mão a um jovem palestino capturado na primeira intifada por atirar pedras aos tanques israelitas. Menos mal que não a cortou. Nada nem ninguém, nem sequer organizações internacionais que teriam essa obrigação, como é o caso da ONU, conseguiram, até hoje, travar as acções mais do que repressivas, criminosas, dos sucessivos governos de Israel e das suas forças armadas contra o povo palestino. Visto o que se passou em Gaza, não parece que a situação tenda a melhorar. Pelo contrário. Enfrentados à heróica resistência palestina, os governos israelitas modificaram certas estratégias iniciais suas, passando a considerar que todos os meios podem e devem ser utilizados, mesmo os mais cruéis, mesmo os mais arbitrários, desde os assassinatos selectivos aos bombardeamentos indiscriminados, para dobrar e humilhar a já lendária coragem do povo palestino, que todos os dias vai juntando parcelas à interminável soma dos seus mortos e todos os dias os ressuscita na pronta resposta dos que continuam vivos.

## ***Donde? – Janeiro 20, 2009***

Donde saiu este homem? Não peço que me digam onde nasceu, quem foram os seus pais, que estudos fez, que projecto de vida desenhou para si e para a sua família. Tudo isso mais ou menos o sabemos, tenho aí a sua autobiografia, livro sério e sincero, além de inteligentemente escrito. Quando pergunto donde saiu Barack Obama estou a manifestar a minha perplexidade por este tempo que vivemos, cínico, desesperançado, sombrio, terrível em mil dos seus aspectos, ter gerado uma pessoa (é um homem, podia ser uma mulher) que levanta a voz para falar de valores, de responsabilidade pessoal e colectiva, de respeito pelo trabalho, também pela memória daqueles que nos antecederam na vida. Estes conceitos que alguma vez foram o cimento da melhor convivência humana sofreram por muito tempo o desprezo dos poderosos, esses mesmos que, a partir de hoje (tenham-no por certo), vão vestir à pressa o novo figurino e clamar em todos os tons: “Eu também, eu também.” Barack Obama, no seu discurso, deu-nos razões (as razões) para que não nos deixemos enganar. O mundo pode ser melhor do que isto a que parecemos ter sido condenados. No fundo, o que Obama nos veio dizer é que outro mundo é possível. Muitos de nós já o vínhamos dizendo há muito. Talvez a ocasião seja boa para que tentemos pôr-nos de acordo sobre o modo e a maneira. Para começar.

## ***Obama – Janeiro 20, 2009***

A Martin Luther King mataram-no. Quarenta mil polícias velam em Washington para que hoje não suceda o mesmo a Barack Obama. Não sucederá, digo, como se na minha mão estivesse o poder de esconjurar as piores desgraças. Seria como matar duas vezes o mesmo sonho. Talvez todos sejamos crentes desta nova fé política que irrompeu em Estados Unidos como um tsunami benévolo que tudo vai levar adiante separando o trigo do joio e a palha do grão, talvez afinal continuemos a acreditar em milagres, em algo que venha de fora para salvar-nos no último instante, entre outras coisas, desse outro tsunami que está arrasando o mundo. Camus dizia que se alguém quisesse ser reconhecido bastar-lhe-ia dizer quem é. Não sou tão otimista, pois, em minha opinião, a maior dificuldade está precisamente na indagação de quem somos, nos modos e nos meios para o alcançar. Porém, fosse por simples casualidade, fosse de caso pensado, Obama, nos seus múltiplos discursos e entrevistas, disse tanto de si mesmo, com tanta convicção e aparente sinceridade, que a todos já nos parece conhecê-lo intimamente e desde sempre. O presidente dos Estados Unidos que hoje toma posse resolverá ou tentará resolver os tremendos problemas que o estão esperando, talvez acerte, talvez não, e algo nas suas insuficiências, que certamente terá, vamos ter de lhe perdoar, porque errar é próprio do homem como por experiência tivemos de aprender à nossa custa. O que não lhe perdoaríamos jamais é que viesse a negar, deturpar ou falsear uma só das palavras que tenha pronunciado ou escrito. Poderá não conseguir levar a paz ao Médio Oriente, por exemplo, mas não lhe permitiremos que cubra o fracasso, se tal se der, com um discurso enganoso. Sabemos tudo de discursos enganosos,

senhor presidente, veja lá no que se mete.

## ***A outra crise – Janeiro 16, 2009***

Crise financeira, crise económica, crise política, crise religiosa, crise ambiental, crise energética, se não as enumerei a todas, creio ter enunciado as principais. Faltou uma, principalíssima em minha opinião. Refiro-me à crise moral que arrasa o mundo e dela me permitirei dar alguns exemplos. Crise moral é a que está padecendo o governo israelita, doutra maneira não seria possível entender a crueldade do seu procedimento em Gaza, crise moral é a que vem infectando as mentes dos governantes ucranianos e russos condenando, sem remorsos, meio continente a morrer de frio, crise moral é a da União Europeia, incapaz de elaborar e pôr em acção uma política externa coerente e fiel a uns quantos princípios éticos básicos, crise moral é a que sofrem as pessoas que se aproveitaram dos benefícios corruptores de um capitalismo delinquente e agora se queixam de um desastre que deveriam ter previsto. São apenas alguns exemplos. Sei muito bem que falar de moral e moralidade nos tempos que correm é prestar-se à irrisão dos cínicos, dos oportunistas e dos simplesmente espertos. Mas o que disse está dito, certo de que estas palavras algum fundamento hão-de ter. Meta cada um a mão na consciência e diga o que lá encontrou.

## ***Lapidações e outros horrores – Janeiro 15, 2009***

A notícia queima. O mufti da Arábia Saudita, máxima autoridade religiosa do país, acaba de emitir uma *fatua* que permite (permitir é um eufemismo, a palavra exacta deveria ser impor) o casamento de meninas na idade de 10 anos. O dito mufti (hei-de lembrar-me dele nas minhas orações) explica porquê: porque a decisão é “justa” para as mulheres, ao contrário da *fatua* anteriormente vigente, que havia fixado em 15 anos a idade mínima para o casamento, o que Abdelaziz Al Sheji (esse é o nome) considerava “injusto”. Sobre as razões deste “justo” e deste “injusto”, nem uma palavra, não se nos diz sequer se as meninas de 10 anos foram consultadas. É certo que a democracia brilha pela inexistência na Arábia Saudita, mas, num caso de tanto melindre, poderia ter-se aberto uma excepção. Enfim, os pedófilos devem estar contentes: a pederastia é legal na Arábia Saudita. Outras notícias que queimam. No Irão foram lapidados dois homens por adultério, no Paquistão cinco mulheres foram enterradas vivas por quererem casar-se pelo civil com homens da sua escolha... Fico por aqui. Não aguento mais.

## **Ángel González – Janeiro 14, 2009**

Há um ano, precisamente no dia 12 de Janeiro, num hospital de Madrid, morreu Ángel González. Hospitalizado eu próprio em Lanzarote por causa de uma doença similar à que o levou, atendi a chamada telefónica de um jornal que queria publicar umas palavras sobre a infausta notícia. Em termos que o meu interlocutor mal deve ter ouvido, tão intensa era a minha emoção, disse que havia perdido um amigo que era, ao mesmo tempo, um dos maiores poetas de Espanha. Em sua lembrança deixo hoje aqui um dos seus poemas, que traduzo do espanhol.

### **ASSIM PARECE**

Acusado pelos críticos literários de realista,  
os meus parentes, em troca, atribuem-me  
o defeito contrário;  
afirmam que não tenho  
sentido algum da realidade.

Sou para eles, sem dúvida, um funesto espectáculo:  
analistas de textos, parentes da província,  
pelos vistos, a todos defraudei  
que lhe vamos fazer!

Citarei alguns casos:



Certas tias devotas não se podem conter,  
e choram ao olhar-me.  
Outras muito mais tímidas fazem-me arroz doce,  
como quando eu era pequeno,  
e sorriem contritas, e dizem-me:  
*que alto,*  
*se o teu pai te visse...*,  
e ficam suspensas, sem saber que mais dizer.

No entanto, não ignoro  
que os seus gestos ambíguos  
dissimulam  
uma sincera compaixão irremediável  
que brilha humidamente nos seus olhares  
e nos seus piedosos dentes postiços de coelho.

E não são só elas.

De noite  
a minha velha tia Clotilde regressa da tumba  
para agitar diante da minha cara os dedos como sarmentos  
e repetir em tom admonitório:

*De beleza não se come! Que julgas que é a vida?*

Por sua parte,  
a minha falecida mãe, com voz delgada e triste,  
augura para a minha existência um lamentável final:  
manicómios, asilos, calvície, blenorragia.

Eu não sei que dizer-lhes, e elas  
regressam ao seu silêncio.  
O mesmo, igual que então.  
Como quando era pequeno.  
Parece  
que a morte não chegou a passar por nós.

## ***Presidentes – Janeiro 13, 2009***

Um, Bush, que sai e que nunca deveria ter entrado, outro, Obama, que está prestes a chegar e oxalá não venha a desiludir-nos, outro, Bartlet, que, não duvido, ficará por muito tempo. A este dedicámos nestes dias, Pilar e eu, algumas horas disfrutando os últimos episódios de “A ala oeste da Casa Branca” a que em Portugal preferiram chamar “Os homens do presidente”, título eminentemente machista, uma vez que algumas das personagens mais importantes da série são mulheres. Jed Bartlet, interpretado por Martin Sheen (lembram-se de “Apocalypse Now”?), é o nome do presidente que temos vindo a acompanhar com um interesse que nunca esmoreceu, tanto pela tensão dramática dos conflitos como também por alguns aspectos didáticos sempre presentes sobre o modo norte-americano de fazer política, quer no bom, quer no péssimo. Bartlet chegou ao fim do seu segundo mandato e portanto está de saída. Estamos em plena campanha presidencial, uma campanha em que não têm faltado os golpes baixos, mas que acabará (já o sabemos) com a vitória do melhor dos candidatos, um hispano de ideias claras e ética impecável chamado Matthew Santos. Claro que é irresistível pensar em Barack Obama. Terão os autores da história o dom da profecia? É que entre um hispano e um negro, a diferença não é tão grande.

## ***Imaginemos – Janeiro 12, 2009***

Imaginemos que, nos anos trinta, quando os nazis iniciaram a sua caça aos judeus, o povo alemão teria descido à rua, em grandiosas manifestações que iriam ficar na História, para exigir ao seu governo o fim da perseguição e a promulgação de leis que protegessem todas e quaisquer minorias, fossem elas de judeus, de comunistas, de ciganos ou de homossexuais. Imaginemos que, apoiando essa digna e corajosa acção dos homens e mulheres do país de Goethe, os povos da Europa desfilariam pelas avenidas e praças das suas cidades e uniriam as suas vozes ao coro dos protestos levantados em Berlim, em Munique, em Colónia, em Frankfurt. Já sabemos que nada disto sucedeu nem poderia ter sucedido. Por indiferença, apatia, por cumplicidade táctica ou manifesta com Hitler, o povo alemão, salvo qualquer raríssima excepção, não deu um passo, não fez um gesto, não disse uma palavra para salvar aqueles que iriam ser carne de campo de concentração e de forno crematório, e, no resto da Europa, por uma razão ou outra (por exemplo, os fascismos nascentes), uma assumida conivência com os carrascos nazis disciplinaria ou puniria qualquer veleidade de protesto.

Hoje é diferente. Temos liberdade de expressão, liberdade de manifestação e não sei quantas liberdades mais. Podemos sair à rua aos milhares ou aos milhões que a nossa segurança sempre estará assegurada pelas constituições que nos regem, podemos exigir o fim dos sofrimentos de Gaza ou a restituição ao povo palestino da sua soberania e a reparação dos danos morais e materiais sofridos ao longo de sessenta anos, sem piores consequências que os insultos e as provocações da propaganda israelita. As imaginadas manifestações dos anos trinta seriam

reprimidas com violência, em algum caso com ferocidade, as nossas, quando muito, contarão com a indulgência dos meios de comunicação social e logo entrarão em acção os mecanismos do olvido. O nazismo alemão não daria um passo atrás e tudo seria igual ao que veio a ser e a História registou. Por sua vez, o exército israelita, esse que o filósofo Yeshayahu Leibowitz, em 1982, acusou de ter uma mentalidade “judeonazi”, segue fielmente, cumprindo ordens dos seus sucessivos governos e comandos, as doutrinas genocidas daqueles que torturaram, gasearam e queimaram os seus antepassados. Pode mesmo dizer-se que em alguns aspectos os discípulos ultrapassaram os mestres. Quanto a nós, continuaremos a manifestar-nos.

## ***Com Gaza – Janeiro 11, 2009***

As manifestações públicas não são estimadas pelo poder, que não raro as proíbe ou as reprime. Felizmente não é esse o caso de Espanha, onde se têm visto sair à rua algumas das maiores manifestações realizadas na Europa. Honra seja feita por isso aos habitantes de um país em que a solidariedade internacional nunca foi uma palavra vã e que certamente o expressará no acto multitudinário previsto para domingo em Madrid. O objecto imediato desta manifestação é a acção militar indiscriminada, criminosa e atentatória de todos os direitos humanos básicos, desenvolvida pelo governo de Israel contra a população de Gaza, sujeita a um bloqueio implacável, privada dos meios essenciais à vida, desde os alimentos à assistência médica. Objecto imediato, mas não único. Que cada manifestante tenha em mente que já levam sessenta anos sem interrupção a violência, a humilhação e o desprezo de que têm sido vítima os palestinos por parte dos israelitas. E que nas suas vozes, nas vozes da multidão que sem dúvida estará presente, irrompa a indignação pelo genocídio, lento mas sistemático, que Israel tem exercido sobre o martirizado povo palestino. E que essas vozes, ouvidas em toda a Europa, cheguem também à faixa de Gaza e a toda a Cisjordânia. Não esperam menos de nós os que nessas paragens sofrem cada dia e cada noite. Interminavelmente.

## ***Das pedras de David aos tanques de Golias (e 2) – Janeiro 9, 2009***

Também não as usa agora. Nestes últimos cinquenta anos cresceram a tal ponto a David as forças e o tamanho que entre ele e o sobranceiro Golias já não é possível reconhecer qualquer diferença, podendo até dizer-se, sem ofender a ofuscante claridade dos factos, que se tornou num novo Golias. David, hoje, é Golias, mas um Golias que deixou de carregar com pesadas e afinal inúteis armas de bronze. Aquele louro David de antanho sobrevoa de helicóptero as terras palestinas ocupadas e dispara mísseis contra alvos inermes, aquele delicado David de outrora tripula os mais poderosos tanques do mundo e esmaga e rebenta tudo o que encontra na sua frente, aquele lírico David que cantava loas a Betsabé, encarnado agora na figura gargantuesca de um criminoso de guerra chamado Ariel Sharon, lança a “poética” mensagem de que primeiro é necessário esmagar os palestinos para depois negociar com o que deles restar. Em poucas palavras, é nisto que consiste, desde 1948, com ligeiras variantes meramente tácticas, a estratégia política israelita. Intoxicados pela ideia messiânica de um Grande Israel que realize finalmente os sonhos expansionistas do sionismo mais radical; contaminados pela monstruosa e enraizada “certeza” de que neste catastrófico e absurdo mundo existe um povo eleito por Deus e que, portanto, estão automaticamente justificadas e autorizadas, em nome também dos horrores do passado e dos medos de hoje, todas as acções próprias resultantes de um racismo obsessivo, psicológica e patologicamente exclusivista; educados e treinados na ideia de que quaisquer sofrimentos que tenham infligido, inflijam ou venham a infligir aos outros, e em particular aos palestinos, sempre ficarão abaixo dos que sofreram no Holocausto, os judeus

arranham interminavelmente a sua própria ferida para que não deixe de sangrar, para torná-la incurável, e mostram-na ao mundo como se tratasse de uma bandeira. Israel fez suas as terríveis palavras de Jeová no *Deuterónimo*: “Minha é a vingança, e eu lhes darei o pago”. Israel quer que nos sintamos culpados, todos nós, directa ou indirectamente, dos horrores do Holocausto, Israel quer que renunciemos ao mais elementar juízo crítico e nos transformemos em dócil eco da sua vontade, Israel quer que reconheçamos *de jure* o que para eles é já um exercício *de facto*: a impunidade absoluta. Do ponto de vista dos judeus, Israel não poderá nunca ser submetido a julgamento, uma vez que foi torturado, gaseado e queimado em Auschwitz. Pergunto-me se esses judeus que morreram nos campos de concentração nazis, esses que foram trucidados nos pogromes, esses que apodreceram nos guetos, pergunto-me se essa imensa multidão de infelizes não sentiria vergonha pelos actos infames que os seus descendentes vêm cometendo. Pergunto-me se o facto de terem sofrido tanto não seria a melhor causa para não fazerem sofrer os outros.

As pedras de David mudaram de mãos, agora são os palestinos que as atiram. Golias está do outro lado, armado e equipado como nunca se viu soldado algum na história das guerras, salvo, claro está, o amigo norte-americano. Ah, sim, as horrendas matanças de civis causadas pelos terroristas suicidas... Horrendas, sim, sem dúvida, condenáveis, sim, sem dúvida, mas Israel ainda terá muito que aprender se não é capaz de compreender as razões que podem levar um ser humano a transformar-se numa bomba.



## ***Das pedras de David aos tanques de Golias – Janeiro 8, 2009***

Este artigo foi publicado pela primeira vez há alguns anos. O seu pano de fundo é a segunda intifada palestina, em 2000. Atrevi-me a pensar que o texto não envelheceu demasiado e que a sua “ressurreição” está justificada pela criminosa acção de Israel contra a população de Gaza. Aí vai, portanto.

### **DAS PEDRAS DE DAVID AOS TANQUES DE GOLIAS**

Afirmam algumas autoridades em questões bíblicas que o Primeiro Livro de Samuel foi escrito na época de Salomão, ou no período imediato, em qualquer caso antes do cativo da Babilónia. Outros estudiosos não menos competentes argumentam que não apenas o Primeiro, mas também o Segundo Livro, foram redigidos depois do exílio da Babilónia, obedecendo a sua composição ao que é denominado por estrutura histórico-político-religiosa do esquema deuteronomista, isto é, sucessivamente, a aliança de Deus com o seu povo, a infidelidade do povo, o castigo de Deus, a súplica do povo, o perdão de Deus. Se a venerável escritura vem do tempo de Salomão, poderemos dizer que sobre ela passaram, até hoje, em números redondos, uns três mil anos. Se o trabalho dos redactores foi realizado após terem regressado os judeus do exílio, então haverá que descontar daquele número uns quinhentos anos, mais mês, menos mês.

Esta preocupação de exactidão temporal tem como único propósito oferecer à compreensão do leitor a ideia de que a famosa lenda bíblica do combate (que não chegou a dar-se) entre o pequeno David e o gigante filisteu Golias, anda a ser mal contada às crianças pelo menos desde

há vinte ou trinta séculos. Ao longo do tempo, as diversas partes interessadas no assunto elaboraram, com o assentimento acrítico de mais de cem gerações de crentes, tanto hebreus como cristãos, toda uma enganosa mistificação sobre a desigualdade de forças que separava dos bestiais quatro metros de altura de Golias a frágil compleição física do louro e delicado David. Tal desigualdade, enorme segundo todas as aparências, era compensada, e logo revertida a favor do israelita, pelo facto de David ser um mocinho astucioso e Golias uma estúpida massa de carne, tão astucioso aquele que, antes de ir enfrentar-se ao filisteu, apanhou na margem de um regato que havia por ali perto cinco pedras lisas que meteu no alforge, tão estúpido o outro que não se apercebeu de que David vinha armado com uma pistola. Que não era uma pistola, protestarão indignados os amantes das soberanas verdades míticas, que era simplesmente uma funda, uma humílima funda de pastor, como já as haviam usado em imemoriais tempos os servos de Abraão que lhe conduziam e guardavam o gado. Sim, de facto não parecia uma pistola, não tinha cano, não tinha coronha, não tinha gatilho, não tinha cartuchos, o que tinha era duas cordas finas e resistentes atadas pelas pontas a um pequeno pedaço de couro flexível no côncavo do qual a mão experta de David colocaria a pedra que, à distância, foi lançada, veloz e poderosa como uma bala, contra a cabeça de Golias, e o derrubou, deixando-o à mercê do fio da sua própria espada, já empunhada pelo destro fundibulário. Não foi por ser mais astucioso que o israelita conseguiu matar o filisteu e dar a vitória ao exército do Deus vivo e de Samuel, foi simplesmente porque levava consigo uma arma de longo alcance e a soube manejar. A verdade histórica, modesta e nada imaginativa, contenta-se com ensinar-nos que Golias não teve sequer a possibilidade de pôr as mãos em cima de David, a verdade mítica, emérita fabricante de fantasias, anda a embalar-

nos há trinta séculos com o conto maravilhoso do triunfo do pequeno pastor sobre a bestialidade de um guerreiro gigantesco a quem, afinal, de nada pôde servir o pesado bronze do capacete, da couraça, das perneiras e do escudo. Tanto quanto estamos autorizados a concluir do desenvolvimento deste edificante episódio, David, nas muitas batalhas que fizeram dele rei de Judá e de Jerusalém e estenderam o seu poder até à margem direita do rio Eufrates, não voltou a usar a funda e as pedras.

**(Continua)**

## ***“No nos abandones” – Janeiro 7, 2009***

Vai o título em castelhano porque assim foi a frase dita. Este escrito também poderia chamar-se “Os silêncios de Marcos”, o que esclarece tudo. A prosa de hoje refere-se ao mítico, ainda que muito real, subcomandante. A poucas pessoas admirei tanto em minha vida, de pouquíssimas esperei tanto. Nunca lho disse pela simples razão de que estas coisas não se dizem, sentem-se e por aí se ficam. Questão de pudor, parece. Quando os zapatistas saíram da Selva Lacandona para chegarem ao Zócalo depois de terem atravessado meio México, eu estava ali, um entre um milhão. Conheci a exaltação, o pulsar da esperança em todo o corpo, a vontade de mudar para converter-me em algo melhor, menos egoísta, mais capaz de entrega. Marcos falou, nomeou todas as etnias de Chiapas, e a cada uma foi como se as cinzas de milhões de índios se tivessem desprendido dos túmulos e outra vez reencarnado. Não estou a fazer literatura fácil, tento, canhestramente, pôr em palavras o que nenhuma palavra pode expressar: o instante em que o humano se torna sobrehumano e, do mesmo passo, regressa à sua mais estreme humanidade.

No dia seguinte, no campus modesto de uma faculdade universitária, houve um comício que reuniu alguns milhares de pessoas e aí se falou do presente e do futuro de Chiapas, da luta exemplar das comunidades índias que eu sonhava ver um dia estendida a toda a América (tranquilizem-se os tímidos, não aconteceu). Na tribuna estavam, entre outros, Carlos Monsivais, Elena Poniatowska, Manuel Vázquez Montalbán, eu próprio. Todos falámos, mas o que a gente queria era ouvir Marcos. O seu discurso foi breve, mas intenso, quase insuportável para o sistema emotivo de cada um. Quando tudo terminou fui abraçar Marcos e foi então que ele me disse ao

ouvido, numa voz apenas sussurrada: “Não nos abandones”. Respondi-lhe no mesmo tom: “Teria que abandonar-me a mim mesmo para que isso sucedesse”. Nunca mais o vi até hoje.

Pensei, e disse-o, que Marcos deveria ter falado no Congresso. Por decisão da “comandancia” interveio a comandante Esther, e fê-lo admiravelmente. Comoveu o México inteiro, mas, repito, em meu entender, era Marcos quem deveria ter falado. O significado político da uma intervenção sua culminaria de maneira mais eficaz a marcha zapatista. Assim pensava e assim continuo a pensar. O tempo passou, o processo revolucionário variou os rumos, Marcos saiu da Selva Lacandona. Durante o último ano Marcos guardou um silêncio total, deixou-nos órfãos daquelas palavras que só ele saberia dizer ou escrever. Sentimos-lhe a falta. No dia 1 houve em Oventic um encontro para celebrar e recordar o início da revolução, a tomada de San Cristóbal de las Casas, os altos e baixos de um caminho difícil. Marcos não foi a Oventic, não mandou sequer uma mensagem, uma palavra. Não compreendi, e continuo a não compreender. Marcos, há poucos dias, anunciou para o ano que entrou uma nova estratégia política. Oxalá, se a antiga perdeu as virtudes. Oxalá, sobretudo, que não volte a calar-se. Com que direito o digo? Com o simples direito de quem não abandonou. Sim, de quem não abandonou.

## ***Sarkozy, o irresponsável – Janeiro 6, 2009***

Nunca apreciei este cavalheiro e creio que a partir de hoje passarei a apreciá-lo ainda menos, se tal é possível. E não deveria ser assim, se, como a internet acaba de me informar, o dito sr. Sarkozy anda em missão de paz pelas torturadas terras da Palestina, esforço louvável que, à primeira vista, só deveria merecer elogios e votos do melhor sucesso. Da minha parte tê-los-ia todos se não tivesse utilizado, uma vez mais, a velha estratégia dos dois pesos e das duas medidas. Num arranco de hipocrisia política simplesmente notável, Sarkozy acusa Hamas de haver cometido acções irresponsáveis e imperdoáveis lançando foguetes sobre o território de Israel. Não serei eu quem absolva Hamas de tais acções, aliás, segundo leio a cada passo, castigadas pela quase total ineficácia da bélica operação que pouco mais tem conseguido que danificar algumas casas e derrubar alguns muros. Nunca as palavras doam na língua ao sr. Sarkozy, há que denunciar a Hamas. Com uma condição, porém. Que as suas justamente repreensivas palavras tivessem sido igualmente aplicadas aos horrendos crimes de guerra que vêm sendo cometidos pelo exército e pela aviação israelita, em proporções inimagináveis, contra a população civil da faixa de Gaza. Sobre esta vergonha o sr Sarkozy parece não ter encontrado no seu Larousse as expressões adequadas. Pobre França.

## ***Balanço – Janeiro 5, 2009***

Valeu a pena? Valeram a pena estes comentários, estas opiniões, estas críticas? Ficou o mundo melhor que antes? E eu, como fiquei? Isso esperava? Satisfeito com o trabalho? Responder “sim” a todas estas perguntas, ou a mesmo só a alguma delas, seria a demonstração clara de uma cegueira mental sem desculpa. E responder com um “não” sem exceções, que poderia ser? Excesso de modéstia? De resignação? Ou apenas a consciência de que qualquer obra humana não passa de uma pálida sombra da obra antes sonhada. Conta-se que Miguel Ângelo, quando terminou o Moisés que se encontra em Roma, na igreja de San Pietro in Vincoli, deu uma martelada no joelho da estátua e gritou: “Fala!” Não será preciso dizer que Moisés não falou. Moisés nunca fala. Também o que neste lugar se escreveu ao longo dos últimos meses não contém mais palavras nem mais eloquentes que as que puderam ser escritas, precisamente essas a quem o autor gostaria de pedir, apenas murmurando, “Falem, por favor, digam-me o que são, para que serviram, se para algo foi”. Calam, não respondem. Que fazer, então? Interrogar as palavras é o destino de quem escreve. Um artigo? Uma crónica? Um livro? Pois seja, já sabemos que Moisés não responderá.

**Dezembro 2008:**



## ***Israel – Dezembro 31, 2008***

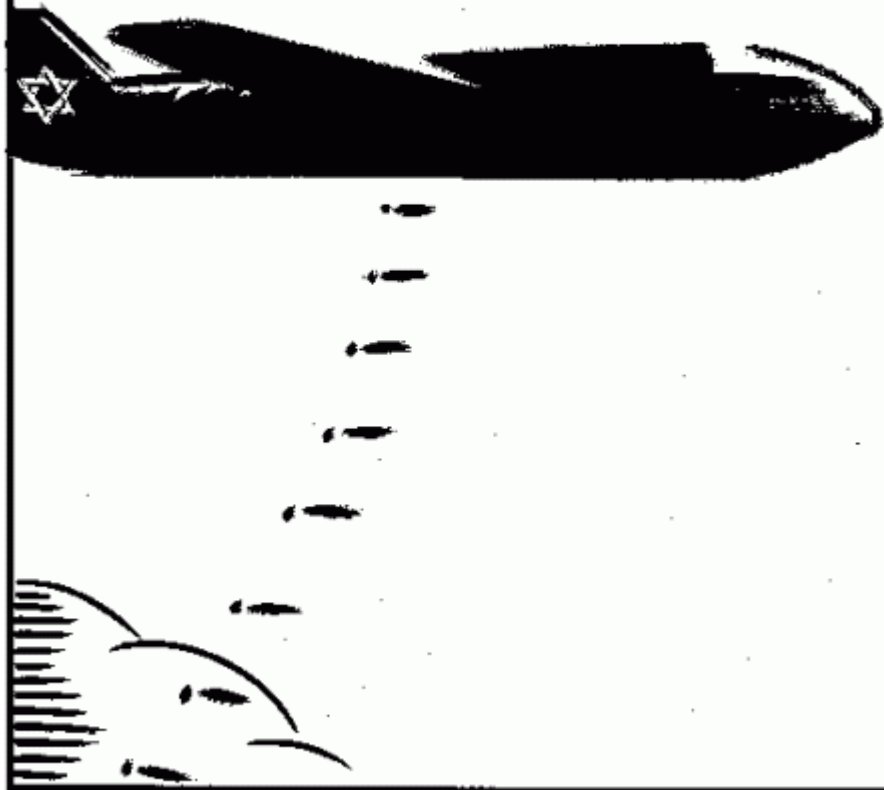
Não é do melhor augúrio que o futuro presidente dos Estados Unidos venha repetindo uma e outra vez, sem lhe tremer a voz, que manterá com Israel a “relação especial” que liga os dois países, em particular o apoio incondicional que a Casa Branca tem dispensado à política repressiva (repressiva é dizer pouco) com que os governantes (e porque não também os governados?) israelitas não têm feito outra coisa senão martirizar por todos os modos e meios o povo palestino. Se a Barack Obama não lhe repugna tomar o seu chá com verdugos e criminosos de guerra, bom proveito lhe faça, mas não conte com a aprovação da gente honesta. Outros presidentes colegas seus o fizeram antes sem precisarem de outra justificação que a tal “relação especial” com a qual se deu cobertura a quantas ignomínias foram tramadas pelos dois países contra os direitos nacionais dos palestinos.

Ao longo da campanha eleitoral Barack Obama, fosse por vivência pessoal ou por estratégia política, soube dar de si mesmo a imagem de um pai estremoso. Isso me leva a sugerir-lhe que conte esta noite uma história às suas filhas antes de adormecerem, a história de um barco que transportava quatro toneladas de medicamentos para acudir à terrível situação sanitária da população de Gaza e que esse barco, Dignidade era o seu nome, foi destruído por um ataque de forças navais israelitas sob o pretexto de que não tinha autorização para atracar nas suas costas (julgava eu, afinal ignorante, que as costas de Gaza eram palestinas...) E não se surpreenda se uma das suas filhas, ou as duas em coro, lhe disserem: “Não te canses, papá, já sabemos o que é uma relação especial, chama-se cumplicidade no crime”.



Os cadáveres de cinco irmãs palestinas de 4 a 17 anos mortas no bombardeamento noturno israelita a uma mesquita do campo de refugiados de Yabalia jazem na morgue de um hospital  
**Agencia France Press** – Publicada em *El País* – 27-12-2008

ES IMPOSIBLE SER A LA VEZ DAVID Y GOLIAT SIN  
ACABAR LOCO



elroto@inicia.es

El Roto

Publicada no El País – 30 – 12- 2008

## ***Livro – Dezembro 30, 2008***

Estou às voltas com um novo livro. Quando, no meio de uma conversação, deixo cair a notícia, a pergunta que me fazem é inevitável (o meu sobrinho Olmo fê-la ontem): e qual vai ser o título? A solução mais cómoda para mim seria responder que ainda não o tenho, que precisarei de chegar ao fim para me decidir entre as hipóteses que se me forem apresentando (supondo que assim seria) durante o trabalho. Cómoda, sem dúvida nenhuma, mas falsa. A verdade é que ainda a primeira linha do livro não havia sido escrita e eu já sabia, desde há quase três anos (quando a ideia surgiu), como ele se iria chamar. Alguém perguntará: porquê esse segredo? Porque a palavra do título (é só uma palavra) contaria, só por si, toda a história. Costumo dizer que quem não tiver paciência para ler os meus livros, passe os olhos ao menos pelas epígrafes porque por elas ficará a saber tudo. Não sei se o livro em que estou a trabalhar levará epígrafe. Talvez não. O título bastará.

## ***Cunhados – Dezembro 29, 2008***

São perfeitos. Enfim, quase. Falam alto e sem descanso, apaixonam-os a discussão pela discussão, são muitas vezes sectários, violentos de palavras, em todo o caso mais na forma que no fundo. As mulheres, que são cinco, fazem tanto ruído, senão mais ainda que os homens, que são dez. Para eles e para elas nenhum assunto ficará alguma vez suficientemente debatido. Nunca desistem. A pronúncia granadina torna com frequência ininteligível o que dizem. Não importa. Embora eu tenha as minhas dúvidas, afirmam que se entendem uns aos outros perfeitamente. Têm um sentido de humor particular que muitas vezes me ultrapassa e que não raro me leva a perguntar aos meus próprios botões onde estava a graça. Os noivos e as noivas, os esposos e as esposas, grupo em que estou incluído, assistem estupefactos, e, como não podem vencê-los, acabam por juntar-se ao coro, excepto algum raro caso que prefira o discreto silêncio. Em vinte anos nunca vi que destas discussões resultasse uma zanga, um conflito a necessitar conselho de família e reconciliação. Por mais que tenha chovido e trovejado antes, o céu sempre acabará limpo de nuvens. Perfeitos não serão, mas boa gente, sim.

## ***Ceia – Dezembro 25***

Há muitos anos, nada menos que em 1993, escrevi nos “Cadernos de Lanzarote” umas quantas palavras que fizeram as delícias de alguns teólogos desta parte da Ibéria, especialmente Juan José Tamayo, que desde aí, generosamente, me deu a sua amizade. Foram elas: “Deus é o silêncio do universo, e o homem o grito que dá sentido a esse silêncio”. Reconheça-se que a ideia não está mal formulada, com o seu “quantum satis” de poesia, a sua intenção levemente provocadora e o subentendido de que os ateus são muito capazes de aventurar-se pelos escabrosos caminhos da teologia, ainda que a mais elementar. Nestes dias em que se celebra o nascimento do Cristo, outra ideia me acudiu, talvez mais provocadora ainda, direi mesmo que revolucionária, e que em pouquíssimas palavras se enuncia. Ei-las. Se é verdade que Jesus, na última ceia, disse aos discípulos, referindo-se ao pão e ao vinho que estavam sobre a mesa: “Este é o meu corpo, este é o meu sangue”, então não será ilegítimo concluir que as inumeráveis ceias, as pantugruélicas comezainas, as empaturradelas homéricas com que milhões e milhões de estômagos têm de haver-se para iludir os perigos de uma congestão fatal, não serão mais que a multitudinária cópia, ao mesmo tempo efectiva e simbólica, da última ceia: os crentes alimentam-se do seu deus, devoram-no, digerem-no, eliminam-no, até ao próximo natal, até à próxima ceia, ao ritual de uma fome material e mística sempre insatisfeita. A ver agora que dizem os teólogos.

## ***Um ano depois – Dezembro 24***

“Morri” na noite de 22 de Dezembro de 2007, às quatro horas da madrugada, para “ressuscitar” só nove horas depois. Um colapso orgânico total, uma paragem das funções do corpo, levaram-me ao último limiar da vida, lá onde já é tarde de mais para despedidas. Não recordo nada. Pilar estava ali, estava também Maria, minha cunhada, uma e outra diante de um corpo inerte, abandonado de todas as forças e donde o espírito parecia ter-se ausentado, que mais tinha já de irremediável cadáver que de ser vivente. São elas que me contam hoje o que foram aquelas horas. Ana, a minha neta, chegou na tarde do mesmo dia, Violante no seguinte. O pai e avô ainda era como a pálida chama de uma vela que ameaçasse extinguir-se ao sopro da sua própria respiração. Soube depois que o meu corpo seria exposto na biblioteca, rodeado de livros e, digamo-lo assim, outras flores. Escapei. Um ano de recuperação, lenta, lentíssima como me avisaram os médicos que teria de ser, devolveu-me a saúde, a energia, a agilidade do pensamento, devolveu-me também esse remédio universal que é o trabalho. Em direcção, não à morte, mas à vida, fiz a minha própria “Viagem do Elefante”, e aqui estou. Para vos servir.

***Natal – Dezembro 23, 2008***

**Natal**

Natal. Na província neva.  
Nos lares aconchegados  
Um sentimento conserva  
Os sentimentos passados.

Coração oposto ao mundo,  
Como a família é verdade!  
Meu pensamento é profundo,  
Por isso tenho saudade.

E como é branca de graça  
A paisagem que não sei,  
Vista de trás da vidraça  
Do lar que nunca terei!

**Fernando Pessoa**



## ***Gaza – Dezembro 22, 2008***

A sigla ONU, toda a gente o sabe, significa Organização das Nações Unidas, isto é, à luz da realidade, nada ou muito pouco. Que o digam os palestinos de Gaza a quem se lhes estão esgotando os alimentos, ou que se esgotaram já, porque assim o impôs o bloqueio israelita, decidido, pelos vistos, a condenar à fome as 750 mil pessoas ali registadas como refugiados. Nem pão têm já, a farinha acabou, e o azeite, as lentilhas e o açúcar vão pelo mesmo caminho. Desde o dia 9 de Dezembro os camiões da agência das Nações Unidas, carregados de alimentos, aguardam que o exército israelita lhes permita a entrada na faixa de Gaza, uma autorização uma vez mais negada ou que será retardada até ao último desespero e à última exasperação dos palestinos famintos. Nações Unidas? Unidas? Contando com a cumplicidade ou a cobardia internacional, Israel ri-se de recomendações, decisões e protestos, faz o que entende, quando o entende e como o entende. Vai ao ponto de impedir a entrada de livros e instrumentos musicais como se se tratasse de produtos que iriam pôr em risco a segurança de Israel. Se o ridículo matasse não restaria de pé um único político ou um único soldado israelita, esses especialistas em crueldade, esses doutorados em desprezo que olham o mundo do alto da insolência que é a base da sua educação. Compreendemos melhor o deus bíblico quando conhecemos os seus seguidores. Jeová, ou Javé, ou como se lhe chame, é um deus rancoroso e feroz que os israelitas mantêm permanentemente actualizado.

## **Editores – Dezembro 18, 2008**

Voltaire não tinha agente literário. Não o teve ele nem nenhum escritor do seu tempo e de largos tempos mais. O agente literário simplesmente não existia. O negócio, se assim lhe quisermos chamar, funcionava com dois únicos interlocutores, o autor e o editor. O autor tinha a obra, o editor os meios para publicá-la, nenhum intermediário entre um e outro. Era o tempo da inocência. Não quer isto dizer que o agente literário tenha sido e continue a ser a serpente tentadora nascida para perverter as harmonias de um paraíso que, verdadeiramente, nunca existiu. Porém, directa ou indirectamente, o agente literário foi o ovo posto por uma indústria editorial que havia passado a preocupar-se muito mais com um descobrimento em cadeia de *best-sellers* que com a publicação e a divulgação de obras de mérito. Os escritores, gente em geral ingénua que facilmente se deixa iludir pelo agente literário do tipo chacal ou tubarão, correm atrás de promessas de vultosos adiantamentos e de promoções planetárias como se disso dependesse a sua vida. E não é assim. Um adiantamento é simplesmente um pagamento por conta, e, quanto a promoções, todos temos a obrigação de saber, por experiência, que as realidades ficam quase sempre aquém das expectativas.

Estas considerações não são mais que uma modesta glosa da excelente conferência pronunciada por Basílio Baltasar em finais de Novembro no México, com o título de “A desejada morte do editor”, na sequência de uma entrevista dada a “El País” pelo famoso agente literário Andrew Willie. Famoso, digo, embora nem sempre pelas melhores razões. Não me atreveria, nem seria este o lugar adequado, a resumir as pertinentes análises de Basilio Baltasar a partir da estulta

declaração do dito Willie de que “O editor é nada, nada” e que me recorda as palavras de Roland Barthes quando anunciou a morte do autor... Afinal, o autor não morreu, e o ressurgimento do editor amante do seu trabalho está nas mãos do editor, se assim o quiser. E também nas mãos dos escritores a quem vivamente recomendo a leitura da conferência de Basilio Baltasar, que deverá ser publicada, e um seu conseqüente debate.

## ***Palavras – Dezembro 17, 2008***

Não pode haver conferência de imprensa sem palavras, em geral muitas, algumas vezes demasiadas. Pilar insiste em recomendar-me que dê respostas breves, fórmulas sintéticas capazes de concentrar longos discursos que ali estariam fora de lugar. Tem razão, mas a minha natureza é outra. Penso que cada palavra necessita sempre pelo menos outra que a ajude a explicar-se. A coisa chegou a um ponto tal que, de há tempos a esta parte, passei a antecipar-me às perguntas que supostamente me farão, procedimento facilitado pelo conhecimento prévio que venho acumulando sobre o tipo de assuntos que aos jornalistas mais costumam interessar. O divertido do caso está na liberdade que assumo ao iniciar uma exposição dessas. Sem ter de preocupar-me com os enquadramentos temáticos que cada pergunta específica necessariamente estabeleceria, embora não fosse essa a sua intenção declarada, lanço a primeira palavra, e a segunda, e a terceira, como pássaros a que foi aberta a porta da gaiola, sem saber muito bem, ou não o sabendo de todo, aonde eles me levarão. Falar torna-se então numa aventura, comunicar converte-se na busca metódica de um caminho que leve a quem estiver escutando, tendo sempre presente que nenhuma comunicação é definitiva e instantânea, que muitas vezes é preciso voltar atrás para aclarar o que só sumariamente foi enunciado. Mas o mais interessante em tudo isto é descobrir que o discurso, em lugar de se limitar a iluminar e dar visibilidade ao que eu próprio julgava saber acerca do meu trabalho, acaba invariavelmente por revelar o oculto, o apenas intuído ou pressentido, e que de repente se torna numa evidência insofismável em que sou o primeiro a surpreender-me, como alguém que estava no escuro e acabou de abrir os olhos para

uma súbita luz. Enfim, vou aprendendo com as palavras que digo. Eis uma boa conclusão, talvez a melhor, para este discurso. Finalmente breve.

## ***O golpe final – Dezembro 16, 2008***

O riso é imediato. Ver o presidente dos Estados Unidos a encolher-se atrás do microfone enquanto um sapato voa sobre a sua cabeça é um excelente exercício para os músculos da cara que comandam a gargalhada. Este homem, famoso pela sua abissal ignorância e pelos seus contínuos dislates linguísticos, fez-nos rir muitas vezes durante os últimos oito anos. Este homem, também famoso por outras razões menos atractivas, paranoico contumaz, deu-nos mil motivos para que o detestássemos, a ele e aos seus acólitos, cúmplices na falsidade e na intriga, mentes pervertidas que fizeram da política internacional uma farsa trágica e da simples dignidade o melhor alvo da irrisão absoluta. Em verdade, o mundo, apesar do desolador espectáculo que nos oferece todos os dias, não merecia um Bush. Tivemo-lo, sofrêmo-lo, a um ponto tal que a vitória de Barack Obama terá sido considerada por muita gente como uma espécie de justiça divina. Tardia como em geral a justiça o é, mas definitiva. Afinal, não era assim, faltava-nos o golpe final, faltavam-nos ainda aqueles sapatos que um jornalista da televisão iraquiana lançou à mentirosa e descarada fachada que tinha na sua frente e que podem ser entendidos de duas formas: ou que esses sapatos deveriam ter uns pés dentro e o alvo do golpe ser aquela parte arredondada do corpo onde as costas mudam de nome, ou então que Mutazem al Kaidi (fique o seu nome para a posteridade) terá encontrado a maneira mais contundente e eficaz de expressar o seu desprezo. Pelo ridículo. Um par de pontapés também não estaria mal, mas o ridículo é para sempre. Voto no ridículo.

## ***Borges – Dezembro 15, 2008***

Maria Kodama voltou a Portugal, desta vez para assistir à inauguração de um monumento a Jorge Luis Borges. Havia bastante público no Jardim do Arco do Cego, onde a memória foi implantada. Uma banda filarmónica tocou o hino de Argentina e também, não o hino nacional português, mas o hino da Maria da Fonte, expressão musical da revolução a que foi posto esse nome por alturas de 1846-47 e que ainda hoje continua a ser tocada em cerimónias civis e militares. O monumento é simples, um bloco vertical de granito da melhor qualidade no qual se abre um vão onde uma mão dourada, molde directo da mão direita de Jorge Luis Borges, segura uma caneta. É simples, evocativo, muito preferível a um busto ou uma estátua em que nos cansaríamos a procurar semelhanças. Improvisei umas quantas palavras sobre o autor de *Ficções*, a quem continuo a considerar como o inventor da literatura virtual, essa sua literatura que parece ter-se desprendido da realidade para melhor revelar os seus invisíveis mistérios. Foi um bom princípio de tarde. E Maria Kodama estava feliz.

## ***Baltasar Garzón, 2 – Dezembro 12, 2008***

O juiz Baltasar Garzón deixou em Lisboa uma lição do que é ou deve ser o Direito. A verdade é que, em sentido estrito, do que se falou no acto organizado pela Fundação foi de Justiça. E de sentido comum: dos delitos que não podem ficar impunes, das vítimas a quem tem de ser dada satisfação, dos tribunais que têm de levantar alcatifas para ver o que há por baixo do horror. Porque muitas vezes, por baixo do horror, há interesses económicos, delitos claramente identificados perpetrados por pessoas e grupos concretos que não podem ser ignorados em Estados que se proclamam de direito. Quem sabe se os responsáveis dos crimes contra a humanidade, que de outra forma não posso chamar a esta crise financeira e económica internacional, não acabarão processados, como o foram Pinochet ou Videla ou outros ditadores terríveis que tanta dor espalharam? Quem sabe?

O juiz Baltasar Garzón fez-nos compreender a importância de não cair na vileza uma vez para não ficar para sempre vil. Quem conculca uma vez os direitos humanos, em Guantánamo, por exemplo, atira pela borda fora anos de direito e de legalidade. Não se pode ser cúmplice do caos internacional com que a administração Bush infectou meio mundo. Nem os governos, nem os cidadãos.

Um auditório multitudinário e atento seguiu as intervenções do juiz com respeito e consideração. E aplaudiu como quem ouve não verdades reveladas, mas sim a voz efectiva de que o mundo necessita para não cair em na permissividade da abjecção.



A Fundação está contente: fizemos o que pudemos para recordar que há uma Declaração de Direitos Humanos, que estes não são respeitados e que os cidadãos têm de exigir que não se tornem em letra morta. Baltasar Garzón cumpriu a sua parte e tê-lo posto a claro esta tarde em Lisboa só pode fazer com que nos felicitemos.



## ***Baltasar Garzón – Dezembro 11, 2008***

Apesar do tempo agreste, com chuva a espaços e frio, o cinema estava cheio. Carmen Castillo temia que as duas horas e meia de projecção do seu documentário acabassem por fazer desanimar a assistência, mas não foi assim. Nem uma só pessoa se levantou para sair e, no final, com os espectadores rendidos à força das imagens e aos testemunhos estremeceadores dos membros do M.I.R sobreviventes da ditadura, Carmen foi aplaudida de pé. Nós, os da Fundação, estávamos orgulhosos daquele público. Havia confiança, mas a realidade excedeu as previsões mais optimistas.

À hora a que escrevo, mais de duzentos mil exemplares da Declaração Universal dos Direitos Humanos circulam nas mãos de outros tantos leitores dos jornais *Diário de Notícias*, de Lisboa, e *Jornal de Notícias*, do Porto. E hoje, dia 11, será a vez de Baltasar Garzón, que vem expressamente de Madrid para falar de direitos humanos, de Chile e de Guantánamo. Tal como a homenagem às Letras Portuguesas que se realizou ao fim da tarde com grande êxito, a conferência de Garzón será na Casa do Alentejo, às 18 horas. É uma boa ocasião para aprender. Sim, para aprender.



Baltasar Garzón

## ***Homenagem – Dezembro 10, 2008***

Hoje, o encontro é na Casa do Alentejo, às 6 da tarde. Como se refere no título, trata-se de uma homenagem. Homenagem a quem? A ninguém em particular, pois que ela contemplará as próprias Letras Portuguesas na sua totalidade, por assim dizer de A a Z, celebradas num acto de canto e de leituras a cargo de vinte escritores, actores e jornalistas que, generosamente, puseram o seu tempo e o seu talento ao serviço de uma ideia nascida na Fundação. O dia escolhido, este 10 de Dezembro de 2008, rememora a entrega do Prémio Nobel a um escritor português que, no seu discurso de agradecimento, entendeu dever partilhar a distinção não só com todos os escritores seus contemporâneos, sem excepção, mas também com os que nos antecederam, aqueles que, no dizer de Camões, da lei da morte se libertaram. Serão lidos ou cantados textos dos seguintes autores: Antero de Quental, Padre António Vieira, Vitorino Nemésio, José Cardoso Pires, Ruy Belo, Sophia de Mello Breyner, Pedro Homem de Mello, Miguel Torga, Eça de Queiroz, Natália Correia, David Mourão-Ferreira, Ary dos Santos, Camilo Castelo Branco, Manuel da Fonseca, Almada Negreiros, José Gomes Ferreira, Teixeira de Pascoaes, Raul Brandão, Fernando Pessoa, Jorge de Sena, Aquilino Ribeiro, Almeida Garrett, Luís de Camões, Carlos de Oliveira e Fernando Namora. Um verdadeiro quadro de honra que a todos deve honrar-nos.

## ***Calle Santa Fe – Dezembro 9, 2008***

A rua existe, está em Santiago de Chile. Ali, os esbirros de Pinochet cercaram um casa térrea onde viviam (melhor será dizer que se refugiavam) Carmen Castillo e o seu companheiro de vida e de acção política Miguel Enríquez, dirigente principal do M.I.R, sigla do Movimiento de Izquierda Revolucionario que havia apoiado e colaborado com Salvador Allende e agora era objecto da perseguição do poder militar que havia traído a democracia e se preparava para estabelecer uma das mais ferozes ditaduras que a América do Sul teve a desgraça de conhecer. Miguel Enriquez foi morto, gravemente ferida Carmen Castillo, que estava grávida. Muitos anos depois, Carmen vem recordar e reconstituir esses dias num documentário de impressionante sinceridade e realismo que teremos o privilégio de ver esta noite no cinema King. Documentário que é, ao mesmo tempo, graças ao saber e à sensibilidade da sua realizadora, cinema da mais alta qualidade. Até logo, pois.



Carmen Castillo

## **Saviano – Dezembro 4, 2008**

Há muitos anos, em Nápoles, passando por uma daquelas ruas onde tudo pode acontecer, a curiosidade foi-me despertada por um café com todo o ar de ter aberto as suas portas havia poucos dias. As madeiras eram claras, os cromados brilhantes, o chão limpo, enfim, uma festa não só para os olhos, também para o olfacto e para o paladar, como veio demonstrá-lo o excelente café que me serviram. Perguntou-me o empregado donde era eu, respondi-lhe que de Portugal, e ele, com a naturalidade de quem oferece uma informação útil, disse: “Isto é da camorra”. Apanhado de surpresa, limitei-me a deixar sair da boca um “Ah, sim?” que não me comprometia em nada, mas que me serviu para tentar iludir a súbita inquietação que me roçou a boca do estômago. Tinha na frente alguém que podia ser visto como um simples contratado sem especiais responsabilidades na actividade criminosa dos patrões, mas que a lógica aconselhava a olhar com prudência e desconfiar de uma cordialidade fora de lugar, uma vez que eu não passava de um cliente de passagem que não conseguia compreender como uma revelação aparentemente incriminatória havia sido prestada com o mais amável dos sorrisos. Paguei, saí e, já na rua, estuguei o passo como se um bando de sicários armados até aos dentes se preparasse para me perseguir. Depois de virar três ou quatro esquinas, comecei a tranquilizar-me. O empregado do café podia ser um facínora, mas razão para querer-me mal, não a tinha. Estava claro que se contentara com dizer-me aquilo que eu, como habitante deste planeta, devia ter obrigação de saber, que Nápoles, toda ela, estava nas mãos da camorra, que a beleza da baía era um disfarce ilusório e a tarantela uma marcha fúnebre.

Os anos passaram, mas o episódio nunca se me apagou da memória. E agora regressa como algo vivido ontem, aquelas madeiras claras, o brilho dos cromados, o sorriso cúmplice do empregado, que empregado não seria, mas gerente, homem de confiança da camorra, camorrista ele próprio. Penso em Roberto Saviano, ameaçado de morte por ter escrito um livro de denúncia de uma organização criminosa capaz de sequestrar uma cidade inteira e quem lá vive, penso em Roberto Saviano que tem a cabeça não a prémio, mas a prazo, e pergunto-me se algum dia acordaremos do pesadelo que a vida é para tantos, perseguidos por dizerem a verdade, toda a verdade e nada mais que a verdade. Sinto-me humilde, quase insignificante, perante a dignidade e a coragem do escritor e jornalista Roberto Saviano, mestre de vida.



## ***A quem interesse – Dezembro 4, 2008***

Apresentei *A Viagem do Elefante* em Lisboa e aproveitei para dizer que a minha cabeça anda às voltas com um novo livro. Uff!

## ***Salomão regressa a Belém – Dezembro 3, 2008***

Esta tarde o elefante Salomão voltará a Belém. Quer dizer, a figura literária, por coisas do destino, será apresentada no lugar de onde o elefante real partiu, no século XVI, até Viena de Áustria, com paragens em Castelo Rodrigo, Valladolid, Rosas, Génova, Pádua e por outros locais até cruzar os Alpes e acabar os seus dias na corte de Maximiliano.

O escritor António Mega Ferreira e o professor, e também escritor, Manuel Maria Carrilho serão os encarregados de orientar uma conversa que se tem como tema central um livro, não me estranharia nada que abordasse outros assuntos que aos três nos preocupam porque estão, como dizem alguns jornalistas, na agenda do dia a dia. Sim, não me importaria que a apresentação deste elefante servisse para falar do mundo, este mundo que se rompe por tantas costuras porque desde o elefante Salomão até agora, embora possíveis, não se consolidaram as melhoras de que necessitávamos. Para evitar a noite que se nos avizinha.

## ***Diferenças – Dezembro 1, 2008***

Da viagem ao Brasil se tem falado neste espaço, deixando constância das horas felizes que vivemos, das palavras ouvidas e pronunciadas, das amizades antigas e das novas amizades, também dos ecos dolorosos da tragédia de Santa Catarina, aquelas chuvas torrenciais, aqueles morros feitos lama que sepultaram mais de uma centena de pessoas sem defesa, como é norma dos cataclismos naturais que parecem preferir, para vítimas, os mais pobres dos pobres. Regressados a Lisboa seria este o momento de um balanço geral, de um resumo do acontecido, se a descrição nos sentimentos, de que creio ter dado suficientes provas na minha vida, não aconselhasse antes o uso de uma fórmula abrangente e concisa: “correu tudo bem”. Se mais algum livro houver ainda, não poderei desejar para ele melhor acolhimento que o que teve este *A Viagem do Elefante* que nos levou ao Brasil.

Ontem deixei aqui algumas frases admirativas sobre as magníficas instalações da Livraria Cultura, em São Paulo. Ao assunto volto, em primeiro lugar para reiterar como justiça devida, a impressão de deslumbramento que ali experimentámos, Pilar e eu, mas também para algumas considerações menos optimistas, resultantes da inevitável comparação entre uma pujança que não era apenas comercial porque envolvia a boa disposição dos numerosos compradores presentes, e, contraste com a incurável tristeza que acinzentava as nossas livrarias, contaminadas pela deficiente formação profissional e o baixo nível da maioria daqueles que lá trabalham. A indústria livreira do país irmão é uma coisa séria, bem estruturada, que, além dos seus méritos próprios, que não são escassos, conta com apoios do Estado para nós inimagináveis. O governo

brasileiro é um grande comprador de livros, uma espécie de “mecenas” público sempre pronto para abrir os cordões à bolsa quando se trate de abastecer bibliotecas, estimular as actividades editoriais, organizar campanhas de difusão de leitura que se caracterizam, como tive ocasião de constatar, pela eficácia das estratégias publicitárias. Todo o contrário do que se passa nestas terras lusas em muitos aspectos ainda por desbravar, à espera de um sinal, de um plano de acção, e também, se se me desculpa o comercialismo, de um cheque. O dinheiro, diz a sabedoria popular, é aquilo com que se compram os melões. E também os livros e outros bens do espírito, Senhor Primeiro-Ministro, que, nestes particulares da cultura, tem andado bastante distraído. Para nosso mal.

**Novembro 2008:**

## ***Livraria Cultura – Novembro 30, 2008***

A última imagem que levamos do Brasil é a de uma bonita livraria, uma catedral de livros, moderna, eficaz, bela. É a Livraria Cultura, está no Conjunto Nacional. É uma livraria para comprar livros, claro, mas também para desfrutar do espectáculo impressionante de tantos títulos organizados de uma forma tão atractiva, como se não fosse um armazém, como se de uma obra de arte se tratasse. A Livraria Cultura é uma obra de arte.

O meu editor, Luis Schwarcz, da Companhia das Letras, sabia que me ia emocionar este portento, por isso me levou. Também me tocou bastante a livraria da Companhia, ver estantes luminosas com obras de fundo, os clássicos de sempre expostos como outros fazem com as novidades. E todos juntos oferecidos ao leitor, que tem o difícil mas interessante dilema de não saber que escolher.

Boa saída de São Paulo. À noite, antes do jantar na casa de Tomie Ohtake fomos ver a exposição “A Consistência dos Sonhos”. Fomos os últimos das 700 pessoas que passaram ao longo do dia para ver a montagem que sobre este escritor fez a Fundação César Manrique, e que já esteve em Lanzarote e Lisboa. Fernando Gómez Aguilera pode estar contente: a sua obra, noutra continente, é igual de interessante e próxima, tão precisa como um relógio, tão bela como a Livraria Cultura. Às vezes as boas notícias amontoam-se. Damos fé delas.

## ***Educação sexual – Novembro 28, 2008***

“A exploração sexual é um tema tão importante para a humanidade que não pode haver hipocrisia. É necessário convencer os pais do mundo inteiro de que a educação sexual em casa é tão importante como a comida na mesa. Se não ensinarmos educação sexual nas escolas, os nossos adolescentes aprenderão animallescamente nas ruas. É necessário acabar com a hipocrisia religiosa e isso vale para todas as religiões”.

São palavras de Lula da Silva, presidente do Brasil, que subscrevo. Falava num congresso mundial, o terceiro que se realiza, que trata de enfrentar o problema da exploração sexual a que são submetidos crianças e adolescentes em todo o mundo. A rainha da Suécia fez um apelo para que se persiga a delinquência contra os jovens que se instalou na Internet. Ambos falaram de problemas graves, que afectam uma parte da sociedade e que faz estragos sobretudo entre a população infantil e adolescente nas zonas mais pobres do planeta, onde faltam escolas, o conceito de família simplesmente não existe e manda uma televisão que emite violência e sexo 24 horas por dia. Quem ouvirá as palavras sábias que se pronunciam no Congresso contra a Exploração Sexual?

Enfim, queria falar da apresentação de *A Viagem do Elefante* em São Paulo, mas este assunto meteu-se no meio e tem prioridade. Deixemos o livro para amanhã.

## ***Dia vivido – Novembro 27, 2008***

Continuamos no Brasil, Pilar e eu, e comovidos pela tragédia de Santa Catarina, onde o número de mortos ou desaparecidos não deixa de aumentar, como as histórias humanas, de desolação e desesperança dos sobreviventes, que dali nos chegam. Cruzámo-nos com o presidente Lula, que ia visitar a zona da tragédia. Muito consolo tem que transportar para demonstrar que o Estado é útil. Consolo em palavras e em meios. Das duas coisas necessitamos, os humanos. Contam-nos que nas empresas, espontaneamente, se estão recolhendo fundos para ajudar os vitimados. Para quem, como nós, não vivemos directamente a tragédia, gestos como estes também nos consolam, nos fazem pensar que a jovem da editorial que se preocupa com a sorte de gente que não conhece é uma imagem possível do mundo.

Esta tarde, na Academia Brasileira de Letras apresentei *A Viagem do Elefante*. Alberto da Costa e Silva disse na sua intervenção que todos somos bibliotecas, porque guardamos leituras no nosso interior como o melhor de nós mesmos. Tenho com Alberto uma antiga relação de amizade, e por ela, este académico, ex-presidente da Academia e ex-embaixador quis apresentar o meu livro como algo próprio. Antes tivemos uma reunião com os académicos, à qual assistiram amigos tão generosos como Cleonice Berardineli e Teresa Cristina Cerdeira da Silva, que não são académicas embora façam parte da aristocracia do espírito, essa que sim é necessária para a evolução da sociedade. Antes estivemos com Chico Buarque, que está a ponto de terminar um novo livro. Se for como *Budapeste* teremos obra. Chico, o cantor, o músico, o escritor, é um dos homens cabais que unem a qualidade do seu trabalho à sua condição de boa gente. Hoje o dia foi cumprido. Sem dúvida.



## ***A página infinita da Internet – Novembro 25, 2008***

Acabamos de sair da conferência de imprensa de São Paulo, a colectiva, como dizem aqui. Surpreende-me que vários jornalistas me tenham perguntado pela minha condição de blogueiro quando tínhamos atrás o anúncio de uma exposição estupenda, a que é organizada pela Fundação César Manrique no Instituto Tomie Ohtake, com os máximos representantes e patrocinadores, e com a apresentação de um novo livro à vista. Mas a muitos jornalistas interessava-lhes a minha decisão de escrever na “página infinita da Internet”. Será que, aqui, melhor dito, nos assemelhamos todos? É isto o mais parecido com o poder dos cidadãos? Somos mais companheiros quando escrevemos na Internet? Não tenho respostas, apenas constato as perguntas. E gosto de estar escrevendo aqui agora. Não sei se é mais democrático, sei que me sinto igual ao jovem de cabelo alvoroçado e óculos de aro, que com os seus vinte e poucos anos, me questionava. Seguramente para um blog.

## ***Duas notícias – Novembro 24, 2008***

No Brasil, entre entrevista e entrevista, fico a conhecer duas notícias: uma, a má, a terrível, que o temporal que de vez em quando desaba sobre São Paulo para deixar, minutos de fúria depois, um céu limpo e a sensação de que não se passou nada, no sul causou pelo menos 59 mortos e deixou milhares de pessoas sem casa, sem um tecto onde dormir hoje, sem um lar onde seguir vivendo. Notícias destas, apesar de tantas vezes lidas, não podem deixar-nos indiferentes. Pelo contrário, cada vez que nos chega a voz de um novo descalabro da natureza aumenta a dor e a impaciência. E também a pergunta a que ninguém quer responder, embora saibamos que tem resposta: até quando viveremos, ou viverão os mais pobres, à mercê da chuva, do vento, da seca, quando sabemos que todos esses fenómenos têm solução numa organização humana da existência? Até quando olharemos para outro lado, como se o ser humano não fosse importante? Estas 59 pessoas que morreram em Santa Catarina, neste Brasil onde estou agora, não tinham que ter morrido de esta morte. E isto, sabemos-lo todos.

A outra notícia é o Prémio Nacional das Letras de Espanha para Juan Goytisolo, que hoje recordo em Lanzarote, com Monique, com Gómez Aguilera, falando de livros e do ofício de escrever. Monique já não está, não vê este prémio que, por fim, é atribuído a Goytisolo, tantos anos depois de termos lido o seu primeiro livro, então recém-publicado. Juan, um abraço e felicidades.

## ***Gado – Novembro 23, 2008***

Não foi fácil chegar ao Brasil. Não foi fácil sequer sair do aeroporto. As instalações da Portela estão infestadas de pessoas de ambos os sexos que nos olham com desconfiança como se tivéssemos escrito na cara, a denunciar-nos, um historial de declarados ou potenciais terroristas. A estas pessoas chamam-lhes “seguranças”, o que é bastante contraditório porque, por experiência própria e tanto quanto pude perceber ao redor, os pobres viajantes não sentem nem sombra de segurança na sua presença. O primeiro problema tivemos-lo na inspecção da bagagem de mão. Ainda no rescaldo da doença de que padeci e de que felizmente me venho restabelecendo, devo tomar com regularidade, de duas em duas semanas, um medicamento que, em caso de passagem por um aeroporto, necessita ir acompanhado de declaração médica. Apresentámos essa declaração, carimbada e assinada como mandam os regulamentos, pensando que em menos de um minuto teríamos licença de seguir. Não sucedeu assim. O papel foi laboriosamente soletrado pela “segurança” (era uma mulher), que não achou melhor que chamar um superior, o qual leu a declaração de sobrolho carregado, talvez à espera de uma revelação que lhe fosse sugerida pelas entrelinhas. Começou então um jogo de empurra. A “segurança”, que já tinha, por duas ou três vezes, pronunciado esta frase inquietante: “Temos de verificar”, recebeu logo o apoio do seu chefe que as repetiu, não duas ou três vezes, mas cinco ou seis. O que havia para verificar estava ali diante dos olhos, um papel e um medicamento, não havia mais que ver. A discussão foi acesa e só terminou quando eu, impaciente, irritado, disse: “Pois se tem que verificar, verifique, e acabemos com isto”. O chefe abanou a cabeça e

respondeu: “Já verifiquei, mas este frasco tem de ficar”. O frasco, se podemos dar tal nome a uma garrafinha de plástico com iogurte, foi juntar-se a outros perigosos explosivos antes apreendidos. Quando nos retirávamos não pude deixar de pensar que a segurança do aeroporto, por este andar, ainda acabará por ser entregue à benemérita corporação dos porteiros de discoteca...

O pior, porém, ainda estava para vir. Durante mais de meia hora, não sei quantas dezenas de passageiros estivemos apinhados, apertados como sardinhas em barrica, dentro do autocarro que deveria levar-nos ao avião. Mais de meia hora sem quase nos podermos mexer, com as portas abertas para que o ar frio da manhã pudesse circular à vontade. Sem uma explicação, sem uma palavra de desculpa. Fomos tratados como gado. Se o avião tivesse caído, bem se poderia dizer que havíamos sido levados ao matadouro.

## ***No Brasil – Novembro 20, 2008***

De viagem para o Brasil, onde nos espera um programa tão carregado como um céu a ameaçar chuva. Confio no entanto que se arranje alguma abertura para que esta conversa não fique suspensa durante uma semana, que tanto irá durar a ausência. Já se sabe que, estando no Brasil, assunto não faltará, o problema, se o houver, estará na insuficiente disponibilidade de tempo. Veremos. Desejem-nos boa viagem, e, já agora, façam-nos o favor de cuidar do elefante enquanto andarmos por fora.

## ***Todos os nomes – Novembro 19, 2008***

A dedicar exemplares de “A Viagem do Elefante” na editora durante uma boa parte da manhã. Na sua maioria irão ficar em Portugal como um recado para os amigos e companheiros de ofício dispersos nas lusitanas paragens, mas outros viajarão a terras distantes, como sejam o Brasil, a França, a Itália, a Espanha, a Hungria, a Roménia, a Suécia. Neste último caso, os destinatários foram Amadeu Batel, nosso compatriota e professor de literatura portuguesa na Universidade de Estocolmo, e o poeta e romancista Kjell Espmark, membro da Academia Sueca. Enquanto dedicava o livro para Espmark recordei o que ele nos contou, a Pilar e a mim, sobre os bastidores do prémio que me foi atribuído. O “Ensaio sobre a Cegueira”, já então traduzido ao sueco, havia causado boa impressão nos académicos, tão boa que ficou praticamente decidido entre eles que o Nobel desse ano, 1998, seria para mim. Acontece, porém, que no ano anterior tinha publicado outro livro, “Todos os Nomes”, o que, obviamente, em princípio, não deveria constituir obstáculo à decisão tomada, a não ser uma pergunta nascida dos escrúpulos dos meus juízes: “E se este novo livro é mau?” Da resposta a dar encarregou-se Kjell Espmark, em quem os colegas depositaram a responsabilidade de proceder à leitura do livro no seu idioma original. Espmark, que tem certa familiaridade com a nossa língua, cumpriu disciplinadamente a missão. Com o auxílio de um dicionário, em pleno mês de Agosto, quando mais apeteceria ir navegar entre as ilhas que enxameiam o mar sueco, leu, palavra a palavra, a história do funcionário Sr. José e da mulher a quem ele amou sem nunca a ter visto. Passei o exame, afinal o livrinho não ficava nada atrás do “Ensaio sobre a Cegueira”. Uf.

## ***Inundação – Novembro 19, 2008***

Venho da Casa do Alentejo onde participei numa sessão de solidariedade com a luta do povo palestino pela sua plena soberania contra as arbitrariedades e os crimes de que Israel é responsável. Deixei lá uma sugestão: que a partir de 20 de Janeiro, data da tomada de posse de Barack Obama, a Casa Branca seja inundada de mensagens de apoio ao povo palestino e em que se exija uma rápida solução do conflito. Se Barack Obama quer libertar o seu país da infâmia do racismo, faça-o também em Israel. Desde há sessenta anos que o povo palestino vem sendo friamente martirizado com a cumplicidade tácita ou activa da comunidade internacional. É tempo de acabar com isto.

## ***Vivo, vivíssimo – Novembro 18, 2008***

Intento ser, à minha maneira, um estóico prático, mas a indiferença como condição de felicidade nunca teve lugar na minha vida, e se é certo que procuro obstinadamente o sossego do espírito, certo é também que não me libertei nem pretendo libertar-me das paixões. Trato de habituar-me sem excessivo dramatismo à ideia de que o corpo não só é finível, como de certo modo é já, em cada momento, finito. Que importância tem isso, porém, se cada gesto, cada palavra, cada emoção são capazes de negar, também em cada momento, essa finitude? Em verdade, sinto-me vivo, vivíssimo, quando, por uma razão ou por outra, tenho de falar da morte...



## **86 anos – Novembro 16, 2008**

Dizem-me que as entrevistas valeram a pena. Eu, como de costume, duvido, talvez porque já esteja cansado de me ouvir. O que para outros ainda lhes poderá parecer novidade, tornou-se para mim, com o decorrer do tempo, em caldo requentado. Ou pior, amarga-me a boca a certeza de que umas quantas coisas sensatas que tenha dito durante a vida não terão, no fim de contas, nenhuma importância. E porque haveriam de tê-la? Que significado terá o zumbido das abelhas no interior da colmeia? Serve-lhes para se comunicarem umas com as outras? Ou é um simples efeito da natureza, a mera consequência de estar vivo, sem prévia consciência nem intenção, como uma macieira dá maçãs sem ter que preocupar-se se alguém virá ou não comê-las? E nós? Falamos pela mesma razão que transpiramos? Apenas porque sim? O suor evapora-se, lava-se, desaparece, mais tarde ou mais cedo chegará às nuvens. E as palavras? Aonde vão? Quantas permanecem? Por quanto tempo? E, finalmente, para quê? São perguntas ociosas, bem o sei, próprias de quem cumpre 86 anos. Ou talvez não tão ociosas assim se penso que meu avô Jerónimo, nas suas últimas horas, se foi despedir das árvores que havia plantado, abraçando-as e chorando porque sabia que não voltaria a vê-las. A lição é boa. Abraço-me pois às palavras que escrevi, desejo-lhes longa vida e recomeço a escrita no ponto em que tinha parado. Não há outra resposta.

## **R.C.P. – Novembro 13, 2008**

As iniciais significam Rádio Clube Português, creio que não deverá haver um português que o ignore. Hoje, dia 13 de Novembro, que é quando escrevo estas breves linhas, resolveu o R. C. P. dedicar parte da sua emissão à estreia de *Blindness*, o filme dirigido pelo realizador brasileiro Fernando Meirelles a partir do meu *Ensaio sobre a Cegueira*. Pilar, que só produz ideias boas, achou que deveríamos fazer uma visita de cortesia à estação e aos apresentadores da «Janela Aberta», que assim se chama o programa em causa. Lá fomos a coberto do mais absoluto sigilo e certos de ir causar uma surpresa que não seria desagradável. O que não imaginávamos era que a nossa surpresa poderia ser ainda melhor. Os dois apresentadores estavam cegos, tinham os olhos vendados por um pano preto... Há momentos que logram ser, ao mesmo tempo, emocionantes e prazerosos. Foi o caso deste. Deixo aqui a expressão da minha gratidão e do meu profundo reconhecimento pela prova de amizade que nos deram.

## ***Dogmas – Novembro 12, 2008***

Os dogmas mais nocivos nem sequer são os que como tal foram expressamente enunciados, como é o caso dos dogmas religiosos, porque estes apelam à fé, e a fé não sabe nem pode discutir-se a si mesma. O mal é que se tenha transformado em dogma laico o que, por sua própria natureza, nunca aspirou a tal. Marx, por exemplo, não dogmatizou, mas logo não faltaram pseudo-marxistas para converter *O Capital* em outra bíblia, trocando o pensamento activo pela glosa estéril ou pela interpretação viciosa. Viu-se o que aconteceu. Um dia, se formos capazes de desfazer-nos dos antigos e férreos moldes, da pele velha que não nos deixou crescer, voltaremos a encontrar-nos com Marx: talvez uma “releitura marxista” do marxismo nos ajude a abrir caminhos mais generosos ao acto de pensar. Que terá que começar por procurar resposta à pergunta fundamental: “Por que penso como penso?” Com outras palavras: “Que é a ideologia?” Parecem perguntas de pouca monta e não creio que haja outras mais importantes...

## ***Velhos e novos – Novembro 11, 2008***

Dirão alguns que o cepticismo é uma doença da velhice, um achaque dos últimos dias, uma esclerose da vontade. Não ousarei dizer que o diagnóstico seja completamente equivocado, mas direi que seria demasiado cómodo querer escapar às dificuldades por essa porta, como se o estado actual do mundo fosse simplesmente consequência de que os velhos sejam velhos... As esperanças dos jovens nunca conseguiram, até hoje, tornar o mundo melhor, e o sempre renovado azedume dos velhos nunca foi tanto que chegasse para torná-lo pior. Claro que o mundo, pobre dele, não tem culpa dos males de que padece. O que chamamos estado do mundo é o estado da desgraçada humanidade que somos, inevitavelmente composta de velhos que foram novos, de novos que hão-de ser velhos, de outros que já não são novos e ainda não são velhos. Culpas? Ouço dizer que todos as temos, que ninguém pode gabar-se de estar inocente, mas parece-me que semelhantes declarações, que aparentemente distribuem justiça por igual, não passam, quando muito, de espúrias recidivas mutantes do chamado pecado original, servem apenas para diluir e ocultar, numa imaginária culpa colectiva, as responsabilidades dos autênticos culpados. Do estado, não do mundo, mas da vida. Escrevo isto num dia em que chegaram a Espanha e Itália centenas de homens, mulheres e crianças nas frágeis embarcações que costumam utilizar para alcançar os supostos paraísos de uma Europa rica. À ilha de Hierro, em Canárias, por exemplo, chegou um barco desses, dentro do qual havia uma criança morta, e alguns naufragos declararam que durante a viagem tinham morrido e sido lançados ao mar vinte companheiros de martírio... Que não me falem de cepticismo, por favor.



Inmigrantes llegando a la isla de Lampedusa (Italia), Agosto de 2007. Fotografía de Sara Prestianni, de su álbum *Storie migrante*.



Los inmigrantes se ven obligados a arrojar al mar a sus propios compañeros muertos.



Un inmigrante exhausto descansa entre los turistas que toman el sol en la playa de Tuineje en Fuerteventura (Islas Canarias), después de llegar en un pequeño bote motorizado junto a otros 36 inmigrantes. Viernes 5 de Mayo de 2006.

---

Fotografías por cortesía de Noborder Network, en su galería de Flickr. Licencia Creative Commons.

## ***Receita para matar um homem – Novembro 10, 2008***

A referência a Martin Luther King no texto anterior deste blog fez-me recordar uma crónica publicada em 1968 ou 1969 com o título de “Receita para matar um homem”. Aqui a deixo outra vez como sentida homenagem a um verdadeiro revolucionário que abriu o caminho que levará ao fim próximo e definitivo da segregação racial nos Estados Unidos.

### **Receita para matar um homem**

Tomam-se umas dezenas de quilos de carne, ossos e sangue, segundo os padrões adequados. Dispõem-se harmoniosamente em cabeça, tronco e membros, recheiam-se de vísceras e de uma rede de veias e nervos, tendo o cuidado de evitar erros de fabrico que dêem pretexto ao aparecimento de fenómenos teratológicos. A cor da pele não tem importância nenhuma.

Ao produto deste trabalho melindroso dá-se o nome de homem. Serve-se quente ou frio, conforme a latitude, a estação do ano, a idade e o temperamento. Quando se pretende lançar protótipos no mercado, infundem-se-lhes algumas qualidades que os vão distinguir do comum: coragem, inteligência, sensibilidade, carácter, amor da justiça, bondade activa, respeito pelo próximo e pelo distante. Os produtos de segunda escolha terão, em maior ou menos grau, um ou outro destes atributos positivos, a par dos opostos, em geral predominantes. Manda a modéstia não considerar viáveis os produtos integralmente positivos ou negativos. De qualquer modo, sabe-se que também nestes casos a cor da pele não tem importância nenhuma.



O homem, entretanto classificado por um rótulo pessoal que o distinguirá dos seus parceiros, saídos como ele da linha de montagem, é posto a viver num edifício a que se dá, por sua vez, o nome de Sociedade. Ocupará um dos andares desse edifício, mas raramente lhe será consentido subir a escada. Descer é permitido e por vezes facilitado. Nos andares do edifício há muitas moradas, designadas umas vezes por camadas sociais, outras vezes por profissões. A circulação faz-se por canais chamados hábito, costume e preconceito. É perigoso andar contra a corrente dos canais, embora certos homens o façam durante toda a sua vida. Esses homens, em cuja massa carnal estão fundidas as qualidades que roçam a perfeição, ou que por essas qualidades optaram deliberadamente, não se distinguem pela cor da pele. Há-os brancos e negros, amarelos e pardos. São poucos os acobreados por se tratar de uma série quase extinta.

O destino final do homem é, como se sabe desde o princípio do mundo, a morte. A morte, no seu momento preciso, é igual para todos. Não o que a precede imediatamente. Pode-se morrer com simplicidade, como quem adormece; pode-se morrer entre as tenazes de uma dessas doenças de que eufemisticamente se diz que “não perdoam”; pode-se morrer sob a tortura, num campo de concentração; pode-se morrer volatilizado no interior de um sol atômico; pode-se morrer ao volante de um Jaguar ou atropelado por ele; pode-se morrer de fome ou de indigestão; pode-se morrer também de um tiro de espingarda, ao fim da tarde, quando ainda há luz de dia e não se acredita que a morte esteja perto. Mas a cor da pele não tem importância nenhuma.

Martin Luther King era um homem como qualquer de nós. Tinha as virtudes que sabemos, certamente alguns defeitos que não lhe diminuam as virtudes. Tinha um trabalho a fazer – e

fazia-o. Lutava contra as correntes do costume, do hábito e do preconceito, mergulhado nelas até ao pescoço. Até que veio o tiro de espingarda lembrar aos distraídos que nós somos que a cor da pele tem muita importância.



## ***Rosa Parks – Novembro 9, 2008***

Rosa Parks, não Rosa Banks. Um lamentável desmaio de memória, que não terá sido o primeiro e certamente não vai ser o último, fez-me incorrer num dos piores deslizos que se podem cometer no sempre complexo sistema das relações entre pessoas: dar a alguém um nome que não é o seu. Salvo ao paciente leitor destas despreziosas linhas, não tenho a quem pedir que me desculpem, mas já basta, para ver-me punido do desacerto, o sentimento de intensa vergonha que de mim se apossou quando, logo depois, me apercebi da gravidade do equívoco. Ainda pensei em deixar correr, mas afastei a tentação, e aqui estou para confessar o erro e prometer que doravante terei o cuidado de verificar tudo, até aquilo de que julgue ter a certeza.

Há males que vêm por bem, diz a sabedoria popular, e talvez seja certo. Tenho assim a oportunidade para voltar a Rosa Parks, aquela costureira de 42 anos que, viajando num autocarro em Montgomery, no estado de Alabama, no dia 1 de Dezembro de 1955, se recusou a ceder o seu lugar a uma pessoa de raça branca, como o condutor lhe havia ordenado. Este delito levou-a à prisão sob a acusação de ter perturbado a ordem pública. Há que esclarecer que Rosa Parks ia sentada na parte destinada aos negros, mas, como a secção dos brancos estava completamente ocupada, a pessoa de raça branca quis o seu assento.

Em resposta ao encarceramento de Rosa Parks, um pastor baptista relativamente desconhecido nesse tempo, Martin Luther King, dirigiu os protestos contra os autocarros de Montgomery, o que obrigou a autoridade do transporte público a acabar com a prática da segregação racial naqueles veículos. Foi o sinal para desencadear outras manifestações contra a segregação. Em 1956 o

caso de Parks chegou finalmente ao Tribunal Supremo dos Estados Unidos, que declarou que a segregação nos transportes era anti-constitucional. Rosa Parks, que já desde 1950 se havia unido à Associação Nacional para o Avanço do Povo de Cor (*National Association for the Advancement of Colored People*), viu-se convertida em ícone do movimento de direitos civis, para o qual trabalhou durante toda a sua vida. Morreu em 2005. Sem ela, talvez Barack Obama não fosse hoje o presidente dos Estados Unidos.

## ***Palavras – Novembro 6, 2008***

Felizmente há palavras para tudo. Felizmente que existem algumas que não se esquecerão de recomendar que quem dá deve dar com as duas mãos para que em nenhuma delas fique o que a outras deveria pertencer. Assim como a bondade não tem por que se envergonhar de ser bondade, também a justiça não deverá esquecer-se de que é, acima de tudo, restituição, restituição de direitos. Todos eles, começando pelo direito elementar de viver dignamente. Se a mim me mandassem dispor por ordem de precedência a caridade, a justiça e a bondade, daria o primeiro lugar à bondade, o segundo à justiça e o terceiro à caridade. Porque a bondade, por si só, já dispensa a justiça e a caridade, porque a justiça justa já contém em si caridade suficiente. A caridade é o que resta quando não há bondade nem justiça.

## **106 anos – Novembro 6, 2008**

Essa mulher de cento e seis anos, Ann Nixon Cooper, que Obama citou no seu primeiro discurso como presidente eleito dos Estados Unidos, talvez venha a ocupar um lugar na galeria das personagens literárias favoritas dos leitores norte-americanos, ao lado daquela outra que, viajando num auto-carro, se recusou a levantar-se para dar o lugar a um branco. Não se tem escrito muito sobre o heroísmo das mulheres. Entre o que Obama nos contou sobre Anne Nixon Cooper não havia actos heróicos, salvo os do viver quotidiano, mas as lições do silêncio podem não ser menos poderosas que as da palavra. Cento e seis anos a ver passar o mundo, com as suas convulsões, os seus logros e os seus fracassos, a falta de piedade ou a alegria de estar vivo, apesar de tudo. Na noite passada essa mulher viu a imagem de um dos seus em mil cartazes e compreendeu, não podia deixar de compreendê-lo, que algo novo estava acontecendo. Ou então guardou simplesmente no coração a imagem repetida, à espera de que a sua alegria recebesse justificação e confirmação. Os velhos têm destas coisas, de repente abandonam os lugares-comuns e avançam contra a corrente, fazendo perguntas impertinentes e mantendo silêncios obstinados que arrefecem a festa. Ann Nixon Cooper sofreu escravidões várias, por negra, por mulher, por pobre. Viveu submetida, as leis teriam mudado no exterior, mas não nos seus diversos medos, porque olhava à sua volta e via mulheres maltratadas, usadas, humilhadas, assassinadas, sempre por homens. Via que cobravam menos que eles pelos mesmos trabalhos, que tinham de assumir responsabilidades domésticas que iam ficar na sombra, apesar de necessárias, via como lhes travavam os passos decididos, e não obstante

continuam a caminhar, ou não se levantando num autocarro, contemo-lo uma vez mais, como aquela outra mulher negra, Rose Banks, que fez história, também

Cento e seis anos a ver passar o mundo. Talvez o veja bonito, como a minha avó, pouco antes de morrer, velha e formosa, pobre. Talvez a mulher de quem Obama nos falou ontem sentisse a serenidade da alegria perfeita, talvez o saibamos um dia. Entretanto felicitemos o presidente eleito por tê-la tirado da sua casa, por ter-lhe prestado uma homenagem que ela provavelmente não necessitaria, mas nós, sim. À medida que Obama ia falando de Ann Nixon Copper, percebemos que a cada palavra o exemplo nos tornava melhores, mais humanos, à beira de uma fraternidade total. De nós depende fazer durar este sentimento.

## ***Guantánamo – Novembro 5, 2008***

No momento em que escrevo estas linhas os colégios eleitorais ainda vão continuar abertos durante mais algumas horas. Só pela madrugada dentro surgirão as primeiras projecções sobre quem será o próximo presidente dos Estados Unidos. No caso altamente indesejável de que viesse a triunfar o general McCain, o que estou a escrever pareceria obra de alguém cujas ideias sobre o mundo em que vive pecassem por um total irrealismo, por um desconhecimento absoluto das malhas com que se tecem os factos políticos e os diversos objectivos estratégicos do planeta. Nunca o general McCain, sendo, ainda por cima, como a propaganda não se cansa de lhe chamar e que um miserável paisano como eu nunca se atreveria a negar, um herói da guerra contra o Vietnam, nunca ele ousaria deitar abaixo o campo de concentração e tortura instalado na base militar de Guntánamo e desmontar a própria base até ao último parafuso, deixando o espaço que ocupa entregue a quem é o seu legítimo dono, o povo cubano. Porque, quer se queira, quer não, se é certo que nem sempre o hábito faz o monge, a farda, essa, faz sempre o general. Deitar abaixo, desmontar? Quem é o ingénuo que teve semelhante ideia?

E, contudo, é disso precisamente que se trata. Há poucos minutos uma estação de rádio portuguesa quis saber qual seria a primeira medida de governo que eu proporia a Barack Obama no caso de ele ser, como tantos andamos a sonhar desde há um ano e meio, o novo presidente dos Estados Unidos. Fui rápido na resposta: desmontar a base militar de Guantánamo, mandar regressar os marines, deitar abaixo a vergonha que aquele campo de concentração (e de tortura, não esqueçamos) representa, virar a página e pedir desculpa a Cuba. E, de caminho, acabar com



o bloqueio, esse garrote com o qual, inutilmente, se pretendeu vergar a vontade do povo cubano. Pode suceder, e oxalá que assim seja, que o resultado final desta eleição venha a investir a população norte-americana de uma nova dignidade e de um novo respeito, mas eu permito-me recordar aos falsos distraídos que lições da mais autêntica das dignidades, das quais Washington poderia ter aprendido, as andou a dar quotidianamente o povo cubano em quase cinquenta anos de patriótica resistência.

Que não se pode fazer tudo, assim de uma assentada? Sim, talvez não se possa, mas, por favor, senhor presidente, faça ao menos alguma coisa. Ao contrário do que acaso lhe tenham dito nos corredores do senado, aquela ilha é mais que um desenho no mapa. Espero, senhor presidente, que algum dia queira ir a Cuba para conhecer quem lá vive. Finalmente. Garanto-lhe que ninguém lhe fará mal.

## ***A guerra que não chegou a ser – Novembro 3, 2008***

E esta? Em Março de 1975, e mais acentuadamente no mês seguinte, chegaram-nos rumores a Portugal do desagrado do governo espanhol, então presidido por Carlos Arias Navarro, quanto aos caminhos, perigosos em seu entender, que a revolução portuguesa estava tomando. A derrota do golpe militar direitista de 11 de Março, de que o general Spínola havia sido inspirador e chefe, teve como imediata consequência o revigoramento das forças políticas de esquerda, incluindo as organizações sindicais. Ao que parece, Arias Navarro entrou em pânico, a tal ponto que, num encontro com o vice-secretário de Estado norte-americano Robert Ingersoll, manifestou a ideia de que Portugal era uma séria ameaça para Espanha, não só pelo desenvolvimento que a situação ali estava tomando, mas também pelo apoio exterior que poderia obter e que seria hostil a Espanha. O passo seguinte, segundo Arias Navarro, poderia ser a guerra. Da informação que, acto contínuo, Ingersoll transmitiu ao secretário de Estado Henry Kissinger, consta o seguinte: “Espanha estaria disposta a lançar sozinha o combate anti-comunista se é necessário. É um país forte e próspero. Não quer pedir ajuda, mas confia em que terá a cooperação e a compreensão dos seus amigos, não só no interesse de Espanha, mas também de todos aqueles que pensam da mesma maneira”. Numa outra conversação em 9 de Abril com Wells Stabler, embaixador dos Estados Unidos, Arias Navarro disse que “o Exército espanhol conhece os perigos do comunismo pela experiência da Guerra Civil e está totalmente unido”.

E esta? Nós, aqui, preocupados em pôr de pé, contra os mil ventos e marés de dentro e os que estavam a ser preparados de fora, um futuro mais digno para Portugal, e os nossos vizinhos,

nuestros hermanos, a tramarem com os Estados Unidos uma guerra que provavelmente nos deixaria destruídos e, não duvidemos, mal-ferida a própria Espanha. Depois das conversações que Franco manteve no passado com a Alemanha de Hitler com vista à partilha, pataca a mim, pataca a ti, das colónias portuguesas, pairava agora sobre as nossas cabeças a ameaça explícita de uma invasão à qual talvez só tenha faltado o sim do Estados Unidos. Terei de dizer que não foi para isto que escrevi *A jangada de pedra*?

## ***Mentira, verdade – Novembro 2, 2008***

Na véspera da eleição presidencial nos Estados Unidos, não parece que esta breve observação venha a despropósito. Há tempos, um político português, então com responsabilidades de governo, declarou para quem o quis ouvir que a política é, em primeiro lugar, a arte de não dizer a verdade. O pior foi que depois de tê-lo dito não apareceu, que eu saiba, um só político, desde a esquerda até à direita, que o corrigisse, que não senhor, que a verdade terá de ser o objectivo único e último da política. Pela simples razão que apenas desta maneira poderão salvar-se ambas: a verdade pela política, a política pela verdade.

**Outubro 2008:**

## ***A pergunta – Outubro 30, 2008***

E eu pergunto aos economistas políticos, aos moralistas, se já calcularam o número de indivíduos que é forçoso condenar à miséria, ao trabalho desproporcionado, à desmoralização, à infância, à ignorância crapulosa, à desgraça invencível, à penúria absoluta, para produzir um rico?

**Almeida Garrett**

(1799-1854)

## ***Novo capitalismo? – Outubro 28, 2008***

**Para que continue a reflexão, o Manifesto abre por mais um dia o Caderno.**

Há uns dias atrás, várias pessoas de diversos países e diferentes posições políticas, subscrevemos o texto que reproduzo abaixo. É uma chamada de atenção, um protesto, a expressão do alarme que sentimos diante da crise e das possíveis saídas que se afiguram. Não podemos ser cúmplices.

“Novo capitalismo?”

**Chegou o momento da mudança à escala pública e individual. Chegou o momento da justiça.**

A crise financeira aí está de novo destroçando as nossas economias, desferindo duros golpes nas nossas vidas. Na última década, os seus abanões têm sido cada vez mais frequente e dramáticos. Ásia Oriental, Argentina, Turquia, Brasil, Rússia, a hecatombe da Nova Economia, provam que não se trata de acidentes conjunturais fortuitos que acontecem na superfície da vida económica mas que estão inscritos no próprio coração do sistema.

Essas rupturas, que acabaram produzindo uma contracção funesta da vida económica actual, com o argumento do desemprego e da generalização da desigualdade, assinalam a quebra do capitalismo financeiro e significam o definitivo anciloseamento da ordem económica mundial em

que vivemos. Há, pois, que transformá-lo radicalmente.

Na entrevista com o presidente Bush, Durão Barroso, Presidente da Comissão Europeia, declarou que a presente crise deve conduzir a uma “nova ordem económica mundial”, o que é aceitável, se esta nova ordem se orientar pelos princípios democráticos – que nunca deveriam ter sido abandonados – da justiça, liberdade, igualdade e solidariedade.

As “leis do mercado” conduziram a uma situação caótica que levou a um “resgate” de milhares de milhões de dólares, de tal modo que, como se referiu acertadamente, “se privatizaram os ganhos e se nacionalizaram as perdas”. Encontraram ajuda para os culpados e não para as vítimas. Esta é uma ocasião única para redefinir o sistema económico mundial a favor da justiça social.

Não havia dinheiro para os fundos de combate à SIDA, nem de apoio para a alimentação no mundo... e afinal, num autêntico turbilhão financeiro, acontece que havia fundos para que não se arruinassem aqueles mesmos que, favorecendo excessivamente as bolhas informáticas e imobiliárias, arruinaram o edifício económico mundial da “globalização”.

Por isto é totalmente errado que o Presidente Sarkozy tenha falado sobre a realização de todos estes esforços a cargo dos contribuintes “para um novo capitalismo”!... e que o Presidente Bush, como dele seria de esperar, tenha concordado que deve salvaguardar-se “a liberdade de mercado” (sem que desapareçam os subsídios agrícolas!)



Não: agora devemos ser resgatados, os cidadãos, favorecendo com rapidez e valentia a transição de uma economia de guerra para uma economia de desenvolvimento global, em que essa vergonha colectiva do investimento de três mil milhões de dólares por dia em armas, ao mesmo tempo que morrem de fome mais de 60 mil pessoas, seja superada. **Uma economia de desenvolvimento que elimine a abusiva exploração dos recursos naturais que tem lugar na actualidade (petróleo, gás, minerais, carvão) e que faça com que se apliquem normas vigiadas por uma Nações Unidas refundadas – que envolvam o Fundo Monetário Internacional, o Banco Mundial “para a reconstrução e desenvolvimento” e a Organização Mundial de Comércio, que não seja um clube privado de nações, mas sim uma instituição da ONU – que disponham dos meios pessoais, humanos e técnicos necessários para exercer a sua autoridade jurídica e ética de forma eficaz.**

Investimento nas energias renováveis, na produção de alimentos (agricultura e aquicultura), na obtenção e condução de água, na saúde, educação, habitação... para que a “nova ordem económica” seja, por fim, democrática e beneficie as pessoas. O engano da globalização e da economia de mercado deve terminar! A sociedade civil já não será um espectador resignado e, se necessário for, utilizará todo o poder de cidadania que hoje, com as modernas tecnologias de comunicação, possui.

**Novo capitalismo? Não!**

**Chegou o momento da mudança à escala pública e individual. Chegou o momento da**

**justiça.**

Federico Mayor Zaragoza

Francisco Altemir

José Saramago

Roberto Savio

Mário Soares

José Vidal Beneyto

## **Fernando Meirelles & C<sup>a</sup> – Outubro 28, 2008**

A história da adaptação de *Ensaio sobre a cegueira* ao cinema passou por altos e baixos desde que Fernando Meirelles, aí pelo ano de 1997, perguntou a Luiz Schwarcz, meu editor brasileiro, se eu estaria interessado em ceder os respectivos direitos. Recebeu como resposta uma peremptória negativa: não. Entretanto, no escritório da minha agente literária em Bad Homburg, Frankfurt, começaram a chover, e choveram durante anos, cartas, correios electrónicos, chamadas telefónicas, mensagens de toda a espécie de produtores de outros países, em particular dos Estados Unidos, com a mesma pergunta. A todos mandei dar a resposta conhecida: não. Soberba minha? Não era questão de soberba, simplesmente não tinha a certeza, nem sequer a esperança, de que o livro fosse tratado com respeito naquelas paragens. E os anos passaram. Um dia, acompanhados pela minha agente, apareceram-me em Lanzarote, vindos directamente de Toronto, dois canadianos que pretendiam fazer o filme, Niv Fichman, o produtor, e Don McKellar, o guionista. Eram gente nova, nenhum deles me fazia recordar o Cecil B. de Mille, e, depois de uma conversa franca, sem portas falsas nem reservas mentais, entreguei-lhes o trabalho. Faltava saber quem seria o director. Outros anos tiveram de passar até ao dia em que me foi perguntado o que pensava eu de Fernando Meirelles. Completamente esquecido do que havia sucedido naquele já longínquo ano de 1997, respondi que pensava bem. Tinha visto e gostado da *Cidade de Deus* e do *Fiel Jardineiro*, mas continuava sem associar o nome deste director à pessoa do outro...

Finalmente, o resultado de tudo isto já está aqui. Traz o título de *Blindness*, com o qual se espera

facilitar a sua relação com o livro no circuito internacional. Não vi qualquer motivo para discutir a escolha. Hoje, em Lisboa, foi a apresentação deste Ensaio sobre a cegueira em imagens e sons. A plateia estava bem servida de jornalistas que espero dêem boa conta do recado. Amanhã será a ante-estreia. Conversámos sobre estes episódios já históricos e, em dado momento, Pilar, a mais prática e objectiva de todas as subjectividades que conheço, lançou uma ideia: “No meu entender, o livro antecipou os efeitos da crise que estamos a sofrer. As pessoas, desesperadas, correndo por Wall Street, de banco em banco antes que o dinheiro se acabe, não são outras que as que se movem, cegas, sem rumo, no romance e agora no filme. A diferença é que não têm uma mulher do médico que as guie, que as proteja”. Reparando bem, a andaluza é capaz de ter razão.



## ***Quando for crescido quero ser como Rita – Outubro 26, 2008***

Esta Rita a quem quero parecer-me quando for crescido é Rita Levi-Montalcini, ganhadora do Prémio Nobel de Medicina em 1984 pelas suas investigações sobre o desenvolvimento das células neurológicas. Ora, Prémio Nobel é coisa que já tenho, logo não seria por ambição dessa grande ou pequena glória, as opiniões dos entendidos divergem, que estou disposto a deixar de ser quem tenho sido para tornar-me em Rita. De mais a mais estando eu numa idade em que qualquer mudança, mesmo quando prometedor, sempre se nos afigura um sacrifício das rotinas em que, mais ou menos, acabámos por nos acomodar.

E por que quero eu parecer-me a Rita? É simples. No acto do seu investimento como Doutora “Honoris Causa” na aula magna da Universidade Complutense, de Madrid, esta mulher, que em Abril completará cem anos, fez umas quantas declarações (pena que não tenhamos conseguido a transcrição completa do seu improvisado discurso) que me deixaram ora assombrado, ora agradecido, posto que não é fácil imaginar juntos e unidos estes dois sentimentos extremos. Disse ela: “Nunca pensei em mim mesma. Viver ou morrer é a mesma coisa. Porque, naturalmente, a vida não está neste pequeno corpo. O importante é a maneira como vivemos e a mensagem que deixamos. Isso é o que nos sobrevive. Isso é a imortalidade”. E disse mais: “É ridícula a obsessão do envelhecimento. O meu cérebro é melhor agora do que foi quando eu era jovem. É verdade que vejo mal e oiço pior, mas a minha cabeça sempre funcionou bem. O fundamental é manter activo o cérebro, tentar ajudar os outros e conservar a curiosidade pelo mundo”. E estas palavras que me fizeram sentir que havia encontrado uma alma gémea: “ Sou contra a reforma ou outro qualquer outro tipo de subsídio. Vivo sem isso. Em 2001 não cobrava

nada e tive problemas económicos até que o presidente Ciampi me nomeou senadora vitalícia”.

Nem toda a gente estará de acordo com este radicalismo. Mas aposto que muitos dos que me lêem vão também querer ser como Rita quando crescerem. Que assim seja. Se o fizerem tenhamos a certeza de que o mundo mudará logo para melhor. Não é isso o que andamos a dizer que queremos? Rita é o caminho.



Rita Levi-Montalcini- por Cristóbal Manuel para El Pais - <http://www.elpais.com>

## ***José Luis Sampedro – Outubro 24, 2008***

Esta tarde ouvi falar de José Luis Sampedro, economista, escritor, e, sobretudo, sábio daquela sabedoria que não é dada pela idade, ainda que esta possa ajudar alguma coisa, mas pela reflexão como forma de vida. Perguntaram-lhe na televisão pela crise de 29, que ele viveu em criança, mas que depois estudou como catedrático. Deu respostas inteligentes que os interessados em compreender o que está ocorrendo encontrarão nos seus livros, tanto escreveu José Luis Sampedro, ou procurando a reportagem na rede, mas uma pergunta que ele próprio fez, não o jornalista, ficou-me gravada na memória. Perguntava-nos o mestre, e também a si mesmo, como se explica que tenha aparecido tão rapidamente o dinheiro para resgatar os bancos e, sem necessidade de qualificativos, se esse dinheiro teria aparecido com a mesma rapidez se tivesse sido solicitado para acudir a uma emergência em África, ou para combater a sida... Não era necessário esperar muito para intuir a resposta. À economia, sim, podemos salvá-la, mas não ao ser humano, esse que deveria ter a prioridade absoluta, fosse quem fosse, estivesse onde estivesse. José Luis Sampedro é um grande humanista, um exemplo de lucidez. O mundo, ao contrário do que às vezes se diz, não está deserto de gente merecedora, como ele, de que lhe dêmos o melhor da nossa atenção. E façamos o que ele nos diz: intervir, intervir, intervir.





## ***Têm alma os verdugos? – Outubro 22, 2008***

Nestes últimos dias abriu o tiro ao alvo contra o juiz Garzón. Mesmo aqueles que o defendem argumentam que tem uma personalidade controversa, como se todos tivéssemos a obrigação de ser iguais ao semelhante mais próximo... O caso é que Garzón, com os seus autos singulares, é o juiz que mais alegrias tem proporcionado àqueles a quem, apesar de tudo, esperam muito da justiça ou, melhor dito, dos encarregados de administrá-la. Garzón, na sequência de queixas que lhe apresentaram, interveio num assunto que é maior que ele e que todas as instituições judiciais juntas: a guerra civil espanhola, a ilegalidade do franquismo, a dignidade dos que defenderam a República e um modo de viver a vida. Ele sabe que talvez tenha de abandonar o campo, mas as portas já estão abertas para que se reconheçam verdades, junto a identificações, e inclusive, por fim, enterros. A transição espanhola, uma época vivida sobre o possível, não é uma carta de curso: a esquerda cedeu porque os militares e o franquismo social estavam apontando, mas não se rendeu, não disse “esta palavra é definitiva”, simplesmente esperou que chegasse o dia de contar os seus mortos e chamar as coisas pelo seu nome. Garzón ajudou com a sua posição, e nunca alegria maior foi sentida pelas vítimas daquela guerra, pelos que conseguiram sobreviver até hoje.

O juiz Garzón não é um sectário. Entende que nada humano lhe é alheio e entra nos assuntos que considera delitivos e porque para isso tem autoridade. Também se pergunta se os verdugos têm alma, sinal mais do que suficiente para compreender que analisa desde as duas margens. Há uns meses pediu-me um prólogo para um trabalho que havia realizado com o jornalista Vicente

Romero. Era, repito, uma investigação sobre o comportamento dos verdugos. Recomendo vivamente a leitura deste livro – *El alma de los verdugos*, ed. RBA – e, enquanto não o têm nas vossas mãos, deixo-vos estas linhas que, à maneira de prólogo, escrevi para Baltasar Garzón e Vicente Romero.

### Têm alma os verdugos?

Uma alma que fosse possível considerar responsável por todo e qualquer acto cometido teria de levar-nos, forçosamente, a reconhecer a total inocência do corpo, reduzido a ser o instrumento passivo de uma vontade, de um querer, de um desejar não especificamente localizáveis nesse mesmo corpo. A mão, em estado de repouso, com os seus ossos, nervos e tendões, está pronta para cumprir no instante seguinte a ordem que lhe for dada e de que em si mesma não é responsável, seja para oferecer uma flor ou para apagar um cigarro na pele de alguém. Por outro lado, atribuir, a priori, a responsabilidade de todas as nossas acções a uma identidade imaterial, a alma, que, através da consciência, seria, ao mesmo tempo, juiz dessas acções, conduzir-nos-ia a um círculo vicioso em que a sentença final teria de ser a inimputabilidade. Sim, admitamos que a alma é responsável, porém, onde é que está a alma para que possamos pôr-lhe as algemas e levá-la ao tribunal? Sim, está demonstrado que o martelo que destroçou o crânio desta pessoa foi manejado por esta mão, contudo, se a mão que matou fosse a mesma que, tão inconsciente de uma coisa como da outra, tivesse simplesmente oferecido uma flor, como poderíamos incriminá-la? A flor absolve o martelo?

Ficou dito acima que a vontade, o querer, o desejar (sinónimos que, apesar de o não serem efectivamente, não podem viver separados) não são especificamente localizáveis no corpo. É certo. Ninguém pode afirmar, por exemplo, que a vontade esteja alojada entre os dedos médio e indicador de uma mão neste momento ocupada a estrangular alguém com a ajuda da sua colega do lado esquerdo. No entanto, todos intuimos que se a vontade tem casa própria, e deverá tê-la, ela só poderá ser o cérebro, esse complexo universo cujo funcionamento, em grande parte (o córtex cerebral tem cerca de cinco milímetros de espessura e contém 70 mil milhões de células nervosas dispostas em seis camadas ligadas entre si) se encontra ainda por estudar. Somos o cérebro que em cada momento tivermos, e esta é a única verdade essencial que podemos enunciar sobre nós próprios. Que é, então, a vontade? É algo material? Não concebo, não o concebe ninguém, com que espécie de argumentos seria defensável uma alegada materialidade da vontade sem a apresentação de uma “amostra material” dessa mesma materialidade...

O voluntarismo, como é geralmente conhecido, é a teoria que sustenta que a vontade é o fundamento do ser, o princípio da acção ou, também, a função essencial da vida animal. No aristotelismo e no estoicismo da antiguidade clássica observam-se já tendências voluntaristas. Na filosofia contemporânea são voluntaristas Schopenhauer (a vontade como essência do mundo, mais além da representação cognoscitiva) e Nietzsche (a vontade de poder como princípio da vida ascendente). Isto é sério e, por todas as evidências, necessitaria aqui alguém, não quem estas linhas está escrevendo, capaz de relacionar aquelas e outras reflexões filosóficas sobre a vontade com o conteúdo deste livro, cujo título é, não o esqueçamos, *A Alma dos Verdugos*. Aqui talvez tivesse eu de deter-me se, felizmente para os meus brios, não me tivesse saltado aos

olhos, folheando com mão distraída um modesto dicionário, a seguinte definição: “Vontade: Capacidade de determinação para fazer ou não fazer algo. Nela se radica a liberdade”. Como se vê, nada mais claro: pela vontade posso determinar-me a fazer ou não fazer algo, pela liberdade sou livre para determinar-me num sentido ou noutro. Habitados como estamos pela linguagem a considerar vontade e liberdade como conceitos em si mesmos positivos, apercebemo-nos de súbito, com um instintivo temor, que as cintilantes medalhas a que chamamos liberdade e vontade podem exhibir do outro lado a sua absoluta e total negação. Foi usando da sua liberdade (por mais chocante que nos pareça a utilização da palavra neste contexto) que o general Videla viria a tornar-se, por vontade própria, insisto, por vontade própria, num dos mais detestáveis protagonistas da sangrenta e pelos vistos infinita história da tortura e do assassinato no mundo. Foi igualmente usando da sua vontade e da sua liberdade que os verdugos argentinos cometeram o seu infame trabalho. Quiseram fazê-lo e fizeram-no. Nenhum perdão é portanto possível. Nenhuma reconciliação nacional ou particular.

Importa pouco saber se têm alma. Aliás, desse assunto deverá estar informado, melhor do que ninguém, o sacerdote católico argentino Christian von Vernich que há alguns meses foi condenado a prisão perpétua por genocídio. Seis assassinatos, torturas a 34 pessoas e sequestro ilegal em 42 casos, eis a sua folha de serviços. É até possível, permita-se-me a trágica ironia, que tenha alguma vez dado a extrema unção a uma das suas vítimas...

## **Chico Buarque de Holanda – Outubro 21, 2008**

Haverá universos paralelos? Perante as variadas “provas” apresentadas ao tribunal da opinião pública pelos autores que se dedicam à ficção científica, não é difícil acreditar que sim, ou, pelo menos, estar de acordo em conceder à temerária hipótese aquilo que não se nega a ninguém, isto é, o benefício da dúvida. Ora, supondo que realmente existam esses tais universos paralelos, será lógico e creio que inevitável ter de admitir igualmente a existência de literaturas paralelas, de escritores paralelos, de livros paralelos. Um espírito sarcástico não deixaria de recordar-nos que não se necessita ir tão longe para encontrar escritores paralelos, mais conhecidos por plagiários, os quais, no entanto, nunca chegam a ser plagiários de todo porque alguma coisa da lavra própria se sentem na obrigação de pôr na obra que assinarão com o seu nome. Plagiário absoluto foi aquele Pierre Menard que, no dizer de Borges, copiou o Quixote palavra por palavra, e mesmo assim o mesmo Borges nos advertiu que escrever o termo justiça no século XX não significa a mesma coisa (nem é a mesma justiça) que tê-la escrito no século XVII... Outro tipo de escritor paralelo (também chamado nègre ou, mais modernamente, ghost) é aquele que escreve para que outros gozem a suposta ou autêntica glória de ver o seu nome escrito na capa de um livro. Disto trata, aparentemente, o romance – *Budapeste* – de Chico Buarque de Holanda, e se digo “aparentemente” é porque o escritor “fantasma” cujas grotescas aventuras vamos acompanhando divertidos, se bem que ao mesmo tempo apiedados, é tão-somente a causa inconsciente de um processo de repetições sucessivas que, se não chegam a ser de universos nem de literaturas, sem dúvida o serão, inquietantemente, de autores e de livros. O mais desassosegador, porém, é a sensação de vertigem contínua que se apoderará do leitor, que em cada momento saberá onde

estava, mas que em cada momento não sabe onde está. Sem parecer pretendê-lo, cada página do romance expressa uma interpelação “filosófica” e uma provocação “ontológica”: que é, afinal, a realidade? o que e quem sou eu, afinal, nisso que me ensinaram a chamar realidade? Um livro existe, deixará de existir, existirá outra vez. Uma pessoa escreveu, outra assinou, se o livro desapareceu, também desapareceram ambas? E se desapareceram, desapareceram de todo, ou em parte? Se alguém sobreviveu, sobreviveu neste, ou noutra universo? Quem serei eu, se tendo sobrevivido, não sou já quem era? Chico Buarque ousou muito, escreveu cruzando um abismo sobre um arame, e chegou ao outro lado. Ao lado onde se encontram os trabalhos executados com mestria, a da linguagem, a da construção narrativa, a do simples fazer. Não creio enganar-me dizendo que algo novo aconteceu no Brasil com este livro.

## ***Constituições e realidades – Outubro 20, 2008***

A Constituição Portuguesa entrou em vigor em 25 de Abril de 1976, dois anos depois da Revolução e ao fim de um agitado período de lutas partidárias e de movimentos sociais. Desde então passou por sete revisões, tendo sido a última delas já em 2005. Em muitos dos artigos que a compõem, uma constituição política é uma declaração de intenções. Que não se rasguem as vestes os constitucionalistas. Dizê-lo não significa uma minimização da importância desses documentos, em paralelo neste particular com a Declaração dos Direitos Humanos, em vigor (melhor diríamos em latência) desde 1948. Como sabemos, as revisões constitucionais são uma espécie de acertos de marcha, de ajustamentos à realidade social, quando não resultaram, simplesmente, da vontade política de uma maioria parlamentar que permitiu promover ou impor as suas opções. De outro ponto de vista, talvez por superstição, talvez por inércia, não é raro que se mantenham nas constituições, pelo menos em algumas delas, vestígios “fósseis” de disposições que perderam, no todo ou em parte, o seu sentido original. Só assim se explica que no preâmbulo da Constituição Portuguesa se mantenha, intocável, ou como uma concessão puramente retórica, a expressão “abrir caminho para o socialismo”. Num mundo dominado pelo mais cruel liberalismo económico e financeiro alguma vez imaginado, aquela referência, último eco de mil aspirações populares, arrisca a fazer sorrir. Um sorriso com lágrimas, digamos. As constituições estão aí e é à luz delas, penso eu, que deveria ser julgada a gestão dos nossos governos. A lei da selva que imperou nos últimos trinta anos não teria chegado às consequências que estão à vista se os governos, todos eles, houvessem feito das constituições dos seus países



um vademecum de uso diurno e nocturno, uma cartilha do bom cidadão. Talvez o tremendo choque que o mundo está sofrendo possa levar-nos a fazer das nossas constituições algo mais que a simples declaração de intenções que ainda são em muitos dos seus aspectos. Oxalá.

## ***Crime (financeiro) contra a humanidade – Outubro 19, 2008***

Pensava escrever no blog sobre a crise económica que nos lançaram para cima quando tive que me dedicar a cumprir um compromisso com outros meios de comunicação. Deixo aqui o que penso e que já foi publicado em Espanha, no jornal *Público*, e em Portugal, no semanário *Expresso*.

### **Crime (financeiro) contra a humanidade**

A história é conhecida, e, nos antigos tempos de uma escola que a si mesma se proclamava como perfeita educadora, era ensinada aos meninos como exemplo da modéstia e da discrição que sempre deverão acompanhar-nos quando nos sintamos tentados pelo demónio a ter opinião sobre aquilo que não conhecemos ou conhecemos pouco e mal. Apeles podia consentir que o sapateiro lhe apontasse um erro no calçado da figura que havia pintado, porquanto os sapatos eram o ofício dele, mas nunca que se atrevesse a dar parecer sobre, por exemplo, a anatomia do joelho. Em suma, um lugar para cada coisa e cada coisa no seu lugar. À primeira vista, Apeles tinha razão, o mestre era ele, o pintor era ele, a autoridade era ele, quanto ao sapateiro, seria chamado na altura própria, quando se tratasse de deitar meias solas num par de botas. Realmente, aonde iríamos nós parar se qualquer pessoa, até mesmo a mais ignorante de tudo, se permitisse opinar sobre aquilo que não sabe? Se não fez os estudos necessários, é preferível que se cale e deixe aos sabedores a responsabilidade de tomar as decisões mais convenientes (para quem?).

Sim, à primeira vista, Apeles tinha razão, mas só à primeira vista. O pintor de Filipe e de Alexandre da Macedónia, considerado um génio na sua época, esqueceu-se de um aspecto importante da questão: o sapateiro tem joelhos, portanto, por definição, é competente nestas articulações, ainda que seja unicamente para se queixar, sendo esse o caso, das dores que nelas sente. A estas alturas, o leitor atento já terá percebido que não é propriamente de Apeles nem de sapateiro que se trata nestas linhas. Trata-se, isso sim, da gravíssima crise económica e financeira que está a convulsionar o mundo, a ponto de não escaparmos à angustiosa sensação de que chegámos ao fim de um época sem que se consiga vislumbrar qual e como seja o que virá a seguir, após um tempo intermédio, impossível de prever, para levantar as ruínas e abrir novos caminhos. Como assim? Uma lenda antiga para explicar os desastres de hoje? Por que não? O sapateiro somos nós, nós todos que assistimos, impotentes, ao avanço esmagador dos grandes potentados económicos e financeiros, loucos por conquistarem mais e mais dinheiro, mais e mais poder, por todos os meios legais ou ilegais ao seu alcance, limpos ou sujos, correntes ou criminosos. E Apeles? Apeles são esses precisamente, os banqueiros, os políticos, os seguradores, os grandes especuladores, que, com a cumplicidade dos meios de comunicação social, responderam nos últimos trinta anos aos nossos tímidos protestos com a soberba de quem se considerava detentor da última sabedoria, isto é, que ainda que o joelho nos doesse não nos seria permitido falar dele, denunciá-lo, apontá-lo à condenação pública. Foi o tempo do império absoluto do Mercado, essa entidade presuntivamente auto-reformável e autocorrectora encarregada pelo imutável destino de preparar e defender para todo o sempre a nossa felicidade pessoal e colectiva, ainda que a realidade se encarregasse de o desmentir a cada hora.

E agora? Irão finalmente acabar os paraísos fiscais e as contas numeradas? Irá ser implacavelmente investigada a origem de gigantescos depósitos bancários, de engenharias financeiras claramente delituosas, de investimentos opacos que, em muitíssimo casos, não são mais que maciças lavagens de dinheiro negro, de dinheiro do narcotráfico? E já que falamos de delitos... Terão os cidadãos comuns a satisfação de ver julgar e condenar os responsáveis directos do terramoto que está sacudindo as nossas casas, a vida das nossas famílias, o nosso trabalho? Quem resolve o problema dos desempregados (não os contei, mas não duvido de que já sejam milhões) vítimas do *crash* e que desempregados irão continuar a ser durante meses ou anos, malvivendo de míseros subsídios do Estado enquanto os grandes executivos e administradores de empresas deliberadamente levadas à falência gozam de milhões e milhões de dólares a coberto de contratos blindados que as autoridades fiscais, pagas com o dinheiro dos contribuintes, fingiram ignorar? E a cumplicidade activa dos governos, quem a apura? Bush, esse produto maligno da natureza numa das suas piores horas, dirá que o seu plano salvou (salvará?) a economia norte-americana, mas as perguntas a que terá de responder são estas: Não sabia o que se passava nas luxuosas salas de reunião em que até o cinema já nos fez entrar, e não só entrar, como assistir à tomada de decisões criminosas sancionadas por todos os códigos penais do mundo? Para que lhe serviram a CIA e o FBI, mais as dezenas de outros organismos de segurança nacional que proliferam na mal chamada democracia norte-americana, essa onde um viajante, à entrada do país, terá de entregar ao polícia de turno o seu computador para que ele faça copiar o respectivo disco duro? Não percebeu o senhor Bush que tinha o inimigo em casa, ou, pelo contrário, sabia e não lhe importou?

O que está a passar-se é, em todos os aspectos, um crime contra a humanidade e é desta perspectiva que deveria ser objecto de análise em todos os foros públicos e em todas as consciências. Não estou a exagerar. Crimes contra a humanidade não são somente os genocídios, os etnocídios, os campos de morte, as torturas, os assassínios selectivos, as fomes deliberadamente provocadas, as poluições maciças, as humilhações como método repressivo da identidade das vítimas. Crime contra a humanidade é o que os poderes financeiros e económicos dos Estados Unidos, com a cumplicidade efectiva ou tácita do seu governo, friamente perpetraram contra milhões de pessoas em todo o mundo, ameaçadas de perder o dinheiro que ainda lhes resta e depois de, em muitíssimos casos (não duvido de que eles sejam milhões), haverem perdido a sua única e quantas vezes escassa fonte de rendimento, o trabalho.

Os criminosos são conhecidos, têm nomes e apelidos, deslocam-se em limusinas quando vão jogar o golf, e tão seguros de si mesmos que nem sequer pensaram em esconder-se. São fáceis de apanhar. Quem se atreve a levar este gang aos tribunais? Ainda que não o consiga, todos lhe ficaremos agradecidos. Será sinal de que nem tudo está perdido para as pessoas honestas.

## ***Deus como problema – Outubro 16, 2008***

Entre todas as coisas improváveis do mundo, ocupa um dos primeiros lugares a hipótese de que o cardeal Rouco Varela venha a ler este blog. Em todo o caso, uma vez que a Igreja Católica continua a afirmar que os milagres existem, a ela e a eles me confio para que, sob os olhos do ilustre, instruído e simpático purpurado, caiam um dia as linhas que se seguem. Há muitos mais problemas que o laicismo, considerado por sua eminência responsável do nazismo e do comunismo, e é precisamente de um deles que se fala aqui. Leia, senhor cardeal, leia. Ponha o seu espírito a fazer ginástica.

### **Deus como problema**

Não tenho dúvidas de que este arrazoado, logo a começar pelo título, irá obrar o prodígio de pôr de acordo, ao menos por esta vez, os dois irreduzíveis irmãos inimigos que se chamam Islamismo e Cristianismo, particularmente na vertente universal (isto é, católica) a que o primeiro aspira e em que o segundo, ilusoriamente, ainda continua a imaginar-se. Na mais benévola das hipóteses de reacção possíveis, clamarão os bem-pensantes que se trata de uma provocação inadmissível, de uma indesculpável ofensa ao sentimento religioso dos crentes de ambos os partidos, e, na pior delas (supondo que pior não haja), acusar-me-ão de impiedade, de sacrilégio, de blasfémia, de profanação, de desacato, de quantos outros delitos mais, de calibre idêntico, sejam capazes de descobrir, e portanto, quem sabe, merecedor de um castigo que me sirva de escarmento para o resto da vida. Se eu próprio pertencesse ao grémio cristão, o catolicismo vaticano teria de interromper os espectáculos estilo cecil b. de mille em que agora se compraz para dar-se ao

trabalho de me excomungar, porém, cumprida essa obrigação disciplinária, veria caírem-se-lhe os braços. Já lhe escasseiam as forças para proezas mais atrevidas, uma vez que os rios de lágrimas choradas pelas suas vítimas empaparam, esperemos que para sempre, a lenha dos arsenais tecnológicos da primeira inquisição. Quanto ao islamismo, na sua moderna versão fundamentalista e violenta (tão violenta e fundamentalista como foi o catolicismo na sua versão imperial), a palavra de ordem por excelência, todos os dias insanamente proclamada, é “morte aos infiéis”, ou, em tradução livre, se não crês em Alá, não passas de imunda barata que, não obstante ser também ela uma criatura nascida do *Fiat* divino, qualquer muçulmano cultivador dos métodos expeditivos terá o sagrado direito e o sacrossanto dever de esmagar sob o chinelo com que entrará no paraíso de Maomé para ser recebido no voluptuoso seio das huris. Permita-se-me portanto que torne a dizer que Deus, sendo desde sempre *um problema*, é, agora, *o problema*.

Como qualquer outra pessoa a quem a lastimável situação do mundo em que vive não é de todo indiferente, tenho lido alguma coisa do que se tem escrito por aí sobre os motivos de natureza política, económica, social, psicológica, estratégica, e até moral, em que se presume terem ganho raízes os movimentos islamistas agressivos que estão lançando sobre o denominado mundo ocidental (mas não só ele) a desorientação, o medo, o mais extremo terror. Foram suficientes, aqui e além, umas quantas bombas de relativa baixa potência (recordemos que quase sempre foram transportadas em mochila ao lugar dos atentados) para que os alicerces da nossa tão luminosa civilização estremecessem e abrissem fendas, e ruíssem aparatosamente as afinal precárias estruturas da segurança colectiva com tanto trabalho e despesa levantadas e mantidas. Os nossos pés, que críamos fundidos no mais resistente dos aços, eram, afinal, de barro.

É o choque das civilizações, dir-se-á. Será, mas a mim não me parece. Os mais de sete mil milhões de habitantes deste planeta, todos eles, vivem no que seria mais exacto chamarmos a civilização mundial do petróleo, e a tal ponto que nem sequer estão fora dela (vivendo, claro está, a sua falta) aqueles que se encontram privados do precioso “ouro negro”. Esta civilização do petróleo cria e satisfaz (de maneira desigual, já sabemos) múltiplas necessidades que não só reúnem ao redor do mesmo poço os gregos e os troianos da citação clássica, mas também os árabes e os não árabes, os cristãos e os muçulmanos, sem falar naqueles que, não sendo uma coisa nem outra, têm, onde quer que se encontrem, um automóvel para conduzir, uma escavadora para pôr a trabalhar, um isqueiro para acender. Evidentemente, isto não significa que por baixo dessa civilização a todos comum não sejam discerníveis os rasgos (mais do que simples rasgos em certos casos) de civilizações e culturas antigas que agora se encontram imersas em um processo tecnológico de ocidentalização a marchas forçadas, o qual, não obstante, só com muita dificuldade tem logrado penetrar no miolo substancial das mentalidades pessoais e colectivas correspondentes. Por alguma razão se diz que o hábito não faz o monge...

Uma aliança de civilizações poderá representar, no caso de vir a concretizar-se, um passo importante no caminho da diminuição das tensões mundiais de que cada vez parecemos estar mais longe, porém, seria de todos os pontos de vista insuficiente, ou mesmo totalmente inoperante, se não incluísse, como item fundamental, um diálogo inter-religiões, já que neste caso está excluída qualquer remota possibilidade de uma aliança... Como não há motivos para temer que chineses, japoneses e indianos, por exemplo, estejam a preparar planos de conquista do mundo, difundindo as suas diversas crenças (confucionismo, budismo, taoísmo, hinduísmo) por



via pacífica ou violenta, é mais do que óbvio que quando se fala de aliança das civilizações se está a pensar, especialmente, em cristãos e muçulmanos, esses irmãos inimigos que vêm alternando, ao longo da história, ora um, ora outro, os seus trágicos e pelos vistos intermináveis papéis de verdugo e de vítima.

Portanto, quer se queira, quer não, Deus como problema, Deus como pedra no meio do caminho, Deus como pretexto para o ódio, Deus como agente de desunião. Mas desta evidência palmar não se ousa falar em nenhuma das múltiplas análises da questão, sejam elas de tipo político, económico, sociológico, psicológico ou utilitariamente estratégico. É como se uma espécie de temor reverencial ou a resignação ao “politicamente correcto e estabelecido” impedissem o analista de perceber algo que está presente nas malhas da rede e as converte num entramado labiríntico de que não tem havido maneira de sairmos, isto é, Deus. Se eu dissesse a um cristão ou a um muçulmano que no universo há mais de 400 mil milhões de galáxias e que cada uma delas contém mais de 400 mil milhões de estrelas, e que Deus, seja ele Alá ou o outro, *não poderia ter feito isto*, melhor ainda, *não teria nenhum motivo para fazê-lo*, responder-me-iam indignados que a Deus, seja ele Alá ou o outro, nada é impossível. Excepto, pelos vistos, diria eu, fazer a paz entre o islão e o cristianismo, e, de caminho, conciliar a mais desgraçada das espécies animais que se diz terem nascido da sua vontade (e à sua semelhança), a espécie humana, precisamente.

Não há amor nem justiça no universo físico. Tão-pouco há crueldade. Nenhum poder preside aos 400 mil milhões de galáxias e aos 400 mil milhões de estrelas existentes em cada uma. Ninguém

faz nascer o Sol cada dia e a Lua cada noite, mesmo que não seja visível no céu. Postos aqui sem sabermos porquê nem para quê, tivemos de inventar tudo. Também inventámos Deus, mas esse não saiu das nossas cabeças, ficou lá dentro como factor de vida algumas vezes, como instrumento de morte quase sempre. Podemos dizer “Aqui está o arado que inventámos”, não podemos dizer “Aqui está o Deus que inventou o homem que inventou o arado”. A esse Deus não podemos arrancá-lo de dentro das nossas cabeças, não o podem fazer nem mesmo os próprios ateus, entre os quais me incluo. Mas ao menos discutamo-lo. Já nada adianta dizer que matar em nome de Deus é fazer de Deus um assassino. Para os que matam em nome de Deus, Deus não é só o juiz que os absolverá, é o Pai poderoso que dentro das suas cabeças juntou antes a lenha para o auto-de-fé e agora prepara e ordena colocar a bomba. Discutamos essa invenção, resolvamos esse problema, reconheçamos ao menos que ele existe. Antes que nos tornemos todos loucos. E daí, quem sabe? Talvez fosse a maneira de não continuarmos a matar-nos uns aos outros.

## ***Federico Mayor Zaragoza – Outubro 15, 2008***

Começa a Feira do Livro de Frankfurt: reunidas ali, as grandes indústrias do mundo do livro anunciam maus tempos para este objecto, de que tanto vivemos no passado e a que tanto ainda continuaremos a dever. Dizia que estão ali os grandes editores, mas há um número sem fim de pequenas editoras que não podem viajar, que não dispõem dos escaparates das outras e que, sem embargo, estão dificultando que se cumpra o prazo fatal de dez anos para que se acabe o livro em papel e se imponha o digital. Como será o futuro? Não sei. Enquanto não chega esse dia, que para os habitantes da Galáxia Gutemberg será duro, deixo aqui uma breve homenagem às pequenas editoras, a Ânfora, de Espanha, por exemplo, que publica por estes dias um livro do meu amigo Federico Mayor Zaragoza, esse homem que quis que a UNESCO fosse algo mais que uma sigla ou um lugar de prestígio, isto é, um foro de solução de problemas, usando a cultura e a educação como ingredientes fundamentais, senão únicos. Prologuei o livro de Mayor Zaragoza chamado “En pie de paz”, um voto mais que um título, e hoje trago-o aqui a este blog como modesta parcela a juntar a essa cifra de quantos se esforçam por melhorar a vida das pessoas. Das anónimas pessoas que são a carne do planeta.

### **En pie de paz**

Federico Mayor Zaragoza traduz em poemas as dores da sua consciência. Não é, obviamente, o único poeta a proceder assim, mas a diferença, a meu ver fundamental, está no facto de eles, esses poemas, praticamente sem excepção, constituírem um apelo à consciência do mundo, por uma vez sem as ilusões de um certo optimismo quase sistemático que parecia ser o seu. Falar de

consciência do mundo poderia ser facilmente entendido como mais uma vaguidade a juntar àquelas que nos últimos tempos têm vindo a infectar o discurso ideológico de alguns sectores do chamado pensamento de esquerda. Não é esse o caso. Federico Mayor Zaragoza conhece a humanidade e o mundo como poucos, não é um volúvel turista das ideias, desses que dedicam o melhor da sua atenção a saber de que lado sopra o vento e, logo, a acertar os rumos sempre que o considerem conveniente. Quando afirmo que Federico Mayor apela nos seus poemas à consciência do mundo, isso quer dizer que é às pessoas, a todas e a cada uma, que se dirige, à gente que anda por aí, perplexa, desorientada, aturdida, no meio de mensagens intencionalmente contraditórias, procurando não respirar uma atmosfera em que a mentira organizada passou a competir com o simples oxigénio e o simples azoto.

Alguns dirão que a poesia de Federico Mayor Zaragoza se vem alimentando do inesgotável baú das boas intenções. Pessoalmente, não estou de acordo. Federico Mayor alimenta-se, sim, poética e vitalmente, de outro baú, esse que guarda o tesouro da sua inesgotável e extraordinária bondade. Os seus poemas, mais elaborados do que aparentam na sua simplicidade formal, são a expressão de uma personalidade exemplar que não se desligou da massa vivente, que a ela pertence pelo sentimento e pela razão, esses dois atributos humanos que em Federico atingem um nível superior. Devemos a este homem, a este poeta, a este cidadão, muito mais do que imaginamos.



Na Universidade de Granada, quando José Saramago e Federico Mayor Zaragoza receberam o grau de Doutor Honoris Causa

## **Carlos Fuentes – Outubro 14, 2008**

Carlos Fuentes, criador da expressão “território de La Mancha”, uma fórmula feliz que passou a exprimir a diversidade e a complexidade das vivências existenciais e culturais que unem a Península Ibérica e a América do Sul, acaba de receber em Toledo o Prémio D. Quixote. O que se segue é a minha homenagem ao escritor, ao homem, ao amigo.

O primeiro livro de Carlos Fuentes que li foi “Aura”. Embora não tenha voltado a ele, guardei até hoje (mais de quarenta anos passaram) a impressão de haver penetrado num mundo diferente de tudo o que conhecera até então, uma atmosfera composta de objectividade realista e de misteriosa magia, em que estes contrários, afinal mais aparentes que efectivos, se fundiam para criar no espírito do leitor uma envolvência em todos os aspectos singular. Não foram muitos os casos em que o encontro de um livro tenha deixado na minha memória uma tão intensa e perene lembrança.

Não era um tempo em que as literaturas americanas (às do Sul me refiro) gozassem de um especial favor do público ilustrado. Fascinados desde gerações pelas *lumières* francesas, hoje empalidecidas, observávamos com certa displicência (a fingida displicência da ignorância que sofre por ter de reconhecer-se como tal) o que se ia fazendo para baixo do rio Grande e que, para agravar a situação, embora pudesse viajar com relativo à vontade a Espanha, mal se detinha em Portugal. Havia lacunas, livros que simplesmente não apareciam nas livrarias, e também a confrangedora falta de uma crítica competente que nos ajudasse a encontrar, no pouco que ia sendo posto ao nosso alcance, o muito de excelente que aquelas literaturas, lutando em muitos

casos com dificuldades semelhantes, iam tenazmente elaborando. No fundo, talvez houvesse uma outra explicação: os livros viajavam pouco, mas nós ainda viajávamos menos.

A minha primeira viagem ao México foi para participar, em Morelia, num congresso sobre a crónica. Não tive então tempo para visitar livrarias, mas já começara a frequentar com assiduidade a obra de Carlos Fuentes através, por exemplo, da leitura de livros fundamentais, como foram os casos de “La región más transparente” e “La muerte de Artemio Cruz”. Tornou-se-me claro que estava ali um escritor de altíssima categoria artística e de uma incomum riqueza conceptual. Mais tarde, um outro romance extraordinário, “Terra nostra”, rasgou-me novas perspectivas, e daí em diante, sem que seja necessário referir aqui outros títulos (salvo “El espejo enterrado”, livro de fundo, indispensável a um conhecimento sensível e consciente da América do Sul, como sempre preferi chamar-lhe), reconheci-me, definitivamente, como devoto admirador do autor de “Gringo Viego”. Conhecia já o escritor, faltava-me conhecer o homem.

Agora, uma confissão. Não sou pessoa facilmente intimidável, muito pelo contrário, mas os meus primeiros contactos com Carlos Fuentes, em todo o caso sempre cordiais, como era lógico esperar de duas pessoas bem educadas, não foram fáceis, não por culpa dele, mas por uma espécie de resistência minha a aceitar com naturalidade o que em Carlos Fuentes era naturalíssimo, isto é, a sua forma de vestir. Todos sabemos que Fuentes veste bem, com elegância e bom gosto, a camisa sem uma ruga, as calças de vinco perfeito, mas, por ignotas razões, eu pensava que um escritor, especialmente se pertencia àquela parte do mundo, não deveria vestir assim. Engano meu. Afinal, Carlos Fuentes tornou compatível a maior exigência

crítica, o maior rigor ético, que são os seus, com uma gravata bem escolhida. Não é pequena coisa, creiam-me.



## ***Uma certa inocência – Outubro 14, 2008***

Durante muitos anos Jorge Amado quis e soube ser a voz, o sentido e a alegria do Brasil. Poucas vezes um escritor terá conseguido tornar-se, tanto como ele, o espelho e o retrato de um povo inteiro. Uma parte importante do mundo leitor estrangeiro começou a conhecer o Brasil quando começou a ler Jorge Amado. E para muita gente foi uma surpresa descobrir nos livros de Jorge Amado, com a mais transparente das evidências, a complexa heterogeneidade, não só racial, mas cultural da sociedade brasileira. A generalizada e estereotipada visão de que o Brasil seria reduzível à soma mecânica das populações brancas, negras, mulatas e índias, perspectiva essa que, em todo o caso, já vinha sendo progressivamente corrigida, ainda de que de maneira desigual, pelas dinâmicas do desenvolvimento nos múltiplos sectores e actividades sociais do país, recebeu, com a obra de Jorge Amado, o mais solene e ao mesmo tempo aprazível desmentido. Não ignorávamos a emigração portuguesa histórica nem, em diferente escala e em épocas diferentes, a alemã e a italiana, mas foi Jorge Amado quem veio pôr-nos diante dos olhos o pouco que sabíamos sobre a matéria. O leque étnico que refrescava a terra brasileira era muito mais rico e diversificado do que as percepções europeias, sempre contaminadas pelos hábitos selectivos do colonialismo, pretendiam dar a entender: afinal, havia também que contar com a multidão de turcos, sírios, libaneses e tutti quanti que, a partir do século XIX e durante o século XX, praticamente até aos tempos actuais, tinham deixado os seus países de origem para entregar-se, em corpo e alma, às seduções, mas também aos perigos, do eldorado brasileiro. E também para que Jorge Amado lhes abrisse de par em par as portas dos seus livros.

Tomo como exemplo do que venho dizendo um pequeno e delicioso livro cujo título – “A descoberta da América pelos turcos” – é capaz de mobilizar de imediato a atenção do mais apático dos leitores. Aí se vai contar, em princípio, a história de dois turcos, que não eram turcos, diz Jorge Amado, mas árabes, Raduan Murad e Jamil Bichara, que decidiram emigrar para a América à conquista de dinheiro e mulheres. Não tardou muito, porém, que a história, que parecia prometer unidade, se subdividisse em outras histórias em que entram dezenas de personagens, homens violentos, putanheiros e beberrões, mulheres tão sedentas de sexo como de felicidade doméstica, tudo isto no quadro distrital de Itabuna (Bahia), onde Jorge Amado (coincidência?) precisamente veio a nascer. Esta picaresca terra brasileira não é menos violenta que a ibérica. Estamos em terra de jagunços, de roças de cacau que eram minas de ouro, de brigas resolvidas a golpes de facão, de coronéis que exercem sem lei um poder que ninguém é capaz de compreender como foi que lhes chegou, de prostíbulos onde as prostitutas são disputadas como as mais puras das esposas. Esta gente não pensa mais que em fornicar, acumular dinheiro, amantes e bebedeiras. São carne para o Juízo Final, para a condenação eterna. E contudo...E, contudo, ao longo desta história turbulenta e de mau conselho, respira-se (perante o desconcerto do leitor) uma espécie de inocência, tão natural como o vento que sopra ou a água que corre, tão espontânea como a erva que nasceu depois da chuvada. Prodígio da arte de narrar, “A descoberta da América pelos turcos”, não obstante a sua brevidade quase esquemática e a sua aparente singeleza, merece ocupar um lugar ao lado dos grandes murais romanescos, como “Jubiabá”, “A tenda dos milagres” ou “Terras do sem fim”. Diz-se que pelo dedo se conhece o gigante. Aí está, pois, o dedo do gigante, o dedo de Jorge Amado.



## ***Eduardo Lourenço – Outubro 13, 2008***

Sou devedor contumaz de Eduardo Lourenço desde 1991, precisamente há dezassete anos. Trata-se de uma dívida um tanto singular porque, sendo natural que ele, como lesado, não a tivesse esquecido, já é menos habitual que eu, o lesante, ao contrário do que com frequência sucede em casos semelhantes, nunca a tenha negado. Porém, se é certo que jamais me fingi distraído da falta, há que dizer que ele também não consentiu que eu me deixasse enganar pelos seus silêncios tácticos, que de vez em quando interrompia para perguntar: “Então essas fotografias?” A minha resposta era sempre a mesma: “Ó diabo, tenho tido muito trabalho, mas o pior de tudo é que ainda não pude mandar fazer as cópias”. E ele, tão invariável como eu: “As fotografias são seis, tu ficas com três e dá-me as restantes”, “Isso nunca, era o que faltava, tens direito a todas”, respondia eu, hipocritamente magnânimo. Ora, é tempo de explicar que fotografias eram estas. Estávamos, ele e eu, em Bruxelas, na Europália, e andávamos por ali como quaisquer outros curiosos, de sala em sala, comentando as belezas e as riquezas expostas, e connosco ia o Augusto Cabrita, de máquina em riste, à procura do instantâneo imortal. Que pensou haver encontrado num momento em que Eduardo Lourenço e eu nos havíamos detido de costas para uma tapeçaria barroca sobre um tema desses históricos ou míticos, não sei bem. “Aí”, ordenou Cabrita com aquele ar feroz que têm os fotógrafos em situações de alto risco, como imagino que eles as consideram. Ainda hoje estou sem saber que diabinho me levou a não tomar a sério a solenidade do momento. Comecei por compor a gravata do Eduardo, depois inventei que os óculos dele não estavam bem ajustados e dediquei-me a pô-los no seu sítio, de onde nunca haviam saído. Começámos a rir-nos como dois garotos, ele e eu,

enquanto o Augusto Cabrita aproveitava, com sucessivos disparos, a ocasião que lhe tinha sido oferecida de bandeja. Esta é a história das fotografias. Dias depois o Augusto Cabrita, que morreria passados dois anos, mandou-me as imagens tomadas, crendo, decerto, que elas ficariam em boas mãos. Boas eram, ou não de todo más, mas, como já deixei explicado, pouco diligentes.

Tempos depois deu-me para escrever o romance *Todos os Nomes*, o qual, conforme pensei então e continuo a pensar hoje, não poderia ter melhor apresentador que o Eduardo. Assim lho fiz saber, e ele, bom rapaz, acedeu imediatamente. Chegou o dia, a sala maior do Hotel Altis a rebentar pelas costuras, e do Eduardo Lourenço nem novas nem mandadas. A preocupação respirava-se no ar carregado, algo deveria ter sucedido. Além disso, como toda a gente sabe, o grande ensaísta tem fama de despistado, podia ter-se equivocado de hotel. Tão despistado, tão despistado que, quando finalmente apareceu, anunciou, com a voz mais tranquila do mundo, que tinha perdido o discurso. Ouviu-se um “Ah” geral de consternação, que eu, por obra dos meus maus instintos, não acompanhei. Uma suspeita atroz me havia assaltado o espírito, a de que o Eduardo Lourenço decidira aproveitar a ocasião para se vingar do episódio das fotografias. Enganado estava. Com papéis ou sem eles, o homem foi brilhante como sempre. Pegava nas ideias, sopesava-as com o falso ar de quem estava a pensar noutra coisa, a umas deixava-as de lado para um segundo exame, a outras dispunha-as num tabuleiro invisível esperando que elas próprias encontrassem as conexões que as potenciariam, entre si e com alguma da segunda escolha, mais valiosa afinal do que havia parecido. O resultado final, se a imagem é permitida, foi um bloco de ouro puro.

A minha dívida tinha aumentado, ultrapassara em tamanho o buraco de ozono. E os anos foram passando. Até que, há sempre um até que para nos pôr finalmente no bom caminho, como se o tempo, depois de muito esperar, tivesse perdido a paciência. Neste caso foi a leitura recente de um ensaio de Eduardo Lourenço, *Do imemorial ou a dança do tempo*, na revista “Portuguese Literary & Cultural Studies 7” da Universidade de Massachusetts Dartmouth. Resumir essa extraordinária peça seria ofensivo. Limitar-me-ei a deixar constância de que as famosas cópias já se encontram finalmente em meu poder e de que o Eduardo em poucos dias as receberá. Com a maior amizade e a mais profunda admiração.





## ***Deus e Ratzinger – Outubro 9, 2008***

Que pensará Deus de Ratzinger? Que pensará Deus da igreja católica apostólica romana de que este Ratzinger é soberano papa? Que eu saiba (e escusado será dizer que sei bastante pouco), até hoje ninguém se atreveu a formular estas heréticas perguntas, talvez por saber-se, de antemão, que não há nem haverá nunca resposta para elas. Como escrevi em horas de vã interrogação metafísica, há uns bons quinze anos, Deus é o silêncio do universo e o homem o grito que dá sentido a esse silêncio. Está nos *Cadernos de Lanzarote* e tem sido frequentemente citado por teólogos do país vizinho que tiveram a bondade de me ler. Claro que para que Deus pense alguma coisa de Ratzinger ou da igreja que o papa anda a querer salvar de uma morte mais do que previsível, seja por inanição, seja por não encontrar ouvidos que a escutem nem fé que lhe reforce os alicerces, será necessário demonstrar a existência do dito Deus, tarefa entre todas impossível, não obstante as supostas provas architectadas por Santo Anselmo, ou aquele exemplo de Santo Agostinho, de esvaziar os oceanos com um balde furado ou mesmo sem furo nenhum. Do que Deus, caso exista, deve estar agradecido a Ratzinger é pela preocupação que este tem manifestado nos últimos tempos sobre o delicado estado da fé católica. A gente não vai à missa, deixou de acreditar nos dogmas e cumprir preceitos que para os seus antepassados, na maior parte dos casos, constituíram a base da própria vida espiritual, senão também da vida material, como sucedeu, por exemplo, com muitos dos banqueiros dos primórdios do capitalismo, severos calvinistas, e, tanto quanto é possível supor, de uma honestidade pessoal e profissional à prova de qualquer tentação demoníaca em forma de *subprime*. O leitor estará talvez a pensar que



esta súbita inflexão no transcendente assunto que me havia proposto abordar, o sínodo episcopal reunido em Roma, se destinaria, afinal, a introduzir, com mais ou menos jeito dialéctico, uma crítica ao comportamento irregular (é o mínimo que se pode dizer) dos banqueiros nossos contemporâneos. Não foi essa a minha intenção nem essa é a minha competência, se alguma tenho.

Voltemos então a Ratzinger. A este homem, decerto inteligente e informado, com uma vida activíssima nos âmbitos vaticanais e adjacentes (baste dizer que foi prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé, continuadora, por outros métodos, do ominoso Tribunal do Santo Ofício, mais conhecido por Inquisição), ocorreu-lhe algo que não se esperaria de alguém com a sua responsabilidade, cuja fé devemos respeitar, mas não a expressão do seu pensamento medieval. Escandalizado com os laicismos, frustrado pelo abandono dos fiéis, abriu a boca na missa com que iniciou o sínodo para soltar enormidades como estas: “Se olhamos a História, vemo-nos obrigados a admitir que não são únicos este distanciamento e esta rebelião dos cristãos incoerentes. Em consequência disso, Deus, embora não faltando nunca à sua promessa de salvação, teve de recorrer amiúde ao castigo”. Na minha aldeia dizia-se que Deus castiga sem pau nem pedra, por isso é de temer que venha por aí outro dilúvio que afogue de uma vez os ateus, os agnósticos, os laicos em geral e outros fautores de desordem espiritual. A não ser, sendo os desígnios de Deus infinitos e ignotos, que o actual presidente dos Estados Unidos já tenha sido parte do castigo que nos está reservado. Tudo é possível se o quer Deus. Com a imprescindível condição de que exista, claro está. Se não existe (pelo menos nunca falou com Ratzinger), então tudo isto são histórias que já não assustam ninguém. Que Deus é eterno,

dizem, e tem tempo para tudo. Eterno será, admitamo-lo para não contrariar o papa, mas a sua eternidade é só a de um eterno não-ser.

## ***Voltando à vaca-fria – Outubro 8, 2008***

Aprendemos das lições da vida que de pouco nos poderá servir uma democracia política, por mais equilibrada que pareça apresentar-se nas suas estruturas internas e no seu funcionamento institucional, se não tiver sido constituída como raiz de uma efectiva e concreta democracia económica e de uma não menos concreta e efectiva democracia cultural. Dizê-lo nos dias de hoje há-de parecer um exausto lugar-comum de certas inquietações ideológicas do passado, mas seria fechar os olhos à simples verdade histórica não reconhecer que aquela trindade democrática – política, económica, cultural -, cada uma delas complementar e potenciadora das outras, representou, no tempo da sua prosperidade como ideia de futuro, uma das mais apaixonantes bandeiras cívicas que alguma vez, na história recente, foram capazes de despertar consciências, mobilizar vontades, comover corações. Hoje, desprezadas e atiradas para o lixo das fórmulas que o uso cansou e desnaturou, a ideia de democracia económica deu lugar a um mercado obscenamente triunfante, finalmente a braços com uma gravíssima crise na sua vertente financeira, ao passo que a ideia de democracia cultural acabou por ser substituída por uma alienante massificação industrial das culturas. Não progredimos, retrocedemos. E cada vez se irá tornando mais absurdo falar de democracia se teimarmos no equívoco de a identificar unicamente com as suas expressões quantitativas e mecânicas que se chamam partidos, parlamentos e governos, sem atender ao seu conteúdo real e à utilização distorcida e abusiva que na maioria dos casos se vem fazendo do voto que os justificou e colocou no lugar que ocupam.

Não se conclua do que acabo de dizer que estou contra a existência de partidos: eu próprio sou

membro de um deles. Não se pense que aborreço parlamentos e deputados: querê-los-ia, a uns e a outros, em tudo melhores, mais activos e responsáveis. E tão-pouco se creia que sou o providencial criador de uma receita mágica que permitiria aos povos, doravante, viver sem ter de suportar maus governos e perder tempo com eleições que raramente resolvem os problemas: apenas me recuso a admitir que só seja possível governar e desejar ser governado conforme os modelos supostamente democráticos em uso, a meu ver pervertidos e incoerentes, que nem sempre de boa-fé certa espécie de políticos andam a querer tornar universais, com promessas falsas de desenvolvimento social que mal conseguem dissimular as egoístas e implacáveis ambições que as movem. Alimentamos os erros na nossa própria casa, mas comportamo-nos como se fôssemos os inventores de uma panaceia universal capaz de curar todos os males do corpo e do espírito dos seis mil milhões de habitantes do planeta. Dez gotas da nossa democracia três vezes ao dia e sereis felizes para todo o sempre. Em verdade, o único verdadeiro pecado mortal é a hipocrisia.

## ***O outro lado – Outubro 7, 2008***

Como serão as coisas quando não estamos a olhar para elas? Esta pergunta, que cada dia me vem parecendo menos disparatada, fi-la eu muitas vezes em criança, mas só a fazia a mim próprio, não a pais nem professores porque adivinhava que eles sorriam da minha ingenuidade (ou da minha estupidez, segundo alguma opinião mais radical) e me dariam a única resposta que nunca me poderia convencer: “As coisas, quando não olhamos para elas, são iguais ao que parecem quando não estamos a olhar”. Sempre achei que as coisas, quando estavam sozinhas, eram outras coisas. Mais tarde, quando já havia entrado naquele período da adolescência que se caracteriza pela desdenhosa presunção com que julga a infância donde proveio, acreditei ter a resposta definitiva à inquietação metafísica que atormentara os meus tenros anos: pensei que se regulasse uma máquina fotográfica de modo a que ela disparasse automaticamente numa habitação em que não houvesse quaisquer presenças humanas, conseguiria apanhar as coisas desprevenidas, e desta maneira ficar a conhecer o aspecto real que têm. Esqueci-me de que as coisas são mais espertas do que parecem e não se deixam enganar com essa facilidade: elas sabem muito bem que no interior de cada máquina fotográfica há um olho humano escondido... Além disso, ainda que o aparelho, por astúcia, tivesse podido captar a imagem frontal de uma coisa, sempre o outro lado dela ficaria fora do alcance do sistema óptico, mecânico, químico ou digital do registo fotográfico. Aquele lado oculto para onde, no derradeiro instante, ironicamente, a coisa fotografada teria feito passar a sua face secreta, essa irmã gémea da escuridão. Quando numa habitação imersa em total obscuridade acendemos uma luz, a escuridão desaparece. Então

não é raro perguntar-nos: “Para onde foi ela?” E a resposta só pode ser uma: “Não foi para nenhum lugar, a escuridão é simplesmente o outro lado da luz, a sua face secreta”. Foi pena que não mo tivessem dito antes, quando eu era criança. Hoje saberia tudo sobre a escuridão e a luz, sobre a luz e a escuridão.

## ***Sobre Fernando Pessoa – Outubro 5, 2008***

Era um homem que sabia idiomas e fazia versos. Ganhou o pão e o vinho pondo palavras no lugar de palavras, fez versos como os versos se fazem, como se fosse a primeira vez. Começou por se chamar Fernando, pessoa como toda a gente. Um dia lembrou-se de anunciar o aparecimento iminente de um super-Camões, um camões muito maior que o antigo, mas, sendo uma pessoa conhecidamente discreta, que soía andar pelos Douradores de gabardina clara, gravata de lacinho e chapéu sem plumas, não disse que o super-Camões era ele próprio. Afinal, um super-Camões não vai além de ser um camões maior, e ele estava de reserva para ser Fernando Pessos, fenómeno nunca visto antes em Portugal. Naturalmente, a sua vida era feita de dias, e dos dias sabemos nós que são iguais mas não se repetem, por isso não surpreende que em um desses, ao passar Fernando diante de um espelho, nele tivesse percebido, de relance, outra pessoa. Pensou que havia sido mais uma ilusão de óptica, das que sempre estão a acontecer sem que lhes prestemos atenção, ou que o último copo de aguardente lhe assentara mal no fígado e na cabeça, mas, à cautela, deu um passo atrás para confirmar se, como é voz corrente, os espelhos não se enganam quando mostram. Pelo menos este tinha-se enganado: havia um homem a olhar de dentro do espelho, e esse homem não era Fernando Pessoa. Era até um pouco mais baixo, tinha a cara a puxar para o moreno, toda ela rapada. Com um movimento inconsciente, Fernando levou a mão ao lábio superior, depois respirou fundo com infantil alívio, o bigode estava lá. Muita coisa se pode esperar de figuras que apareçam nos espelhos, menos que falem. E porque estes, Fernando e a imagem que não era a sua, não iriam ficar ali eternamente a

olhar-se, Fernando Pessoa disse: “Chamo-me Ricardo Reis”. O outro sorriu, assentiu com a cabeça e desapareceu. Durante um momento, o espelho ficou vazio, nu, mas logo a seguir outra imagem surgiu, a de um homem magro, pálido, com aspecto de quem não vai ter muita vida para viver. A Fernando pareceu-lhe que este deveria ter sido o primeiro, porém não fez qualquer comentário, só disse: “Chamo-me Alberto Caeiro”. O outro não sorriu, acenou apenas, frouxamente, concordando, e foi-se embora. Fernando Pessoa deixou-se ficar à espera, sempre tinha ouvido dizer que não há duas sem três. A terceira figura tardou uns segundos, era um homem daqueles que exibem saúde para dar e vender, com o ar inconfundível de engenheiro diplomado em Inglaterra. Fernando disse: “Chamo-me Álvaro de Campos”, mas desta vez não esperou que a imagem desaparecesse do espelho, afastou-se ele, provavelmente tinha-se cansado de ter sido tantos em tão pouco tempo. Nessa noite, madrugada alta, Fernando Pessoa acordou a pensar se o tal Álvaro de Campos teria ficado no espelho. Levantou-se, e o que estava lá era a sua própria cara. Disse então: “Chamo-me Bernardo Soares”, e voltou para a cama. Foi depois destes nomes e alguns mais que Fernando achou que era hora de ser também ele ridículo e escreveu as cartas de amor mais ridículas do mundo. Quando já ia muito adiantado nos trabalhos de tradução e poesia, morreu. Os amigos diziam-lhe que tinha um grande futuro na sua frente, mas ele não deve ter acreditado, tanto assim que decidiu morrer injustamente na flor da idade, aos 47 anos, imagine-se. Um momento antes de acabar pediu que lhe dessem os óculos: “Dá-me os óculos” foram as suas últimas e formais palavras. Até hoje nunca ninguém se interessou por saber para que os queria ele, assim se vêm ignorando ou desprezando as últimas vontades dos moribundos, mas parece bastante plausível que a sua intenção fosse olhar-se num



espelho para saber quem finalmente lá estava. Não lhe deu tempo a parca. Aliás, nem espelho havia no quarto. Este Fernando Pessoa nunca chegou a ter verdadeiramente a certeza de quem era, mas por causa dessa dúvida é que nós vamos conseguindo saber um pouco mais quem somos.

## ***Inimigos em casa – Outubro 2, 2008***

Que a família está em crise ninguém se atreverá a negá-lo, por muito que a igreja católica tente disfarçar o desastre sob a capa de uma retórica melíflua que já nem a ela própria engana, que muitos dos denominados valores tradicionais de convivência familiar e social se foram pelo cano abaixo arrastando consigo até aqueles que deveriam ter sido defendidos dos contínuos ataques desferidos pela sociedade altamente conflitiva em que vivemos, que a escola moderna, continuadora da escola velha, aquela que, durante sucessivas gerações, foi tacitamente encarregada, à falta de melhor, de suprir as falhas educacionais dos agregados familiares, está paralisada, acumulando contradições, erros, desorientada entre métodos pedagógicos que em realidade não o são, e que, demasiadas vezes, não passam de modas passageiras ou de experimentos voluntaristas condenados ao fracasso pela própria ausência de madurez intelectual e pela dificuldade de formular e responder à pergunta, essencial em minha opinião: que cidadão estamos a querer formar? O panorama não é agradável à vista. Singularmente, os nossos mais ou menos dignos governantes não parecem preocupar-se com estes problemas tanto quanto deveriam, talvez porque pensam que, sendo os ditos problemas universais, a solução, quando vier a ser encontrada, será automática, para toda a gente.

Não estou de acordo. Vivemos numa sociedade que parece ter feito da violência um sistema de relações. A manifestação de uma agressividade que é inerente à espécie que somos, e que em tempos pensámos, pela educação, haver controlado, irrompeu brutalmente das profundidades nos últimos vinte anos em todo o espaço social, estimulada por modalidades de ócio que viraram

as costas ao já simples hedonismo para se transformarem em agentes condicionadores da própria mentalidade do consumidor: a televisão, em primeiro lugar, onde imitações de sangue, cada vez mais perfeitas, saltam em jorros a todas as horas do dia e da noite, os video-jogos que são como manuais de instruções para alcançar a perfeita intolerância e a perfeita crueldade, e, porque tudo isto está ligado, as avalanchas de publicidade de serviços eróticos a que os jornais, incluindo os mais bem-pensantes, dão as boas-vindas, enquanto nas páginas sérias (são-no algumas?) abundam hipocritamente em lições de boa conduta à sociedade. Que estou a exagerar? Expliquem-me então como foi que chegámos à situação de muitos pais terem medo dos filhos, desses gentis adolescentes, esperanças do amanhã, em quem um “não” do pai ou da mãe, cansados de exigências irracionais, instantaneamente desencadeia uma fúria de insultos, de vexames, de agressões. Físicas, para que não fiquem dúvidas. Muitos pais têm os seus piores inimigos em casa: são os seus próprios filhos. Ingenuamente, Ruben Darío escreveu aquilo da “juventud, divino tesoro”. Não o escreveria hoje.

## ***Onde está a esquerda? – Outubro 1, 2008***

**Ausento-me deste espaço por vinte e quatro horas, não por necessidade de descanso ou falta de assunto, somente para que a última crónica se mantenha um dia mais no lugar em que está. Não tenho a certeza de que o mereça pela forma como disse o que pretendia, mas para lhe dar um pouco mais de tempo enquanto espero que alguém me informe onde está a esquerda...**

Vai para três ou quatro anos, numa entrevista a um jornal sul-americano, creio que argentino, saiu-me na sucessão das perguntas e respostas uma declaração que depois imaginei iria causar agitação, debate, escândalo (a este ponto chegava a minha ingenuidade), começando pelas hostes locais da esquerda e logo, quem sabe, como uma onda que em círculos se expandisse, nos meios internacionais, fossem eles políticos, sindicais ou culturais que da dita esquerda são tributários. Em toda a sua crueza, não recuando perante a própria obscenidade, a frase, pontualmente reproduzida pelo jornal, foi a seguinte: “A esquerda não tem nem uma puta ideia do mundo em que vive”. À minha intenção, deliberadamente provocadora, a esquerda, assim interpelada, respondeu com o mais gélido dos silêncios. Nenhum partido comunista, por exemplo, a principiar por aquele de que sou membro, saiu à estacada para rebater ou simplesmente argumentar sobre a propriedade ou a falta de propriedade das palavras que proferi. Por maioria de razão, também nenhum dos partidos socialistas que se encontram no governo dos seus respectivos países, penso, sobretudo, nos de Portugal e Espanha, considerou necessário exigir uma aclaração ao atrevido escritor que tinha ousado lançar uma pedra ao putrefacto charco da

indiferença. Nada de nada, silêncio total, como se nos túmulos ideológicos onde se refugiaram nada mais houvesse que pó e aranhas, quando muito um osso arcaico que já nem para relíquia servia. Durante alguns dias senti-me excluído da sociedade humana como se fosse um pestífero, vítima de uma espécie de cirrose mental que já não dissesse coisa com coisa. Cheguei até a pensar que a frase compassiva que andaria circulando entre os que assim calavam seria mais ou menos esta: “Coitado, que se poderia esperar com aquela idade?” Estava claro que não me achavam opinante à altura.

O tempo foi passando, passando, a situação do mundo complicando-se cada vez mais, e a esquerda, impávida, continuava a desempenhar os papéis que, no poder ou na oposição, lhes haviam sido distribuídos. Eu, que entretanto tinha feito outra descoberta, a de que Marx nunca havia tido tanta razão como hoje, imaginei, quando há um ano rebentou a burla cancerosa das hipotecas nos Estados Unidos, que a esquerda, onde quer que estivesse, se ainda era viva, iria abrir enfim a boca para dizer o que pensava do caso. Já tenho a explicação: a esquerda não pensa, não age, não arrisca um passo. Passou-se o que se passou depois, até hoje, e a esquerda, cobardemente, continua a não pensar, a não agir, a não arriscar um passo. Por isso não se estranhe a insolente pergunta do título: “Onde está a esquerda?” Não dou alvíssaras, já paguei demasiado caras as minhas ilusões.

**Setembro 2008:**

## ***Esperanças e utopias – Setembro 29, 2008***

Sobre as virtudes da esperança tem-se escrito muito e parolado muito mais. Tal como sucedeu e continuará a suceder com as utopias, a esperança foi sempre, ao longo dos tempos, uma espécie de paraíso sonhado dos cépticos. E não só dos cépticos. Crentes fervorosos, dos de missa e comunhão, desses que estão convencidos de que levam por cima das suas cabeças a mão compassiva de Deus a defendê-los da chuva e do calor, não se esquecem de lhe rogar que cumpra nesta vida ao menos uma pequena parte das bem-aventuranças que prometeu para a outra. Por isso, quem não está satisfeito com o que lhe coube na desigual distribuição dos bens do planeta, sobretudo os materiais, agarra-se à esperança de que o diabo nem sempre estará atrás da porta e de que a riqueza lhe entrará um dia, antes cedo que tarde, pela janela dentro. Quem tudo perdeu, mas teve a sorte de conservar ao menos a triste vida, considera que lhe assiste o humaníssimo direito de esperar que o dia de amanhã não seja tão desgraçado como o está sendo o dia de hoje. Supondo, claro, que haja justiça neste mundo. Ora, se neste nestes lugares e nestes tempos existisse algo que merecesse semelhante nome, não a miragem do costume com que se iludem os olhos e a mente, mas uma realidade que se pudesse tocar com as mãos, é evidente que não precisaríamos de andar todos os dias com a esperança ao colo, a embalá-la, ou embalados nós ao colo dela. A simples justiça (não a dos tribunais, mas a daquele fundamental respeito que deveria presidir às relações entre os humanos) se encarregaria de pôr todas as coisas nos seus justos lugares. Dantes, ao pobre de pedir a quem se tinha acabado de negar a esmola, acrescentava-se hipocritamente que “tivesse paciência”. Penso que, na prática,

aconselhar alguém a que tenha esperança não é muito diferente de aconselhá-la a ter paciência. É muito comum ouvir-se dizer da boca de políticos recém-instalados que a impaciência é contrarrevolucionária. Talvez seja, talvez, mas eu inclino-me a pensar que, pelo contrário, muitas revoluções se perderam por demasiada paciência. Obviamente, nada tenho de pessoal contra a esperança, mas prefiro a impaciência. Já é tempo de que ela se note no mundo para que alguma coisa aprendam aqueles que preferem que nos alimentemos de esperanças. Ou de utopias.



## ***Claro como água – Setembro 28, 2008***

Como sempre sucedeu, e há-de suceder sempre, a questão central de qualquer tipo de organização social humana, da qual todas as outras decorrem e para a qual todas acabam por concorrer, é a questão do poder, e o problema teórico e prático com que nos enfrentamos é identificar quem o detém, averiguar como chegou a ele, verificar o uso que dele faz, os meios de que serve e os fins a que aponta. Se a democracia fosse, de facto, o que com autêntica ou fingida ingenuidade continuamos a dizer que é, o governo do povo pelo povo e para o povo, qualquer debate sobre a questão do poder perderia muito do seu sentido, uma vez que, residindo o poder no povo, era ao povo que competiria a administração dele, e, sendo o povo a administrar o poder, está claro que só o deveria fazer para seu próprio bem e para sua própria felicidade, pois a isso o estaria obrigando aquilo a que chamo, sem nenhuma pretensão de rigor conceptual, a lei da conservação da vida. Ora, só um espírito perverso, panglossiano até ao cinismo, ousaria apregoar a felicidade de um mundo que, pelo contrário, ninguém deveria pretender que o aceitemos tal qual é, só pelo facto de ser, supostamente, o melhor dos mundos possíveis. É a própria e concreta situação do mundo chamado democrático, que se é verdade serem os povos governados, verdade é também que não o são por si mesmos nem para si mesmos. Não é em democracia que vivemos, mas sim numa plutocracia que deixou de ser local e próxima para tornar-se universal e inacessível.

Por definição, o poder democrático terá de ser sempre provisório e conjuntural, dependerá da estabilidade do voto, da flutuação das ideologias ou dos interesses de classe, e, como tal, pode

ser entendido como um barómetro orgânico que vai registando as variações da vontade política da sociedade. Mas, ontem como hoje, e hoje com uma amplitude cada vez maior, abundam os casos de mudanças políticas aparentemente radicais que tiveram como efeito radicais mudanças de governo, mas a que não se seguiram as mudanças económicas, culturais e sociais radicais que o resultado do sufrágio havia prometido. Dizer hoje governo “socialista”, ou “social-democrata”, ou “conservador”, ou “liberal”, e chamar-lhe poder, é pretender nomear algo que em realidade não está onde parece, mas em um outro inalcançável lugar – o do poder económico e financeiro cujos contornos podemos perceber em filigrana, mas que invariavelmente se nos escapa quando tentamos chegar-lhe mais perto e inevitavelmente contra-ataca se tivermos a veleidade de querer reduzir ou regular o seu domínio, subordinando-o ao interesse geral. Por outras e mais claras palavras, digo que os povos não elegeram os seus governos para que eles os “levassem” ao Mercado, mas que é o Mercado que condiciona por todos os modos os governos para que lhe “levem” os povos. E se falo assim do Mercado é porque é ele, hoje, e mais que nunca em cada dia que passa, o instrumento por excelência do autêntico, único e insofismável poder, o poder económico e financeiro mundial, esse que não é democrático porque não o elegeu o povo, que não é democrático porque não é regido pelo povo, que finalmente não é democrático porque não visa a felicidade do povo.

O nosso antepassado das cavernas diria: “É água”. Nós, um pouco mais sábios, avisamos: “Sim, mas está contaminada”.

## ***A prova do algodão – Setembro 26, 2008***

Segundo a Carta do Direitos Humanos, no seu artigo 12º.: “Ninguém sofrerá intromissões arbitrárias na sua vida, na sua família ou na sua correspondência, nem ataques à sua honra e reputação”. E mais: “Contra tais intromissões ou ataques toda a pessoa tem direito a protecção da lei”. Assim está escrito. O papel exhibe, entre outras, a assinatura do representante dos Estados Unidos, a qual assumiria, por via de consequência, o compromisso dos Estados Unidos no que toca ao cumprimento efectivo das disposições contidas na mesma Carta, porém, para vergonha sua e nossa, essas disposições nada valem, sobretudo quando a mesma lei que deveria proteger, não só não o faz, como homologa com a sua autoridade as maiores arbitrariedades, incluindo aquelas que o dito artigo 12º. enumera para condenar. Para os Estados Unidos qualquer pessoa, seja emigrante ou simples turista, indiferentemente da sua actividade profissional, é um delinquente potencial que está obrigado, como em Kafka, a provar a sua inocência sem saber de que o acusam. Honra, dignidade, reputação, são palavras hilariantes para os cães cerberos que guardam as entradas do país. Já conhecíamos isto, já o havíamos experimentado em interrogatórios conduzidos intencionalmente de forma humilhante, já tínhamos sido olhados pelo agente de turno como se fôssemos o mais repugnante dos vermes. Enfim, já estávamos habituados a ser maltratados.

Mas agora surge algo novo, uma volta mais ao parafuso opressor. A Casa Branca, onde se hospeda o homem mais poderoso do planeta, como dizem os jornalistas em crise de inspiração, a Casa Branca, insistimos, autorizou os agentes de polícia das fronteiras a analisar e revisar documentos de qualquer cidadão estrangeiro ou norte-americano, ainda que não existam

suspeitas de que essa pessoa tenha intenção de participar num atentado. Tais documentos serão conservados “por um razoável espaço de tempo” numa imensa biblioteca onde se guarda todo o tipo de dados pessoais, desde simples agendas de contactos a correios electrónicos supostamente confidenciais. Ali se irá guardando também uma quantidade incalculável de cópias de discos duros dos nossos computadores de cada vez que nos apresentarmos para entrar nos Estados Unidos por qualquer das suas fronteiras. Com todos os seus conteúdos: trabalhos de investigação científica, tecnológica, criativa, teses académicas, ou um simples poema de amor. “Ninguém sofrerá intromissões arbitrárias na sua vida privada”, diz o pobre do artigo 12º. E nós dizemos: veja-se o pouco que vale a assinatura de um presidente da maior democracia do mundo.

Aqui está. Praticámos sobre os Estados Unidos a infalível prova do algodão, e eis o que verificámos: não se limitam a estar sujos, estão sujíssimos.

## ***Pura aparência – Setembro 24, 2008***

Suponho que no princípio dos princípios, antes de havermos inventado a fala, que é, como sabemos, a suprema criadora de incertezas, não nos atormentaria nenhuma dúvida séria sobre quem fôssemos e sobre a nossa relação pessoal e colectiva com o lugar em que nos encontrávamos. O mundo, obviamente, só podia ser o que os nossos olhos viam em cada momento, e também, como informação complementar importante, aquilo que os restantes sentidos – o ouvido, o tacto, o olfacto, o gosto – conseguissem perceber dele. Nessa hora inicial o mundo foi pura aparência e pura superfície. A matéria era simplesmente áspera ou lisa, amarga ou doce, azeda ou insípida, sonora ou silenciosa, com cheiro ou sem cheiro. Todas as coisas eram o que pareciam ser pela única razão de que não havia qualquer motivo para que parecessem doutra maneira e fossem outra coisa. Naquelas antiquíssimas épocas não nos passava pela cabeça que a matéria fosse “porosa”. Hoje, porém, embora sabedores de que, desde o último dos vírus até ao universo, não somos mais do que composições de átomos, e que no interior deles, além da massa que lhes é própria e os define, ainda sobra espaço para o vazio (o compacto absoluto não existe, tudo é penetrável), continuamos, tal como o haviam feito os nossos antepassados das cavernas, a apreender, identificar e reconhecer o mundo segundo a aparência com que de cada vez se nos apresenta. Imagino que o espírito filosófico e o espírito científico deverão ter-se manifestado num dia em que alguém teve a intuição de que essa aparência, ao mesmo tempo que imagem exterior captável pela consciência e por ela utilizada como mapa de conhecimentos, podia ser, também, uma ilusão dos sentidos. Se bem que

habitualmente mais referida ao mundo moral que ao mundo físico, é conhecida a expressão popular em que aquela veio a plasmarse: “As aparências iludem”. Ou enganam, que vem a dar no mesmo. Não faltariam os exemplos se o espaço desse para tanto.

A este escrevinhador sempre o preocupou o que se esconde por trás das meras aparências, e agora não estou a falar de átomos ou de subpartículas, que, como tal, são sempre aparência de algo que se esconde. Falo, sim, de questões correntes, habituais, quotidianas, como, por exemplo, o sistema político que denominamos democracia, aquele mesmo que Churchill dizia ser o menos mau dos sistemas conhecidos. Não disse o melhor, disse o menos mau. Pelo que vamos vendo, dir-se-á que o consideramos mais que suficiente, e esse, creio, é um erro de percepção que, sem nos apercebermos, vamos pagando todos os dias. Voltarei ao assunto.

## ***Divórcios e bibliotecas – Setembro 23, 2008***

Por duas vezes, ou talvez tivessem sido três, apareceram-me na Feira do Livro de Lisboa, em anos passados, outros tantos leitores, os dois ou os três, ajouçados ao peso de dezenas de volumes novos, comprados de fresco, e em geral ainda acondicionados nos sacos de plástico de origem. Ao primeiro que assim se me apresentou fiz-lhe a pergunta que me pareceu mais lógica, isto é, se o seu encontro com o meu trabalho de escritor havia sido para ele coisa recente e, pelos vistos, fulminante. Respondeu-me que não, que me lia desde há muito tempo, mas que se tinha divorciado, e que a ex-esposa, também leitora entusiasta, havia levado para a sua nova vida a biblioteca da família agora desfeita. Ocorreu-me então, e sobre isso escrevi umas linhas nos velhos *Cadernos de Lanzarote*, que seria interessante estudar o assunto do ponto de vista do que nessa altura designei como a importância dos divórcios na multiplicação das bibliotecas. Reconheço que a ideia era algo provocadora, por isso deixei-a em paz, ao menos para não vir a ser acusado de colocar os meus interesses materiais acima da harmonia dos casais. Não sei, nem o imagino, quantas separações conjugais terão dado origem à formação de novas bibliotecas sem prejuízo das antigas. Dois ou três casos, que tantos são os que conheci, não foram suficientes para fazer nascer uma primavera, ou, por palavras mais explícitas, por aí não melhoraram nem os lucros do editor, nem a minha cobrança de direitos de autor.

O que eu francamente não esperava era que a crise económica que nos vem mantendo em estado de alerta contínuo tivesse vindo dificultar ainda mais os divórcios e, portanto, a ambicionada progressão aritmética das bibliotecas, o que, aspecto em que certamente todos

estaremos de acordo, significa um autêntico atentado contra a cultura. Que dizer, por exemplo, do problema complexo, e não poucas vezes insolúvel, que é conseguir encontrar hoje comprador para um andar? Se muitos processos de divórcio se encontram estancados, se não avançam nos tribunais, a causa é essa, e não outra. Pior ainda, como deverá proceder-se contra certos comportamentos escandalosos já de domínio público, como é o caso, lamentavelmente frequente e absolutamente imoral, de se continuar a viver na mesma casa, talvez não a dormir na mesma cama, mas a utilizar a mesma biblioteca? Perdeu-se o respeito, perdeu-se o sentido de decoro, eis a desgraçada situação a que chegámos. E não se diga que a culpa é de Wall Street: nas comédias de televisão que eles financiam não se vê um único livro.



## ***Biografias – Setembro 22, 2008***

Creio que todas as palavras que vamos pronunciando, todos os movimentos e gestos, concluídos ou somente esboçados, que vamos fazendo, cada um deles e todos juntos, podem ser entendidos como peças soltas de uma autobiografia não intencional que, embora involuntária, ou por isso mesmo, não seria menos sincera e veraz que o mais minucioso dos relatos de uma vida passada à escrita e ao papel. Esta convicção de que tudo quanto dizemos e fazemos ao longo do tempo, mesmo parecendo desprovido de significado e importância, é, e não pode impedir-se de o ser, expressão biográfica, levou-me a sugerir um dia, com mais seriedade do que à primeira vista possa parecer, que todos os seres humanos deveriam deixar relatadas por escrito as suas vidas, e que esses milhares de milhões de volumes, quando comessem a não caber na Terra, seriam levados para a Lua. Isto significaria que a grande, a enorme, a gigantesca, a desmesurada, a imensa biblioteca do existir humano teria de ser dividida, primeiro, em duas partes, e logo, com o decorrer do tempo, em três, em quatro, ou mesmo em nove, na suposição de que nos oito restantes planetas do sistema solar, houvesse condições de ambiente tão benévolas que respeitassem a fragilidade do papel. Imagino que os relatos daquelas muitas vidas que, por serem simples e modestas, coubessem em apenas meia dúzia de folhas, ou ainda menos, seriam despachados para Plutão, o mais distante dos filhos do Sol, aonde de certeza raramente quereriam viajar os investigadores.

Decerto se levantariam problemas e dúvidas na hora de estabelecer e definir os critérios de composição das ditas “biobibliotecas”. Seria indiscutível, por exemplo, que obras como os diários

de Amiel, de Kafka ou de Virginia Woolf, a biografia de Samuel Johnson, a autobiografia de Cellini, as memórias de Casanova ou as confissões de Rousseau, a par de tantas outras de importância humana e literária semelhante, deveriam permanecer no planeta onde haviam sido escritas para que fossem testemunho da passagem por este mundo de homens e mulheres que, pelas boas ou más razões do que tinham vivido, deixaram um sinal, uma presença, uma influência que, tendo perdurado até hoje, continuarão a deixar marcadas as gerações vindouras. Os problemas surgiriam quando sobre a escolha do que deveria ficar ou enviar ao espaço exterior começassem a reflectir-se as inevitáveis valorações subjectivas, os preconceitos, os medos, os rancores antigos ou recentes, os perdões impossíveis, as justificações tardias, tudo o que na vida é assombração, desespero e agonia, enfim, a natureza humana. Creio que, afinal, o melhor será deixar as coisas como estão. Como a maior parte das melhores ideias, também esta minha é impraticável. Paciência.

## ***Aznar, o oráculo – Setembro 19, 2008***

Podemos dormir descansados, o aquecimento global não existe, é um invento malicioso dos ecologistas na linha estratégica da sua “ideologia em deriva totalitária”, consoante a definiu o implacável observador da política planetária e dos fenómenos do universo que é José María Aznar. Não saberíamos como viver sem este homem. Não importa que qualquer dia comecem a nascer flores no Ártico, não importa que os glaciares da Patagónia se reduzam de cada vez que alguém suspira fazendo aumentar a temperatura ambiente uma milionésima de grau, não importa que a Gronelândia tenha perdido uma parte importante do seu território, não importa a seca, não importam as inundações que tudo arrasam e tantas vidas levam consigo, não importa a igualização cada vez mais evidente das estações do ano, nada disto importa se o emérito sábio José María vem negar a existência do aquecimento global, baseando-se nas peregrinas páginas de um livro do presidente checo Vaclav Klaus que o próprio Aznar, em uma bonita atitude de solidariedade científica e institucional, apresentará em breve. Já o estamos a ouvir. No entanto, uma dúvida muito séria nos atormenta e que é altura de expender à consideração do leitor. Onde estará a origem, o manancial, a fonte desta sistemática atitude negacionista? Terá resultado de um ovo dialéctico deposto por Aznar no útero do Partido Popular quando foi seu amo e senhor? Quando Rajoy, com aquela composta seriedade que o caracteriza, nos informou de que um seu primo catedrático, parece que de física, lhe havia dito que isso do aquecimento climático era uma treta, tão ousada afirmação foi apenas o fruto de uma imaginação celta sobreaquecida que não havia sabido compreender o que lhe estava a ser explicado, ou, para tornar ao ovo dialéctico, é

isso uma doutrina, uma regra, um princípio exarado em letra pequena na cartilha do Partido Popular, caso em que, se Rajoy teria sido somente o repetidor infeliz da palavra do primo catedrático, já o oráculo em que o seu ex-chefe se transformou não quis perder a oportunidade de marcar uma vez mais a pauta ao gentio ignaro?

Não me resta muito mais espaço, mas talvez ainda caiba nele um breve apelo ao senso comum. Sendo certo que o planeta em que vivemos já passou por seis ou sete eras glaciais, não estaremos nós no limiar de outra dessas eras? Não será que a coincidência entre tal possibilidade e as contínuas acções operadas pelo ser humano contra o meio ambiente se parece muito àqueles casos, tão comuns, em que uma doença esconde outra doença? Pensem nisto, por favor. Na próxima era glacial, ou nesta que já está principiando, o gelo cobrirá Paris. Tranquilizemo-nos, não será para amanhã. Mas temos, pelo menos, um dever para hoje: não ajudemos a era glacial que aí vem. E, recordem, Aznar é um mero episódio. Não se assustem.

## ***Ao cemitério de Pulianas – Setembro 18, 2008***

Um dia, há talvez sete ou oito anos, procurou-nos, a Pilar e a mim, um leonês chamado Emilio Silva, pedindo apoio para a empresa a que se propunha meter ombros, a de encontrar o que ainda restasse do seu avô, assassinado pelos franquistas no princípio da guerra civil. Pedia-nos apoio moral, nada mais. Sua avó havia manifestado o desejo de que os ossos do avô fossem recuperados e recebessem digna sepultura. Mais que como um desejo de uma anciã inconformada, Emilio Silva tomou essas palavras como uma ordem que seria seu dever cumprir, acontecesse o que acontecesse. Este foi o primeiro passo de um movimento colectivo que rapidamente se espalhou por toda a Espanha: recuperar das fossas e barrancos, onde haviam sido enterradas as dezenas de milhares das vítimas do ódio fascista, identificá-las e entregá-las às famílias. Uma tarefa imensa que não encontrou só apoios, basta recordar os contínuos esforços da direita política e sociológica espanhola para travar o que já era uma realidade exaltante e comovedora, erguer da terra escavada e removida os restos daqueles que haviam pago com a vida a fidelidade às suas ideias e à legalidade republicana. Permita-se-me que deixe aqui, como simbólica vénia a quantos se têm dedicado a este trabalho, o nome de Ángel del Río, um cunhado meu que a ele tem dado o melhor do seu tempo, incluindo dois livros de investigação sobre os desaparecidos e os represaliados.

Era inevitável que o resgate dos restos de Federico García Lorca, enterrado como milhares de outros no barranco de Viznar, na província de Granada, se tivesse convertido rapidamente em autêntico imperativo nacional. Um dos maiores poetas de Espanha, o mais universalmente

conhecido, está ali, naquele páramo, aliás em um lugar acerca do qual existe praticamente a certeza de ser a fossa onde jaz o autor do *Romancero Gitano*, junto com três outros fuzilados, um professor primário chamado Dióscoro Galindo e dois bandarilheiros anarquistas, Joaquín Arcollas Cabezas e Francisco Galadí Melgar. Estranhamente, porém, a família de García Lorca sempre se opôs a que se procedesse à exumação. Os argumentos alegados relacionavam-se, todos eles, em maior ou menor grau, com questões que podemos classificar de decoro social, como a curiosidade malsã dos meios de comunicação social, o espetáculo em que se iria tornar o levantamento das ossadas, razões sem dúvida respeitáveis, mas que, permito-me dizê-lo, perderam hoje peso perante a simplicidade com que a neta de Dióscoro Galindo respondeu quando, em entrevista numa estação de rádio, lhe perguntaram aonde levaria os restos do seu avô, se viessem a ser encontrados: “Ao cemitério de Pulianas”. Há que esclarecer que Pulianas, na província de Granada, é a aldeia onde Dióscoro Galindo trabalhava e a sua família continua a morar. Só as páginas dos livros se viram, as da vida, não.

## ***Berlusconi & C.<sup>a</sup> – Setembro 17, 2008***

Segundo a revista norte-americana *Forbes*, o Gotha da riqueza mundial, a fortuna de Berlusconi ascende a quase 10 mil milhões de dólares. Honradamente ganhos, claro, embora com não poucas ajudas exteriores, como tem sido, por exemplo, a minha. Sendo eu publicado em Itália pela editora Einaudi, propriedade do dito Berlusconi, algum dinheiro lhe terei feito ganhar. Uma ínfima gota de água no oceano, obviamente, mas que ao menos lhe deve estar dando para pagar os charutos, supondo que a corrupção não é o seu único vício. Salvo o que é do conhecimento geral, sei pouquíssimo da vida e milagres de Silvio Berlusconi, *il Cavaliere*. Muito mais do que eu há-de saber com certeza o povo italiano que uma, duas, três vezes o sentou na cadeira de primeiro-ministro. Ora, como é costume ouvir dizer, os povos são soberanos, e não só soberanos, mas também sábios e prudentes, sobretudo desde que o continuado exercício da democracia facilitou aos cidadãos certos conhecimentos úteis sobre como funciona a política e sobre as diversas formas de alcançar o poder. Isto significa que o povo sabe muito bem o que quer quando o chamam a votar. No caso concreto do povo italiano, que é dele que estamos falando, e não de outro (já chegará sua vez), está demonstrado que a inclinação sentimental que experimenta por Berlusconi, três vezes manifestada, é indiferente a qualquer consideração de ordem moral. Realmente, na terra da mafia e da camorra, que importância poderá ter o facto provado de que o primeiro-ministro seja um delinquente? Numa terra em que a justiça nunca gozou de boa reputação, que mais dá que o primeiro-ministro faça aprovar leis à medida dos seus interesses, protegendo-se contra qualquer tentativa de punição dos seus desmandos e abusos de

autoridade?

Eça de Queiroz dizia que, se passeássemos uma gargalhada ao redor de uma instituição, ela se desmonoraria, feita em pedaços. Isso era dantes. Que diremos da recente proibição, ordenada por Berlusconi, de que o filme *W.* de Oliver Stone seja ali exibido? Já lá chegaram os poderes de *il Cavaliere*? Como é possível ter-se cometido semelhante arbitrariedade, ainda por cima sabendo nós que, por mais gargalhadas que déssemos ao redor dos quirinais, eles não cairiam? É justa a nossa indignação, embora devamos fazer um esforço para compreender a complexidade do coração humano. *W.* é um filme que ataca a Bush, e Berlusconi, homem de coração como o pode ser um chefe mafioso, é amigo, colega, compincha do ainda presidente dos Estados Unidos. Estão bem um para o outro. O que não estará nada bem é que o povo italiano venha a chegar uma quarta vez às pousadeiras de Berlusconi a cadeira do poder. Não haverá, então, gargalhada que nos salve.



## ***George Bush, ou a idade da mentira – Setembro 17, 2008***

Pergunto-me como e porquê Estados Unidos, um país em tudo grande, tem tido, tantas vezes, tão pequenos presidentes. George Bush é talvez o mais pequeno de todos eles. Inteligência medíocre, ignorância abissal, expressão verbal confusa e permanentemente atraída pela irresistível tentação do puro disparate, este homem apresentou-se à humanidade com a pose grotesca de um *cowboy* que tivesse herdado o mundo e o confundisse com uma manada de gado. Não sabemos o que realmente pensa, não sabemos sequer se pensa (no sentido nobre da palavra), não sabemos se não será simplesmente um robot mal programado que constantemente confunde e troca as mensagens que leva gravadas dentro. Mas, honra lhe seja feita ao menos uma vez na vida, há no robot George Bush, presidente dos Estados Unidos, um programa que funciona à perfeição: o da mentira. Ele sabe que mente, sabe que nós sabemos que está a mentir, mas, pertencendo ao tipo comportamental de mentiroso compulsivo, continuará a mentir ainda que tenha diante dos olhos a mais nua das verdades, continuará a mentir mesmo depois de a verdade lhe ter rebentado na cara. Mentiu para fazer a guerra no Iraque como já havia mentido sobre o seu passado turbulento e equívoco, isto é, com a mesma desfaçatez. A mentira, em Bush, vem de muito longe, está-lhe no sangue. Como mentiroso emérito, é o corifeu de todos aqueles outros mentirosos que o rodearam, aplaudiram e serviram durante os últimos anos.

George Bush expulsou a verdade do mundo para, em seu lugar, fazer frutificar a idade da mentira. A sociedade humana actual está contaminada de mentira como da pior das contaminações morais, e ele é um dos principais responsáveis. A mentira circula impunemente

por toda a parte, tornou-se já numa espécie de *outra verdade*. Quando há alguns anos um primeiro-ministro português, cujo nome por caridade omito aqui, afirmou que “a política é a arte de não dizer a verdade”, não podia imaginar que George Bush, tempos depois, transformaria a chocante afirmação numa travessura ingénua de político periférico sem consciência real do valor e do significado das palavras. Para Bush a política é, simplesmente, uma das alavancas do negócio, e talvez a melhor de todas, a mentira como arma, a mentira como guarda avançada dos tanque e dos canhões, a mentira sobre as ruínas, sobre os mortos, sobre as míseras e sempre frustradas esperanças da humanidade. Não é certo que o mundo seja hoje mais seguro, mas não duvidemos de que seria muito mais limpo sem a política imperial e colonial do presidente dos Estados Unidos, George Walker Bush, e de quantos, conscientes da fraude que cometiam, lhe abriram o caminho para a Casa Branca. A História lhes pedirá contas.

## ***Perdão para Darwin? – Setembro 17, 2008***

Uma boa notícia, dirão os leitores ingênuos, supondo que, depois de tantos desenganos, ainda os haja por aí. A Igreja Anglicana, essa versão britânica de um catolicismo instituído, no tempo de Henrique VIII, como religião oficial do reino, anunciou uma importante decisão: pedir perdão a Charles Darwin, agora que se comemoram duzentos anos do seu nascimento, pelo mal com que o tratou após a publicação da *Origem das Espécies* e, sobretudo, depois da *Descendência do Homem*. Nada tenho contra os pedidos de perdão que ocorrem quase todos os dias por uma razão ou outra, a não ser pôr em dúvida a sua utilidade. Mesmo que Darwin estivesse vivo e disposto a mostrar-se benevolente, dizendo “Sim, perdoó”, a generosa palavra não poderia apagar um só insulto, uma só calúnia, um só desprezo dos muitos que lhe caíram em cima. O único que daqui tiraria benefício seria a Igreja Anglicana, que veria aumentado, sem despesas, o seu capital de boa consciência. Ainda assim, agradeça-se-lhe o arrependimento, mesmo tardio, que talvez estimule o papa Bento XVI, agora embarcado numa manobra diplomática em relação ao laicismo, a pedir perdão a Galileu Galilei e a Giordano Bruno, em particular a este, cristãmente torturado, com muita caridade, até à própria fogueira onde foi queimado.

Este pedido de perdão da Igreja Anglicana não vai agradar nada aos criacionistas norte-americanos. Fingirão indiferença, mas é evidente que se trata de uma contrariedade para os seus planos. Para aqueles republicanos que, como a sua candidata à vice-presidência, arvoram a bandeira dessa aberração pseudo-científica chamada criacionismo.

## ***Palavras para uma cidade – Setembro 17, 2008***

Mexendo nuns quantos papéis que já perderam a frescura da novidade, encontrei um artigo sobre Lisboa escrito há uns quantos anos, e, não me envergonho de confessá-lo, emocionei-me. Talvez porque não se trate realmente de um artigo, mas de uma carta de amor, de amor a Lisboa. Decidi então partilhá-la com os meus leitores e amigos tornando-a outra vez pública, agora na página infinita de internet e com ela inaugurar o meu espaço pessoal neste blog.

---

### **Palavras para uma cidade**

Tempo houve em que Lisboa não tinha esse nome. Chamavam-lhe Olisipo quando os Romanos ali chegaram, Olissibona quando a tomaram os Mouros, que logo deram em dizer Aschbouna, talvez porque não soubessem pronunciar a bárbara palavra. Quando, em 1147, depois de um cerco de três meses, os Mouros foram vencidos, o nome da cidade não mudou logo na hora seguinte: se aquele que iria ser o nosso primeiro rei enviou à família uma carta a anunciar o feito, o mais provável é que tenha escrito ao alto Aschbouna, 24 de Outubro, ou Olissibona, mas nunca Lisboa. Quando começou Lisboa a ser Lisboa de facto e de direito? Pelo menos alguns anos tiveram de passar antes que o novo nome nascesse, tal como para que os conquistadores Galegos comesçassem a tornar-se Portugueses...

Estas miudezas históricas interessam pouco, dir-se-á, mas a mim interessar-me-ia muito, não só saber, mas ver, no exacto sentido da palavra, como veio mudando Lisboa desde aqueles dias. Se

o cinema já existisse então, se os velhos cronistas fossem operadores de câmara, se as mil e uma mudanças por que Lisboa passou ao longo dos séculos tivessem sido registadas, poderíamos ver essa Lisboa de oito séculos crescer e mover-se como um ser vivo, como aquelas flores que a televisão nos mostra, abrindo-se em poucos segundos, desde o botão ainda fechado ao esplendor final das formas e das cores. Creio que amaria a essa Lisboa por cima de todas as cousas.

Fisicamente, habitamos um espaço, mas, sentimentalmente, somos habitados por uma memória. Memória que é a de um espaço e de um tempo, memória no interior da qual vivemos, como uma ilha entre dois mares: um que dizemos passado, outro que dizemos futuro. Podemos navegar no mar do passado próximo graças à memória pessoal que conservou a lembrança das suas rotas, mas para navegar no mar do passado remoto teremos de usar as memórias que o tempo acumulou, as memórias de um espaço continuamente transformado, tão fugidio como o próprio tempo. Esse filme de Lisboa, comprimindo o tempo e expandindo o espaço, seria a memória perfeita da cidade.

O que sabemos dos lugares é coincidirmos com eles durante um certo tempo no espaço que são. O lugar estava ali, a pessoa apareceu, depois a pessoa partiu, o lugar continuou, o lugar tinha feito a pessoa, a pessoa havia transformado o lugar. Quando tive de recriar o espaço e o tempo de Lisboa onde Ricardo Reis viveria o seu último ano, sabia de antemão que não seriam coincidentes as duas noções do tempo e do lugar: a do adolescente tímido que fui, fechado na sua condição social, e a do poeta lúcido e genial que frequentava as mais altas regiões do

espírito. A minha Lisboa foi sempre a dos bairros pobres, e quando, muito mais tarde, as circunstâncias me levaram a viver noutros ambientes, a memória que preferi guardar foi a da Lisboa dos meus primeiros anos, a Lisboa da gente de pouco ter e de muito sentir, ainda rural nos costumes e na compreensão do mundo.

Talvez não seja possível falar de uma cidade sem citar umas quantas datas notáveis da sua existência histórica. Aqui, falando de Lisboa, foi mencionada uma só, a do seu começo português: não será particularmente grave o pecado de glorificação... Sê-lo-ia, sim, ceder àquela espécie de exaltação patriótica que, à falta de inimigos reais sobre que fazer cair o seu suposto poder, procura os estímulos fáceis da evocação retórica. As retóricas comemorativas, não sendo forçosamente um mal, comportam no entanto um sentimento de auto-complacência que leva a confundir as palavras com os actos, quando as não coloca no lugar que só a eles competiria.

Naquele dia de Outubro, o então ainda mal iniciado Portugal deu um largo passo em frente, e tão firme foi ele que não voltou Lisboa a ser perdida. Mas não nos permitamos a napoleónica vaidade de exclamar: “Do alto daquele castelo oitocentos anos nos contemplam” – e aplaudir-nos depois uns aos outros por termos durado tanto... Pensemos antes que do sangue derramado por um e outro lados está feito o sangue que levamos nas veias, nós, os herdeiros desta cidade, filhos de cristãos e de mouros, de pretos e de judeus, de índios e de amarelos, enfim, de todas as raças e credos que se dizem bons, de todos os credos e raças a que chamam maus. Deixemos na irónica paz dos túmulos aquelas mentes transviadas que, num passado não distante, inventaram para os Portugueses um “dia da raça”, e reivindicemos a magnífica mestiçagem, não apenas de

sangues, mas sobretudo de culturas, que fundou Portugal e o fez durar até hoje.

Lisboa tem-se transformado nos últimos anos, foi capaz de acordar na consciência dos seus cidadãos o renovo de forças que a arrancou do marasmo em que caíra. Em nome da modernização levantam-se muros de betão sobre as pedras antigas, transtornam-se os perfis das colinas, alteram-se os panoramas, modificam-se os ângulos de visão. Mas o espírito de Lisboa sobrevive, e é o espírito que faz eternas as cidades. Arrebatado por aquele louco amor e aquele divino entusiasmo que moram nos poetas, Camões escreveu um dia, falando de Lisboa: “... cidade que facilmente das outras é princesa”. Perdoemos-lhe o exagero. Basta que Lisboa seja simplesmente o que deve ser: culta, moderna, limpa, organizada – sem perder nada da sua alma. E se todas estas bondades acabarem por fazer dela uma rainha, pois que o seja. Na república que nós somos serão sempre bem-vindas rainhas assim.